

Rosa entre espinhos

Catherine Archer

Clássicos da Literatura Romântica 127



Copyright © 1992 by Catherine J. Archibald
Publicado originalmente em 1992 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Título original: *Rose Among Thorns*
Tradução: Cristina Sangiuliano

Copyright para a língua portuguesa: 1993
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP
01410-901

São Paulo — SP — Brasil

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Esta obra foi composta na Editora Nova
Cultural Ltda.

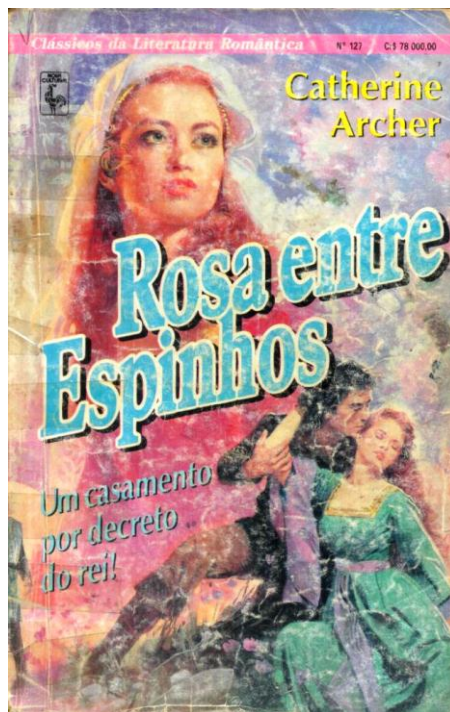
Impressão e acabamento: Gráfica Circulo.

PROJETO REVISORAS

***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização
estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

**Digitalização: Palas Atenéia
Revisão: Nádía**





**A AUTORA RECRIA, COM ARTE ÍMPAR,
A BELEZA CONTRADITÓRIA DA IDADE MÉDIA**

Inglaterra, 1067

Rose de Carlisle renunciou ao orgulho saxão para proteger seu povo da ira dos normandos. Mesmo quando o rude líder dos cavaleiros vitoriosos declarou que a tomaria como esposa, Rose calou-se e aceitou seu destino. Então, conheceu seu futuro cunhado, Gaston de Thorne, dono do olhar mais cativante que ela já vira. E soube, pela primeira vez, o real significado da palavra "conquista".

Sir Gaston viu-se na iminência de perder sua honra no instante em que pôs os olhos em lady Rose que pertencia a seu irmão, por decreto do rei. Mas, ao constatar que despertara nela a mais pura paixão, jurou que Rose de Carlisle seria somente sua!

A AUTORA

Catherine Archer desenvolveu um especial interesse por romances históricos, desde que leu *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte, aos doze anos de idade. Possui uma insaciável curiosidade por história, especialmente pelo período medieval, o cenário escolhido para *Rosa entre Espinhos*.

Dona de casa e mãe de três filhos, Catherine vive em Alberta, no Canadá, onde os longos períodos de inverno propiciam a esta autora americana bastante tempo para escrever.

NOTA DA AUTORA

Em 1067, normandos e saxões falavam línguas diferentes. Com o passar do tempo, à medida que dominados e dominadores se tornaram um só povo, suas línguas se misturaram, resultando no idioma inglês falado hoje.

Em vista desta mistura, escolhi abordar a questão contando a história de Rose e Gaston, pois não só suas línguas se integraram, como também seus descendentes.

CAPÍTULO I

Inglaterra, região rural Primavera de 1067.

Rose olhou por sobre a paliçada, a brisa leve despenteando os cachos castanho-avermelhados que lhe enfeitava a fronte. Correu o olhar pela ampla faixa gramada, de onde as árvores haviam sido retiradas, próximo à alta parede de madeira desbastada. Em seguida, desviou-os para mais além, onde o declive terminava na floresta densa e verdejante. Então, estreitou os grandes olhos verdes, à procura de um sinal concreto de que os normandos estavam mesmo se dirigindo ao seu feudo.

A apreensão provocou-lhe um estremecimento, fazendo com que envolvesse o corpo pequeno e delicado com os braços. Um mau pressentimento apoderou-se dela, o coração batendo num ritmo descompassado. Meu Deus, pensou agitada, não posso permitir que ninguém perceba o quanto estou apavorada.

Respirou fundo, forçando-se a manter a calma. Ao longo dos meses que se seguiram às mortes do pai e do irmão, Rose conseguira exercer não mais que uma minúscula parcela de sua liderança sobre Carlisle. Afinal, não era uma tarefa fácil para os servos do feudo, habituados a prestar obediência e lealdade a um lorde, depositarem sua confiança em uma mocinha inexperiente, de apenas dezoito anos de idade.

— O que vamos fazer, lady Rose? — Alfred perguntou de súbito, despertando-a do devaneio sombrio. — Ron retornou de sua cavalgada há poucos instantes. Assim que entrou na fortaleza, informou nossos homens que havia avistado quinze cavaleiros montados. E os invasores se encontram a poucas horas daqui.

Rose deixou escapar um pequeno grito de surpresa. Quinze cavaleiros montados! Seu pai e seu irmão haviam sido os únicos homens de Carlisle a deixar o feudo sobre cavalos. Parecia que, na Normandia, os animais eram muito mais abundantes que na Inglaterra. Além do mais, ela pensou com um

leve sorriso de desprezo, os saxões preferiam lutar a pé.

Virou-se para encarar o homenzinho corcunda, que há anos desempenhava o papel de conselheiro, e tomou o cuidado de esconder a ansiedade que a dominava sob uma máscara de confiança. Parado a seu lado, Alfred eslava trêmulo e torcendo as mãos sem parar.

Controlando a voz, a fim de evitar que qualquer demonstração de suas emoções traísse sua agitação, Rose finalmente respondeu:

— Não temos escolha, senão permitir sua entrada. Jamais poderíamos nos defender contra tantos cavaleiros.

— Mas, senhora, são quinze cavaleiros montados — os lábios finos de Alfred movimentaram-se com rapidez e nervosismo —, além de mais uns cinqüenta soldados a pé. O que vamos fazer? — repetiu a pergunta, carregada de medo e apreensão.

A expressão rígida das feições de Rose amenizaram quando um forte sentimento de piedade a invadiu. Num gesto carinhoso, afagou o ombro do conselheiro, sentindo-lhe os ossos salientes sob os dedos. Mas, por mais simpatia que sentisse pelos receios de Alfred, não poderia recuar na decisão tomada.

— Faremos o que devemos fazer. Reúna todos os habitantes do feudo. Preciso lhes falar antes da chegada dos invasores.

— Creio que alguns vão relutar em aceitar sua decisão, lady Rose

— Alfred advertiu. — E difícil para homens como Hugh e John, que participaram da batalha de Hasúngs, junto de seu pai e... Ah, se seu irmão, Edmund, estivesse aqui!

Rose empertigou-se, assumindo uma postura secreta e cheia de dignidade. Podia não ter sido criada para agir como o senhor feudal diante de seu povo, mas em suas veias, também corria o sangue, de seu pai.

— Edmund não está aqui. Eu estou. — Cerrou os olhos e inspirou profundamente, tentando recuperar a calma. Quando voltou a falar, sua voz soou tranqüila e controlada, embora ela tivesse de manter as mãos cruzadas com força, a fim de impedir que tremessem. — Meu coração partilha da dor de todos aqueles que foram afetados por esta guerra, mas não permitirei que a luta continue aqui, em Carlisle. Os normandos venceram. O bastardo William

assumiu o trono, e seríamos tolos se tentássemos impor resistência. Alfred deu um passo para trás.

— Não tive intenção de ofendê-la, lady Rose. Quis apenas informá-la sobre os sentimentos de seus vassalos.

Devagar, Rose deixou os braços penderem ao longo do corpo.

— Eu compreendo Alfred, e agradeço por me avisar. Ainda assim, tenho de encontrar um meio para convencê-los de que lutar contra os normandos seria o mesmo que cometer suicídio. Agora, trate de se apressar. Não nos resta muito tempo. Alfred tentou uma última sugestão:

— E quanto ao seu primo, o lorde Robert? Poderíamos enviar uma mensagem a Brentwood, pedindo-lhe que viesse para cá. Sob o comando dele, os homens poderiam lutar...

Por um instante, Rose deixou-se invadir por uma profunda tristeza, ao pensar em como seu orgulhoso primo reagiria ao domínio normando. Como não pudesse fraquejar nas circunstâncias em que se encontrava, tratou de afastar o pensamento, voltando a ocupar-se da difícil tarefa que teria pela frente. Seus lábios formaram uma linha dura, como sempre acontecia quando ela permitia que a determinação comandasse seus atos.

— Se Robert possuir um mínimo de sabedoria, compreenderá a necessidade de render-se. Se puder pensar, ao menos, no bem-estar da mãe e da irmã. Agora, vá. Minha paciência já foi testada o bastante por hoje.

Alfred balançou a cabeça, sem tirar os olhos do chão.

— Cuidarei para que todos se reúnam no salão principal. Rose assentiu, dispensando o conselheiro. Dirigiu-se para a escada de madeira, a fim de descer do topo da paliçada. Segurou a saia em uma das mãos, enquanto usava a outra para se apoiar no corrimão. Cruzou o pátio com passos rápidos, assustando galinhas e cabras que se espalhavam às carreiras para dar-lhe passagem.

Até alguns meses antes, Rose dera pouca atenção às questões de liderança. Não porque fosse fútil e mimada; afinal, fora criada como uma pessoa simples, acreditando que sempre havia trabalho a ser feito. Sabia muito bem como administrar uma casa, possuía algum conhecimento sobre o uso de ervas para cura de doenças e até chegara a receber um pouco da

instrução reservada aos homens, sendo capaz de ler, escrever e fazer cálculos.

Até então, o povo de Carlisle havia seguido de boa vontade a sua liderança. Agora, porém, quando mais precisava do apoio de seus vassalos, não estava certa quanto à reação que seus planos provocariam.

De súbito, um ressentimento intenso e indesejado contra o pai e o irmão tomou conta dela.

Fora doloroso demais assistir Edmund partir para lutar em Danes. Como se o sofrimento não bastasse, poucas semanas mais tarde, seu pai também deixara Carlisle, a fim de juntar-se ao exército do rei. Obstinado, havia se declarado incapaz de continuar a viver na paz e prosperidade do feudo, depois de receber notícias sobre o ataque dos normandos, que tiravam grande vantagem da derrota sofrida pelos saxões em Stamfordbridge.

Semanas se passaram sem que Rose recebesse qualquer notícia de seus parentes mais queridos. Então, num dia que ela jamais seria capaz de apagar da lembrança, um mensageiro chegou aos portões de Carlisle, com a missão de informá-la que tanto o pai quanto o irmão haviam perecido em batalha. Edmundo morrera em Stamfordbridge. O pai, em Hastings.

Ah, o alegre e sorridente Edmund! Como Rose desejava que ele estivesse ali, a seu lado, no momento mais difícil que já enfrentara em sua vida.

Edmund, sim, teria sido o verdadeiro sucessor do pai, ocupando a posição de senhor do feudo. Saberria exatamente o que dizer a seu povo e seria seguido e obedecido sem a menor sombra de dúvida por parte dos vassalos de Carlisle.

À medida que atravessou o pátio, Rose forçou-se a enfrentar os olhares ansiosos com serenidade. O sol refletiu-se na suave tonalidade castanho-avermelhada de seus cabelos, quando ela ergueu a cabeça com orgulho e altivez. Seria capaz de fazê-los enxergar a verdade: que só desejava o que era melhor para seu povo? Teria de encontrar um meio. Aquela seria a única chance de sobrevivência para todos eles.

O salão principal fora inteiramente ocupado por habitantes de todos os cantos do feudo. Tanto os que viviam dentro dos limites impostos pela paliçada, quanto aqueles que cultivavam as terras das redondezas, também domínios de Carlisle, reuniram-se para ouvir o que a jovem senhora tinha a

lhes dizer. Quando Rose entrou, todos os olhos se voltaram para ela e o burburinho de vozes cessou por completo, dando lugar a um silêncio tenso e pesado. Cada um dos presentes, desde os fazendeiros e comerciantes abastados até os de posição mais inferior, esperavam que ela os assegurasse de que seu mundo não se encontrava à beira de um colapso.

Rose sentiu a garganta apertada pelo medo que ameaçava sufocá-la. Ao mesmo tempo, suas mãos tornaram-se frias e úmidas. Sem se dar conta do gesto, esfregou-as contra a túnica, tentando livrar-se da sensação de incômodo. Apesar das pernas parecerem prestes a vergar sob o peso de seu corpo, atravessou o salão de cabeça erguida. A multidão ia abrindo passagem para a sua senhora, cada par de olhos fixos na figura delicada que caminhava para a grande lareira, situada no centro do aposento cavernoso. Uma mesa de cavalete fora montada ao lado da lareira, agora apagada e vazia. Rose foi tomada por sincera gratidão quando notou que vários homens estenderam-lhe a mão para ajudá-la a subir.

Em pé sobre a mesa, teve a impressão de ser uma criatura muito pequenina e sozinha, destacada da multidão unida a seus pés. Os rostos ao seu redor não só refletiam sua própria apreensão, como também a tornavam maior e mais intensa. No momento em que constatou a magnitude do medo que assolava seu povo, e como eles se voltavam para ela, em busca de orientação, o pânico se desfez como num passe de mágica. Em seu lugar, surgiu a coragem nascida da aceitação. Embora não houvesse desejado a responsabilidade imposta pela posição que ocupava, Rose decidiu curvar-se ao poder maior que havia dirigido seu destino até aquele momento.

Quando falou, sua voz soou clara e firme:

— Todos vocês sabem que, desde a morte do bondoso rei Haroldo, temos um novo governante. Mesmo assim, continuamos a nos sentir relativamente seguros aqui, em Carlisle, tão distante de Londres. Rezamos para que nossa existência passasse despercebida. Infelizmente, nossas preces não foram atendidas. Neste exato momento, enquanto me dirijo a vocês, um grupo de cavaleiros normandos se aproxima de Carlisle. — Depois de uma pausa, continuou com gravidade: — Peço que não levantem suas armas contra eles.

Um murmúrio baixo espalhou-se pela multidão, ao mesmo tempo em que

alguns homens trocavam olhares de soslaio, partilhando entre si à discordância do que acabavam de ouvir.

Determinada a impedir qualquer dissensão, Rose continuou seu discurso, sem demonstrar o menor sinal de abalo em suas convicções:

— Sei o quanto é difícil para vocês entregarem tudo o que lhes pertence a esses invasores, mas é o que devo pedir-lhes que façam.

Vários homens começaram a sacudir suas cabeças com vigor. Alguns chegaram a levar as mãos ao punho de suas espadas. Rose ergueu os braços e o salão voltou a mergulhar no silêncio.

— Devemos nos render ao domínio normando de maneira pacífica. Resistir representaria uma tragédia para todos nós.

— Lady Rose — chamou um homem enorme, que se adiantava a passos largos por entre a multidão.

— Quer dizer alguma coisa, Hugh?

O rosto do ferreiro apresentava manchas escuras, resultado dos muitos anos inclinado sobre o calor escaldante da forja. O peito largo estava coberto por um gibão de couro muito justo, enquanto as mangas da camisa de lã, enroladas até quase os ombros, revelavam braços fortes e musculosos.

— Digo que devemos lutar. O grupo que se aproxima não é numeroso o bastante para justificar que nos acovardemos e deixemos que levem tudo o que é nosso.

Um murmúrio de concordância elevou-se da assembléia, e foi crescendo à medida que bocas inseguras se juntavam ao coro difuso. Rose pôde reconhecer o brilho da determinação nos olhos da maioria dos homens ali presentes. Pôde, também, testemunhar o medo nas feições das mulheres que observavam a reação de pais, maridos e filhos com apreensão e ansiedade.

A forte compaixão pelo seu povo fez com que Rose desviasse o olhar. Não queria vê-los assustados, nem submissos. Mas Carlisle tinha de sobreviver, e ela se forçou a continuar:

— As palavras de Hugh traduzem uma verdade — falou com voz alta e clara. — Esses homens não têm o menor direito de tomar o que nos pertence. No entanto, o fato é que vão tomar o que quiserem. Mesmo que pudéssemos encontrar um meio de derrotar o grupo que se aproxima agora, William, o

Conquistador, mandaria outros em seu lugar. Da próxima vez, não serão quinze cavaleiros montados, mas vinte... depois trinta. Continuariam a nos atacar até que não houvesse mais um homem vivo, ou uma parede erguida em Carlisle.

— Ao menos, morreríamos como homens! — bradou uma voz vinda do fundo do salão.

— E o que seria de suas esposas e filhos? — Rose contra-atacou, erguendo o punho fechado na direção de onde vinha a voz. — Quer que morram como homens, também?

Humilhado pelo comentário revoltado de sua senhora, o pobre homem abaixou a cabeça e encolheu-se, desaparecendo em meio à multidão.

Uma mulher deixou escapar um soluço alto, enquanto pressionava o filho recém-nascido contra o peito. Rose prosseguiu com insistência:

— Vocês, que acreditam na possibilidade de conservar tudo o que lhes pertence, vão acabar perdendo mais do que imaginam. Achem que vale a pena correr os riscos que seu plano apresenta? Quem sabe melhor do que eu o que se pode perder para esses demônios? Meu pai e meu irmão estão mortos, sepultados em terras tão distantes que nem sequer posso render-lhes as homenagens merecidas, ou prantear suas boas almas.

Ao pronunciar as palavras, Rose deu-se conta de que a ferida ainda se encontrava aberta, capaz de provocar-lhe a dor mais intensa que já experimentara. Respirou fundo a fim de conter as lágrimas que ameaçavam sufocá-la. Como ouvisse outros soluços femininos entre a assembléia, levou os punhos cerrados ao peito.

— Será que todos nós devemos sofrer ainda mais perdas dolorosas, antes que essa matança acabe? — Mal formulou a pergunta, seus olhos tornaram-se frios, e ela sacudiu os punhos no ar. — Meu espírito também se revolta diante da idéia de um governo normando, mas o que está feito, está feito. Devemos aceitar nosso destino e continuar a viver.

Rose reconheceu a indecisão no semblante daqueles que a cercavam. Ficou em silêncio, esperando, dando-lhes tempo para assimilar as palavras que acabara de lhes dizer. O silêncio persistiu por mais alguns instantes até que, um a um, os vassalos começaram a balançar as cabeças, à medida que iam

compreendendo a sabedoria de suas palavras. Um suspiro de alívio escapou de seus lábios, e ela pôde voltar a respirar livremente.

O ferreiro voltou a falar, a voz grave retumbando pelo salão:

— Como poderemos saber se os normandos não vão assassinar nossos familiares e incendiar nossas casas, mesmo que não ofereçamos resistência? Afinal, não nos deram uma razão sequer para confiarmos neles.

— Hugh tem razão — outra voz masculina reforçou. — O que os impediria de nos atacar, mesmo que fizéssemos o que a senhora nos pede?

Rose deu vazão à irritação que lhe queimava o estômago.

— Eles não têm qualquer razão para nos atacar. Quem semearia os campos? Quem se encarregaria da forja? Quem cuidaria dos cavalos? Será que vocês não percebem? — Estendendo as mãos, assumiu uma postura humilde, implorando-lhes compreensão e confiança. — Os normandos precisam de todos nós. Soldados são treinados para lutar, matar e saquear, mas nada entendem de colheitas, gado... Enfim, as tarefas cotidianas realizadas por pessoas comuns.

Um casal aproximou-se da mesa de cavalete, fitando Rose com olhares angustiados. Tratava-se de John, fazendeiro e pai de quatro filhos. Sua esposa, Mart, grávida pela quinta vez, apoiava-se no braço do marido.

— Lady Rose, desejo acreditar que a senhora está dizendo a verdade. Creio que esse é o desejo de todos nós. — John fez um gesto largo, apontando para a multidão reunida. — Mas a senhora deve compreender que o que está nos pedindo é veneno para o espírito de um homem de verdade — acrescentou de olhos baixos. — Será muito difícil aceitar um desses estrangeiros como lorde, depois que seu pai, o bondoso Walter, foi morto pelos mesmos homens que, a partir de agora, deveremos obedecer. Isso contraria os nossos princípios mais sagrados.

Com os olhos cheios de lágrimas, Mart agarrou-se ao braço do marido.

— O que vamos fazer, lady Rose? — perguntou com voz embargada.

Rose cerrou os olhos e rezou, pedindo a Deus que iluminasse os seus caminhos. Não podia oferecer quaisquer garantias a ninguém. O futuro era por demais incerto. Reabriu os olhos, antes de responder com honestidade:

— Não sei qual será minha posição aqui, a partir de hoje. — Ergueu a mão

direita espalmada, acima da cabeça, enquanto a esquerda tocava o peito. Com voz clara e nítida, empregou toda a sua força no voto que fez a seguir: — Juro que, enquanto houver um sopro de vida em meu corpo, dedicarei meus dias ao bem de Carlisle e de meu povo.

Por um momento, o silêncio e a imobilidade foram totais. O único som a atingir os ouvidos de Rose, foi o pulsar do próprio sangue nas veias. Todos compreenderam que ela acabara de lhes fazer uma promessa solene diante de Deus.

Quando Rose sentiu que as forças começavam a abandoná-la, deixando-a ainda mais sozinha e vulnerável no pedestal improvisado, finalmente uma mulher se adiantou em sua direção, parou diante dela e inclinou-se em profunda reverência. Em seguida, a mulher virou-se e deixou o salão. Depois dela, veio o marido. Então, todos repetiram o gesto, um a um, num fluxo regular e ininterrupto.

Rose fora aceita como senhora do feudo, não com os votos e homenagens que os vassallos haviam prestado a seu pai, e certamente prestariam a Edmund. Mas estavam demonstrando deferência para com seu julgamento. Eles a respeitavam e, acima de tudo, confiavam nela.

Sentiu o coração crescer dentro do peito, alimentado pelo orgulho, embora a nova confiança que experimentava não passasse de uma faca de dois gumes. Juntamente com a honra daquele momento, vinha a responsabilidade de viver de acordo com o juramento. Não tinha a menor idéia do que os normandos fariam quando chegassem; Sabia apenas que deveria agir conforme prometera. Devia ajudar seu povo de qualquer maneira.

Quando o salão esvaziou, permanecendo ocupado somente pelos servos, a cozinheira Maida deu um passo adiante.

— O que devemos fazer minha senhora? — perguntou com animação.

— Deve voltar ao seu trabalho. Temos de preparar comida e acomodações para os invasores.

Maida cruzou as mãos pequenas e gorduchas sobre o avental, justo demais, esticado sobre o estômago saliente. Quando sorriu, as faces rosadas mostraram-se ainda mais redondas, apesar da sombra de preocupação que turvava os olhos azuis.

— Jamais conheci um homem que não se tornasse mais amável depois de encher a barriga!

Sabendo que o comentário fora feito na intenção de encorajá-la, Rose endireitou os ombros e ergueu o queixo. Se Maida podia perceber suas incertezas, então muitos outros também poderiam.

— Devemos confiar em Deus, e rezar para que tudo dê certo. Agora, vá e prepare o quarto de hóspedes para o líder normando. É o melhor que podemos oferecer.

Sem perder tempo, a cozinheira afastou-se para cumprir suas tarefas. Antes de alcançar a porta, virou-se com agilidade surpreendente, levando-se em conta sua baixa estatura e peso excessivo. Então, perguntou em tom prático:

— Devo providenciar para que tragam mais vinho e cerveja da adega, lady Rose?

Rose assentiu e respondeu, desta vez com maior segurança:

— Sim, claro. Devemos fazer o que estiver ao nosso alcance para domar a fera! — Dirigindo-se aos demais servos presentes, declarou: — Agora, todos ao trabalho. Há muito que fazer.

Após certificar-se de que não restava mais ninguém no salão principal, sentou-se com movimentos lentos e cansados sobre o tampo da mesa. Escorregando sem pressa nem firmeza, levou o corpo até a borda para, então, colocar os pés no chão. Para sua consternação, descobriu que as pernas não obedeciam aos seus comandos, ameaçando dobrarem-se sob seu peso. Apoiando-se na mesa, caminhou com passos vagarosos e incertos, até o banco de madeira mais próximo, onde desabou.

O que vou fazer, pensou aflita. Os normandos nem sequer haviam chegado, e ela já estava apavorada a ponto de não conseguir controlar as reações do próprio corpo. O que faria quando se confrontasse com a presença dos invasores? Tinha de se recompor e recebê-los com coragem, senão pelo seu próprio bem, então que o fizesse pelo bem de seus vassalos.

Um grupo de cavaleiros montados, exibindo armaduras reluzentes, emergiu da floresta e subiu o pequeno morro. Seus cavalos galopavam a uma velocidade vertiginosa. Ao avistarem a feudo gritaram uns para os outros,

emitindo os sons típicos da vitória. Um dos cavalos, um magnífico garanhão branco, tomou a frente e logo se distanciou dos demais.

O cavaleiro, Gaston, mantendo os quadris estreitos firmemente colados à sela, inclinou os ombros para frente, deliciando-se ao sentir o poder incontrolável do animal. Os incessantes golpes dos cascos de Pégaso contra o solo, lançavam bocados de terra e grama para todos os lados, impregnando o ar com o odor peculiar da primavera.

Apesar de ter sido construída de madeira, a paliçada que cercava o feudo era alta e resistente. Além de ser constituída de troncos inteiros, nem uma fresta de luz podia ser notada nas junções. Mas, quando Gaston pousou os olhos nos portões abertos, seus lábios exibiram um sorriso de desdém. Como podiam os saxões darem tão pouca importância a segurança de suas propriedades? Continuou a galopar em alta velocidade, até encontrar-se do lado de dentro da paliçada.

Alguns servos trabalhavam no pátio, mas nenhum deles fez qualquer movimento que indicasse resistência. Eles simplesmente interromperam suas tarefas e puseram-se a olhar fixamente para a figura aterrorizante do cavaleiro armado, montado em seu cavalo de guerra. Gaston puxou as rédeas, irritado, forçando o garanhão a interromper o galope de pronto. Não haveria luta alguma ali. Havia questionado a sugestão de Hubert, seu meio-irmão mais velho, de que os cavaleiros montados deveriam seguir à frente dos demais. Somente depois de cavalgarem por florestas e campos cultivados durante quase um dia inteiro, sem deparar com incidentes, Gaston conseguiu relaxar. Mesmo assim, estava surpreso por se encontrar dentro do feudo, sem haver enfrentado a menor dificuldade para entrar.

Tirou o elmo e enxugou o suor da testa com as costas da mão, enquanto observava os servos com olhar divertido. Desde a batalha de Hastings, Gaston discutira várias vezes com os demais cavaleiros sobre o valor e a coragem dos guerreiros saxões. Havia desenvolvido um respeito relutante pela bravura dos soldados que lutavam a pé, enfrentando sem medo os cavaleiros montados. Hubert, por sua vez, criticava-os com desprezo por se apresentarem tão despreparados diante do inimigo.

Agora, Gaston perguntava-se se Hubert estivera com a razão desde o

início. Que tipo de homens eram aqueles saxões, que nem sequer faziam uma tentativa de se defender contra os agressores?

Então, lembrou-se do que o rei William lhes dissera a respeito de Carlisle. O senhor do feudo, assim como seu filho, haviam morrido em batalha. Restava apenas a filha mais nova.

Pela experiência que possuía com a irmã, Marguerite, Gaston estava certo de que aquela garota saxã sabia pouco, ou nada, a respeito de defesa de guerra. A lembrança trouxe um sorriso a seus lábios. Em seu último encontro com Marguerite, um ano antes, a única preocupação da moça era conseguir um casamento que fosse, ao mesmo tempo vantajoso e romântico. Passara uma tarde inteira atormentando-o com seus planos de casar-se com um cavaleiro rico e atraente que morava nas redondezas. O comentário pessimista que lhe viera à cabeça enquanto ouvia a irmã recitar seus sonhos fantasiosos só não foi pronunciado porque Gaston sentia uma afeição profunda e verdadeira pela moça bonita e carinhosa que vira nascer e crescer. A idéia de um amor romântico devia ser deixada para os bardos e as mocinhas ingênuas. Muito antes, ele aprendera que o amor servia apenas para satisfazer uma necessidade momentânea. Tanto para o homem quanto para a mulher.

Os demais cavaleiros logo atravessaram os portões da paliçada. As feições másculas e bonitas de Gaston de Thorne se contorceram de desgosto ao observar os companheiros galoparem o pátio cercado, proferindo terríveis gritos de guerra e rindo com crueldade dos servos que, apavorados, corriam de um lado para o outro, aos berros.

Animais domésticos espalharam-se para todos os lados. Como muitas galinhas não fossem rápidas o bastante para escapar aos cascos inclementes, penas voavam pelo ar, como folhas secas de outono, carregadas pelo vento. Diversos cães foram atraídos pela algazarra e, ao depararem com os garanhões, atiraram-se sobre eles, latindo desesperados. Um vira-lata malhado ganiu, ao mesmo tempo em que voava pelo ar, depois de levar um coice certeiro no flanco.

Os homens se divertiam com a destruição que causavam. O próprio Hubert exibía uma expressão de júbilo perverso ao esporear seu garanhão, incitando-o na direção de um servo que tentava fugir. Se alguém lhe dissesse

que estava destruindo o que era seu, não faria a menor diferença. Como sempre, ele agiria como bem lhe aprouvesse.

Gaston percebeu que o pátio estava esvaziando. Restavam poucas pessoas ali: apenas dois ou três servos encurralados pelos cavaleiros. E tentavam escapar a todo custo. Os demais haviam corrido para uma construção de grande porte, situada no centro do pátio. A pesada porta de carvalho estava completamente aberta, como os portões de entrada do feudo.

Até mesmo uma mulher inexperiente deveria ter o bom senso de fechar a porta do salão principal quando sua propriedade estivesse sofrendo um ataque. Gaston especulou se a moça teria algum tipo de deficiência mental. Se não estivesse tão contrariado pela confusão desnecessária criada pelo irmão e seus homens, teria caído na gargalhada. Seria bem feito para Hubert descobrir que a dona de suas futuras terras não passava de uma idiota. Afinal, ele fora rápido demais ao aceitar a oferta do rei, que incluía terras e uma esposa, como reconhecimento pelos serviços prestados.

Gaston, ao contrário, não se sentia pronto para tomar-se lorde e estabelecer-se como senhor feudal. Havia ainda uma quantidade imensa de experiências que ele gostaria de ter, antes de abrir mão da liberdade que tanto valorizava.

Em poucos minutos, o pátio encontrava-se deserto, exceto pelos cavaleiros normandos, montados em seus cavalos de guerra. Os servos haviam conseguido fugir para dentro do salão, enquanto os animais escondiam-se em todos os cantos disponíveis.

Gaston observou o irmão virar sua montaria na direção da grande porta escancarada, pela qual os saxões haviam desaparecido.

— Espere! — ele gritou ao mesmo tempo em que uma espécie de alarme soava em sua mente. Apressado, esporeou o garanhão, indo juntar-se a Hubert. — Pode ser uma armadilha.

Assim como os demais cavaleiros, Hubert interrompeu a marcha, levando a mão ao cabo da espada, num movimento automático. Cada um de seus seguidores imitou-lhe o gesto e, com cautela, incitaram os cavalos adiante.

Ao aproximar-se da entrada da construção, Gaston tirou o cimo, colocou-o sobre a parte mais alta da sela e desmontou. Esperou que Hubert e os outros

fizessem o mesmo, antes de dar mais um passo. Os elmos não eram tão eficazes quando um cavaleiro precisava estar alerta para cada movimento em torno de si.

Hubert e os outros também desmontaram. O sol iluminou as espadas que foram sendo retiradas de suas bainhas, espalhando quinze reflexos diferentes pelo chão e pelas paredes.

Gaston testou o peso da espada em sua mão, satisfeito por senti-la como uma extensão do próprio corpo. O imenso rubi incrustado no cabo reluziu, como se aguardasse com expectativa o momento da ação. A arma fora presente de seu tio, o duque de Etienne, no dia em que se tomara cavaleiro. E fora aquela mesma espada que o protegera contra inúmeros inimigos. Em silêncio, fez uma prece, pedindo que a boa sorte continuasse a acompanhá-lo.

Hubert adiantou-se com cautela, embora seus movimentos exibissem agilidade e leveza surpreendentes para um homem de tamanho tão avantajado. Gaston colocou-se à sua direita, Pierre à sua esquerda.

Os demais fecharam o cerco, protegendo-lhe a retaguarda, todos prontos para a luta.

O interior do salão pareceu-lhes escuro demais, em contraste com a claridade do pátio. Gaston piscou várias vezes, tentando enxergar através da cegueira temporária, sempre preparado para o que quer que o estivesse esperando lá dentro. Após alguns instantes, sua visão clareou e ele endireitou o corpo, baixando a espada devagar.

O salão era um aposento enorme, de teto alto. De acordo com os costumes saxões, a lareira ardia bem no centro e a fumaça escapava por um buraco no teto. Todas as mesas e bancos haviam sido afastados do centro e dispostos ao longo das paredes rústicas.

Na extremidade oposta do salão encontravam-se os habitantes do feudo, reunidos uns muito próximos dos outros. Seus rostos, virados na direção dos quinze cavaleiros, não escondiam seu medo e ódio.

De repente, o silêncio e imobilidade reinantes no ambiente foram quebrados de maneira brusca pela gargalhada retumbante e inesperada de Hubert.

— Então, são esses os saxões que você defendia por serem muito

corajosos e astutos, Gaston? Olhe para eles agora — apontou o dedo para a aglomeração de criaturas apavoradas. — Correm como crianças assustadas, em vez de defender seus lares como homens de verdade fariam!

Uma delicada figura feminina emergiu da pequena multidão antes que Gaston tivesse tempo para a resposta. Outra mulher, esta mais velha, segurou-lhe o braço a fim de impedir sua caminhada, mas foi em vão.

As considerações de Gaston acerca da opinião de seu irmão sobre os saxões abandonaram sua mente no mesmo instante. Sua atenção concentrou-se inteiramente na mulher que se aproximava. Era pouco mais que uma menina, possuindo pele lisa e clara como leite. Em atitude determinada, ela caminhou para eles de cabeça erguida. A bainha do vestido verde escuro deslizava pelo chão, produzindo um farfalhar suave que o fez pensar na brisa da primavera a sacudir de leve as folhas das árvores. O tecido pesado do vestido aderiu com sensualidade aos seios redondos e aos quadris curvilíneos. A cintura esguia era valorizada por um cinto de elos de prata. O rosto apresentava-se enfeitado por pequenos caracóis de cabelos sedosos, da Mesma tonalidade dos pêlos de uma égua castanha de raça. Completando a delicadeza e a beleza da moça, uma trança comprida Pendia da nuca até a altura dos quadris, balançando à medida que ela caminhava com graça e altivez.

Gaston sentiu uma onda de calor aquecê-lo quando pousou o olhar no movimento ondulante de seus quadris. Ela parou diante dele, curvando-se em profunda reverência. Ao mesmo tempo, baixou os olhos e inclinou a cabeça, apenas o bastante para não desrespeitar o protocolo. Quando se levantou e voltou a encarar os temidos cavaleiros, Gaston percebeu um brilho de medo em seus olhos, embora apenas por um breve instante. Logo, ela dominou as emoções e fitou-os com olhar firme e desafiante.

Gaston foi tomado de intensa admiração pela bravura de espírito que reconheceu naquela moça. Por outro lado, foi forçado a admitir que a reação física que ela lhe despertara era quase assustadora. Sentiu o coração bater com força e rapidez quando constatou que ela reunia em si um misto de beleza encantadora com uma força de caráter surpreendente em uma mulher. Não pôde deixar de pensar que um prêmio como àquele valia qualquer batalha.

— Quem é a senhorita? — Hubert perguntou, trazendo Gaston de volta à realidade. Num gesto de indiferença calculada, Hubert embainhou a espada.

— Sou Rose de Carlisle — a voz dela soou firme e segura, ecoando pelo imenso salão.

Lembrando-se de que ainda empunhava a espada, Gaston apressou-se em devolvê-la à bainha, com gestos rápidos resultantes de muitos anos de prática.

Os olhos de Hubert esquadriharam a jovem à sua frente, os lábios torcidos num sorriso de escárnio.

— Bem, Rose de Carlisle, sou o seu novo senhor, Hubert de Thorne. — Mal terminou a frase, deu um passo na direção dela e cruzou os braços sobre o peito largo. Ergueu o queixo quadrado e proeminente, assumindo ares de satisfação e fitou-a do alto, esperando a reação dela à sua declaração.

Rose respirou fundo e inclinou a cabeça para trás a fim de encarar o gigante.

— Por ordem de quem? — perguntou em tom de desafio.

Ao ver Hubert inclinar-se sobre a moça, o olhar duro como granito, Gaston teve o ímpeto de agarrá-lo e puxá-lo para longe da figura frágil e delicada. Em vez disso, cerrou dentes e punhos e não interferiu. Afinal, o que se passava entre os dois não lhe dizia respeito. Não tinha o direito de intrometer-se nos negócios do irmão. E, além do mais, aquela mulher não representava nada para ele.

— Por ordem de Sua Majestade, William o Conquistador, que governa por direito divino, vim para tomar posse destas terras — Hubert fez um gesto largo e abrangente com as mãos —, e de você.

Embora sentisse uma pontada de dor ao ouvir as últimas palavras, Gaston não deu a menor demonstração de suas emoções. Era ridículo que seus pensamentos tomassem rumos tão absurdos. Se precisasse de uma mulher, não teria a menor dificuldade em encontrar uma. Até mesmo as saxãs com quem tivera contato haviam se mostrado bastante dispostas a partilhar sua cama. Assumindo um calculado ar casual, cruzou os braços sobre o peito, transformando as feições em uma verdadeira máscara de pedra.

— O que está querendo dizer, sir? Sou uma mulher livre por nascimento. Tenho certeza de que nem mesmo William seria capaz de escravizar uma

dama.

Gaston avistou o pulsar de uma veia no pescoço liso e alongado de Rose. Por mais que se esforçasse para convencer-se de que estava sendo tolo, não conseguiu impedir o desejo ardente de pousar os lábios sobre a pele alva, e sentir-lhe o sangue correr nas veias. Queria poder gritar a todos ali presentes que aquela mulher lhe pertencia, a despeito de tudo o que pudesse provar o contrário.

Pela primeira vez em seus vinte e sete anos de vida, Gaston se viu tomado por ciúmes de uma mulher.

E, também pela primeira vez, arrependeu-se amargamente por haver recusado a oferta de propriedades feita por William. Mas, pensou, de que valeriam as terras se aquela mulher não às acompanhasse?

— Estou querendo dizer que recebi instruções para tomá-la como esposa, além de assumir a posse das terras que me foram dadas — Hubert falou em resposta à pergunta indignada de Rose. E sorriu com satisfação ao vê-la recuar um passo, com ar incrédulo. Para enfatizar a declaração anterior, sacudiu a cabeça numa afirmativa vigorosa.

Ela levou a mão ao peito e Gaston acompanhou o movimento com os olhos, hipnotizado pelos dedos delicados. Sacudiu a cabeça, tentando recuperar o controle sobre os pensamentos, que insistiam em lançar-se onde não lhes era permitido chegar. Por ordem do rei, aquela mulher seria a esposa de seu irmão. Pensar nela da maneira como vinha fazendo desde que a vira, representava um pecado capital.

Rose não tardou a recuperar a compostura.

— Meu bom senhor, seu modo de cumprimentar as pessoas parece-me um tanto estranho. Quase matou os servos de susto! Existe algum propósito para tal comportamento?— Fitou-o sem medo, a fronte levemente franzida em desaprovação.

Hubert lançou-lhe um olhar mal-humorado e ameaçador.

— Que direito tem você de questionar-me, mocinha? Sou o senhor aqui e vou me comportar como bem entender. Se quer mesmo saber — ele arreganhou os dentes num arremedo de sorriso —, eu quero testar o brio de meus novos vassalos. Devo dizer que estou bastante insatisfeito.

— Em que aspectos está insatisfeito conosco, meu senhor? Rose perguntou, sem desviar os olhos dos dele. Sua voz, embora controlada, soou alta o bastante para que todos os presentes pudessem ouvi-la com clareza.

Gaston perguntou-se se aquela donzela atrevida seria capaz de mostrar a seu irmão o espírito de luta que sobrevivia nos saxões derrotados. Jamais conhecera uma mulher que não se acovardasse diante da fisionomia irada de Hubert. E não estava sendo fácil manter a aparência de indiferença.

Contrariando as esperanças de Gaston, o ar de desafio de Rose, serviu apenas para alimentar a fúria de Hubert, que franziu o cenho ainda mais, exibindo uma expressão sombria e assustadora. Com olhos estreitos e lábios contraídos, ele falou entre os dentes: — Em todos os aspectos!

Erguendo mais o queixo, Rose sustentou-lhe o olhar diabólico, recusando-se a ser intimidada por um cavaleiro normando.

Observando-a, Gaston concluiu que nenhuma rainha seria capaz de portar-se com maior altivez e realeza.

Hubert ergueu um punho cerrado, mal podendo acreditar que estava sendo desafiado por uma juvenzinha inexperiente e derrotada. Agindo segundo seus instintos, sem pensar em nada que não fosse proteger a mulher de fibra que conquistara sua admiração em poucos! Instantes, Gaston interpôs-se entre os dois.

— Sou Gaston de Thorne — apresentou-se e, ao curvar-se numa reverência, foi envolvido pelo aroma de flores silvestres que ela exalava. Quase não resistiu ao desejo de aproximar-se e aspirar-lhe o perfume de perto. O que o deteve foi à necessidade urgente de falar, a fim de impedir um confronto maior entre Rose e seu irmão.

— A senhorita não sabia que deveria ler guardas a postos durante todo o tempo, à entrada de sua propriedade? Os portões estavam abertos, e não havia ninguém lá que pudesse nos ver chegando. Estamos em tempos perigosos e não é muito prudente tratar questões de segurança com tamanho descaso. — Enquanto falava, Gaston tomou-lhe o braço, forçando-a a virar-se para encará-lo. Queria, todo custo, impedi-la de continuar com suas provocações a Hubert. A atitude de desafio que ela assumira em relação a seu irmão só poderia terminar em desastre. E Gaston já vira Hubert perder a calma

antes.

Rose ergueu os olhos para ele, demonstrando irritação. Então, ficou imóvel, sentindo-se hipnotizada pelo olhar cinzento e incompreensível que parecia prendê-la com amarras invisíveis. Permaneceram assim por um breve instante, que lhes pareceu uma eternidade. Gaston sentiu o peito apertar-se à medida que tudo o que havia ao seu redor desaparecia, deixando-os a sós no mundo, ligados por uma comunicação muda, que dizia muito mais que todas as palavras.

Foi Rose quem primeiro desviou os olhos, baixando-os para o chão e inspirando profundamente, como se precisasse esforçar-se para despertar de um sonho. Quando voltou a fitá-lo, havia recuperado o controle, e Gaston chegou a duvidar do brilho luminoso que reconhecera naqueles magníficos olhos verdes instantes atrás.

— Não havia ninguém nos portões — ela declarou com frieza —, porque estávamos todos ocupados com os preparativos para recebê-los. — Gaston podia estar enganado, mas a voz dela pareceu ligeiramente trêmula. — Calculamos que demorariam ao menos mais uma hora para chegar. Além disso, recebemos informações de que seu grupo era bem maior — ela concluiu, passando os olhos por todos os cavaleiros.

— Então, sabiam que estávamos nos aproximando e se ocuparam em preparar as boas-vindas para nós? — Hubert perguntou, incrédulo, diante do que considerava uma grande prova de estupidez.

Rose replicou:

— O que esperava que fizéssemos? Que resistíssemos a seus soldados, dando-lhes uma boa desculpa para matarem nossos homens e incendiarem nossas casas? — Libertou o braço da mão insistente de Gaston e cruzou-o sobre o peito. Encarou os dois cavaleiros, sem disfarçar o desprezo por eles.

Então, Gaston pensou satisfeito, além de bonita a garota era inteligente! Suas palavras faziam sentido. Mas, mesmo enquanto se permitia admirar-lhe o espírito, sabia que ela havia ido longe demais.

Marie de Thorne, mãe de Gaston, fizera tudo o que estava ao seu alcance para dar aos filhos, incluindo Hubert e Leo, o mais velho, que nem mesmo eram seus filhos, uma educação digna de cavalheiros. Damas honradas deviam

ser respeitadas e protegidas.

Mas aquilo... aquilo fora demais. Se Rose de Carlisle não se contivesse em sua atitude de rebeldia para com Hubert, ele seria obrigado a castigá-la. Precisava manter a honra e o respeito diante de seus homens.

— A senhorita fala sem pensar — Gaston advertiu em voz baixa, tentando fazê-la recuar. Não suportaria vê-la sofrer uma punição, mesmo sabendo que seu irmão não tinha escolha.

— Eu falo sem pensar? — Rose pôs as mãos nos quadris. — Foram vocês, normandos, que agiram sem pensar!

Antes que Gaston pudesse esboçar qualquer reação, a mão de Hubert cortou o ar com força e determinação, indo pousar na face macia de Rose. O som produzido pelo tapa ecoou por entre os espectadores imóveis, deixando em seu rastro um silêncio profundo como a morte.

CAPÍTULO II

Atingida pela força do golpe e pelo choque inesperado, Rose rodopiou e perdeu o equilíbrio. Teria caído se Gaston não se apressasse em ampará-la. Apesar do torpor em que se encontrava, percebeu com clareza a proteção e conforto que ele lhe oferecia.

Desde o momento em que Gaston intervieria em seu confronto com Hubert, o mundo de Rose parecia ter virado de cabeça para baixo. Durante o breve instante em que fitara os olhos cinzentos, misteriosos como a bruma da manhã, sentira-se transportada a um outro mundo, distante e diverso de tudo o que jamais conhecera. Os traços perfeitos, embora másculos, coroados pelo nariz reto e os lábios sensuais, tornaram-na cativa de emoções até então desconhecidas. Uma mecha de cabelos negros caía sobre a testa larga, fazendo com que aquele homem forte parecesse de alguma maneira, vulnerável aos olhos de Rose. E ela não foi capaz de afastar esse pensamento, mesmo depois de constatar que sua cabeça mal atingia a altura dos ombros largos e musculosos.

E ali eslava ele novamente, ainda envergando a armadura polida, as armas pendendo da cintura, protetor e assustador ao mesmo tempo. Rose tentou controlar o tremor nas pernas, mas seus esforços foram em vão. Ninguém, a não ser sua mãe, lhe dera um tapa antes. Levou uma das mãos à face dolorida, sentindo as lágrimas acumularem-se em seus olhos. Piscou repetidas vezes, recusando-se a chorar diante daqueles selvagens normandos.

Era grande a tentação de ceder e abandonar-se ao paraíso oferecido pelos braços fortes de Gaston. Um instinto que ela não foi capaz de identificar lhe dizia que podia se apoiar naquele homem, confiar nele, por si mesma e por seu povo.

Ao mesmo tempo, estava consciente de que não podia se permitir tamanho luxo. No fundo de seu coração, sabia que suas impressões a respeito daquele homem poderiam não estar certas. Afinal, fora ele ou algum de seus homens, o responsável pela morte de seu pai. Era seu inimigo, um normando.

E o monstro gigantesco e desajeitado que a esbofeteara pretendia tomá-la sua esposa! Era sobre ele que Rose deveria concentrar seus pensamentos. Ergueu os olhos para Gaston, próximo o bastante para que ela pudesse ver a barba por fazer que escurecia sua pele. A intimidade exagerada fez com que os cabelos arrepiassem em sua nuca. Estou pensando e me comportando como uma tola, disse para si mesma, reprovando-se.

Reunindo a pouca força que lhe restava, tentou afastar-se dele.

Num gesto automático, Gaston reagiu, apertando-a ainda mais contra si, sentindo uma pontada de amargura ao perceber que era rejeitado por ela. No entanto, seu coração amoleceu no instante em que baixou os olhos para seu rosto e deparou com a expressão aturdida e a marca avermelhada, que já começava a tornar-se mais escura em uma de suas faces.

Hubert tornava-se mais impaciente a cada instante e Gaston sabia que não poderia protegê-la por muito tempo. Olhou em volta, à procura de algo que pudesse distrair o irmão. Se Hubert ocupasse seus pensamentos com outra coisa, ao menos por alguns minutos, seu espírito se acalmaria. Por sobre o ombro de Rose, notou uma mulher que se afastava da multidão reunida e se dirigia em sua direção.

Era a mesma senhora que tentara impedir Rose de se aproximar dos cavaleiros, quando haviam entrado no salão. A figura roliça deu a volta pelos dois irmãos, caminhando com graça em seus passinhos curtos e delicados.

Inclinando-se sobre Rose e apertando-lhe os ombros com gentileza, Gaston sussurrou uma advertência veemente, num tom de voz tão baixo, que ninguém mais ouviu:

— Fique sabendo que Hubert já matou guerreiros com um soco. Se ele realmente pretendesse fazer-lhe algum mal, você teria recebido muito mais que um tapa. Meu irmão não tinha escolha, senão castigá-la. Você o espicou diante de seus homens — continuou a falar em tom áspero, na esperança de fazê-la usar de bom senso. Rose não devia instigar Hubert mais do que já fizera, para seu próprio bem. — Agora, mulher, trate de domar essa língua ferina!

Gaston lançou um olhar rápido para Hubert, cujos lábios apresentavam-se apertados, numa expressão de raiva. Por quê, perguntou-se desolado, estava

protegendo aquela mulher? Ela não significava nada para ele. Até poucos minutos antes, nem sequer a conhecia. E o fato de ser a mulher mais bonita que já vira não justificava suas reações. Havia algo nela que o atraía de uma maneira inteiramente nova. Talvez fosse a coragem que demonstrara desde o primeiro instante. Gaston não podia explicar. Sabia apenas que se sentia compelido a protegê-la, até mesmo contra seu irmão.

Alteando a voz, repreendeu-a para que todos o ouvissem:

— Como ousa, senhorita, falar dessa maneira com seu senhor? — Contradizendo a dureza de sua voz, seus dedos acariciavam a nuca de Rose com carinho e ternura.

Ela se empertigou de súbito, surpresa pela intimidade com que ele a tocava. Por que estava permitindo que aquele homem, seu inimigo, a tocasse daquela maneira?

Sabia que, de um modo ou de outro, a força para manter-se de pé deveria vir de seu próprio interior. Uma onda de raiva subiu-lhe à garganta. O sentimento amargo dirigia-se a ela mesma por ser tão fraca, e ao homem que a segurava, por haver testemunhado sua humilhação. A raiva trouxe consigo a força e ela se afastou e endireitou-se. Sentiu os braços que a prendiam afrouxarem seu domínio, apesar de relutantes. O cavaleiro alto e forte deu um passo para trás, lançando-lhe uma advertência silenciosa através do olhar severo.

Por que ele se importara em ajudá-la e ampará-la? Ao mesmo tempo em que o detestava por ser ele quem era, Rose sentia-se compelida a buscar os olhos cinzentos. Franziu o cenho, revoltada consigo mesma. Tanto fazia por que motivos ele a ajudara. Não queria nada dele, ou de qualquer outro normando. Aqueles homens haviam entrado em Carlisle a galope, pavoneando-se pelo domínio da terra e aterrorizando seus vassalos.

No momento em que os normandos haviam entrado no salão, Rose sentira medo de verdade pela primeira vez. Os cavaleiros enormes em suas armaduras de guerra provocaram-lhe um nó na garganta, deixando-a temporariamente muda e incapaz de mover-se.

Ainda assim, ela se adiantara ao grupo, forçara-se a enfrentar o líder dos invasores, embora seu coração batesse com tamanha intensidade, que ela teve

a impressão de que todos ouviriam.

— Minha pobre garotinha...

Rose ouviu a voz doce de Maida atrás de si, carregada de desprezo pelo detestável Hubert de Thorne. Apressada, virou-se para a cozinheira, na intenção de impedi-la de dizer qualquer coisa que pudesse ofender os visitantes indesejados. Não queria que Maida sofresse por correr em seu auxílio. Aceitou a mão que a outra lhe estendia e apertou-a com carinho.

— Estou bem, não se preocupe — assegurou.

Maida estendeu a outra mão e afagou com suavidade os cachos que haviam caído sobre a face de Rose.

— Felizmente, a pele não foi ferida — falou com voz embargada. Erguendo os olhos, Rose deparou com o olhar sombrio de Gaston.

Virou o rosto para o outro lado, rejeitando a atenção que ele lhe oferecia.

Foi então que ela se deu conta de que estava quase perdendo o controle da situação. Tinha de pensar com clareza. Precisava encontrar um meio de reparar qualquer dano causado pela irreverência com que tratara Hubert. Desafiá-lo e irritá-lo não traria boas conseqüências a seu povo.

Antes de soltar a mão de Maida, apertou-a mais uma vez, tentando transmitir-lhe a segurança que não sentia. Sabia o que devia fazer. Afinal, não possuía qualquer razão para agir de modo diferente do que pedira a seus vassalos. Não era superior a eles, especialmente nas circunstâncias em que se encontrava.

Hubert suspirou com impaciência. A demora de Rose em tomar uma atitude quanto à agressão que sofrera o deixava inquieto. Não estava acostumado a ser desafiado por ninguém, muito menos por uma jovemzinha atrevida. Depois de limpar a garganta ruidosamente, ele se colocou entre Rose e Gaston. Seria obrigado a castigá-la ainda mais, para fazê-la compreender que deveria obedecê-lo? Com olhar devasso, examinou-a de cima a baixo, demorando-se nas curvas exuberantes de seu corpo jovem, porém maduro. Assim que garantisse o controle de Carlisle, bem como dos outros dois feudos que William havia lhe dado, cuidaria de torná-la sua esposa sem demora. Então, mostraria a ela o que significava pertencer a um homem e obedecê-lo acima de tudo e de todos. Seus pensamentos divagaram quando a imagem de

Rose em sua cama invadiu-lhe a mente.

Sem fazer a menor idéia do que se passava na cabeça de Hubert, Rose respirou fundo a fim de recuperar o controle e a compostura, então segurou a saia nas mãos e curvou-se numa profunda reverência ao seu senhor. Desta vez, manteve os olhos fixos no chão e a cabeça inclinada numa expressão de submissão e obediência. A grossa trança avermelhada escorregou por sobre seu ombro, indo tocar o chão.

— Meu senhor — falou devagar —, perdoe minha insolência. A preocupação pelo bem-estar de meu povo tornou-me tola e eu falei sem pensar.

Uma vez pronunciadas as palavras, Rose teve de morder o lábio para não negá-las de pronto. Rebaixar-se diante daquele normando repugnante era algo que ia contra todos os seus princípios.

Hubert pareceu surpreso pela súbita mudança de comportamento, embora não escondesse sua aprovação. Pretendendo apenas usar a situação como lição para quem mais pudesse estar pensando em questioná-lo, continuou a fitá-la com expressão dura e ameaçadora por um longo momento. Então, estufou o peito, cruzou as mãos atrás das costas, e pôs-se a andar em torno de Rose com ar pensativo e avaliador. Depois de completar o círculo, parou diante dela, as pernas abertas e as mãos nos quadris.

Observando os pés enormes à sua frente, Rose não pôde deixar de pensar que ele não passava de uma versão maior e mais feroz do galo que transitava pelo pátio, exercendo sua função de senhor absoluto de todas as galinhas. Muito bem, pensou, sem erguer a cabeça, este homem vai descobrir que não sou uma galinha para ser comandada por um lorde arrogante. Sir Hubert de Thorne não tardaria a descobrir que tipo de mulher ela era.

Depois de um longo momento, ele falou:

— Levante-se, Rose de Carlisle. Faremos o possível para esquecer este começo desastroso e começarmos do início, mais uma vez... Desde que a senhorita esteja disposta a controlar essa sua língua ferina daqui por diante.

Ela se ergueu com graça, empertigando-se diante dele, embora ainda mantivesse o olhar discretamente dirigido ao chão: um exemplo de obediência e submissão.

Sentindo o poder de seu olhar, Rose não resistiu ao impulso de virar-se de leve na direção de Gaston. Ele a observava com atenção, os olhos estreitos. Não parecia absolutamente convencido de que ela aprendera sua lição com o castigo. Percebendo um brilho de advertência nos olhos cinzentos, ela se apressou em virar a cabeça para o outro lado.

O melhor que tinha a fazer era concentrar a atenção em Hubert, pois o ar de admiração com que Gaston a fitava só teria servido para perturbá-la ainda mais.

— Pelo que vi até agora, estou bastante satisfeito com Carlisle — Hubert dirigiu-se a ela com um sorriso condescendente. — Espero que os outros dois feudos que me foram dados não me decepcionem.

— Outros feudos? — Rose perguntou confusa.

— Mayhill e Brentwood. Devo tomar posse de ambos sem demora. Rose sentiu o sangue gelar em suas veias. Brentwood não! Seu primo Robert era o lorde de Brentwood, e odiava os normandos com paixão quase animal. Quando ele viera prestar condolências pelas mortes de seu pai e de seu irmão, acrescentara que não permitiria que Brentwood lhe fosse tomado, mesmo que tivesse de morrer para impedir.

Sua irmã, Elspith, e sua mãe, Íris, ficariam aterrorizadas, mesmo tendo Robert para orientá-las. Rose rezou para que o primo não as colocasse em perigo ao lutar contra a invasão normanda. Nenhuma das duas eram mulheres fortes, especialmente sua tia Íris, que não passava de uma velha senhora adoentada e indefesa.

E Elspith... Elspith sempre fora a melhor amiga de Rose. Embora a outra fosse dois anos mais nova, Rose sempre sentira uma forte necessidade de proteger a prima frágil e delicada. Afinal, haviam sido criadas de maneiras muito diversas: enquanto Rose subia em árvores, acompanhando Edmund e Robert onde quer que fossem, Elspith passava o tempo escolhendo fitas e rendas para adornar os inúmeros vestidos que seu pai comprava para ela.

Agora, só restava a Rose rezar para que Robert as tivesse levado para longe de Brentwood, embora não acreditasse na possibilidade do primo ceder ao bom senso. Ele não aceitaria que os normandos tomassem posse de suas terras.

Foi então que sentiu a esperança renascer em seu peito. Poderia enviar-lhe uma mensagem. Quem sabe, desta vez, quando a ameaça se tornara tão real e próxima, ele desse ouvidos à voz da razão?

Com olhar cauteloso, examinou as feições arrogantes de Hubert e perguntou-se como poderia ajudar os primos, ou a si mesma. A esperança recém-nascida em seu espírito desvaneceu mais uma vez.

Como enfrentaria o casamento com aquele bárbaro? A simples idéia revirava-lhe o estômago. Ele havia se mostrado cruel, além de deixar claro que pouco se importava com ela ou com seu povo.

Rose lutou com todas as forças contra o pânico que ameaçava invadi-la. E venceu. Ao menos, por enquanto, pensou. Faria o que tinha de fazer. Não podia quebrar o juramento pronunciado a seus vassalos.

Ah, Senhor, rezou em silêncio, o que vai ser de todos nós?

Olhando ao redor, Rose mal podia acreditar que apenas sete dias haviam se passado. Toda a atmosfera de sua propriedade sofrera mudanças. A atividade tranqüila que se desenrolava no pátio dera lugar a uma movimentação alvoroçada e incessante. Cada um desempenhava suas funções com vigor redobrado, desde os fazendeiros e comerciantes que iam e vinham, até os servos mais simples. A presença de Hubert parecia estimulá-los a trabalhar muita além do que jamais haviam trabalhado. Era como se sentissem uma forte necessidade de mostrar a ele a fibra que possuíam, a fim de derrubá-lo das alturas de sua arrogância e prepotência.

Embora Rose se ressentisse das ambições de Hubert, era obrigada a admitir que as expectativas, bem como as exigências dele em relação a seus próprios homens não era menor. Um grande área do pátio fora cercada e transformada em campo para o exercício das armas, onde inúmeros soldados praticavam o dia todo, sem descanso.

Até mesmo Hubert e Gaston passavam todo o tempo que podiam no campo, aperfeiçoando suas habilidades. Era raro não se ouvir o som metálico produzido pelos golpes das espadas em outras espadas ou em escudos. E com frequência, Rose ouvia um gemido de dor, indicando que um dos soldados não reagira com a mesma rapidez de seu oponente. - Gaston mostrou-se tão diligente quanto Hubert. Tal fato se devia a uma opção feita por ele, uma vez

que não estava obrigado a nada. Não devia satisfações de seus atos a ninguém e os homens o obedeciam como se fosse o próprio lorde.

Os dois cuidavam de todo o feudo. Passavam horas a fio conversando com fazendeiros sobre as colheitas e plantações, bem como com comerciantes, a respeito dos produtos que compravam e vendiam. À noite, ficavam no salão, em companhia de Alfred, o conselheiro, verificando a contabilidade.

Estava claro que os normandos não tinham a menor intenção de arruinar Carlisle, o que não diminuía em nada a animosidade que Rose nutria em relação a eles.

Não conseguia pensar em Hubert como seu marido, ou no casamento iminente, sem ser tomada pelo mais verdadeiro terror. Para seu alívio, ele andava ocupado demais, impedido assim de dispensar a menor parte do seu tempo em atenções para com a noiva. O simples fato de pensar nele fazia Rose estremecer.

Pior ainda era deitar-se à noite para dormir. Assim que fechava os olhos, o rosto de Gaston se impunha em sua mente, impedindo-a de pensar ou sonhar com qualquer outra coisa.

Fosse no pátio, ou no campo de treinamento, ou mesmo no salão, seus olhos estavam sempre à procura do brilho cinzento e indecifrável dos dele. Não faria sentido negar que havia algo no cavaleiro alto, forte e bonito, que a atraía de maneira inexplicável. Tanto quanto Hubert a repelia.

Gaston, por sua vez, parecia mal se dar conta de sua presença, pelo que ela se sentia grata. Como suportaria a vergonha e a humilhação, se ele percebesse o quanto ela o observava?

Parada ali, no meio do pátio, assistindo à atividade frenética que se desenrolava diante de seus olhos, Rose deu-se conta de que ao jurar que lutaria com todos os recursos pelo bem de seu povo, havia tomado para si uma responsabilidade muito maior do que imaginara.

Então, em meio ao tumulto costumeiro, ela ouviu o soldado que montava guarda no portão gritar, interpelando alguém. Uma das primeiras ordens de Hubert fora a presença de um guarda na entrada do feudo, vinte e quatro horas por dia.

Curiosa para saber quem estava chegando, Rose atravessou o pátio com

passos rápidos.

No instante em que pôs os olhos no forasteiro, reconheceu Will, um dos servos de Brentwood. A égua que ele montava estava suada, como se houvesse sido pressionada a uma cavalgada longa e rápida. Assim que atravessou o portão, Will curvou-se sobre a sela, largando o peso do corpo sobre o cavalo e respirando com dificuldade.

Rose pôs-se a correr quando percebeu que ele ia cair de cima da montaria. Estendeu os braços e ajudou-o a desmontar. Ao mesmo tempo, os soldados abandonaram a prática das armas e correram em sua direção.

— Lady Rose — Will falou, ofegante —, venho da parte de sir Pierre, o cavaleiro que lord de Thorne mandou a Brentwood. Ele me mandou entregar esta mensagem. — Enfiou a mão no gibão e retirou o pergaminho enrolado.

Sem se dar tempo para pensar, Rose apanhou a missiva e escondeu-a dentro da manga do vestido, com movimentos apressados. Mal completara a ação arriscada, e os soldados já se reuniam em torno do recém-chegado, ansiosos para saber o que se passava.

— Algum problema? — perguntou um homem corpulento, de baixa estatura e cabelos grisalhos e ralos, que se concentravam acima de suas orelhas. Rose logo o reconheceu: tratava-se de Fontour, o mestre-de-armas de Hubert. Ele se agachou ao lado dela, a fim de observar a cena mais de perto.

— Não, não há qualquer problema — Rose respondeu depressa, sentindo o papel que lhe arranhava o braço. — Este homem cavalgou de Brentwood até aqui sem descanso, para entregar uma mensagem a sir Hubert. Como ele e sir Gaston saíram juntos para inspecionar alguns campos, sugiro que deixemos Will descansar e se alimentar, antes que seja interrogado.

Fontour observou as faces pálidas do mensageiro por alguns momentos. Então, levantou-se com movimentos ágeis e graciosos como os de um acrobata e deu de ombros.

Rose baixou os olhos a fim de esconder seu alívio. Ajudou Will a levantar-se do chão e amparou-o até o salão.

Depois de se certificar que ele fora servido de comida e vinho, ela se dirigiu ao outro extremo do salão e sentou-se em um banco, posicionado de frente para a porta de entrada.

Com rapidez, retirou da manga o precioso rolo de papel. Para sua surpresa, nem sequer fora selado.

Desenrolou o pergaminho com dedos trêmulos. A mensagem era curta e objetiva. Tratava-se de um pedido a Hubert que mandasse tropas à vila de Brentwood, uma vez que um bando de saxões estava assaltando o feudo a intervalos regulares e os aldeões se recusavam a fornecer qualquer pista sobre a identidade dos renegados. Sir Pierre havia concluído que a atitude do povo deixava claro que estavam tentando proteger alguém.

Rose sabia que os assaltantes só podiam estar seguindo a liderança de Robert. O ódio que ele insistia em alimentar pelos conquistadores acabaria por levá-lo à morte. E ela se encheu de raiva e frustração pela atitude do primo. Que ele arriscasse a própria vida era uma coisa, mas o que seria de sua mãe e de sua irmã?

Logo após a chegada dos normandos a Carlisle, sir Pierre partira para Brentwood, como agente de Hubert. Seus relatórios contavam que, nem o jovem lorde, nem sua família haviam sido encontrados. Até então, Rose alimentara a esperança de que Robert houvesse fugido para a Escócia, ou para o País de Gales, acompanhado de Íris e Elspith. Enganara-se, porém. Robert pretendia frustrar cada tentativa dos normandos em tomar posse de suas terras.

Rose possuía sentimentos inteiramente negativos com relação a sacrifícios inúteis. Pessoas que viviam tão próximas da terra, como sua família vivera, aprendiam que a melhor maneira de empregar a energia de que dispunham era produzindo: no cultivo dos campos, na criação do gado, na confecção de roupas. O que Robert estava fazendo não o levaria a qualquer resultado positivo.

Quando fosse apanhado, o que acabaria acontecendo mais cedo ou mais tarde, sua mãe e Elspith poderiam ser feitas prisioneiras, também. Seria Hubert cruel o bastante para sentenciá-las à mesma pena que destinaria a Robert? Rose não tinha alternativa, senão considerar a possibilidade. Tinha certeza de que Hubert seria implacável em seu desejo de dominar por completo todos os seus vassalos. O fato de Íris e Elspith serem mulheres inocentes, que nada haviam feito por livre e espontânea vontade, não faria a

menor diferença. Rose cerrou os olhos e elevou uma oração fervorosa, pedindo a Deus que, onde quer que as duas se encontrassem, que estivessem a salvo de qualquer mal. Recusou-se a acreditar que Deus permitiria que elas sofressem pelos erros cometidos por Robert.

Hubert era um homem que deveria ser temido por todos, incluindo ela mesma. Se descobrisse que Rose lera a mensagem, não pensaria duas vezes antes de puni-la com severidade e indiferença. Ela, assim como todos os demais vassalos do normando arrogante, devia ser dominada o quanto antes.

Dirigindo-se para o banco onde Will estava sentado, Rose inclinou-se sobre ele.

— Está se sentindo mais descansado, agora? — perguntou em voz alta o bastante para que todos os presentes a ouvissem. Ao mesmo tempo, sob o disfarce da preocupação com o mensageiro, retirou o pergaminho da manga e entregou-o a ele. Aproximando-se ainda mais, sussurrou: — Sabe se é possível fazer contato com Robert?

Will não deu o menor sinal de que houvesse escutado a pergunta. Continuou sentado, mostrando-se ansioso para que ela o deixasse em paz. Então, sacudiu a cabeça numa afirmativa tão rápida, que somente uma pessoa que o estivesse observando muito de perto poderia perceber o movimento.

Rose deixou escapar um suspiro de alívio.

— Então, diga-lhe que a resistência aos normandos é pura loucura. Se ele não se importa em arriscar a própria vida, que pense ao menos no bem da mãe e da irmã. Elas não merecem viver como fugitivas.

Nesse exato momento, uma voz profunda, inconfundível, fez-se ouvir bem atrás de suas costas. — Lady Rose...

Gaston!

Rose sentiu o coração saltar dentro do peito. Não fazia a menor idéia das conclusões que ele poderia tirar de sua conversa sussurrada com Will. Havia devolvido a mensagem segundos antes.

Ele continuou:

— Fui informado de que um mensageiro acaba de chegar de Brentwood.

Rose virou-se para encará-lo, a ansiedade tornando sua voz mais áspera do que o normal.

— Por que o senhor tem sempre de mover-se tão furtivamente? Gaston ergueu as sobrancelhas num misto de surpresa e divertimento.

— Não sou furtivo em meus movimentos, lady Rose. Se não estivesse ocupada, certamente teria ouvido minha aproximação.

Ela corou, mas não se deixou abater. Empinou o queixo e fitou-o nos olhos. Uma vez, ouvira o pai dizer a Edmund que, diante do inimigo, a melhor defesa era o ataque. Respondeu com frieza, tentando esconder a agitação:

— Não esperávamos o seu retorno antes do anoitecer. Por acaso, Hubert decidiu mandar o seu bajulador para me espionar?

Gaston estreitou os olhos e suas feições endureceram.

— É você o mensageiro? — dirigiu-se a Will, que assentiu em resposta. — Saia.

Sem perder tempo, Will obedeceu à ordem.

Gaston aproximou-se de Rose, forçando-a a apoiar-se na mesa. Quando decidiu parar, ela se encontrava em uma posição pouco confortável, inclinada sobre a mesa, apoiando-se nas mãos, a cabeça jogada para trás. Ele examinou-lhe o rosto, depois o pescoço, com olhar lânguido. Apenas os lábios ainda fixos numa linha dura traíam o efeito do insulto pronunciado por ela.

— Meu cavalo perdeu uma ferradura. E não sou bajulador de ninguém, nem mesmo de meu irmão.

Embora soubesse que ele dizia a verdade, Rose sentiu uma enorme satisfação por constatar que havia, afinal, ferido o orgulho do guerreiro.

— Você se agita como um cachorrinho a cada extravagância de seu irmão.

Ao notar o brilho cínico e malicioso nos olhos de Gaston, Rose concluiu que havia exagerado. Nada do que dissera sequer chegava perto da verdade. Envergonhada, baixou os olhos.

Gaston inclinou-se, aproximando-se ainda mais.

— Você parece escolher as palavras só para me alfinetar, pequena Rose.

Estavam tão próximos que Rose pôde sentir a respiração quente e úmida de Gaston contra sua pele, o que fez seu coração disparar, quase saltando do peito.

— Está enganado, sir Gaston. Vocês, de Thorne, e que me aferroam ate doer.

Gaston sorriu, admirando a inteligência do trocadilho. Afinal, na língua dos saxões, a palavra “thorn” significava espinho, enquanto “rose” queria dizer rosa. E lá estava a bela Rose, presa aos de Thorne, por uma armadilha do destino, como uma rosa silvestre enroscada a um espinheiro.

Dando-se conta de que divagava, Gaston voltou à realidade. Não permitiria que ela levasse a melhor sobre ele. Examinou-a de cima a baixo com olhar faminto.

Com a ponta dos dedos, acariciou-lhe as faces, fazendo-a prender a respiração. Rose fechou os olhos, a fim de bloquear a visão dos olhos cinzentos, que exerciam um efeito hipnótico sobre ela.

Gaston murmurou:

— Você fala com tanta veemência, pequena lady... Parece sempre disposta a oferecer-se em sacrifício. Pois saiba que tal sacrifício Pode resultar em imenso prazer.

Rose sentiu o corpo em chamas e abriu os olhos depressa. As palavras pronunciadas com suavidade haviam produzido imagens íntimas, quase pecaminosas, em sua mente. Na intenção de disfarçar a confusão que sentia, falou em tom irado:

— Aí está uma coisa que você nunca vai saber, normando! Afastando-se, como se houvesse recebido um golpe físico, Gaston gaguejou:

— Eu... Eu me referia a meu irmão. Perdoe-me se a fiz entender o contrário.

Observando-o afastar-se em direção à porta, Rose perguntou-se quem ele estava tentando convencer: a ela, ou a si mesmo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Hubert mandou chamar Rose ao quarto de hóspedes. Ela o encontrou sentado em uma poltrona, diante da lareira vazia. Gaston estava de pé, ao lado do irmão.

Rose não havia visitado o aposento desde que os dois se instalaram ali. Todas as superfícies disponíveis estavam cobertas por diversos tipos de armas, assim como partes de armaduras. A cama mais próxima da lareira estava desfeita. A outra apresentava-se impecável, com peles estendidas sobre os lençóis E uma capa masculina cuidadosamente dobrada sobre o travesseiro. Rose logo reconheceu-a como sendo a capa de Gaston.

Foi então que notou o pergaminho nas mãos de Hubert. Sem dúvida, ele segurava a mensagem trazida de Brentwood por Will. Por mais que se esforçasse para ignorá-lo, Rose sentiu-se perturbada pela presença de Gaston. Cruzou as mãos sobre o ventre a fim de disfarçar a agitação e o leve tremor que havia tomado conta de seu corpo no instante em entrou no quarto. Teria Gaston percebido seu movimento quando devolveu a mensagem a Will? Por que não a questionara na ocasião? Desesperada para manter a calma, disse a si mesma que ninguém vira coisa alguma.

Mesmo assim, não se atreveria a fitar Gaston nos olhos. Ele poderia, com facilidade, ler neles a culpa que a atormentava.

Hubert releu a carta de cenho franzido c, então, estendeu-a para o irmão.

— Já tomou uma decisão? — Gaston perguntou, passando os olhos pelo papel.

— Devo ir a Brentwood — Hubert respondeu. Levantou-se e inclinou-se por sobre o ombro do outro, avaliando a mensagem mais uma vez. — A situação exige que eu cuide disso pessoalmente.

Isso não representava um perigo real para seus parentes, pensou Rose aliviada. Conhecendo a região como a palma da mão, Robert não encontraria dificuldade em permanecer fora do alcance de Hubert. Assim, não havia a ameaça de perigo imediato. Demoraria ainda algum tempo para que os normandos conhecessem a área rural o bastante para capturar seu teimoso primo.

O que mais preocupava Rose eram as privações da vida na floresta. Por quanto tempo Elspith e a tia Íris resistiriam? Na verdade, Rose arquitetara um plano, mas teria de esperar que Will levasse seu recado a Robert. Sua única chance de convencer o primo era encontrar-se frente a frente com ele.

Alerta e cuidadosa, exibiu uma expressão indiferente quando Hubert ergueu os olhos para fitá-la. Depois de observá-la com atenção por alguns instantes, ele falou:

— Lady Rose, poderia providenciar comida para mim e mais catorze dos meus homens? Ficaremos fora por vários dias.

Uma onda de alívio varreu o corpo tenso de Rose. Eles não sabiam que ela havia lido a mensagem.

— Claro, meu senhor — respondeu, inclinando-se ligeiramente em sinal de respeito e reverência.

Com um aceno de cabeça distraído, Hubert dispensou-a, e ela virou-se para sair.

— Vários dias? — Rose ouviu Gaston perguntar contrariado, enquanto ela se regozijava com a idéia de passar algum tempo longe de Hubert. — Acha sensato que tantos homens fiquem ausentes por um período tão longo?

Ela diminuiu o passo. Virando a cabeça, olhou para os dois homens, rezando para que Gaston não tentasse convencer Hubert a ficar em Carlisle. Tranqüilizou-se ao deparar com a expressão determinada no rosto do mais velho.

Como sempre, Hubert faria o que achasse melhor. Pela primeira vez, Rose não conseguiu encontrar defeitos a criticar na atitude obstinada do futuro marido.

Apressando-se, tratou de sair para o pátio, à procura de Maida. A cozinheira seria indispensável nos preparativos para a viagem dos cavaleiros.

Assim que Rose saiu, Hubert virou-se para o irmão.

— Você não vai comigo, Gaston.

Gaston ergueu uma das sobrancelhas, torcendo os lábios numa expressão de ironia. Embora soubesse que a acusação que Rose lhe fizera pela manhã não continha a menor sombra da verdade, as maneiras de Hubert o exasperavam. Quando falou, sua voz soou ácida e agressiva:

— Não vou com você? Desde quando você decide onde eu vou eu deixo de ir?

Hubert fitou-o com olhar surpreso.

— Não tive a intenção de lhe dar uma ordem. Estou apenas pensando no plano mais prático.

Sentindo-se ridículo por haver se ofendido, Gaston não respondeu. Afinal, estava cansado de conhecer a maneira franca e direta de Hubert dizer as coisas. Ambos sabiam que o irmão mais novo era livre para ir e vir conforme o seu desejo. A verdade era que Gaston não queria ficar sozinho com Rose.

Desde sua chegada a Carlisle, havia se entregado ao trabalho incessante, na expectativa de que a atividade excessiva o livrasse dos sonhos com a figura

nebulosa, coberta apenas pela espessa massa de cabelos castanho-avermelhados. Poderia tratar-se de qualquer mulher de cabelos longos e avermelhados, não fossem os olhos grandes e verdes como jade, delineados por pestanas longas e curvas. Não, aqueles eram os olhos da senhora de Carlisle. E o brilho encantador que eles possuíam fazia com que o sangue corresse mais depressa em suas veias.

Ate mesmo naquele instante, teve de fazer força para concentrar-se no que Hubert dizia, pois a simples lembrança da imagem erótica de seus sonhos o atordoava.

— Estou convencido de que nossos propósitos seriam mais bem servidos se você permanecesse em Carlisle. — Hubert fez unia pausa, então continuou: — Não confio naquela mulherzinha. E inteligente demais para o meu gosto. Não acho sensato deixá-la por muito tempo sem a devida supervisão.

— Pelo amor de Deus! — Gaston exclamou, deixando que a raiva mascarasse os sentimentos que o invadiram. Cerrou os punhos, decidido a não ficar em Carlisle, custasse o que custasse. — Ela administrava o feudo inteiro até chegarmos, há uma semana. Tenho certeza de que cuidaria muito bem da propriedade durante a sua ausência.

Hubert interpretou a reação do irmão de maneira errônea, e tentou acalmá-lo.

— Eu sei que não fazia parte dos seus planos assumir a posição de lorde. Se fosse assim, você teria aceitado a recompensa que William lhe ofereceu, assim como eu fiz. E sei muito bem que lady Rose é perfeitamente capaz de administrar o feudo. Apenas não quero que pense que lhe será outorgada a autoridade que ela já teve um dia. Pelo que o conselheiro Alfred me disse, ela fazia mais do que se poderia esperar de uma mulher. Saiba que a delicada lady Rose está apta a nos dar um relatório completo de cada item produzido em Carlisle. Não fosse o medo das represálias que seu povo possa sofrer, eu não confiaria na comida que ela nos serve à mesa. A aparência de mocinha frágil e indefesa é enganosa, acredite no que estou lhe dizendo. — Hubert encerrou seu discurso com um olhar significativo para Gaston.

— Você pode ter razão, Hubert, mas eu não tenho a menor intenção de ficar aqui, bancando a ama-seca para uma mulher. Posso ir a Brentwood em

seu lugar. Afinal de contas, ela é sua noiva. — Os músculos de sua face doeram pelo esforço que lhe custou pronunciar as palavras com naturalidade.

Não podia ficar sozinho com Rose de Carlisle, nem por uma semana, nem por um dia. Sentia-se suscetível demais à mágica que ela exercia sobre seus sentimentos e emoções. Tudo o que Rose precisava fazer era olhar para ele, e o sangue lhe fervia nas veias, ameaçando seu autocontrole.

Hubert sacudiu a cabeça.

— Devo encontrar eu mesmo esses rebeldes. Eles têm de saber que não sou o tipo de homem que se esconde em casa, enquanto outros defendem o seu patrimônio.

— Não acha que o resultado seria o mesmo se eu trouxesse os culpados, vivos, para que você os castigasse aqui? — Gaston insistiu, tentando parecer razoável.

— Não seria a mesma coisa — Hubert recusou a idéia, dando um murro na parede. — Além disso — sua voz adquiriu um tom melancólico —, ficarei amarrado a estas terras pelo resto de minha vida. Quando você se cansar de bancar o lorde por aqui, estará livre para ir onde quiser.

Gaston suspirou. Não lhe parecia justo sacrificar-se a fim de que o irmão dispusesse de tempo para se despedir da liberdade da vida de soldado. Se não estivesse tão perturbado, teria achado a situação engraçada. Hubert estava se esquivando da vida doméstica, que tanto desejara, enquanto ele, Gaston, que sempre prezara sua liberdade acima de tudo, só podia invejara sorte do irmão mais velho. Tentou ainda mais uma vez:

— Deixe um dos cavaleiros para tomar conta do feudo.

— Quem? — Hubert perguntou, irritado. — Pierre está em Brentwood, Gerard, em Mayhill. Além do mais, você é o mais capacitado para a construção dos muros. Lembre-se de que o próprio William sugeriu que começássemos a trabalhar de imediato, caso as fortificações do feudo não se mostrassem seguras. De minha parte, posso garantir que não me sinto nem um pouco protegido dentro deste Casebre de madeira e gesso, sabendo que há inimigos lá fora. A única precaução sensata tomada pelo antigo lorde de Carlisle foi a construção de um túnel subterrâneo, nos fundos da paliçada. — Nesse ponto, Hubert soltou uma sonora gargalhada. — Assim eles podiam, ao menos, fugir.

Embora detestasse a arrogância de Hubert, Gaston não fez qualquer comentário. Se pretendia continuar a resistir aos planos do irmão, teria de apresentar argumentos mais fortes que os utilizados até então.

Em outras circunstâncias, ficaria no feudo de boa vontade. A semana vivida em Carlisle o ensinara que se adaptaria com facilidade à vida doméstica. As mudanças que haviam operado ali enchiam-no de prazer genuíno.

No entanto, a satisfação com o trabalho desvanecia quando ele analisava os riscos de seu desejo crescente por Rose.

Endireitou os ombros largos. Não se deixaria derrotar por uma banalidade como a atração por uma mulher bonita. Ignorou a revolta de seu coração pelo uso de um termo tão simples para descrever seus sentimentos por Rose.

O que Hubert estava lhe pedindo era bastante lógico. Seria ele o responsável pela manutenção da autoridade quando Gaston partisse. Mesmo reconhecendo a sensatez da decisão do irmão, foi com relutância que assentiu, olhando diretamente em seus olhos penetrantes.

Quando Hubert, visivelmente satisfeito, deu-lhe um amigável tapinha nas costas, Gaston tentou convencer a si mesmo de que a tarefa não seria tão difícil. Só teria de evitar encontrar-se com Rose. E, afinal, Carlisle era um feudo bastante espaçoso.

CAPÍTULO III

Rose cambaleou ao chegar à porta do salão principal. Todos os residentes de Carlisle encontravam reunidos ali para o jantar.

Desde o dia anterior, quando Hubert lhe dera instruções sobre os preparativos para sua viagem, ela não tivera tempo para mais nada, nem mesmo para comer. Na verdade, entregara-se ao trabalho de corpo e alma, ansiosa pela partida do odiado futuro marido. Não correria o risco de que algo o atrasasse. Na impaciência de chegar logo a Brentwood, ele e seus homens haviam partido antes. As carroças de provisões deveriam seguir mais tarde. Em vez de passar mais uma noite no feudo, o normando decidiu instalar-se nas terras ocupadas pelos saqueadores.

O aroma apetitoso de ensopado de carne e pão fresco, somado à dor de estômago que sentia, levaram-na a decidir-se com rapidez. Dirigindo-se a um banco colocado diante de uma das mesas de cavalete, sentou-se e descansou um pouco.

O burburinho de conversas incessantes enchia o ar. Rose notou que os vassalos mostravam-se mais alegres do que pareciam estar nos últimos dias. Sem dúvida, todos haviam ficado aliviados pela ausência de Hubert, assim como ela.

Apesar de ter se sentido contente com a partida do novo lorde, os eventos que se seguiram ao longo do dia minaram-lhe a alegria. Pouco depois de Hubert atravessar os portões, deixando-a com sensação de leveza e satisfação, as coisas começaram a dar errado. A geléia havia passado do ponto, tornando-se dura demais para o consumo. Um cachorro virará um tacho cheio de lã que estava sendo tingida. Para encerrar, Maida encontrara larvas em um barril de farinha.

Embora se sentisse cansada, faminta e desanimada, Rose vasculhou o salão com os olhos, num misto de desejo e desespero. Se fosse honesta consigo mesma, teria de admitir que a maior parte de sua relutância em entrar no salão devia-se ao fato de saber que Gaston estaria lá.

As responsabilidades do dia haviam mantido cada um deles ocupado com tarefas diferentes: ela na cozinha, orientando criadas e cozinheiras, ele na construção do muro de pedra que substituiria a paliçada. Mas, como ela bem sabia, o trabalho não os manteria afastados para sempre.

Passou a mão pela saia de lã macia e baixou os olhos para as próprias roupas. O vestido lilás e a túnica branca estavam entre seus melhores trajes. Como estivesse exausta ao encerrar as atividades do dia, justificara a escolha dizendo-se que roupas limpas a fariam sentir-se melhor. Deixou escapar um suspiro profundo. Não fazia sentido enganar-se. Jamais lhe ocorrera usar aquele traje para jantar ao lado de Hubert.

Rose amaldiçoou - se. Não devia ter ido até o salão. O cansaço a tornava vulnerável, e ela não dispunha da energia necessária para lutar contra a fascinação que o elegante cavaleiro exercia sobre ela.

Quando Hubert estava presente, insistia para que ela se sentasse ao seu lado e partilhasse seu prato, segundo o costume normando. Até então, Rose não se opusera ao desejo do futuro marido, uma vez que sentar-se à mesa junto aos outros homens dava-lhe a oportunidade de ouvir suas conversas sem ser notada. E, como as conversas à mesa sempre giravam em torno de Carlisle e seu povo, ela ficara contente em obedecer as vontades do noivo.

Agora que Hubert partira, ela poderia voltar a fazer as refeições com as mulheres, como era costume entre os saxões.

O som de vozes masculinas chamou sua atenção e ela ficou imóvel. Ao avistar Gaston liderando um grupo de homens que entrava no salão, não conseguiu desviar os olhos. Enquanto falava, ele fazia gestos largos com as mãos, enfatizando suas palavras. Os cabelos negros apresentavam-se revoltos e uma mecha em forma de caracol enfeitava-lhe a testa. Era tão alto que, além de se destacar do grupo, seus ombros eram duas vezes mais largos que dos demais cavaleiros. Ainda assim, nenhum de seus companheiros se igualava a ele na graça e leveza de movimentos.

Rose fechou os olhos, como se pudesse afastá-lo com esse gesto, dizendo a si mesma que ele era um normando. Porém, mesmo detestando-o por ser ele quem era, uma força desconhecida dentro dela impôs a consciência, terrível e maravilhosa ao mesmo tempo, da presença máscula e irresistível.

Desejou que os olhos cinzentos e claros se virassem para ela, fitando-a como naquela primeira manhã, enxergando dentro dela e encontrando o ponto onde ela era somente mulher. Embora aquele momento houvesse passado muito depressa, sua intensidade provocara mudanças irreversíveis em seus sentimentos.

Mais uma vez, descobriu-se incapaz desviar os olhos quando ele atravessou o salão, a túnica curta deixando à mostra os músculos fortes das pernas bem torneadas. Era confiante e seguro de si, apesar de não ser arrogante e vaidoso como Hubert. Ora, se tenho de casar com um normando, ela pensou desesperada, por que não pode ser este?

Rose sobressaltou-se com o caminho traiçoeiro dos próprios pensamentos. Que diferença fazia a qual dos dois deveria pertencer? Um não era melhor que o outro. Ambos eram guerreiros, que só se importavam com os lucros de suas vitórias.

Não podia esquecer-se, nem por um instante, a quem sua lealdade pertencia. Seu pai, um homem sábio, corajoso e nobre estava morto por culpa dos invasores. Havia ensinado aos filhos a importância de uma vida honrada. Ele deveria ser o modelo para seu julgamento de todos os outros homens. Jamais poderia esquecer-se disso.

Nesse momento, Gaston atirou a cabeça para trás numa gargalhada sonora. O som profundo e agradável provocou vibrações de prazer por todo o corpo de Rose. Ao mesmo tempo em que sua mente reconhecia a voz de Gaston, seu coração batia mais forte, reagindo à proximidade dele.

Observou-o dirigir-se à mesa principal, acompanhado por sir Jean e sir Eustace, dois dos três cavaleiros que Hubert havia deixado em Carlisle. Os homens continuaram a conversa animada enquanto tomavam seus lugares, Gaston ocupando a cadeira de Hubert.

Dando-se conta de que a posição de imobilidade que assumira chamaria a atenção dos presentes, Rose começou a caminhar em direção à mesa das mulheres.

— Lady Rose?

Não havia como confundir a voz grave de Gaston. Resignada, Rose parou e respondeu sem virar-se:

— Pois não, sir Gaston.

— Não vai nos acompanhar no jantar?

— Pensei em deixá-lo à vontade, em companhia de seus amigos — ela explicou em voz baixa e suave, virando-se para encará-lo.

Ele estava tão perto que ela teve de inclinar a cabeça para trás. Perturbada, recuou um passo e perguntou-se como ele conseguira aproximar-se com tanta rapidez, sem que ela o notasse. Seus olhos pousaram por um momento sobre o peito largo, apreciando os pelos negros que se insinuavam pela abertura da túnica. Ao sentir-se corar, desviou o olhar.

— Ficaríamos honrados com sua presença — ele falou com naturalidade. Embora as palavras traduzissem cortesia, os olhos cinzentos a observavam com brilho frio.

Rose notou que os demais haviam se sentado e esperavam que ela e Gaston tomassem seus lugares. Decidiu que aquele não era o momento, com tantos olhos atentos sobre eles, de desafiar o pedido do futuro cunhado.

Com um leve aceno de cabeça, falou:

— Aceito o seu convite, sir Gaston. É muito gentil. Ele sorriu com cavalheirismo, sem fitá-la nos olhos.

— Sinto-me honrado com sua companhia.

Rose virou-se e dirigiu-se à mesa, sentindo que todos os observavam enquanto atravessavam o salão. Manteve as costas eretas e a cabeça erguida, pois não queria que ninguém percebesse o conflito que a perturbava. Não fazia idéia de como conseguiria comer com Gaston a seu lado.

Sentou-se na cadeira ao lado do assento de Hubert, consciente de que não era ele quem ocupava o lugar de costume.

Gaston cortou uma fatia de pão com sua faca. Com movimentos hábeis, recheou-a de ensopado. Então, reclinou-se na cadeira e, como mandava a etiqueta, esperou que Rose se servisse.

Ela estendeu a mão e, fazendo uso da pequena faca que usava nas refeições, cortou um pequeno pedaço de carne e levou-o à boca. O ensopado estava delicioso, temperado com ervas de sua própria horta. Mesmo assim, a fome que a abandonara no instante em que Gaston entrara no salão não voltou a se manifestar. O cansaço dera lugar ao nervosismo e ela se sentia

vibrar de energia e ansiedade.

Em sua agitação, não se deu conta do esforço de Gaston era não tocá-la enquanto comiam.

Toda vez que ele se virava para fitá-la, era envolvido pelo perfume de flores silvestres que ela exalava. E já começava a duvidar da sensatez de sua insistência em que ela lhe fizesse companhia durante o jantar, como seria do agrado de Hubert, quando pousou os olhos em seus cabelos. Como brilhavam em contato com a tonalidade lilás da túnica! O desejo de tocá-los provocou-lhe uma onda de calor, fazendo-o transpirar.

Uma serva aproximou-se, trazendo dois jarros de vinho. Rose serviu-se do menor, que continha vinho misturado com água. Afinal, precisava de todos os sentidos em alerta para terminar a refeição sem incidentes.

Gaston apanhou o jarro maior e colocou diante de seu prato, ignorando o olhar surpreso da serva, que não se demorou em providenciar outros jarros para a mesa.

Nas noites anteriores, sir Gaston mostrara-se moderado com a bebida, ao contrário de outros cavaleiros normandos.

Sir Eustace e sir Jean explodiram em gargalhadas e gritaram para a serva se apressar. Então, ridicularizaram Gaston pela grosseria de tomar tudo para si.

— Não se esqueça que tem muito trabalho a fazer na construção do muro, amanhã pela manhã — sir Eustace advertiu com uma piscadela.

Gaston dirigiu um olhar calmo para o amigo.

— Provarei que jamais falto com minhas responsabilidades. Já bebi muito mais que isso — apontou para o jarro — e não deixei de cumprir com minhas obrigações. Nenhum de vocês já me viu ser carregado a bordo de um navio por estar bêbado demais para poder andar. — Acenou na direção de sir Eustace com um sorriso acusador.

Sir Eustace ficou vermelho como um pimentão, enquanto sir Jean abandonava-se em outra explosão de gargalhadas, dando-lhe um tapinha nas costas.

— Ele está falando da última noite que passamos em Saint Valcry — Jean explicou e apontou para Gaston antes de continuar: — Você só não acabou

bêbado como todos nós porque ficou com pena da filha do prefeito e decidiu aceitar a oferta dela de... — ergueu a voz e pestanejou, a fim de reforçar o efeito da declaração — de confortar um bravo cavaleiro que poderia morrer em batalha.

O sorriso morreu nos lábios de Gaston e ele fitou os camaradas com expressão irada. Então, foi a vez de Eustace cair na risada.

Quando sir Jean dera início a sua narrativa, Rose virou-se imediatamente para Gaston, a fim de avaliar sua reação. As feições dele exibiam o intenso embaraço provocado pela história do amigo. Ela experimentou imensa satisfação por ver Gaston sem jeito. Ele parecia sempre tão dono de si, enquanto ela só precisava chegar perto dele para esquecer-se de tudo, ate mesmo que ele era seu inimigo.

Mas quando sir Jean continuou a falar da filha do prefeito, seu prazer desapareceu e ela franziu o cenho cm desagrado. O que significava aquela história de sentir pena da moça? Estaria Gaston tão habituado a receber atenções femininas, que já não se importava mais com elas?

Sentiu-se corar e baixou os olhos quando Gaston virou-se para cia. Não seria capaz de encará-lo naquele instante. Temeu que ele a visse da mesma maneira, como mais uma das tantas mulheres que se atiravam em seus braços. Cerrou os punhos e os dentes, tentando conter a vergonha que a assolava. Como podia ser tão tola?

Ao mesmo tempo em que sentiu a garganta seca, os olhos começaram a arder pelas lágrimas contidas. Estendeu a mão para apanhar o copo de vinho, torcendo para que a bebida lhe restituísse um pouco de calma.

Gaston escolheu aquele mesmo momento para espetar um pedaço de carne com sua faca e suas mãos se tocaram de leve, por uma curta fração de segundo.

Rose encolheu-se. A pele firme e quente da mão dele deixou um círculo invisível de calor sobre a sua. Uma sensação de estranha languidez apoderou-se de seu corpo mas, ao invés de acalmá-la, tornou-a ainda mais agitada. Depois de inspirar profundamente, ergueu os olhos a fim de verificar se Gaston percebera seu desconforto.

Quando seus olhares se encontraram, ela teve uma surpresa. Os olhos

cinzentos não estavam mais frios. Ao contrário, exibiam um brilho quente e intenso, como se fossem aquecidos por uma imensa fogueira invisível. O desejo que eles traduziam fez seu coração acelerar as batidas e o sangue ferver em suas veias. O impulso de tocá-lo era quase irresistível. Rose estendeu a mão na direção do rosto de Gaston, os dedos curvados num pedido silencioso.

Percebendo-lhe a intenção, Gaston mexeu o braço, bloqueando-lhe o movimento. Estendeu a mão para o prato de carne, como se nada de anormal estivesse acontecendo. Jamais permitiria que ela revelasse seus sentimentos a ninguém, senão ele mesmo. Se Hubert viesse a pensar que Rose o traía, não teria piedade.

O olhar de Gaston transmitiu-lhe a mensagem de que contivesse seus impulsos.

Rose piscou e afastou-se, cruzando as mãos sobre o ventre. Passou a língua pelos lábios ressecados e respirou fundo a fim de acalmar as batidas de seu coração.

Mais uma vez, como naquele primeiro dia em que Gaston a amparara depois de Hubert esbofeteá-la, ele a salvara de cometer um ato impensado.

Rose arriscou um olhar rápido na direção de sir Jean e sir Eustace. Os dois ainda contavam histórias do tempo que haviam passado na costa da Normandia, antes da invasão da Inglaterra. Nenhum deles se dera conta do que se passara entre ela e Gaston. Ela cerrou os olhos por um instante, ainda sentindo-se envergonhada.

Como se nada houvesse acontecido, Gaston voltou a falar com os companheiros, acrescentando suas histórias às deles. Rose ficou perplexa ao constatar a facilidade com que ele se envolveu na conversa amena, enquanto ela ainda lutava para controlar as emoções.

Mas, agora, Rose sabia que, por mais que escondesse seus sentimentos, Gaston não era indiferente a seus encantos, como ela havia imaginado. O fato de saber disso não a fez sentir-se melhor. Ao contrário, agora seria mais difícil disfarçar o que sentia por ele.

Não saberia dizer, afinal, que sentimentos eram aqueles que Gaston lhe despertava. Não podia nomeá-los ou identificá-los. Odiava-o, como seria de se

esperar, por ele ser um normando. Por outro lado, esse ódio não exercia o menor efeito sobre as reações descontroladas que ele provocava.

Dali por diante, o jantar transcorreu como num sonho nebuloso. O cansaço tomou conta de Rose, deixando-a entorpecida. Sentia-se maravilhosamente bem, ao mesmo tempo que desesperada, quando se encontrava ao lado de Gaston de Thorne.

Não pôde deixar de comparar sua vida de agora, com a última primavera. Se ainda vivesse naqueles tempos, ficaria no salão até tarde, ansiosa por ouvir mais e mais histórias de guerras, lendas sobre os heróis saxões, que haviam lutado até a morte por seu povo. Se tivessem sorte, um bardo pediria abrigo para a noite e os encantaria com sua música. Tais noites eram consideradas especiais e todos as guardavam na lembrança, para contar muitas e muitas vezes, recordando as canções maravilhosas do menestrel. Se Rose ficava sonolenta, Edmund estava sempre a seu lado para oferecer-lhe um ombro forte onde repousar. Ah, o querido Edmund... Como sentia a sua falta!

Aqueles dias se foram, pensou ela desolada. Os normandos haviam lhe tirado tudo o que mais amava e, isto, ela não poderia esquecer ou perdoar, mesmo que um par de olhos cinzentos e expressivos fizessem seu coração bater descompassado. Devia muito do que era agora à memória daqueles tempos passados. Devia endurecer seu coração contra os normandos, especialmente contra aquele que a despertara para a realidade de ser mulher.

CAPÍTULO IV

Gaston ergueu-se e estendeu os braços acima da cabeça. Seus ombros estavam rígidos e doloridos pelo esforço de suspender os enormes blocos de pedra que formariam a base da nova muralha.

Olhou para o sol e calculou que a hora do almoço se aproximava. Fez uma careta ao sentir o estômago contorcer-se e roncar. Estava com fome.

Um sorriso irônico modificou-lhe as feições. O que os homens que trabalhavam sob seu comando diriam se soubessem que ele ficava tenso e aflito só de pensar que dentro de pouco tempo teria de dirigir-se ao salão para partilhar a refeição com os demais? E se soubessem que sua aflição se devia a uma mulher? Gaston sacudiu a cabeça, desolado com a covardia que havia tomado conta dele. Não saberia explicar o que mudara dentro do guerreiro corajoso que enfrentara os mais temidos inimigos, sem jamais se esquivar à luta.

Seus conhecimentos de arquitetura o prendiam ao feudo — e a Rose. Se, ao menos, sua mãe não o houvesse mandado para o mosteiro a fim de estudar para ser padre, ele não se encontraria nessa situação delicada. Ainda garoto, vivendo entre frades, interessara-se por construção. Quando suas aptidões para o desenho e planejamento foram descobertas, passou a ter aulas sobre a matéria com o diretor do mosteiro, padre Rudolfo. Gaston desenvolvia-se muito bem, seguindo a orientação do velho padre, até dar-se conta de que o rosto bonito e as maneiras reservadas tornavam-no bastante atraente para a maioria das mulheres.

A essa altura, Gaston tinha apenas quinze anos, e já não era santo. Descobriu-se incapaz de resistir ao que as mulheres ao seu redor pareciam ansiosas por lhe dar. Quando a esposa de um conde residente nas imediações do mosteiro ofereceu-se a Gaston de corpo e alma, ele não encontrou forças para rejeitá-la.

No momento em que o envolvimento pecaminoso veio à tona, padre Rudolfo concluiu que o jovem não se adequaria à vida austera e erudita de um

monge.

Assim, Gaston foi mandado de volta às terras da família, onde aperfeiçoou sua perícia no uso das armas e nas artes da guerra.

Durante os anos que passaram, ele jamais se arrependeu por não dar prosseguimento aos estudos para ser padre. Gostava demais do mundo e dos prazeres que este lhe proporcionava, e não seria capaz de renunciar à vida livre de soldado.

Agora, havia no mundo um prazer especial que o intrigava: Rose de Carlisle. Não conseguia encontrar nela o menor sinal da artificialidade tão comum à maioria das mulheres que conhecera. Era fácil ler em seus olhos o que sentia, fosse bom ou ruim.

Abaixando-se, entregou-se mais uma vez à tarefa que havia imposto a si mesmo. Nada o obrigava a trabalhar entre os outros homens, carregando pedras. Sua posição assegurava-lhe o direito de simplesmente distribuir e supervisionar as incumbências de cada um. Porém, o esforço físico ajudava-o a impedir que os pensamentos voassem à procura dos lindos e enormes olhos verdes que o perseguiam em sonhos.

Apanhou um bloco de pedra de cima da carroça e carregou-o até a pilha próxima aos pedreiros, que trabalhavam incessantemente.

Cometera um grande erro na noite anterior. Sua insistência para que Rose jantasse junto a ele e aos demais cavaleiros tinha uma única finalidade: satisfazer o desejo de Hubert, de que ela se habituassem logo aos costumes normandos. Tivera o cuidado de não se permitir qualquer demonstração do quanto a proximidade dela o abalava.

O simples toque casual de suas mãos fora suficiente para fazê-lo perder o domínio sobre os sentimentos. Aquele fora o momento mais difícil da noite. Tivera de fazer uso de toda a força de vontade para manter as feições impassíveis e controlar o impulso insano de tomá-la nos braços.

Sacudiu a cabeça mais uma vez, tentando concentrar-se no trabalho. Tudo o que podia fazer era torcer para que Hubert não se demorasse a voltar. Mesmo uns poucos dias sozinho com lady Rose seria um teste cruel e torturante de seu autocontrole.

-Sir Gaston! — chamou uma voz estridente.

Ele endireitou o corpo e protegeu os olhos com a mão, a fim de enxergar quem o chamava sob o sol claro da primavera. Um garoto de pouca idade e pernas grossas corria a toda velocidade, descendo o pequeno morro sobre o qual repousavam as construções principais de Carlisle. As faces redondas estavam coradas e ele ofegava pelo esforço.

Quando a criança se aproximou, Gaston não pôde reprimir um sorriso.

O que aconteceu, garoto?

Interrompendo a corrida desabalada, o menino informou com voz entrecortada:

— Lady Rose me mandou buscá-lo, sir.

Ao ver o sorriso de Gaston desaparecer à medida que ele franzia o cenho, o garoto começou a torcer a ponta da túnica entre as mãozinhas gorduchas.

Percebendo que a carranca provocara imensa apreensão na criança, Gaston tratou de suavizar a expressão. Não tinha motivos para assustar o pobre mensageiro. Estendeu a mão e afagou os cabelos loiros e despenteados, antes de voltar a falar.

— E, por acaso, a sua lady mencionou o motivo pelo qual requer a minha presença?

O menino despejou as palavras, dando vazão ao nervosismo:

— Daniel, o fazendeiro, trouxe sua filha Evclyn... Acho que ele está muito bravo. — Calou-se, então, temeroso de entrar em assuntos que não compreendia muito bem.

Por que Rose o incomodaria com questões triviais? Gaston soltou um bramido de exasperação ao saltar por sobre os alicerces da nova muralha.

À medida que subia o morro, sentiu a irritação diminuir gradativamente. Lady Rose agira corretamente ao mandar chamá-lo. Hubert mostrava-se inflexível na opinião de que o povo deveria habituar-se a recorrer a ele ou a Gaston, para o que fosse necessário. Constatando que Rose transferia a responsabilidade de uma decisão a Gaston, na próxima vez que o fazendeiro tivesse de procurar alguém, trataria de se dirigir a Hubert ou ao irmão.

Quando chegou aos portões, Gaston já se sentia bastante tolerante em relação a Rose. Ao mesmo tempo, estava surpreso pelo fato de que ela aceitara com tanta facilidade sua nova posição. Desde aquele primeiro dia, ela

havia mostrado apenas alguns raros e leves lampejos da mulher que desafiara Hubert com tanta coragem. Gaston calculara que seu espírito fosse mais forte. Parecia que ela estava pronta para se transformar no tipo de esposa que seu meio-irmão desejava.

Assim que atravessou a entrada do salão principal, Gaston percebeu que havia algo muito errado. O burburinho usual dera lugar ao mais absoluto silêncio e os servos encontravam-se alinhados em torno do grande aposento, como lobos ao redor de um acampamento noturno. Todos olhavam fixamente para as três pessoas reunidas no centro do salão. No mesmo instante, Gaston fitou apreensivo.

Rose deu as costas aos outros dois e encaminhou-se pára ele. Como sempre, a beleza de suas feições atingiu-o como um golpe no peito, deixando-o sem fala por alguns segundos. Preocupado, Gaston notou a palidez e a tensão que obscureciam seu semblante. Rose manteve os olhos baixos ao se aproximar. A trança que pendia da nuca passava por cima de um dos ombros, e ela torcia o laço em sua extremidade com dedos nervosos e trêmulos.

Gaston forçou-se a concentrar a atenção no casal com o qual Rose estivera conversando. Sem olhar para ela, perguntou:

— Por que mandou me chamar, lady Rose?

O homem era alto e corpulento, com uma barba grisalha a cobrir-lhe a maior parte do rosto. Os olhos escuros observavam o cavaleiro normando com ódio mal disfarçado. Gaston desviou o olhar para a moça parada a seu lado. Usava um vestido simples e surrado, além de um tanto justo chamando a atenção para as curvas sinuosas dos seios e dos quadris. O capuz do manto encontrava-se puxado sobre a cabeça, impedindo que Gaston pudesse ver seu rosto com clareza.

Voltou a concentrar-se cm Rose no momento cm que ela ergueu os olhos para fitá-lo. Viu, então, seu ar de reprovação. Ela apontou na direção do casal e falou em tom de profunda censura:

— Daniel trouxe sua filha até aqui, para exigir satisfações de um de seus... um dos soldados de Hubert.

Irritado com o tom da declaração, Gaston empertigou-se. No entanto, como ela continuasse a fitá-lo com ar de desprezo e repulsa, como se ele fosse

alguma criatura peçonhenta, recém saída do pântano, ele logo sentiu uma forte vontade de rir. O fato de deixar-se fascinar por sua presença tornava-o mais alerta para a animosidade que, no momento, ela não se esforçava para esconder. E ali eslava o brilho da mulher forte e corajosa que o conquistara desde o primeiro instante. Controlando a expressão, de modo a demonstrar nada mais que um genuíno interesse, Gaston virou-se para o homem e perguntou com objetividade:

— No que posso ajudá-lo?

O fazendeiro olhou para Rose que, com um gesto da cabeça, indicou-lhe que deveria expor seu problema a Gaston. Daniel encheu os pulmões de ar e, sem seguida, falou:

— Trata-se de minha filha, Evclyn. — Tomando o braço da moça entre as mãos, forçou-a a aproximar-se de Gaston, para que ele pudesse ver-lhe o rosto. O capuz escorregou para trás, revelando um rosto adorável, circundado por uma aura de cachos dourados. As feições de Daniel assumiram ares de censura e reprovação quando ele olhou para a filha. — Encontrei-a no celeiro, com um normando.

Gaston sorriu devagar, relaxando a postura tensa que o dominar até aquele momento.

— E o que deseja que eu faça, senhor? Parece que as coisas por aqui estão evoluindo com rapidez, mesmo sem minha interferência. Até mesmo um normando encontraria dificuldades em resistir a uma beleza tão encantadora como a de sua filha.

Rose emitiu um som abafado de indignação.

Embora não pretendesse ser rude, Gaston não tinha a menor intenção de levar o assunto muito a sério. Não permitiria que aquele incidente servisse para criar maior animosidade entre normandos e saxões. Hubert proibira terminantemente que seus homens tivessem relações com qualquer mulher contra a vontade da mesma. Todos sabiam disso. Se Daniel fora até ali com o intuito de incitar o povo de Carlisle contra os normandos, para vingar a indiscrição cometida por sua filha, então Gaston devia encerrar o assunto o mais depressa possível.

Esfregou uma das mãos no queixo durante alguns minutos, como se

refletisse sobre o que acabara de ouvir. Então falou:

— O senhor deve saber que meu irmão ordenou punições severas para qualquer homem que fosse apanhado violentando uma mulher dentro de seus domínios. Essa lei não se aplica aos casos em que a mulher em questão se entregue de livre e espontânea vontade.

Os olhos de Daniel brilhavam de raiva.

— O homem fugiu antes que eu pudesse ver seu rosto, e a menina se recusa a falar. Até já lhe dei uma surra, mas ela não quer dizer o nome do sujeito.

Rose decidiu intervir na conversa, com frieza e determinação:

— Segundo as leis saxãs, esse homem seria obrigado a pagar o valor do dote ao pai da noiva, mesmo que Evelyn houvesse desejado o que houve entre os dois.

Gaston fitou-a com calma e tranqüilidade.

— As leis saxãs não são mais obedecidas por aqui. — Sentiu um prazer secreto ao ver os olhos verdes reluzirem diante da lembrança inoportuna. Virando-se para a moça cabisbaixa, chamou: — Evelyn?

Ela ergueu a cabeça, os belos olhos azuis marejados de lágrimas.— Pois não, meu senhor.

— Gostaria de conversar um pouco com você — falou com decisão, embora usasse um tom suave e protetor. Ao mesmo tempo, tomou-lhe o braço e puxou-a com gentileza para um canto do salão.

No momento em que viu Gaston pousar os olhos nas curvas provocantes, bem como no rosto perfeito de Evelyn, Rose soube que ele a desejava. Afinal, não fora o que dera a entender, ao dizer que homem algum resistiria a tamanha beleza? Estaria contando com a possibilidade de Evelyn aceitá-lo com a mesma facilidade com que aceitara o outro amante normando? Era petulância demais para um homem só, pensou Rose furiosa. Como pudera deixar-se atrair por ele? Era tão perverso e corrompido quanto todos os outros normandos! E ainda mais vil, uma vez que a levava a acreditar que ele era diferente, mais sensível, mais cavalheiro...

Olhou para onde Gaston conversava com Evelyn. Sentiu um gosto amargo na boca ao deparar com a cena inesperada: Gaston segurava a mão de Evelyn

e lhe falava com intimidade, olhando-a nos olhos, com um sorriso sedutor. Então, pensou, é de olhos azuis que ele gosta! Com a outra mão, afagava-lhe o ombro com gentileza e ternura. Por Deus, por que ele tinha de insinuar-se para a garota bem ali, diante de todos?

Para Rose, não havia dúvidas de que Gaston aceitaria de bom grado tornar-se o próximo amante de Evelyn.

E Evelyn, a descarada, não era capaz de perceber que fazia o papel de tola? Não possuía sequer o bom senso para evitar o assédio de Gaston, ao menos enquanto estivessem no salão, diante dos servos e, pior, do próprio pai?

Rose respirou fundo e desviou os olhos. Não suportaria, nem por mais um segundo, assistir à cena que se desenrolava sob o seu teto. Concentrou a atenção em uma pequena rachadura no teto.

— Lady Rose, acredita que sir Gaston consiga convencê-la a dar o nome do homem? — Daniel perguntou, trazendo-a de volta à realidade.

— Eu... eu não sei, Daniel. — Em sua raiva desmedida, havia se esquecido da presença do fazendeiro. Virou-se para fitar-lhe os olhos cheios de apreensão. Para sua surpresa, constatou que a única preocupação do pai ultrajado era a possibilidade da filha continuar a se recusar em dizer o nome do soldado com quem estivera se encontrando.

Estaria ele completamente cego? Como podia não perceber o que estava acontecendo do outro lado do salão? Em poucos instantes, os dois estariam um nos braços do outro!

Observou os servos que, agora, conversavam em voz baixa entre eles também não pareciam perceber o que se passava.

Foi então que Rose se deu conta de que algo estava errado. Seria ela a cega, que não queria ver o que realmente estava acontecendo? Observou Gaston soltar a mão de Evelyn e chamar o servo Rob. Evelyn permaneceu a seu lado, em posição de respeito, os olhos lixos no chão, enquanto ele dava ordens a Rob. O servo assentiu e saiu correndo do salão.

Gaston girou nos calcanhares e caminhou na direção de Rose e Daniel. Evelyn foi obrigada a apertar o passo a fim de acompanhá-lo.

Rose sentiu as faces arderem de vergonha. Concluiu que fora atacada,

pela primeira vez em sua vida, por um terrível sentimento de ciúmes. E, pior, o sentimento parecia infundado. Afinal, nem sequer tinha o direito de sentir ciúmes de Gaston. Mesmo que ele houvesse desejado e assediado Evelyn, era um homem livre para escolher o que mais lhe aprouvesse, enquanto Rose era a mulher comprometida com o irmão dele!

Ao notar a expressão de felicidade no rosto de Evelyn, Rose perguntou-se quais seriam os motivos da mudança. A moça observava Gaston com admiração incontida.

Sem se dar conta, Rose foi atacada por outra onda de ciúmes ao ver Gaston sorrir abertamente para a filha de Daniel. Ele era atraente demais, capaz de virar a cabeça de qualquer mulher.

Notando a camaradagem inexplicável entre a filha e Gaston, Daniel começou a ficar agitado e impaciente.

Os dois pararam bem perto dos demais e Gaston empurrou Evelyn com gentileza na direção do pai.

Então, abriu as pernas e cruzou os braços, como Hubert fazia quando estava prestes a explodir. Ao contrário, Gaston estava calmo e tranqüilo. Quando falou, a voz baixa e clara não deixou dúvidas de que o problema fora resolvido.

— Tomei uma decisão — informou.

— Ela lhe deu o nome? — Daniel perguntou, mantendo com esforço a cabeça erguida, à medida que lutava para não perder a pouca dignidade que ainda lhe restava.

— Sim, ela me deu o nome do homem. — Lançou um olhar encorajador para Evelyn antes de continuar: — Quero que saiba, senhor, que levei em conta os desejos de sua filha.

— O que decidiu, então, sir Gaston? — Rose perguntou num impulso. Sua cabeça começava a latejar de tensão. Ele não precisava ser tão arrogante com o pai da garota; nem, muito menos, agir como se fosse Deus, ditando o destino alheio. Quem era ele, afinal, para lhes roubar até a última gota de auto-respeito? Sem disfarçar o sarcasmo, acrescentou: — Estou aguardando seu pronunciamento com a respiração suspensa!

Embora as feições de Gaston se tornassem sombrias, ele não a

repreendeu. Ao contrário, ergueu a voz o bastante para que todos o ouvissem e respondeu-lhe a pergunta:

— Haverá um casamento entre o soldado normando, Jacques, e a aldeã saxã, Evelyn.

Chocada, Rose perdeu a fala. Não esperava por nada parecido com a decisão comunicada. Chegou a abrir a boca, a fim de externar um protesto, mas foi calada por um olhar duro de Gaston.

Os olhos faiscando de raiva, ela encarou Gaston. Que direito tinha ele de aplicar-lhes um golpe tão cruel? Obrigar Evelyn a casar-se com um dos selvagens invasores era um preço muito alto por sua indiscrição.

Naquele instante, uma comoção na entrada do salão chamou a atenção de todos. Um jovem normando acabava de entrar. Atravessou o salão com passos firmes e cabeça erguida, indo postar-se ao lado de Gaston.

Lançando um olhar de soslaio para Evelyn, a fim de avaliar sua reação, Rose ficou surpresa com o brilho de alegria e prazer em seus olhos. Claro que o rapaz era atraente, com seus cabelos castanhos raiados de mechas alouradas, queimadas pelo sol, e sua beleza máscula e ligeiramente rude. Ainda assim, não podia compreender como a moça se entregara a ele com tanta facilidade. Afinal, ele era um dos homens que vieram até ali para lhes tomar as terras, a liberdade. O que acontecera com o senso de lealdade de cada indivíduo para com seu povo?

Observou o casal dar-se as mãos, as feições radiantes de felicidade.

Uma força indefinida e irresistível obrigou-a a erguer os olhos, que colidiram com o olhar de Gaston. Ele a fitava com aquele ar indecifrável, magnético, como se quisesse puxá-la para dentro de si. O desejo evidente em seu rosto era mais sedutor que quaisquer palavras ternas e doces que ele pudesse pronunciar. Rose sentiu o corpo estremecer em resposta. Então, com um suspiro entrecortado, ele piscou e sacudiu a cabeça, quebrando assim o encanto que os prendera por um breve instante. E ela foi tomada por um forte sentimento de arrependimento e vergonha, pois o que sentiam um pelo outro era errado, condenável, pecaminoso.

Incapaz de suportar a visão do homem que tanto a atraía, apesar da razão gritar protestos veementes, ela desviou o olhar. Emoções confusas e

contraditórias a dominaram. Era como se um anjo a houvesse elevado até as nuvens brancas e fofas da primavera, para então atirá-la nas águas negras e gélidas de um lago no inverno.

Quando, finalmente, reuniu coragem para voltar a encarar Gaston, ele havia se virado para o soldado Jacques, com quem conversava. Pela expressão no rosto do rapaz, ela concluiu que ele estava plenamente satisfeito com a decisão de seu senhor.

Rose levou a mão à cabeça que latejava. Os sentimentos conflitantes deixaram-na tão confusa que não sabia o que fazer. Tinha certeza apenas de que seria um grande erro permitir que os dois jovens se casassem. Evelyn não tardaria a se arrepender de sua loucura, pois aquele homem era seu inimigo.

Um ruído vindo da porta chamou sua atenção. Dessa vez, um servo entrou, trazendo consigo o padre da vila. Rose sentiu a esperança voltar a ocupar uma parte de seu coração. Se alguém podia impedir que aquela farsa fosse adiante, esse alguém era o padre Liam. Ele era, não somente seu vigário, como também seu amigo e professor. Fora ele quem lhe ensinara latim, filosofia e tudo mais que ela sabia do mundo. Fora através dele, bem como de seu pai e de sua mãe, que ela desenvolvera seu senso de certo e errado. Acreditou com fervor que ele veria o mal que aquele casamento representaria.

O padre Liam adiantou-se com passos rápidos, a batina negra ondulando em torno de seu corpo. Os movimentos firmes e decididos contradiziam os cabelos brancos e a pele frágil e enrugada, sinais evidentes da idade bastante avançada. Ao se aproximar do pequeno grupo reunido no centro do salão, ergueu as mãos num gesto de preocupação.

— Rob informou-me acerca de um casamento entre estes dois jovens — declarou com voz também firme, olhando primeiro para Evelyn, depois para Jacques. — Antes que eu possa celebrar a cerimônia, devo conversar com Evelyn em particular.

Percebendo a determinação nos modos do padre, bem como o olhar autoritário que ele lançou a Gaston, Rose teve vontade de gritar o seu triunfo. Depois de conversar com o padre Liam, Evelyn certamente se recusaria a casar-se com o soldado normando.

— Fique à vontade, padre — Gaston concordou com gentileza. Tendo conhecido o padre durante uma de suas visitas à vila, respeitava-o e aceitava sua necessidade de certificar-se de que tudo corria bem, antes de realizar o casamento. Pegando Jacques pelo braço, afastou-se dos demais.

Rose observou atenta quando padre Liam segurou os rostos de Evelyn entre as mãos e, olhando diretamente em seus olhos, perguntou:

— Tem certeza de que quer ir adiante com este casamento?

— Sim, padre, o que mais desejo é tornar-me esposa de Jacques — Evelyn respondeu sem a menor hesitação, o rosto iluminado pela alegria e confiança.

Padre Liam assentiu, deixando cair as mãos ao lado do corpo. Então, deu um passo para trás e declarou:

— Vamos à cerimônia.

Rose cerrou os olhos, atordoada pela infelicidade que a tomou de assalto. Nem mesmo o padre fora capaz de impedir tamanha farsa.

A cerimônia breve e simples foi realizada sem a menor alusão a qualquer dos rituais saxões costumeiros. Ninguém colocou uma lança nas mãos de Evelyn para lembrá-la de que seria companheira do marido em tempos de perigo. Daniel não deu a Jacques um dos sapatos da filha, para que ele o levasse à testa da noiva, a fim de indicar que ela deveria satisfazer e obedecer os desejos do marido. O pobre fazendeiro permaneceu o tempo todo ao lado da filha, parecendo indefeso e derrotado.

Observando os sorrisos alegres dos companheiros de Jacques, que haviam se reunido no salão para assistir à cerimônia, Rose sentiu-se completamente sozinha.

Assim que o padre Liam pronunciou as bênçãos, os soldados gritaram vivas. As mesas foram armadas e os convidados acomodados para uma festa improvisada. Uma imensa quantidade de queijos e carnes frias foi servida. Todos bebiam vinho à vontade.

Gaston olhava ao redor, satisfeito com aquela primeira e tumultuada união entre normandos e saxões. Embora houvesse notado que a maioria dos convidados saxões constituía-se de mulheres, muitas residentes na vila, à medida que o vinho ia sendo consumido mais e mais indistinta se tornava a

linha divisória entre os dois povos. Várias mulheres deixaram-se levar por normandos para fora do salão, sem o menor sinal de medo ou apreensão. Tudo era festa e alegria.

Rose girou nos calcanhares, decidida a deixar o salão. Não suportaria assistir àquela festa absurda nem mais um instante.

Uma vez no pátio, surpreendeu-se ao constatar que a noite caía. Perdera completamente a noção de tempo.

— Lady Rose...

A mão forte em seu ombro interrompeu abruptamente sua caminhada.

— O que você quer? — ela falou sem se virar para Gaston.

— O primeiro casamento entre nossos povos é uma ocasião memorável.

Ela retorquiu com voz amarga:

— Tem a minha palavra, sir Gaston, de que jamais esquecerei este dia.

Com um gemido de impaciência, ele segurou-lhe o braço e puxou-a para um canto sombrio, fitando-a com olhar indecifrável.

— Por que tem de se colocar contra nós o tempo todo?

Por que Rose se recusava a aceitá-los? A menos que Gaston estivesse redondamente enganado, mais de um bebê nasceria de uniões entre normandos e saxões, nove meses depois daquela noite. Continuou a falar, desta vez em tom mais ameno, na esperança de fazê-la encarar a situação como realmente era:

— Será que não pode aceitar o fato de que Evelyn desejava esse casamento? Ela vê Jacques, em primeiro lugar, como homem, em segundo, como normando.

Rose afastou-se dele bruscamente, apoiando-se na parede. Sentia-se presa em uma armadilha. De repente, a ferida se abriu e ela deu vazão a todo o ressentimento represado.

— Por que eu deveria? Vocês nos tiraram tudo o que possuíamos e, ainda assim, não foi o bastante. Querem tomar nossos corações e almas também! Devemos ser privados de tudo, ficando sem absolutamente nada?

— O amor da garota não foi tomado. Foi dado de livre e espontânea vontade. — As palavras ficaram suspensas na noite, num eco doloroso aos ouvidos de Rose.

— Tenho certeza de que Evelyn se arrependerá de sua escolha — ela falou com frieza, virando-se para ir embora.

Gaston ergueu os dois braços, bloqueando-lhe a passagem. Prendendo a respiração, Rose ergueu os olhos para ele, sentindo o coração disparar ao descobrir sua proximidade. Podia sentir o calor de seu corpo, assim como o odor másculo que ele exalava, deixando-a atordoada.

Quando voltou á falar, Gaston o fez com voz baixa e rouca.

— Um coração não pode ser roubado, pode apenas ser dado — declarou, ao mesmo tempo em que examinava-lhe as feições, à procura de algum sinal de rendição.

Rose, por sua vez, forçou-se a concentrar a atenção na dor que lhe consumia o peito.

— Quando olho para um normando, vejo um inimigo. Um de vocês assassinou meu pai. Sempre que olho para o rosto de um normando, pergunto a mim mesma: será ele? — Lágrimas indesejadas turvaram os belos olhos verdes.

Gaston inclinou-se, aproximando-se ainda mais.

— A morte de seu pai não foi resultado de um ato pessoal, dirigido a ele como homem. Uma vez em batalha, um homem só busca a sobrevivência. A guerra é assim.

Rose secou uma lágrima com as costas da mão.

— Não saímos à procura da sua maldita guerra. Jamais perdorei o seu povo pelo que fez a mim e aos meus.

Gaston tomou-lhe uma das mãos e levou-a ao peito.

— Sinta meu coração batendo sob seus dedos. Sim, eu sou um normando, mas sou de carne e osso. Sou um homem, não um monstro.

Ao sentir o músculo forte sob o toque de sua mão, Rose foi tomada por uma onda de calor que se espalhou por todo o seu corpo. Estavam tão próximos, que ela podia sentir-lhe o hálito quente na têmpora. Rezando por controle, sentiu-se fraca e vulnerável. Por que ele a perturbava tanto? Sacudiu a cabeça, como se o movimento pudesse negar o clamor irresistível de seu próprio corpo.

— Não — pronunciou a palavra sem saber ao certo o porquê e ergueu o

olhar aflito para ele.

Havia tanta tristeza naqueles olhos que Gaston desejou com ardor poder curar-lhe todas as feridas. Jamais em sua vida sentira uma necessidade tão intensa de proteger alguém. Se, ao menos, existisse um meio de provar-lhe que não tinha nada a temer... Sem pensar no que fazia, inclinou a cabeça e beijou-a.

Para Rose, o tempo parou. Nada mais existia, senão a boca gentil e exigente de Gaston sobre a sua. Numa atitude, involuntária e inconsciente, correspondeu à paixão de seu beijo. Uma sensação maravilhosa a envolveu, fazendo o mundo girar.

E foi a facilidade com que ela o aceitou que trouxe Gaston de volta à realidade. Com um suspiro relutante, afastou-se, sem largar a mão que ainda repousava sobre seu coração.

— Viu? Não sou um monstro.

Mal pronunciara as palavras, já se arrependera. Afinal, tinha consciência de que não a beijara para provar coisa alguma, mas sim porque não pudera resistir ao desejo de fazê-lo.

Por um momento, Rose fitou-o confusa. Então, seus olhos escureceram de dor e mágoa, e ela esmurrou-lhe o peito com a mão livre. A essa altura, as lágrimas corriam soltas e ela soluçava.

— Deixe-me em paz! É assim que pretende tratar a esposa de seu irmão?

Gaston sobressaltou-se com as palavras, como se ela o houvesse golpeado. Soltou a mão que ainda mantinha presa a seu peito e deu um passo para trás.

— Eu... Perdoe-me. Quis apenas confortá-la.

Rose sentiu-se miserável. Ele queria apenas divertir-se, enquanto ela correspondera apaixonadamente ao beijo tão desejado.

— Não posso compreender o tipo de conforto que você oferece, normando.

Dito isto, virou-se e correu.

Gaston chegou a erguer as mãos, como se fosse chamá-la, mas interrompeu o gesto. Não tinha esse direito. Hubert seria seu marido, e era ele quem deveria ensiná-la o que ainda não sabia sobre os homens.

Assim como Hubert, Gaston poderia ter aceitado a recompensa oferecida por William. Recusara, porém, dizendo entre gargalhadas, que tinha tudo o que desejava na lâmina afiada de sua espada.

Agora, arrependia-se da decisão precipitada. Arrependia-se por haver recusado a oferta de terras feita por seu rei. Se houvesse recebido a recompensa, estaria agora trabalhando em prol de seu próprio futuro, pelo bem de seu próprio povo.

Com um suspiro de resignação, admitiu que de nada adiantava o arrependimento. Carlisle e Rose pertenciam a Hubert. Nada mais poderia ser feito quanto a essa realidade.

CAPÍTULO V

Rose estava determinada a limpar o seu jardim. Desde a chegada dos normandos, o canteiro de ervas havia sido inteiramente negligenciado. O mato crescia tão alto que já ameaçava sufocar as plantas menores.

Olhando cm volta, concluiu com desânimo que ninguém acreditaria na possibilidade de que o lugar estivesse repleto de plantas de valor. No entanto, sabia que em algum lugar debaixo daquela confusão de ramos e folhas, estavam a salva, a salsa, o manjerição, o endro, o alho, assim como uma infinidade de outras raízes e ervas que ela mesma cultivara.

Seus pés afundaram na terra fofa e escura, que desprende um forte aroma de umidade. Ajoelhando-se à beira do canteiro, Rose entregou-se com vigor à tarefa de arrancar o mato e as ervas daninhas. Mas mesmo o trabalho físico não era capaz de impedir sua mente de vagar por caminhos proibidos. Embora houvesse evitado Gaston com sucesso total desde o dia do casamento de Evelyn e Jacques, não conseguira deixar de pensar nele. A imagem do cavaleiro a acompanhava como um espectro obstinado. Em alguns momentos, quando relaxava a guarda sobre os pensamentos, lembrava-se de como o seu corpo reagira ao beijo que ele lhe roubara naquela noite. A simples lembrança do olhar faminto com que ele a contemplara fazia suas faces arderem. Mesmo agora, entretida com o trabalho no jardim, sentiu o coração acelerar ao pensar no contato de seus lábios.

Com um gemido de frustração diante de sua impotência para dominar as lembranças, Rose puxou o mato com força e irritação, trazendo na palma da mão um punhado de suas ervas preciosas.

— Ah, meu Deus! — queixou-se, atirando o bocado de terra e Plantas para longe. Temeu estar perdendo de vez o juízo, uma vez que já não era capaz de concentrar-se nem mesmo na mais banal das tarefas.

Por que Gaston não a deixava em paz? Por que insistia naquelas conversas absurdas sobre a guerra entre seus povos? Rose desejava vê-lo, assim como a todos os normandos, como simples inimigos.

Entretanto, Gaston fizera com que enxergasse o mundo de maneira diferente, vencendo todos os seus esforços em contrário. Afinal, a verdade era que ele havia levado em conta os desejos de Evelyn antes de decidir que ela se casaria com o soldado Jacques. Além disso, tratava tanto normandos, quanto saxões com respeito e justiça. Ultimamente os aldeões o procuravam para resolver suas dúvidas dificuldades, sem a menor reserva.

Se ao menos ele não fosse tão atraente, quem sabe Rose conseguisse raciocinar com maior clareza.

Com determinação renovada, ela voltou ao trabalho, decidida concentrar toda a atenção no que estava fazendo.

Gaston caminhou por todo o pátio, então deu a volta ao salão principal, até chegar nos fundos da construção.

O soldado que montava guarda na paliçada o informara de que avistara um grupo de homens na extremidade da floresta, ao norte.

Na intenção de resolver a questão com a maior rapidez possível, Gaston pretendia investigar o incidente pessoalmente. Estava certo de que não havia qualquer perigo real. Vários de seus homens estavam trabalhando na construção do novo muro, a menos de cem metros dos limites da floresta.

O túnel de fuga construído pelos saxões era o meio mais rápido de chegar ao exterior do feudo.

Como se tivessem vontade própria, os olhos de Gaston esquadriharam a pequena multidão agitada que trabalhava no pátio, à procura dos macios cabelos castanho-avermelhados. Como não avistasse Rose, ele foi obrigado a reprimir o sentimento de decepção que ameaçou desanimá-lo. Então, censurou-se pela tolice de continuar a procurá-la. Devia estar contente por ela e evitar da mesma forma que ele a evitava.

Desde o dia do casamento, haviam trocado poucas palavras, apenas o estritamente necessário. Cocou a cabeça pensativo, imaginando como a donzela podia ficar zangada por tanto tempo. Afinal, fizera o melhor que podia por Evelyn, levando-se em conta as circunstâncias.

Franziu o cenho contrariado. Não ganharia nada com o esforço de tentar entender a moça. Acabaria louco se continuasse insistindo.

Estava contornando o jardim dos fundos do feudo, quando a imagem de

uma mulher trabalhando ali chamou sua atenção. Parou e, de imediato, reconheceu as curvas da cintura esbelta e dos quadris arredondados, embora ela estivesse de costas.

Não se tratava de uma das servas, mas de lady Rose em pessoa. Observava-a com atenção sempre que lhe era dada uma oportunidade, de maneira que suas formas eram-lhe inteiramente familiares. Quando ela se virou a fim de dar continuidade ao trabalho, ele viu a mecha de cabelos avermelhados que escapara do lenço que ela amarrara na cabeça. O tecido fora lavado tantas vezes, que já não era possível adivinhar-lhe a cor. O vestido também era velho, surrado e desbotado, mas Gaston não viu por que reclamar. O tecido fino pouco escondia do corpo que o entorpecia de desejo.

Esquecendo-se de que tinha outras questões a tratar, Gaston caminhou sorrateiramente até uma grande estaca encostada à parede, onde apoiou o peso do corpo. Cruzou os braços sobre o peito e permitiu-se apreciar a beleza que o deixava de coração apertado. Os olhos cinzentos não tardaram a exhibir o brilho da admiração.

Ele sorriu. Como era bom poder observá-la sem ser notado! Quando se encontrava ciente de sua presença, ela costumava assumir uma postura rígida e inflexível, impedindo a suavidade e a feminilidade de se manifestarem. Tendo perdido a noção de quanto tempo passara ali, Gaston sentia-se satisfeito e contente demais para afastar-se da visão maravilhosa.

A graça natural dos movimentos de Rose possuíam sensualidade, inconsciente, mesmo quando ela desempenhava uma tarefa tão banal quanto cuidar do jardim. Ela se inclinava e se erguia... se inclinava e se erguia... os movimentos suaves fluindo continuamente, as mãos batendo de leve na terra em torno das pequenas plantas que ela cultivava com tanto cuidado e carinho.

Então, Rose se levantou, esfregando a mão nas costas. Gaston sentiu o ar abandonar-lhe os pulmões ao vê-la estender os braços acima da cabeça. O movimento fez o vestido esticar-se sobre os seios redondos.

Rose espreguiçou-se para relaxar os músculos doloridos e aspirou o ar impregnado pela fragrância pungente da grande mistura de ervas. As pequenas plantinhas verdejantes, agora livres do mato, provocaram-lhe um sentimento de dever cumprido. Uma vez limpo o jardim, suas ervas podiam

receber a luz do sol, assim como a água fresca da chuva. Olhou por cima do ombro a fim de verificar o quanto ainda tinha por fazer.

O que viu a fez tornar-se rígida e ela deixou os braços caírem ao longo do corpo.

O prazer proporcionado pelo trabalho desvaneceu, como se nunca houvesse existido. Era como se ela não tivesse sequer o direito de buscar satisfação em atividades simples como aquela. Por que ele não podia deixá-la em paz? Sem querer pensar na resposta, baixou os olhos para a estreita faixa de terra que os separava.

Embora não erguesse o olhar, divisou com clareza a figura alta e forte, apoiada com displicência na estaca usada para manter porta do celeiro aberta. A atitude de confiança total, somada a brilho de admiração nos olhos dele, irritaram Rose além das medidas. Ela teve ímpetos de arrancar à força aquele sorriso tolo e afetado do rosto másculo e bonito. Quem ele pensava que era para ficar espionando como... como se fosse devorá-la? Ao sentir as faces arderem, ela desviou o olhar.

Voltando à posição inicial, Rose voltou ao trabalho, esperando que, ao sentir-se ignorado, ele fosse embora.

Gaston não se moveu. E ela estava inteiramente consciente de sua presença, das pernas musculosas cruzadas na altura dos tornozelos. Bastaria virar a cabeça uns poucos centímetros, para desfrutar de uma visão clara e completa de Gaston.

Pelo canto dos olhos, viu-o endireitar o corpo e caminhar em sua direção. Quando ele parou a seu lado, Rose sentiu-lhe o olhar com a mesma intensidade de um toque em sua pele. O coração disparou e o sangue ferveu em suas veias.

— Bom dia, lady Rose. — A voz baixa e grave adquiriu um toque de intimidade em meio ao jardim repleto de pequenas vidas que brotavam e à terra fértil sob seus pés.

Rose levantou-se, mantendo os olhos no chão. Naquele momento, não confiava em si mesma para olhá-lo direto nos olhos.

— Bom dia, sir Gaston.

Erguendo os olhos para espiar por sobre o ombro de Gaston, ela se deu

conta de que não havia mais ninguém ali. Sua respiração tornou-se mais rápida e irregular.

— Por que está fazendo um trabalho pesado como este? — ele perguntou, apontando para o jardim.

Rose passou os olhos pelo canteiro e voltou a fixá-los nos chãos, aos pés de Gaston. Sem resistir ao impulso, deixou que os olhos subissem devagar por suas pernas, até alcançar as coxas musculosas. Na medida em que ele apoiava o peso do corpo sobre uma perna, depois sobre a outra, cada músculo movia-se como se tivesse vida própria. Ela foi tomada por um forte desejo de tocá-los.

Gaston pareceu cansar de esperar por uma resposta, pois perguntou:

— Não pode designar algum dos servos para cuidar desta tarefa?

Dando-se conta de que estivera olhando fixamente para as pernas do guerreiro, Rose ergueu a cabeça e fitou-o nos olhos. Arrependeu-se no instante em que deparou com o olhar irônico que ele lhe lançou. Apressou-se em baixar os olhos para o chão novamente e respondeu:

— Nenhum dos servos pode fazer este trabalho. Parece que ninguém por aqui é capaz de distinguir as ervas do mato. — Encerrou a frase com um risinho nervoso, dando de ombros.

Embora não tirasse os olhos dos dela, Gaston falou com naturalidade:

— Se não me engano, há um homem entre os soldados de Hubert, que entende um bocado de plantas e ervas. Se quiser, posso mandá-lo para ajudar.

Não foi fácil concentrar-se no que dizia. A vontade de estender o braço e arrancar aquele lenço ridículo da cabeça de Rose era quase irresistível. Em sua opinião mais sincera, era um pecado esconder tamanha beleza.

Dentre todas as coisas que Rose esperava ouvir de Gaston, aquela oferta de ajuda era a menos esperada. O prazer e a satisfação brilharam em seus olhos, quando os ergueu.

— É muita gentileza sua, sir Gaston. Ele sorriu.

— Trata-se de um pequeno serviço, para uma lady tão adorável. Um sorriso de gratidão curvou os lábios rosados, fazendo Gaston prender a respiração. Aquele era o primeiro sorriso genuíno que ele via no rosto de Rose.

Perguntou-se como ela teria sido antes que todos aqueles problemas haviam surgido em sua vida.

Uma das faces de Rose estava suja de terra. Gaston ergueu uma das mãos para limpá-la. A pele clara e perfeita, lembrou-lhe a maciez do veludo quando seus dedos a tocaram. E ele foi tomado pelo mesmo desejo irresistível que o levara a beijá-la no dia do casamento. Fechou os olhos e cerrou os dentes.

Quando voltou a fitá-la, notou que seus olhos exibiam uma verde luminoso, diferente de momentos antes. As faces estavam coradas quando ela se inclinou ligeiramente para ele, a profunda inocência impedindo que escondesse a reação que ele lhe provocava. E foi a ausência de malícia de Rose que fez Gaston perceber com clareza o que estava fazendo. Era ele quem possuía experiência. Ela apenas seguia a sua orientação. E era ele quem devia manter o controle sobre o que acontecia entre ambos.

Num gesto súbito, Gaston afastou a mão, como se houvesse tocado em brasas. Deu um passo para trás, cerrando os punhos a fim de conter os impulsos tempestuosos. Deixou que o olhar se perdesse na distância, forçando os pensamentos a retornarem às banalidades do dia-a-dia. Quando voltou a falar, sua voz soou fria pelo esforço de controlar as emoções.

— Tenho certeza de que alguém era responsável pelos cuidados com o jardim, antes que você passasse a fazê-lo.

Rose piscou repetidas vezes, surpresa, então afastou-se, magoada pela súbita mudança de comportamento de Gaston. Era como se o momento mágico que acabara de viver jamais houvesse existido. Cada vez que ele substituía a atitude de sedução apaixonada pela frieza da formalidade, ela prometia a si mesma que não mais se deixaria envolver por seu fascínio.

Então, bastaria que Gaston a fitasse com aquele olhar faminto, repleto de emoção, para que suas defesas caíssem por terra. Rose-cerrou os dentes para conter um gemido de desespero. Sentia-se desamparada e impotente diante da atração irresistível que a simples lembrança de Gaston provocava.

Deu-se conta de que ele ainda esperava por uma resposta.

— Minha mãe costumava cuidar do jardim — explicou com voz trêmula de dor. — Ela utilizava a maioria destas ervas para preparar remédios. Era

considerada uma grande curandeira. Quando morreu, há pouco mais de três anos, assumi a responsabilidade por suas tarefas. Embora não seja tão boa quanto minha mãe, possuo algumas qualidades como curandeira. Mamãe esforçou-se para me ensinar tudo o que sabia, e ainda guardo suas anotações. Recorro a elas sempre que tenho alguma dúvida.

Gaston ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Você sabe ler?

Consternada, Rose mordeu o lábio antes de responder apressada:

— Apenas o bastante para entender as anotações de minha mãe. Lembrou-se do dia em que Will chegara a Carlisle, trazendo a mensagem de Brentwood. Na ocasião, Gaston mostrara-se um tanto interessado em sua conversa com o mensageiro. Não podia correr o risco de que ele estabelecesse qualquer relação entre ela e a mensagem de sir Pierre. Se, ao menos, ele não ficasse tão perto! Os ombros largos e o peito forte bloqueavam sua visão do resto do jardim, o que lhe dificultava a clareza de raciocínio.

— Trata-se de uma habilidade bastante incomum para uma mulher — Gaston comentou, pensativo. — Seu pai deve ter sido um homem excepcional, para permitir que a filha recebesse a instrução que, normalmente, destina-se apenas aos filhos homens.

Como sempre, os modos gentis de Gaston derrubaram a guarda de Rose. Antes de responder ao comentário, ela se permitiu um momento de abandono, ao apreciara linha dura do queixo masculino.

— Sim, ele era especial — falou com voz incerta, sem saber por que se sentia compelida a continuar. — Meu pai foi um homem muito especial. As pessoas o amavam. Era como se ele fosse o centro de todas as coisas, a luz que todos nós procurávamos. Ate minha mãe, que era uma mulher firme e determinada, vivia à sombra do marido. Foi ela quem me ensinou a ler, com a ajuda do padre Liam, que a havia ensinado. Padre Liam sempre dizia que eu era melhor aluna que Edmund... Ele vivia fugindo para a floresta, para subir nas árvores. Edmund parecia-se muito com meu pai: um líder nato. Papai não conseguia esconder o fato de que o amava mais do que a mim. Ninguém podia negar. Eu era apenas — ela deu de ombros —, eu mesma.

Embora falasse com naturalidade, as lembranças trouxeram uma grande

tristeza ao semblante de Rose. Ela fizera tudo o que estava ao seu alcance para agradar o pai.

Gaston fitou-a com olhar indecifrável.

— Talvez você não se permita ter o que merece. — Com estas palavras, ele se virou e partiu.

Rose o seguiu com os olhos, o peito doendo por uma mistura de alívio e pesar. O que ele queria dizer com aquelas palavras? Gaston era imprevisível demais para que ela pudesse encontrar alguma paz de espírito quando ele estava por perto.

Ao vê-lo desaparecer no túnel, estremeceu. Apesar de perturbada pelos sentimentos incompreensíveis que a atormentavam, não deixou de perguntar-se por que ele havia escolhido aquele caminho, quando podia muito bem atravessar os portões se quisesse sair do feudo.

Rose havia detestado o túnel desde o dia em que seu pai a levara até lá pela primeira vez, quando era ainda uma garotinha. Era uma passagem estreita e escura como uma noite sem luar, pois a saída era obscurecida por uma grande rocha suspensa, coberta de folhagem. Uma vez dentro do corredor escuro, ouvira o som de criaturas correndo e guinchando o tempo todo. A certa altura, chegou a sentir uma coisa peluda passar pelo seu pé. Seu pai precisara de vários minutos de argumentação para convencê-la a continuar a travessia. Depois de emergirem nos limites da floresta, fora impossível fazê-la voltar pelo mesmo caminho.

No que dizia respeito a Rose, o túnel podia ser fechado para sempre.

Antes de partir em sua viagem, Hubert fizera questão de deixar claro, a todos os habitantes do feudo, que o túnel não teria qualquer serventia, agora que ele era o senhor ali. Declarou-se perfeitamente capaz de defender sua propriedade, de maneira que não houvesse a menor necessidade de uma rota de fuga.

A lembrança de Hubert trouxe uma sombra às feições de Rose.

Tentara não pensar nele. E, passados uns poucos dias, descobrira ser mais fácil do que imaginara manter o futuro marido afastado de sua mente.

Era um outro homem, mais esbelto e elegante, o verdadeiro motivo de sua angústia. Por mais sofrimento que ele lhe causasse, não conseguia afastá-

lo da lembrança.

Levou a mão ao rosto, onde ele a tocara há poucos instantes. A sensação do loque terno e suave permanecia gravada em sua pele. Se pudesse apagar a imagem de Gaston da memória, como fazia cm relação a Hubert, sua vida seria muito mais simples.

Poucas horas haviam se passado, quando Rose ouviu o sentinela gritar do portão.

Assim como todos os que ouviram o grito, ela correu para lá. Tomando a dianteira da multidão, Rose limpava as mãos no vestido quando avistou Gaston e um de seus soldados entrarem, carregando uma maça.

Rose adiantou-se para eles c perguntou, aflita:

— O que aconteceu?

A expressão de Gaston era sombria.

— Claude trazia uma mensagem de Hubert. Foi atacado na floresta c trazido até as imediações de Carlisle, onde seu corpo seria encontrado. Para sua sorte, um dos sentinelas percebeu um movimento suspeito nos limites da floresta e mandou me avisar. — Baixando os olhos para o chão, continuou ainda mais sombrio: — Infelizmente, eu não acreditei que esses rebeldes fossem capaz de tentar qualquer golpe tão perto do feudo e não dei maior atenção ao alerta. Demorei demais para verificar o que estava acontecendo. Os minutos de prazer a que me permiti podem ter custado a vida de Claude.

Então Rose deu-se conta de que Gaston se atrasara quando parará no jardim para conversar com ela. Sentiu um forte desejo de assegurar-lhe que ele não tinha culpa pelo destino cruel de Claude, mas calou-se. Não lhe cabia a função de consolar Gaston de Thorne.

Em vez de desperdiçar palavras, ajudaria da melhor maneira que podia.. Olhou em volta, avaliando os rostos que os cercava e parou ao avistar o servo Kev.

— Kev, apanhe minha sacola de medicamentos e leve-a ao quarto de hóspedes. Depressa — acrescentou ao notar a hesitação nos olhos do rapaz. Então virou-se para uma serva jovem e chamou: — Mary, providencie água.

Nenhum dos dois se moveu ao ouvirem as ordens de sua senhora. Exasperada, Rose ergueu a voz:

— O que aconteceu com vocês? Estão surdos?

Silêncio. E foi então que Rose compreendeu o que se passava. Seus servos não queriam prolongar a vida daquele ou de qualquer outro normando. Revoltada pela demonstração de absoluta falta de humanidade, ela endireitou as costas e ergueu a cabeça, assumindo uma postura ativa e autoritária.

— Como ousam desobedecer minhas ordens? — perguntou, os olhos faiscando.

— Veja, lady Rose... — Kev começou a falar, mas foi prontamente interrompido por uma ameaça.

— Não se atreva a dizer o que está pensando! Não podemos ficar aqui parados, sem fazer nada, quando podemos ajudar. Num momento como este, pouco importa que tipo de homem está correndo risco de vida.

Como os servos ainda hesitassem em obedecê-la, Rose respirou fundo e perguntou-lhe com voz grave:

— Não sou mais a sua senhora?

Ao ouvirem tais palavras, ambos se puseram em movimento, como se fossem um só, tratando de obedecer as ordens da querida senhora.

Tendo assistido à cena de perto, Gaston falou por entre um suspiro de alívio:

— Muito obrigado.

Rose virou-se para ele, o brilho da fúria ainda iluminando seus olhos.

— Não me agradeça por enquanto, meu senhor. Vamos examinar o ferimento. Claude deve ser levado para o quarto de hóspedes imediatamente.

Com um gesto nervoso, ela indicou o caminho, e seguiu-os de perto. Enquanto se dirigiam para o quarto, Rose deu-se conta de que Gaston não dera a menor atenção ao fato de ela assumir o comando da situação, apesar de Hubert haver deixado bem claro antes de partir, que ela não devia desempenhar o papel de senhora em quaisquer circunstâncias.

Ainda pensava sobre a questão, quando ouviu o soldado que ajudava Gaston a carregar a maça perguntar com voz hesitante:

— A mulher saxã vai cuidar de Claude?

— Não temos escolha — Gaston respondeu com firmeza, deixando o soldado sem argumentos para continuar a discussão.

A desconfiança do homem tinha fundamento. Afinal, os normandos encontravam-se em posição bastante peculiar, obrigados a confiar no inimigo. Aí estava um ponto que merecia maior reflexão.

Mas Rose não teve tempo para pensar no assunto. Apressou-se em passar à frente deles para abrir a porta do quarto.

— Vamos colocá-lo na cama de Hubert, Lyle — Gaston comandou, parando ao lado da cama à espera de que Rose retirasse a pele que a cobria.

— Tenham cuidado — ela recomendou, ao vê-los depositar a maça sobre a cama.

Gaston e Lyle retiraram com gestos calculados os troncos estreitos do tecido da maça improvisada. Notando o olhar desconfiado de Lyle, Gaston concluiu que ele seria de pouca utilidade ali. Estendeu-lhe o tronco que segurava e ordenou:

— Pode ir, agora.

Ao dirigir-se para a outra cama, a fim de depositar a pele, Rose notou que algumas mudanças haviam sido operadas no aposento. Embora o baú de Hubert ainda estivesse em desordem, repleto de todo tipo de pertences do novo lorde de Carlisle, o restante do quarto encontrava-se limpo e em perfeita ordem.

A porta se abriu e Mary entrou, carregando dois baldes cheios de água.

— Traga-os para cá — Rose ordenou e, sem fazer cerimônia, esvaziou o baú de Hubert, atirando suas coisas no chão. Apanhou um dos baldes e lavou as mãos sujas de terra. — Vá buscar mais água — dirigiu-se a Mary, estendendo-lhe o balde com a água suja —, e ponha o outro balde para ferver. Também preciso de panos limpos. Vá, depressa!

Mary obedeceu de pronto e ela foi até a cama onde se encontrava o ferido. Gaston deu um passo para o lado, dando-lhe espaço para aproximar-se de Claude.

Rose não escondeu a preocupação e o choque ao deparar com a túnica ensanguentada do pobre homem.

— Dê-me sua faca — pediu a Gaston. Satisfeita por receber uma lâmina bem afiada, pôs-se a cortar a túnica.

Ao perceber o que ela fazia, Gaston tomou-lhe a faca e terminou o

trabalho com destreza e habilidade. O que viram quando finalmente conseguiram retirar a túnica fez com que ambos prendessem a respiração.

O corte era profundo, provocado pela lâmina de uma espada, e ia da parte superior do ombro até o lado posterior das costelas de Claude.

Pálido e desolado pela extensão do problema, Gaston virou-se para Rose com olhar interrogativo.

Ela desviou os olhos. O ferimento era grave, em um lugar perigoso. Mesmo que conseguisse salvar a vida de Claude, ele poderia ficar aleijado para o resto de sua vida. Em caso de infecção, teriam de amputar-lhe o braço. E todos sabiam que um soldado com um braço só de nada servia para o seu senhor.

— Você disse que conhece as artes da cura — Gaston falou com calma fingida. — Acha que pode fazer algo por Claude?

Rose fechou os olhos e rezou, pedindo a Deus que a ajudasse e mantivesse viva a fonte da qual ela retirava a força que a sustentava em momentos de real adversidade. Quando respondeu, foi com determinação e coragem.

— Farei o que estiver ao meu alcance.

A essa altura, a cama já estava encharcada de sangue.

— Onde está Mary com os panos que pedi? — ela resmungou, nervosa. — E onde está Kev com a minha sacola? — Assim que tivesse a oportunidade, pensou, castigaria seus criados pela demora em atender-lhe as necessidades.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar? — Gaston perguntou, tentando transmitir-lhe calma e segurança.

— Sim. Pode colocar suas mãos aqui... e aqui — ela mostrou. — Se conseguirmos manter o corte fechado, a hemorragia estancará.

Observou-o seguir suas instruções e fechar temporariamente o ferimento.

No mesmo instante, Mary entrou no quarto às carreiras. Trazia a sacola de Rose em uma das mãos e os panos limpos na outra. Logo atrás vinha Kev, carregando dois baldes de água.

— Acenda a lareira — Rose ordenou ao criado, enquanto corria para Mary.

Kev lançou um olhar para a cama e, ao ver a quantidade de sangue que havia ali, virou-se e saiu do quarto, pálido como um lençol.

Ao ouvir a porta bater atrás dele, Rose queixou-se com desespero:

— Eu pedi a ele que acendesse o fogo!

Mary estendeu a sacola de medicamentos para a senhora e, evitando com cuidado pousar os olhos no ferimento do soldado normando, perguntou:

— Como posso ajudar?

Ao mesmo tempo em que retirava uma porção de pequenas sacolas de dentro da maior, instruiu a criada:

— Acenda a lareira e rasgue algumas tiras de pano.

Mary obedeceu com diligência. Em poucos minutos, o fogo ardia e um balde de água começava a ferver. Os pedaços de tecido transformaram-se em um amontoado de bandagens num piscar de olhos.

Rose apanhou a pequena tigela que usava para misturar medicamentos e colocou nela punhados de diferentes ervas e pós. Dirigiu-se a Mary mais uma vez:

— Traga-me água quente para a infusão.

As feições de Gaston estavam tensas pelo esforço de manter o ferimento fechado por tanto tempo. Observou Rose mexer a mistura com uma ponta de preocupação.

— O que vai dar a ele? — perguntou desconfiado.

Rose continuou com os olhos fixos na tigela, concentrada em misturar as quantidades exatas de cada ingrediente.

— Uma infusão de peônia, alho, salva e cicuta. — Ao perceber que Gaston se empertigara, ela se apressou em explicar: — Terei de limpar e costurar o corte. Se ele acordar e resistir, a tarefa se tornará impossível. — Fez uma pausa, erguendo os olhos para Gaston. — É verdade que a cicuta é um veneno mortal, mas se ingerida na dose correta, age como um forte sonífero. Não posso dizer que não há perigo. A diferença entre unia dose letal e a quantidade necessária para levar à inconsciência é mínima. Posso apenas assegurar-lhe que estudei com atenção as anotações de minha mãe e acredito que sei exatamente quanto administrar.

Rose encerrou as explicações e esperou pela reação de Gaston. Após alguns segundos de reflexão, ele assentiu devagar. A dor em seus olhos dizia-lhe que ele não tinha escolha, senão confiar nela.

Então, Rose voltou a concentrar a atenção nas ervas.

Minutos depois, ela se aproximou da cama, segurando a tigelinha entre as mãos. Com um gesto, indicou a Gaston que erguesse a cabeça do soldado. Ele o fez com todo o cuidado. Mesmo assim, o pobre homem gemeu de dor e agonia.

Cerrando os dentes diante do sofrimento do outro, Gaston convenceu-se de que Rose tinha razão. Claude não suportaria a dor quando o corte fosse costurado. Precisava de um anestésico potente. Além do mais, estava muito fraco pela perda de sangue.

Enquanto Gaston segurava-lhe a cabeça, Rose fez com que Claude bebesse toda a infusão.

Então, afastaram-se da cama apenas dois passos e esperaram, os olhos fixos no soldado. Em poucos minutos saberiam se a poção traria a morte ou o sono profundo.

Para o alívio de Gaston, Claude logo passou a respirar com maior facilidade e regularidade. Virou-se para Rose com um sorriso de genuína gratidão, os ombros visivelmente relaxados.

Retirando um outro pote de sua sacola, Rose dirigiu-se a Mary:

— Traga um pouco de água fervente. Mary obedeceu imediatamente.

Rose lavou a tigelinha usada no preparo da infusão anestésica, encheu-a com água fervente e salpicou algumas folhas secas dentro dela. Esperou alguns momentos e voltou a aproximar-se da cama. A mistura desprendia um vapor de cheiro forte, parecido ao de mato queimado.

Inclinando-se sobre o ferido, Rose despejou um pouco da infusão no corte. Claude gemeu e tentou mover-se para o lado. As feições de Rose mantiveram-se impassíveis. Apesar de saber que às vezes precisava infligir dor e sofrimento para poder curar, era sempre difícil enfrentar aquele momento.

— Por favor, segure-o com força — pediu a Gaston sem olhar para ele.

Seguindo as orientações de Rose, Gaston prendeu Claude à cama com firmeza.

— O que é esta mistura? — perguntou, deixando a curiosidade dominar a apreensão.

— Uma infusão de manjerona. Serve para limpar e desinfetar o ferimento

— Rose explicou com voz neutra, como se estivesse dando uma aula. Então, colocou a tigelinha de lado e dirigiu-se a Mary: — Está na hora.

Mary adiantou-se, segurando uma agulha e um comprido fio de linha. Rose apanhou-os e passou a linha pelo buraco da agulha, com a rapidez resultante de muita prática e experiência.

Inclinando-se sobre o paciente, Rose avaliou o corte medonho. Precisou de toda a força que lhe restava para controlar a náusea e a vertigem que ameaçaram seu equilíbrio. Mas, como sempre acontecia, passado o choque momentâneo, recobrou o autocontrole e dedicou-se à tarefa de salvar uma vida. Depois de encher os pulmões de ar, enterrou a agulha na carne do ferido.

No mesmo instante, Claude começou a se debater com energia surpreendente. Afinal, perdera considerável quantidade de sangue, e era de se esperar que estivesse muito fraco. Mesmo a poderosa cicuta que havia ingerido não poderia bloquear completamente a dor.

Rose falou num sussurro quase inaudível:

— Precisa mantê-lo imóvel, Gaston. Não posso ministrar-lhe mais anestésico.

A única resposta de Gaston foi concentrar o peso do corpo sobre o soldado ferido, imobilizando-o por completo.

Rose continuou o seu trabalho.

Após alguns instantes, o suor começou a escorrer do rosto de Gaston e a pingar sobre o peito de Claude. Além do calor produzido pela lareira acesa no quarto fechado, Claude resistia com energia ao tratamento. Mas Gaston não pronunciou uma palavra sequer. Limitou-se a segurar o seu leal soldado até que, finalmente, ele cedeu ao poder do sonífero e deixou de lutar.

Embora não estivesse certa se o sono profundo se devia aos medicamentos ingeridos ou a pura exaustão provocada pela batalha contra a dor, Rose sentiu-se grata pela imobilidade de Claude. Após um longo e árduo trabalho, deu o último ponto e endireitou-se. Enxugou o suor da testa com as costas da mão e suspirou cansada.

— Agora, só nos resta esperar para saber o que vai acontecer. Só Deus sabe se ele vai sobreviver.

Afastando-se da cama, Gaston estirou os braços e exercitou os ombros.

Em seguida, virou-se para Mary e ordenou:

— Vá buscar um copo de vinho para a sua senhora. A serva apressou-se em obedecê-lo.

Rose caminhou com passos incertos e deixou-se cair sobre um banco encostado à parede.

Gaston aproximou-se e tomou-lhe o braço, forçando-a a levantar-se. Com carinho e ternura, levou-a até uma das poltronas diante da lareira.

— Vai se sentir melhor aqui — disse.

Agradecida, Rose sentou-se confortavelmente e apoiou a cabeça, entre as mãos. Sentia-se exausta, mais do que se achava capaz de suportar. Cuidar daquele ferimento fora uma das tarefas mais difíceis que jamais enfrentara. E, saber que a vida de um homem estava em suas mãos não tornou mais fácil a provação. Um estranho tremor apoderou-se de seus braços e pernas, e ela baixou as mãos, pousando-a sobre as coxas.

A voz de Gaston soou calma e suave, um bálsamo:

— Você está bem?

Sem erguer a cabeça, pois não queria que ele soubesse o quanto estava abalada, respondeu num murmúrio, tentando sorrir:

— Sim, estou bem.

A porta se abriu e Mary entrou, carregando uma jarra e dois copos. Gaston apanhou-os e dispensou-a:

— Pode ir descansar, agora.

Mary lançou um olhar demorado para Rose, então virou-se para estudar o alto cavaleiro a seu lado. Era evidente a preocupação dele com relação à sua senhora. Devagar, a serva balançou a cabeça com um leve sorriso de compreensão.

Ao perceber a expressão sombria no rosto de Gaston, provocada por sua atitude, Mary não perdeu tempo em deixar o aposento.

Voltando a aproximar-se de Rose, Gaston encheu um copo de vinho e a serviu. Ela esvaziou o recipiente depressa e estendeu-o para mais uma dose.

Enquanto lhe servia mais vinho, Gaston notou que sua mão tremia.

Desta vez, Rose bebeu mais devagar e, quando terminou, recostou a cabeça na poltrona e fechou os olhos.

Com ar pensativo, Gaston traçou desenhos imaginários na borda de seu copo com as pontas dos dedos.

— Você tem o dom para esse tipo de trabalho — falou em tom distante.

Rose permaneceu em silêncio durante um longo tempo, levando Gaston a pensar que ela deixaria o comentário sem resposta. Então, demonstrando profundo esgotamento, ela falou:

— Nunca vi um ferimento como esse.

Ao abrir os olhos, reconheceu a reação de surpresa provocada por sua declaração.

— Ora, é claro que já suturei alguns cortes, tratei de ossos fraturados, até já trouxe uma criança ao mundo, mas nada se comparou à gravidade do que aconteceu ao seu soldado. — Com um gesto débil, apontou para a cama e acrescentou: — Eu estava enxergando até o osso.

Gaston agachou a seu lado e apoiou-se no braço da poltrona.

— Por que se prontificou a cuidar dele?

Ela fixou o olhar na borda do copo que ainda segurava, tentando desviar a atenção do rosto belo e provocante que se encontrava perto demais do seu. A experiência que haviam acabado de partilhar, lutando juntos contra o espectro da morte, criara um laço quase palpável entre eles. Um laço que Rose relutava em admitir. Sacudiu os ombros na tentativa de afastar-se dele,

— Por que me prontifiquei? Ora, porque não havia mais ninguém capacitado a fazê-lo. Como posso deixar um homem morrer, quando possuo o conhecimento que pode salvá-lo?

A resposta de Gaston foi grave e profunda, criando uma atmosfera de intimidade entre os dois:

— Mesmo que esse homem seja um normando?

Ela sacudiu os ombros novamente, inspirando e exalando o ar com nervosismo.

— É um homem.

O hálito quente de Gaston aqueceu-lhe a face.

— Então admite que um normando é apenas um homem. Como se não exercesse o menor controle sobre a própria vontade, Rose virou-se para encará-lo. Estavam a poucos centímetros um do outro. A intensidade com que

ele a fitava levou-a à conclusão de que as palavras de Gaston iam muito além do incidente de Claude Agitada pela proximidade insuportável, ela começou a falar sem pensar:

— Só quando um normando está doente e precisa de ajuda. Eu não deixaria um cachorro sofrer sem cuidados se pudesse fazer alguma coisa para ajudá-lo.

Os olhos cinzentos brilharam, fascinantes, desafiando-a a questionar seus princípios, a enxergar a verdade.

— Claude não é um cachorro, mas sim um de seus inimigos. Pode ser até o homem que derrotou seu pai no campo de batalha.

Rose levou as mãos aos olhos, a fim de bloquear a visão de Gaston tão próximo.

— Eu não sei... — Sacudiu a cabeça confusa. — Não quero pensar agora. Estou tão exausta...

Mãos fortes tomaram as suas e, num misto de gentileza e firmeza, retiraram-nas de sobre seus olhos.

Rose viu-se compelida a fitá-lo e deparou com uma profunda preocupação e... algo mais. Um brilho misterioso fascinou-a. Ouviu-lhe a voz baixa e rouca, cheia de conforto e calor:

— Você está cansada. — Devagar, puxou-a até colocá-la em pé, sem nunca desviar o olhar do dela. — Perdoe minha falta de compreensão.

A noite já avançara e a penumbra que envolvia o quarto criava um círculo mágico, íntimo, onde os dois se encontravam, em meio à luz bruxuleante das chamas. Ambos estavam inteiramente concentrados um no outro, enquanto o fogo crepitava e lançava sombras pelas paredes.

Rose sentiu a cabeça girar e sabia que tal reação não era produto do cansaço. A consciência do homem parado à sua frente era intensa demais. A sensibilidade e ternura que ele lhe dispensava eram mais embriagantes que o vinho. A bondade que ele emanava ia quebrando, pouco a pouco, a barreira de reserva que ela erguera em torno de si.

Havia se sentido tão sozinha, por tanto tempo. E, agora, Gaston lhe oferecia o que ela mais precisava: alguém que se importava com seus sentimentos.

Fechou os olhos e inclinou-se para frente, apoiando a testa contra o peito largo e forte. E suspirou de prazer ao sentir que ele a envolvia num abraço, puxando-a para mais perto. Aquele era o seu lugar, agora e sempre.

— Ah, minha pequena flor... — Gaston murmurou e afundou os rosto nos cabelos castanho-avermelhados, impregnados do perfume das flores silvestres.

— Gaston... — ela pronunciou o nome, como se assim pudesse criar a magia que os manteria unidos naquele abraço pelo resto de suas vidas.

Gaston segurou-lhe o queixo com dedos delicados, forçando-a a fitá-lo direto nos olhos. Sua expressão era terna e apaixonada.

— Vá para o seu quarto. Cuidarei de nosso paciente até que você esteja descansada.

Rose franziu o cenho de leve. Sentia-se ligeiramente tonta e perguntou-se se seria efeito do vinho.

— Tem certeza? Ele deve ser observado o tempo todo. Gaston respondeu com um sorriso:

— Ficarei a postos até você voltar. Não se preocupe. Agora, vá descansar.

Ela o fitou com olhar agradecido e confiante. Satisfeito, Gaston inclinou a cabeça para oferecer-lhe um beijo de paz. Sua única intenção era dar-lhe uma prova da harmonia recém conquistada por ambos.

Mas, no momento em que seus lábios se tocaram, uma chama se ergueu. Rose sentiu o calor queimar-lhe as estranhas e afastou-se assustada.

Deu dois passos para trás, os olhos verdes obscurecidos pela mágoa e desilusão.

— Como pode? Ora, como sou tola em confiar em você! O melhor que tenho a fazer é não esquecer que somos inimigos!

Gaston ergueu as mãos num apelo.

— Eu só quis oferecer-lhe o beijo da paz, como faria um irmão. Jamais seria capaz de fazer-lhe qualquer mal, lady Rose. Queria apenas reconfortá-la.

O brilho que iluminou os olhos de Rose foi mero resultado das lágrimas contidas.

— Com efeito, irmão, você continua escolhendo um jeito muito estranho de oferecer conforto. Primeiro, beija-me para provar que é um homem. Agora, beija-me para mostrar que é meu irmão. Peço que me perdoe, caso eu pareça

muito confusa.

Com um soluço de angústia, Rose virou-se e deixou o quarto.

CAPÍTULO VI

De onde se encontrava, sobre a paliçada, Rose assistia aos homens trabalhando na construção do novo muro. Era fácil localizar Gaston entre eles. Sua altura incomparável e os espessos cabelos negros o distinguiam dos demais.

Daquela distância, ela se sentia segura para permitir-se observá-lo demoradamente. Duas semanas haviam se passado desde o dia em que Claude fora ferido; duas semanas desde que Gaston a beijara. Como não confiasse na própria capacidade de controlar as emoções, Rose erguera uma barreira intransponível que a mantinha afastada do irresistível cavaleiro normando.

Ao menos seu paciente se recuperava muito bem. Já estava quase curado e sua gratidão para com ela era um tanto exagerada. O soldado acreditava que sua pronta recuperação devia-se única e exclusivamente às habilidades da senhora de Carlisle.

Tratava-se de uma suposição por demais generosa. Embora Rose houvesse dado o melhor de si para salvar a vida de Claude, fora a vontade de viver do rapaz a responsável pela cura.

Até mesmo Gaston encorajava Claude em seu equívoco, convencendo-o de que Rose havia de fato operado um milagre.

Em seu íntimo, Rose acreditava que Gaston fazia tanta questão de enaltecer seus esforços apenas para não deixá-la esquecer que salvara a vida de um normando.

Cismada, esfregou a mão na testa franzida. Contrariando todos os seus princípios e desejos, Rose começava a enxergar os normandos como algo mais que criaturas selvagens. Depois de passar tanto tempo junto de Claude, já o conhecia bem.

A princípio, determinara-se a manter o relacionamento com o paciente em bases de frieza profissional. Mas a natureza gregária, um dom natural de Claude, logo derrubou suas defesas. O sorriso largo e as histórias divertidas

sobre a vida na Normandia tomaram impossível a manutenção de um relacionamento distante.

Ainda assim, não conseguia esquecer a propensão dos normandos a tomar o que desejassem, sem se importar com os direitos dos outros.

Rose sacudiu a cabeça, como se o gesto pudesse clarear seus pensamentos. Não teria nada a ganhar com aquela reflexão inútil. Tanto fazia no que acreditava; a realidade era que os normandos haviam chegado para ficar. Com um suspiro profundo, desviou os olhos para o horizonte, onde avistou um tordo que cruzava o céu. Seguiu o vôo do pássaro, desejando ser livre como o pequeno animal alado, para ir e vir, como e quando lhe aprouvesse.

Então, algo chamou sua atenção. Estreitou os olhos a fim de enxergar melhor à distância. Pouco adiante da vila, situada no pé da pequena montanha, uma coluna de fumaça se erguia, escurecendo o céu.

— Fogo! — gritou.

Os homens interromperam o trabalho na construção do muro para olharem na sua direção.

Rose apontou na direção da fumaça, gritando mais uma vez a plenos pulmões:

— Fogo!

Eles se viraram para onde ela apontava e cobriram os olhos com as mãos, protegendo-os contra o sol forte.

Gaston foi o primeiro a reagir, correndo na direção do incêndio. Os demais soldados o seguiram de pronto.

Rose girou nos calcanhares e correu para a escada. Apesar de machucar as mãos no corrimão tosco, enquanto descia apressada, não deu atenção à dor. Toda ajuda seria necessária para apagar o fogo ou, se necessário, tratar das vítimas.

Quando o guarda do portão gritou seu nome ao vê-la sair, ela se limitou a gritar de volta, ordenando-lhe que mandasse mais homens para auxiliar os soldados que já haviam partido.

Ele não hesitou em obedecê-la.

Ao alcançar a vila, Rose sentia pontadas dolorosas no baço, provocadas

pelo esforço repentino e exagerado. Mas ela ignorou os sinais de seu corpo que se ressentia da atividade forçada. Nem parou de correr enquanto gritava para os aldeões que a seguissem, munidos de baldes.

Quando finalmente chegou à pequena fazenda pouco além da vila, Rose mal podia respirar.

O lugar era o próprio caos. Um bando de cães enfrentava-se na disputa por uma vaca morta, estendida no terreiro diante da casa humilde. Crianças corriam de um lado para o outro, atrapalhando aqueles que tentavam ajudar. Rose perguntou-se por que ninguém as tirava dali. Uma mulher chorava copiosamente, escondendo o rosto no avental. O ar estava impregnado pela fumaça densa e escura.

Mas, em meio ao caos, havia alguma ordem. Normandos e saxões trabalhavam lado a lado, carregando baldes cheios de água, na tentativa de debelar as chamas que consumiam o telhado da casinha.

Rose esquadrinhou a multidão à procura de Gaston. Como ouvisse sua voz profunda, vinda de perto da construção em chamas, encaminhou-se para lá.

Avistou-o próximo ao incêndio, orientando e comandando os aldeões que chegavam para ajudar. Correu a seu encontro.

— O que aconteceu? Por que permitiram que o fogo se alastrasse tanto, antes de tomarem uma providência? Onde estão Nigel e sua família? — perguntou aflita.

— O incêndio não foi acidental — Gaston afirmou sombrio.

— O que quer dizer com isso? — Rose agarrou-lhe o braço. — Onde está a família que vivia aqui?

— Estão mortos.

— Todos?

— Sim.

— Quero vê-los — ela gritou. — Como podem estar todos mortos? Gaston desviou o olhar a fim de esconder a amargura.

— Mandei que levassem os corpos para a vila.

— Mas... Não compreendo...

Em tom distante e desprovido de qualquer emoção, Gaston explicou:

— Os saqueadores que Hubert está perseguindo estiveram aqui. Mataram

a família que vivia aqui e atearam fogo à casa. — Parou de falar, lutando para afastar da mente a imagem dos corpos mutilados. Só conseguia desejar que houvessem morrido relativamente depressa.

— Ah, meu Deus! Não pode ser... — Rose empalideceu e fechou os olhos. Havia algo muito errado ali. Robert jamais faria uma barbaridade como aquela. — Quero vê-los — insistiu.

Como a casa houvesse se transformado em uma enorme labareda, Gaston ordenou aos homens que se afastassem. A tentativa de apagar o fogo não surtiria qualquer efeito àquela altura.

Somente após certificar-se de que todos se encontravam a uma distância segura do incêndio, ele voltou para responder ao pedido de Rose. Sua voz carregava uma nota de decisão irrevogável.

— Lamento, mas não permitirei que veja os corpos.

Embora estivesse impressionada com a capacidade de liderança que ele demonstrara na situação, Rose não permitiria que ele usurpasse seus direitos como senhora de Carlisle. Empertigou-se e falou com autoridade:

— Como se atreve a negar-me meus direitos?

Gaston virou-se para fitá-la, as feições duras.

— Aquelas pessoas morreram depois de serem torturadas. Pensei apenas em poupá-la da dor de ver o que fizeram a eles. Não estou lhe negando os direitos de senhora dessa gente.

Confusa, Rose levou a mão à testa e oscilou.

— Eu... Eu... Ah, meu Deus, como isto pôde acontecer? — murmurou num fio de voz.

Ao vê-la empalidecer e oscilar, Gaston estendeu o braço para ampará-la. Consciente de que ela não desejaria que seu povo a visse naquele estado, levou-a paia longe da multidão. O barracão que servira de abrigo para a vaca e outros pequenos animais domésticos, também estava em chamas. Levou-a ao pátio situado atrás da construção tosca, e sentou-a sobre um tronco caído. Agachou-se a seu lado e tomou-lhe as mãos nas suas.

— Sei que está perturbada, mas asseguro-lhe que não precisa temer por si mesma, ou por seu povo. Hubert saiu à caça desses selvagens e, poder ter certeza, ele os encontrará.

— Você não compreende. — Desolada, Rose desviou o olhar. Era impossível acreditar que Robert pudesse ter cometido um crime tão hediondo. Ele não torturaria seus vassalos.

— Embora este não seja o meu povo — Gaston continuou, interpretando de maneira errada as razões para o desespero de Rose —, eu aprendi a respeitá-los durante o curto período em que vivi aqui. Mesmo não conhecendo Nigel e sua família, também fiquei abalado com suas mortes.

— Quando você chegou, aqueles demônios ainda estavam aqui?

— ela perguntou com voz fraca.

— Estavam — Gaston respondeu com amargura —, mas viemos a pé, e só conseguimos impedir a fuga de um deles. E o maldito foi morto inadvertidamente.

Gaston conseguira alcançar o saqueador, antes que este conseguisse montar em seu cavalo. Em seguida, lutaram corpo a corpo, até o bandido cair e bater com a cabeça em uma pedra. O choque provocou morte instantânea, deixando Gaston com a frustração de não ter a quem punir pela crueldade injustificada, além de uma porção de perguntas sem resposta.

— Todos mortos... Tudo aconteceu tão depressa. — Rose passou os braços em torno do corpo, balançando para a frente e para trás, sentindo-se como unia criança indefesa, sem saber o que fazer. Gaston, por sua vez, não sabia o que dizer. Tudo o que podia fazer era impedir que nada parecido voltasse a acontecer. Revoltado, levantou-se.

— Pretendo sair com alguns soldados à procura de uma pista que nos leve aos malditos. Quanto antes partirmos, maiores as chances de não perdê-los.

Rose assentiu em concordância e também se levantou. Ergueu os olhos para Gaston, sem esconder a confiança e o carinho que a inundavam.

— Quero agradecê-lo pelo que está fazendo por minha gente.

— Agora, são minha gente também.

Uma grande cuba fervia sobre a fogueira acesa no meio do pátio. Estava cheia de uma solução do mais profundo azul, preparada para tingir o tecido que Rose acabara de mergulhar ali. Tratava-se da melhor lã da temporada e se transformaria em um traje de incomparável beleza e qualidade.

Entregara-se ao trabalho, acreditando que assim conseguiria manter a

mente afastada dos acontecimentos terríveis do dia anterior. Gaston e seus soldados não haviam encontrado o menor sinal dos homens que mataram Nigel e sua família.

A frustração devia-se não só ao fato de não conseguir esquecer a tragédia, mas também à lembrança de que o traje a ser confeccionado com a lã que tingia seria, provavelmente, seu vestido de casamento. Foi atacada pelo impulso de virar a cuba e despejar tudo aquilo sobre o fogo.

— Lady Rose — chamou uma voz masculina. Concentrada na tarefa ingrata, ela não se deu ao trabalho de virar-se para ver quem a chamava.

— Sim?

— Lady Rose!

— O que é?

Irritada pela interrupção, virou-se para encarar o homem vestindo uma túnica de fazendeiro. Não era um dos habitantes de Carlisle. Levou as mãos à cintura e observou as feições rudes, pensando que o sujeito lhe era familiar.

Então, como se uma luz repentina iluminasse sua memória, reconheceu-o. Seu nome era Ulrick, e ele trabalhava há muitos anos para Robert.

Ao notar que fora reconhecido, Ulrick franziu o cenho em sinal de desagrado. Quando Rose abriu a boca para cumprimentá-lo, ele ergueu a mão e espiou em volta com olhar cuidadoso. Sua voz soou tão rude quanto suas feições.

— Tenho uma mensagem para a senhora.

— Uma mensagem — Rose repetiu e, apressada, limpou as mãos sujas de tinta no avental que lhe protegia o vestido.

Olhou em volta, verificando se estavam sendo observados. Ninguém parecia perceber que os dois conversavam. Apenas as servas que trabalhavam com ela sabiam que aquele homem não era de Carlisle, e todas continuavam a desempenhar suas tarefas com diligência e concentração. Elas não deixariam que o guarda sobre a paliçada notasse a presença de Ulrick. Rose elevou uma prece de agradecimento por suas criadas serem tão espertas e leais.

Então foi invadida por uma onda de pesar. Aquelas pessoas, até pouco tempo antes, eram simples trabalhadores. Agora, conheciam os segredos das ações furtivas e sub-reptícias. A inocência se fora e jamais seria recuperada.

— Venha comigo — falou em voz alta, afastando a melancolia.

Ulrick, certamente, trazia notícias de Robert e Elspith, o que era motivo para alegrar-se. Recuperou a compostura enquanto se afastava do grupo reunido em torno da fogueira, seguida de perto pelo visitante inesperado.

Ao deparar com um soldado sentado ao sol da tarde, polindo sua armadura, Rose diminuiu o passo. Ah, meu Deus, pensou aflita, acabaria chamando a atenção dos normandos sobre si mesma e seu acompanhante se não conseguisse agir com naturalidade!

Depois de lançá-lhe um olhar breve e desinteressado, o soldado voltou a concentrar-se na armadura reluzente.

Lutando para manter o autocontrole, Rose levou o saxão até um canto discreto, atrás do salão principal. Assim que se viu sozinha com ele, não foi capaz de esconder a ansiedade.

— O que tem para me dizer? Ulrick olhou em volta mais uma vez, a fim de certificar-se de que estavam, de fato, sozinhos. Só então falou:

— Trago uma mensagem de sir Robert. Rose sentiu o coração parar por alguns instantes, para então voltar a bater descompassado. Depois de todas aquelas semanas de silêncio, Robert não faria contato com ela se não existisse uma razão muito forte para isso. Algo devia estar muito errado. E por que ele a procurara justamente um dia após o incidente terrível na fazenda de Nigel? Estaria errada em acreditar que Robert não tinha qualquer ligação com a morte de seus vassalos? Eram tantas as perguntas sem resposta...

Somente Robert poderia tirar-lhe as dúvidas que tanto a atormentavam.

Ulrick continuou:

— Sir Robert quer que a senhora se encontre com ele esta noite. Rose se encheu de esperança. Ele não desejaria encará-la se houvesse infligido o mal a sua gente.

— Está tudo bem com ele? — perguntou um pouco mais calma. O homem pareceu hesitar antes de responder:

— Sim, senhora. Pelo menos, até a última vez que o vi, esta manhã.

Rose não escondeu a excitação.

— E quanto a lady Íris e lady Elspith? Elas também estão bem? Ulrick deu um passo para trás, olhando em volta, à procura de observadores.

Rose soltou-lhe o braço, que havia agarrado sem perceber e amaldiçoou a incapacidade de manter-se controlada. Não deveria ser vista em atitude de intimidade com um vassalo. Nada devia marcar a presença de Ulrick em Carlisle. Forçando-se a agir com maior naturalidade, insistiu:

— Elas estão bem?

Ulrick respondeu sem fitá-la nos olhos:

— Até onde eu sei, senhora, estão. Mas não posso dizer mais nada. Minha missão é informá-la de que sir Robert deseja encontrar-se com a senhora esta noite, na floresta.

— Em que ponto da floresta? — ela perguntou com objetividade, tendo concluído que não obteria maiores informações no momento.

— Onde o regato se alarga, formando um pequeno lago —Ulrick respondeu apressado.

Ela assentiu, pois conhecia o lugar como a palma da mão. Costumava brincar naquela área junto a Edmund, Robert e Elspith, quando os primos os visitavam no verão. Robert sabia que Rose encontraria o lugar sem dificuldade, mesmo na escuridão da noite.

Examinando a expressão de Ulrick, notou que ele estava agitado por se encontrar tão exposto, em território inimigo.

— Precisa da minha ajuda para sair de Carlisle? — perguntou solícita.

— Não, senhora. Tenho meus próprios meios. — A resposta veio acompanhada pelo olhar de raposa que iluminou o semblante do criado.

— Nesse caso, não vou retê-lo aqui por mais tempo. Sei o perigo que está correndo. Agradeço sua vinda. Vá com Deus... — interrompeu a frase ao vê-lo afastar-se sem mais uma palavra.

Rose passou os braços em torno do corpo e franziu as sobrancelhas. Teria Robert recebido notícias do que acontecera a Nigel e sua família e mandado o mensageiro porque desejava ajudar? Ela se recusava a admitir a menor possibilidade que qualquer envolvimento do primo naquela barbaridade.

Era possível que ele nem soubesse a respeito do incidente da véspera. Talvez houvesse deparado com o exercito de Hubert e concluído que não teria chances contra um cavaleiro como ele. O que poderia fazer caso Robert lhe pedisse ajuda? Desde que os normandos chegaram, ela não tinha quase

nenhuma autoridade ali.

Sacudiu a cabeça, impaciente. Não fazia sentido ficar ali parada, especulando sobre o assunto. Encontraria Robert à noite e, então, saberia a verdade.

Nesse momento, tinha de concentrar-se em como sair do feudo sem ser notada. A segurança dos portões era mais relaxada durante o dia, enquanto os vassallos iam e vinham da vila, das fazendas e do feudo. Mas, à noite, ninguém entrava ou saía, sem antes ser detalhadamente interrogado.

Pousou os olhos no pequeno aterro que marcava a entrada do túnel. Não havia guardas lá. Seria suicídio uma tropa inimiga tentar invadir o feudo por ali. O túnel era estreito demais para permitir a passagem de mais de um homem por vez. Os invasores seriam mortos assim que aparecessem na abertura. O túnel fora construído para a eventualidade de uma fuga, não de um ataque.

E era justamente uma fuga que ela planejava para aquela noite. Rose interrompeu os pensamentos arrojados ao lembrar-se de Gaston. Não seria fácil enganá-lo. Ele observava cada um de seus passos, garantindo que ela se comportasse da maneira que Hubert aprovaria. Empertigou-se e respirou fundo. Não permitiria que ele a impedisse de ir ao encontro de Robert. Encontraria um jeito de sair sem ser notada.

Ocupando seu lugar de costume, ao lado de Gaston à mesa, Rose falou pouco durante o jantar. Não queria chamar atenção sobre si. Se tentasse conversar, os homens certamente perceberiam sua agitação crescente.

Não podia se dar ao luxo de cometer erros. Se alguém se desse conta de sua saída, ela e Robert estariam correndo sério perigo. Hubert não hesitaria em puni-la, caso desconfiasse que ela o traía. Não daria a menor atenção ao fato de que ela devia fazer tudo o que estivesse ao seu alcance por seus familiares. Afinal, ela não podia dar as costas a alguém em cujas veias corria o seu próprio sangue.

De repente, ouviu a voz de Gaston a seu lado:

— Claude sentiu-se muito cansado depois de levantar-se, hoje.

Mas depois de descansar um pouco, disse que o pequeno passeio dele fez muito bem.

Rose ergueu os olhos confusa, tentando compreender as palavras soltas. Estivera absorvida em pensamentos, e não sabia do que Gaston estava falando.

— Desculpe. O que disse, sir?

Ele a observou com atenção. Lady Rose parecia distraída demais essa noite. Aquela era a segunda vez que ele lhe dirigia algum comentário e não obtinha resposta.

— Disse que Claude está se recuperando bem.

A evidente curiosidade com que ele a fitava, fez Rose amaldiçoar-se por ter sido tão tola.

— Ah, sim, é verdade.

Depois de balançar a cabeça com falso entusiasmo, inclinou-se sobre a mesa e apanhou a taça de vinho. Fora muito ingênua ao imaginar que, mantendo-se em silêncio, não levantaria as suspeitas de Gaston. O homem era mesmo um grande observador.

— Ele a considera um tipo de feiticeira benigna — ele acrescentou com um sorriso. — Não me surpreenderia saber que o pobre diabo está apaixonado.

Rose respondeu depressa, irritada pelo comentário:

— Ora, isso é ridículo! Ele apenas se sente grato por eu haver salvo o seu braço.

O sorriso morreu nos lábios de Gaston e ele se inclinou para falar apenas aos seus ouvidos:

— O fato de você ser uma mulher lindíssima pode desempenhar um papel importante na admiração que Claude cultiva.

Rose encarou-o surpresa, os grandes olhos verdes imersos em confusão, enquanto ela procura naquele rosto irresistível uma pista para seus verdadeiros sentimentos. Por que ele insistia em jogar aquele tipo de jogo com ela? Sentia-se como um pequeno animal indefeso, preso entre as patas de um enorme predador, esperando que ele decidisse o seu destino.

Embora Gaston a fitasse com olhar lânguido, ela não pôde decifrar a mensagem escondida nas feições neutras. Virou-se para o lado, cansada de tentar compreendê-lo.

— Desculpe-me, sir, por ser apenas uma simples camponesa. Não

compreendo os motivos de seu galanteio. Talvez, se eu fosse mais sofisticada, receberia seus comentários com maior naturalidade.

Gaston soltou uma gargalhada sonora, que fez diversas cabeças se virarem na sua direção. Rose ficou fascinada com o brilho que iluminou seu olhar.

— Camponesa você pode ser, mas simples, jamais! — Baixando a voz, acrescentou para que só ela o ouvisse: — Se quisesse, poderia partir meu coração com uma só palavra.

Apesar de saber que a conversa não passava de um galanteio sem importância, Rose não pôde impedir que seu coração saltasse dentro do peito. Desviou os olhos dos dele e forçou uma risada nervosa.

— Por favor, sir, pare com isso. Ao menos, não sou tão ingênua a ponto de levar esta conversa a sério.

Ele se aproximou um pouco mais.

— Se não fosse tão ingênua, reconheceria a verdade de minhas palavras.

Rose prendeu a respiração e voltou a encará-lo mas, a essa altura, ele já se virará para atender ao chamado de um outro cavaleiro.

Ela fez o possível para terminar a refeição, embora seu estômago se rebelasse a cada mordida. Precisaria de todas as forças para enganar aquele normando mais tarde.

Horas depois, quando todos os residentes de Carlisle haviam se recolhido para suas camas, Rose deixou seu quarto.

Ao atravessar o pátio, avistou o sentinela caminhando para lá e para cá, no topo da paliçada. Sentiu a umidade do ar e observou o céu estrelado, em busca de algum sinal de chuva. Nada.

Ao alcançar o túnel, teve de fazer um esforço maior do que esperava a fim de conseguir erguer a pesada porta de ferro. Os músculos de seus braços pareciam prestes a romper quando, finalmente, atingiu seu objetivo. Deixando a porta tombar no chão, enxugou o suor da testa na manga do vestido.

Depois de respirar fundo para criar coragem, entrou no túnel. Estava muito escuro e, se ela estendesse os braços, tocaria as duas paredes laterais ao mesmo tempo. O aroma de terra úmida impregnava o ar, já denso pelo cheiro das criaturas peludas que habitavam o interior. Rose estremeceu ao

ouvir os guinchos dos ratos que se agitavam à sua frente.

A saída para os limites da floresta parecia muito distante, mas ela não demorou a alcançá-la. Ao sentir o ar fresco da noite nas faces, inspirou profundamente e saiu. Viu-se no pé da pequena montanha que, atrás do feudo, parecia mais íngreme. Olhou para trás a fim de verificar se o sentinela da paliçada poderia avistá-la.

Percebendo que seria vista se não se apressasse, correu para a floresta. Mal respirava, aflita pelo medo de ouvir um grito de alerta atrás de si.

Só se sentiu aliviada quando se viu envolta pela floresta densa.

O luar infiltrava-se por entre as árvores e uma brisa suave sacudiu de leve as folhas tenras da primavera. Seus pés afundaram na terra macia, ela sorriu, sentindo-se em casa. Passara muitas horas e piorando os arredores, à procura de ervas, e não teria medo de esta ali.

Não demorou a chegar ao regato. Como não visse o menor si de Robert, foi tomada pelo receio de que ele houvesse mudado idéia. Mas tratou de acalmar-se. Se Robert decidisse não compareci ao encontro, teria mandado um mensageiro avisá-la.

Um movimento à sua direita fez com que se voltasse naquela direção. Um homem saiu detrás de uma árvore. O capuz do manto obscurecia-lhe o rosto.

Rose precisou apenas de um instante para reconhecer os movimentos firmes e graciosos de Robert. Correu ao seu encontro e atirou-se nos braços que se abriam para recebê-la. Ele a abraçou com ternura. Sentindo a garganta ressecada pela emoção de voltar a ver o parente tão querido, Rose descobriu-se incapaz de perguntar-lhe sobre o ataque da véspera. Ele poderia pensar que ela o estava acusando.

Sem conter as lágrimas, falou com voz abafada:

— Robert! Robert! Por um momento, tive medo que não viesse. A voz querida e familiar soou reconfortante aos seus ouvidos:

— Esperei para me certificar de que você não foi seguida. — Estreitando ainda mais o abraço, continuou: — É bom ver você, prima. Elspith e eu sentimos muito a sua falta. Tanto tempo se passou desde que nos vimos pela última vez.

Rose afastou-se um pouco para perguntar com ar preocupado:

— Elspith está bem?

— Sim, dentro do possível, uma vez que nosso lar nos foi tirado e ela não conta com nenhum dos confortos que uma dama de sua posição merece.

— E sua mãe?

Robert soltou um risinho amargo.

— Está morta.

Chocada pela notícia inesperada, Rose demorou algum tempo para reagir. A irmã de sua querida mãe... Morta.

— O que aconteceu a ela?

— Ficou doente. Não resistiu à privação da vida na floresta. — A voz de Robert soou dura e fria, embora Rose soubesse que se tratava apenas de um recurso para esconder a dor.

— Ah, Robert! — Voltou a abraçá-lo, passando os braços em torno de sua cintura. Ressentiu-se ao sentir-lhe a magreza exagerada.

— Tenho me preocupado tanto com vocês. Pretende continuar a resistir aos normandos?

— Se pretendo? — Ele a soltou e deu um passo para trás. — E o que mais eu poderia fazer? Se eu aceitar a dominação normanda, perderei o respeito por mim mesmo. Deixaria de ser um homem de verdade.

Rose empertigou-se, magoada pelas palavras do primo.

— O homem que aceita o que não pode ser mudado e tão bravo quanto aquele que decide lutar — declarou e deu-lhe as costas.

Robert contornou a figura frágil e parou diante dela, fitando-a nos olhos.

— Não tive a intenção de ofendê-la, prima. Você é apenas uma mulher e tem de fazer o melhor que pode, sem um homem para protegê-la. Não tem meios de resistir a esses bárbaros.

— Acha que a resistência é a melhor maneira de enfrentá-los, Robert? — ela perguntou, sem desviar os olhos dos dele.

Mais uma vez sentiu o golpe provocado pela faces encovadas. Robert fora um homem bonito e atraente, com seus cabelos dourados e seus olhos claros e cheios de brilho. Muitas jovens das redondezas suspiravam de paixão ao vê-lo passar. Agora, seus olhos brilhavam, mas de um ódio tão intenso que ela se perguntou se ele não seria consumido por aquele sentimento maligno.

Robert respondeu com tristeza:

— Edmund teria lutado ao meu lado, partilhando meu rancor. Rose foi invadida por uma onda de fúria e frustração. Então, os homens realmente acreditavam serem eles os únicos a sofrerem com perda da honra? As palavras brotaram de seus lábios, antes que ela tivesse tempo de controlá-las.

— Por que eu sou sempre comparada a Edmund e considerada inferior? Abri mão de minha honra para proteger meu povo. Edmund não poderia fazer mais. Papai também nunca foi capaz de perceber que eu também herdei o seu senso de honra e justiça.

Tamanha foi à surpresa no rosto de Robert, que Rose teria rido se a situação não fosse tão séria.

— Rose, seu pai amava você.

— Mas eu queria que me respeitasse. Fiz tudo o que estava ao meu alcance pelo bem de Carliste.

— Mas decidiu se render. Eu não posso seguir o mesmo caminho. Trata-se de algo que, sendo mulher, você não pode entender.

Seria mesmo mais fácil para uma mulher aceitar o domínio normando? Rose não conseguia encontrar a verdade nessa noção. Sabia apenas que fizera o que devia fazer para salvar sua gente.

Desistindo de discutir, pois o primo jamais aceitaria o seu ponto de vista, voltou o pensamento para Elspith. Mais uma vez, teria de render-se pelo bem de outra pessoa.

— Robert, quero lhe pedir uma coisa. Sei que será difícil para você me responder sim, mas quero que pense no assunto com cuidado, antes de me dizer não.

Ele se mostrou desconfiado, como se estivesse se preparando para rejeitar qualquer sugestão. Mesmo assim, ela continuou:

— Quero que deixe Elspith vir para Carliste, e viver comigo — falou de uma só vez, sem lhe dar chance de interromper. Esperou, ansiosa, pela resposta.

Robert desatou a rir e o som encheu a clareira a seu redor. Apoiou-se no tronco de uma árvore, enfraquecido pelo acesso de gargalhadas.

— O que é tão engraçado? — Rose perguntou, de mãos na cintura,

fitando-o irada.

— Você... e eu — ele falou por entre risos. — O motivo pelo qual pedi que viesse me encontrar esta noite, era que eu pretendia convencê-la a permitir que eu mandasse Elspith para cá. — Então, o riso sumiu e seu rosto voltou a assumir uma expressão sombria. — Aquilo não é vida para ela. Eu não devia ter levado minha irmã e minha mãe comigo para a floresta. Mas, o que mais me restava fazer? Não podia deixá-las sozinhas para enfrentar os normandos, quando chegassem a Brentwood. E, também, não havia tempo para trazê-las ate aqui.

Rose não pôde mais conter a alegria. Atirou-se para ele, envolvendo-o nos braços.

— Ah, fico tão feliz com sua decisão! Pensei que teria de discutir e discutir, até convencê-lo.

Robert apertou-a nos braços mais uma vez.

— Como pretende explicar a presença dela em Carlisle? As pessoas vão fazer perguntas.

— Já pensei nisso e tenho um plano. Não se preocupe — assegurou-lhe cheia de confiança. — Quando ela virá?

— Não sei ao certo — Robert respondeu com ar contrariado. — De Thorne está acampado bem no meio do caminho entre o meu acampamento e Carlisle. Teremos de esperar por uma noite em que ele esteja ocupado... provavelmente, caçando saqueadores. — Encerrou a frase com uma risada amarga.

— Então, já viu sir de Thorne? — Rose inquiriu. — Ele é um homem perigoso. Tenha cuidado.

— Não se preocupe — Robert garantiu. — Até agora, só o vimos a distância. Ele pensa que pode esmagar nossa resistência sem fazer grandes esforços. Pois ele que se prepare, pois terá uma surpresa.

— Como se pensasse em voz alta, continuou: — Descobri que não estamos sozinhos em nossa empreitada de atormentar Hubert de Thorne. Os malditos assassinos...

— Fale-me sobre eles — Rose implorou, sabendo que. Ele falava do ataque à fazenda.

Mas Robert voltou a assumir uma atitude rígida.

— É melhor que eu não diga nada. Quanto menos você souber, menor o risco que corre. Basta saber que há outros, além de meus homens, decididos a tornar a vida dos normandos um inferno. E não se deterão diante de nada para atingir seu objetivo.

Então ele sorriu, e seu rosto transfigurou-se, voltando a ser o velho e querido Robert.

— Preciso ir agora. — Abraçou-a mais uma vez e, segurando-lhe o rosto entre as mãos, beijou-a na testa. — Seja forte, pequena. Quem sabe um dia possamos voltar a viver em paz, como vivemos no passado. — A centelha de esperança que aqueceu o coração de Rose apagou-se diante das palavras que ele pronunciou a seguir: — Assim que expulsarmos os opressores de nossa terra.

Então, soltou-a, virou-se e desapareceu por entre as árvores, silencioso como uma sombra.

Rose quis chamá-lo, dizer-lhe que a vida jamais seria como ele imaginava. Quanto mais cedo ele encarasse o fato de que os normandos haviam chegado para ficar, melhor seria para ele.

Mas Rose não queria despedir-se em meio a mágoas e ressentimentos. Além disso, logo teria Elspith a seu lado. Não podia arriscar sua conquista mais importante das últimas semanas.

E, ainda havia outro motivo para alegrar-se: as palavras de Robert a convenceram de que ele não tomara parte no ataque que vitimara Nigel e sua família.

Eram outros os criminosos que rondavam a região e Rose pretendia descobrir quem eram.

Decidindo que já era tempo de voltar para Carlisle, Rose girou nos calcanhares, apenas para deparar com o peito largo e forte de um cavaleiro. Seu coração parou, então voltou a bater desorientado, o sangue correndo em disparada por suas veias. O medo imobilizou-a. Cerrou os olhos com um gemido de puro desespero.

Gaston.

A mente paralisada pelo choque, ela lutou para recuperar o raciocínio. O

que ele vira? E, se vira Robert, por que não o capturara quando tivera a chance?

Suas pernas tremiam tanto que ela mal conseguia se manter pé. Com esforço enorme, afastou-se um passo. Teria de enfrentá-lo.

Ele a segurou pelos ombros, fazendo-a tremer ainda mais, à espera do que ele tinha a dizer. Perguntou-se se ele a denunciaria como uma rebelde.

Finalmente, depois do que lhe pareceu uma eternidade, ele falou:

— E então, lady Rose?

— Sir... sir Gaston... — ela gaguejou, sem saber o que dizer. Gaston insistiu com voz rude.

— Importa-se de explicar o que acabei de ver aqui? Rose decidiu ganhar tempo.

— O que pensa que viu, sir? — Tinha de pensar em uma explicação plausível. Não podia contar-lhe a verdade sobre Robert.

— Sabe muito bem o que vi. — Perdendo o controle, ele a sacudiu com violência. — Aquele homem é seu amante. De nada adiantaria negar. Eu o vi beijando você.

Como estivesse atordoada pelo encontro inesperado com Gaston, Rose demorou alguns instantes para se dar conta de que ele havia interpretado de maneira inteiramente errada o que vira.

— Meu amante? — ela repetiu e baixou os olhos para o chão. Não seria melhor que Gaston acreditasse que ela fora até ali para encontrar-se com o amante, em vez de enchê-la de perguntas sobre Robert? A despedida ainda se fazia sentir em seu peito e a tristeza verdadeira em sua voz acrescentou realidade à ilusão de que Robert era seu amante. — Estávamos dizendo adeus.

— Não está certo você vir até aqui para encontrar-se com um homem, quando está tão perto de casar-se com meu irmão — Gaston falou com frieza.

— Vim apenas para me despedir — Rose mentiu. — Ele implorou que eu viesse encontrá-lo. Eu não podia recusar. Tive medo que ele se arriscasse, indo até Carlisle, se eu não viesse.

Gaston permaneceu imóvel como uma rocha, sua silhueta desenhada pelo luar.

— Conhece esse homem há muito tempo?

— Ah, sim — ela respondeu, pensando que não era de todo uma mentira. Então, a ameaça no tom de Gaston deixou de amedrontá-la, pois ela reconheceu nele o mesmo sentimento, que quase a deixara fora de si no dia em que ele conversara em particular com Evelyn. — Por favor, acredite que vim apenas para dizer-lhe que está tudo terminado. Ele soube do meu iminente casamento com Hubert. Foi então que enviou a mensagem para que eu o encontrasse. O que mais eu podia fazer? — Lançou-lhe um olhar de súplica, rezando para que ele acreditasse em tudo o que estava dizendo.

— Se veio para dizer adeus — Gaston inquiriu no mesmo tom — então por que permitiu que ele a beijasse?

— Ora, mas o que é um beijo? — balbuciou, sem pensar nas palavras que pronunciava, aliviada ao constatar que o estava convencendo. — Foi um pequeno presente de despedida. Você mesmo me ofereceu o beijo da paz há poucos dias.

— O que é um beijo? — Gaston rosnou, sem dar a menor atenção às palavras que se seguiram à primeira frase pronunciada por Rose. — Pois eu vou lhe mostrar...

Antes que Rose pudesse compreender o que estava acontecendo, já era prisioneira dos braços fortes e violentos.

Gaston inclinou a cabeça e beijou-a.

Pega de surpresa, Rose não reagiu.

Então, quando os lábios de Gaston começaram a mover-se sobre os seus, seu corpo respondeu com uma explosão de desejo. Seus lábios se abriram para ele, dominados pela paixão inocente que assolou os seus sentidos.

Gaston puxou-a para si com um gemido de prazer e Rose amoldou seu corpo a ele. Ao mesmo tempo, ergueu os braços e enrascou os dedos em seus cabelos. Abandonou-se às ondas de desejo que faziam o mundo girar e as estrelas caírem do céu.

Fora para isso que nascera, Rose pensou, para ser abraçada e beijada por aquele homem. Perdida na felicidade sufocante da descoberta, encheu os pulmões de ar e murmurou contra os lábios que exploravam os seus:

— Ah, meu amor!

Ao ouvir a declaração, Gaston ergueu a cabeça. Constatou que o rosto

dela estava iluminado pela paixão. Mas não por ele. Ela pensava no amante que acabara de deixar.

Seu desejo arrefeceu com a mesma rapidez com que o havia inflamado. Afastou-se, deixando os braços caírem ao longo do corpo. Quando falou, o fez sem qualquer emoção.

— Devemos retornar a Carlisle.

A mudança abrupta na atitude de Gaston atingiu Rose como um golpe físico. Sua declaração de amor só servira para afastá-lo.

Ergueu o queixo, decidida a jamais deixá-lo saber o quanto aquela rejeição a magoara.

Durante o trajeto de volta, nenhum dos dois falou. Em silêncio, ele a acompanhou pelo longo caminho que levava aos portões. Somente depois de entrarem no feudo ele se virou para ela.

Mas Rose fingiu não notar, continuando a caminhar com passos firmes em direção a seu quarto.

Não viu a dor nos olhos dele, enquanto a observava afastar-se, Gaston estendeu a mão, desejando chamá-la. Lamentava tê-la ferido. O amor que ela sentia pelo homem que fora encontrar na florestal não era errado. Devia estar apaixonada por ele desde muito antes de Hubert chegar, proclamando-se seu futuro marido.

Era ele, Gaston, quem estava errado em toda aquela história. Sabia que Rose estava prometida a seu irmão e que seu coração pertencia a outro.

Ainda assim, ele a queria, mais que qualquer coisa em sua vida.

CAPÍTULO VII

Na noite seguinte, a chuva começou a cair com violência. Rose sentia como se a Natureza tentasse lavar a mancha que assolara sua terra, na forma de normandos.

Os ocupantes do feudo haviam sido levados para o salão.

Quando Rose juntou-se às outras mulheres, Gaston não fez qualquer movimento para chamá-la. Continuou sentado, conversando com outros cavaleiros, junto da lareira. Parecia ignorá-la totalmente. E era o que ela queria, não era?

Pela milésima vez, a mente de Rose voou de volta à noite anterior. E, mais uma vez, ela sentiu a força dos lábios exigentes, movendo-se sobre os dela. Lembrou-se de como o seu corpo respondera, numa explosão de desejo até então represado. Ouviu a própria voz, rouca e lânguida, murmurando: “Meu amor”.

Sentiu as faces arderem de vergonha e baixou os olhos para as mãos cruzadas sobre as coxas. O que ele estaria pensando a seu respeito? Acreditaria que ela era capaz de sair dos braços de um homem para atirar-se em seguida nos braços de outro? E, acreditando que Robert era seu amante, Gaston contaria a Hubert sobre seu encontro na floresta?

Permaneceu em silêncio enquanto as mulheres conversavam e riam ao seu redor. Contra a sua vontade, seus olhos buscavam Gaston a todo momento. Não queria que ele pensasse que ela se entregava de boa vontade a qualquer homem. No entanto, preferia morrer a deixá-lo saber o quanto ele significava para ela.

Gaston atirou a cabeça para trás, rindo de alguma piada contada por um dos soldados. A luz avermelhada do fogo refletiu-se em seu pescoço bronzeado, fazendo Rose prender a respiração. Observou, fascinada, o movimento de sua mão quando ele tentou afastar a mecha teimosa que lhe caía na testa. Ah, como desejava tocá-lo, sentir-lhe a maciez dos cabelos negros e fartos. Calando a angústia que lhe apertava o peito, Rose desviou o

olhar.

Não fazia o menor sentido torturar-se daquela forma. Se estivesse em seu quarto, ao menos poderia ficar a sós com sua infelicidade. Levantou-se e saiu, sendo forçada a passar ao lado da lareira em seu caminho para fora do salão.

Rose não notou o modo como Gaston observava cada gesto seu. Também não percebeu o desejo em seus olhos, quando o fogo iluminou seus cabelos, fazendo-os parecer uma cortina de fogo em contraste com a túnica amarelo-pálida. Estava cega pelo desprezo que sentia por si mesma.

Saindo para a chuva torrencial, ela puxou o capuz do manto sobre a cabeça, embora este não oferecesse grande proteção contra a quantidade de água que caía do céu sem parar. Sua única esperança de alcançar o quarto antes de estar encharcada era uma corrida rápida através do pátio lamacento.

Sobressaltou-se ao sentir um toque no ombro.

Virou-se e deparou com Maida, molhada da cabeça aos pés, os cabelos ensopados colados às faces redondas. A cozinheira batia os dentes de frio.

— Venha comigo — Maida falou, fazendo um gesto para que Rose a seguisse.

Sem comentar a aspereza do pedido, Rose obedeceu. Devia haver algo errado para Maida comportar-se de maneira tão estranha.

Para surpresa de Rose, a cozinheira levou-a a um dos compartimentos da adega. Ainda sem tecer qualquer comentário, limitou-se a esperar pelo desfecho da situação. Observou Maida descer a escada; para a adega. Um fecho de luz subia do aposento abafado, facilitando; a descida de Rose.

Quando pousou os pés no chão de terra batida, virou-se. Deparou com um figura frágil encolhida em um canto, no lado oposto à escada. Parecia uma mulher jovem, envolta em um pesado manto de viagem, ensopado da cabeça aos pés.

Rose olhou para Maida que se limitou a fazer um movimento de cabeça, indicando a figura encolhida.

Voltando o olhar para a moça, estudou-a com mais atenção. O ângulo em que mantinha a cabeça erguida, bem como a postura graciosa, lhe eram familiares.

No momento seguinte, Rose atravessava o pequeno espaço que as

separava, para envolver a pequena criatura em seus braços.

— Elspith, Elspith! Mal posso acreditar que está aqui!

Elspith se desfez em soluços.

— Ah, Rose! Como senti a sua falta. Pensei que nunca mais voltaria a vê-la.

O capuz escorregou de sobre sua cabeça, revelando os cabelos que lhe cobriam os ombros. Mesmos molhados pela chuva, eles exibiam o intenso brilho dourado de sempre.

As duas se abraçaram, choraram e riram. Embora não se vissem havia poucos meses, tantas haviam sido as mudanças em suas vidas, que o período mais lhes parecia unia eternidade. O pai e o irmão de Rose estavam mortos. A mãe de Elspith morrera e seu irmão se tornara um fora-da-lei, dentro de suas próprias terras. E ainda havia a sempre presente ameaça de seus inimigos, os normandos, para lembrá-las de que a vida nunca mais seria a mesma.

— Não pensei que Robert fosse trazê-la tão cedo — Rose confessou e afastou-se apenas um pouco. Apesar das lágrimas que lhe toldavam os olhos, seu sorriso era o mais feliz e sincero dos últimos meses.

Elspith falou com sua voz doce e melodiosa:

— Robert calculou que a chuva manteria sir de Thorne e seus homens em torno das fogueiras no acampamento, esta noite. Não avistamos ninguém ao longo do caminho.

Observando a prima com atenção, Rose notou que Elspith mudara. Havia uma força desconhecida no brilho de seus belos olhos dourados.

Elspith também observou Rose e, com certa hesitação, comentou:

— Você é a mesma, e ainda assim, sinto que está diferente. Pesarosa por interromper a reunião familiar, Maida chamou-lhes a atenção:

— Precisamos meter esta menina em roupas secas, antes que fique doente.

Dando-se conta de que os dedos que segurava entre os seus estavam enregelados, Rose concordou com a cozinheira.

- Maida tem razão. Venha, vamos providenciar roupas secas e quentes para você.

A sombra da incerteza cobriu as feições de Elspith.

— Robert me disse que você tem um plano para explicar minha presença aqui — falou hesitante.

— É verdade, e para levá-lo adiante, vou precisar da ajuda de Maida. Sua presença de espírito em trazê-la para a adega será de grande ajuda para nós.

— Eu não trouxe lady Elspith para cá — Maida interrompeu, corando. — Vim apanhar uma garrafa de vinho. A senhora sabe como meus ossos doem quando chove. Foi então que encontrei lady Elspith aqui.

O vinho guardado naquele compartimento era dos melhores, comprado do mosteiro situado próximo ao feudo, a um preço exorbitante. Mas Rose nem pensou no assunto. Estava preocupada com questões mais urgentes.

— Tanto faz como você encontrou Elspith. Temos de combinar uma história para justificar sua presença em Carlisle. — Ao notar-lhes a expectativa, continuou: — Maida, quero que finja que Elspith é sua sobrinha. Dirá que é filha de sua irmã, que mora perto de Mayhill.

Maida lançou-lhe um olhar atônito. Qualquer um perceberia que Elspith não era uma simples filha de fazendeiros.

— Lady Elspith é uma dama refinada demais para convencer alguém com esta história, lady Rose.

Rose virou-se para a prima. Era bem verdade que ela não se parecia em nada com uma simples camponesa. Sua postura natural era de altivez e as mãos delicadas demais para uma moça habituada, ao trabalho pesado dos campos. Seu vestido, embora sujo e rasgado; na barra, era confeccionado da mais pura seda.

Rose jamais possuía um vestido de seda. Seu pai não tinha posses para comprar tecidos tão caros. Em Carlisle, as mulheres aprendiam a fiar e tecer desde pequenas, produzindo lã de excelente qualidade.

Ao perceber que a prima estudava o vestido que, um dia, fora digno de inveja, Elspith explicou sem jeito:

— É tudo o que tenho. Abandonamos Brentwood na mesma noite em que Robert retornou da guerra. — Seu tom de voz denunciava a falta de esperança que as palavras não poderiam descrever.

Rose fazia ideia do quanto fora difícil para a prima viver a vida de fugitiva na floresta. A moça frágil jamais trabalhara junto aos vassallos e servos, como

Rose sempre fizera.

Elspith fora educada para o casamento com um homem de posição elevada. Falava-se até em uma possível união com o filho de um conde. Mas a guerra chegara e, agora, tudo mudara. Pelo que Rose conhecia das dificuldades da vida atual, Elspith precisaria de toda a força de vontade para continuar viva.

— Teremos de disfarçar Elspith como serva. Se Hubert desconfiar de suas origens privilegiadas, não vai sossegar enquanto não descobrir toda a verdade. Se seu parentesco com Robert deve ser mantido em segredo, não podemos arriscar que isso aconteça. Se Hubert descobrir sua identidade, não hesitará em usá-la para atrair o inimigo para longe da proteção da floresta. — Rose fez uma pausa e, depois de fitar as duas nos olhos, concluiu: — Não há outra saída.

Elspith olhou para as mãos pálidas à luz da vela.

— Serei descoberta.

— Esses normandos só enxergam o óbvio. Felizmente, Hubert encontra-se no acampamento e só teremos de enganar o irmão dele — Rose falou apressada, tentando transmitir confiança.

Em vão, pois Elspith continuou abatida pela incerteza.

— Por quanto tempo pretende manter lady Elspith escondida? — Maida perguntou.

Rose sentiu-se obrigada a responder com honestidade:

— Não sei. Tentarei melhorar sua situação aos poucos, a fim de tornar sua vida mais confortável. Sei que não deseja viver como serva mas, se quer o bem de Robert, não terá outra escolha aqui. Pelo menos, por enquanto. A decisão é sua. Se não quiser ficar, posso providenciar que alguém de confiança a leve de volta ainda esta noite, antes que sua presença seja notada.

As poucas semanas passadas na floresta haviam sido as mais difíceis da vida de Elspith. Sacudiu a cabeça, lançando à prima um olhar cheio de confiança.

— Ficarei com você.

Rose sentiu o peso de mais uma responsabilidade sobre seus ombros.

— Cuidarei para que durma no meu quarto. Ao menos isso, eu ainda

posso decidir.

Hubert retornou a Carlisle no dia seguinte. Ele e seus homens estavam encharcados até os ossos e ansiosos para saborear a comida de Maida.

Gaston sentiu-se aliviado ao ver o irmão cavalgar através dos portões do feudo. Desde a noite em que beijara Rose na floresta, não conseguira concentrar o pensamento em mais nada. A única maneira que encontrara de impedir que outro incidente semelhante ocorresse, fora manter-se afastado dela. E não havia sido tão fácil como havia imaginado. Mesmo sabendo que ela amava outro homem, continuou a observá-la onde quer que fosse, além de tentar se colocar sempre a uma distância que lhe permitisse ouvir-lhe a voz doce e macia.

Com passadas largas, aproximou-se depressa dos recém-chegados que desmontavam de seus cavalos.

— Kyle! — gritou para um servo que passava. — Leve o cavalo de sir de Thorne para o estábulo. Providencie que seja escovado e alimentado.

Habitado a obedecer as ordens de Gaston sem demora, Kyle apressou-se em fazer o que lhe fora ordenado.

Observando a cena, Hubert ergueu as sobrancelhas, mas absteve-se de qualquer comentário.

Sem perceber a expressão do irmão, Gaston pegou-o pelo braço e levou-o para o salão principal.

— Venha comigo. Está precisando de uma bebida quente, Eu estava mesmo me dirigindo para o salão. Conte-me as novidades. Teve algum sucesso na captura daqueles rebeldes?

— Pelo que estou vendo, você se adaptou à vida no feudo com rapidez e facilidade — Hubert comentou em tom seco.

Surpreso, Gaston ergueu os olhos para o irmão e então sorriu.

— Desculpe se usurpei a sua autoridade. Acho que me acostumei a dar as ordens o tempo todo enquanto você esteve fora.

— Compreendo. — Hubert devolveu-lhe o sorriso. — Está evidente que você também não vai demorar a pedir suas próprias terras ao rei William. — Franzindo o cenho, continuou: — Espero que tenha mais sorte do que eu.

Assim que entraram no salão, Gaston acenou para uma serva, pedindo-

lhe que trouxesse vinho quente para ele e para o irmão.

— Então, não conseguiu apanhar os rebeldes?

Hubert sacudiu a cabeça e atirou as luvas sobre a mesa.

— Não consigo entender. É como se aqueles demônios soubessem exatamente o que vamos fazer, antes de darmos o primeiro passo. É mais estranho ainda é o fato de não haver a menor lógica no que, eles fazem. Uma noite, atei fogo a um celeiro vazio; um golpe dado mais para irritar do que para prejudicar. Então, algumas horas depois, espancam um homem até a morte por se recusar a entregar-lhes seu gado.

Em poucas palavras, Gaston contou a Hubert sobre o incidente: na fazenda de Nigel, concluindo que não tivera mais sorte que o irmão na captura dos criminosos.

Hubert esmurrou a mesa, frustrado.

— Fui até Brentwood e interroguei todos os habitantes da região. Ameacei a maioria, até bati em alguns, mas ninguém disse uma palavra que pudesse nos ajudar. Parece mesmo que o povo está tentando proteger alguém. Mas por que protegeriam justamente quem está lhes causando tanto mal?

— Descobriu alguma coisa sobre a família do antigo lorde de Brentwood?

— Gaston perguntou, tentando encontrar alguma pista para o mistério.

— Ele tinha um filho e uma filha — Hubert falou com indiferença —, mas pelo que pude apurar, são pouco mais que crianças.

— E onde estão eles?

— Não sei e não me interessa. É preciso mais que um simples rapazola para planejar e levar adiante as barbaridades que esses loucos vêm cometendo.

A serva trouxe o vinho aquecido e temperado com especiarias, colocando o jarro diante dos dois irmãos. Hubert encheu o copo e bebeu de um só gole. O líquido vermelho escorreu pelos cantos de sua boca. Devolvendo o copo sobre a mesa, limpou os lábios na manga da camisa e soltou um suspiro de satisfação.

— Você acredita mesmo que pode descartar a possibilidade dos bandidos serem liderados pela família do antigo lorde? — Gaston insistiu, depois de bebericar seu vinho.

— Já lhe disse que interroguei toda a população do feudo sobre essa questão. O rapaz é jovem demais, E como todos os vassalos contam a mesma história, mesmo sob tortura, só posso acreditar que estejam dizendo a verdade. As crianças podem até estar escondidas em algum lugar da vila, mas não faz diferença. Eles não podem me fazer mal algum. — Hubert encheu o copo pela segunda vez.

Gaston tomou outro gole de vinho, pensando que os métodos utilizados por Hubert para obter informação podiam ser bastante persuasivos. Se os aldeões continuavam a jurar que não podia ser o filho do antigo senhor, então era muito provável que não fosse. Na verdade, pouco importava quem era o líder. Os culpados pelos ataques deviam ser capturados e punidos com severidade.

— Se a população local não pode identificar os agressores — Gaston falou, como se pensasse em voz alta —, então é possível que não sejam da região. Talvez, nossos inimigos façam parte de um exercito sem aliança com ninguém. Seus métodos de tortura podem ser considerados profissionais.

— Cheguei à mesma conclusão — Hubert concordou. — O que os torna mais difíceis de capturar. Estou começando a pensar que William não foi tão generoso quanto pareceu, ao me presentear com estas terras. — Com um sorriso forçado, acrescentou: — Se não resolvermos a situação a curto prazo, serei obrigado a contratar mais mercenários normandos, e isso custa caro.

Gaston observou o líquido escuro em seu copo. Sentia como se o estômago estivesse cheio de nós. Fazia-lhe mal saber que Hubert estava insatisfeito com sua propriedade quando ele, Gaston, daria tudo em troca das responsabilidades que o irmão amaldiçoava com tamanha facilidade. Por outro lado, sentia-se satisfeito por ser como era: sempre inclinado a tomar a decisão correta, e pronto para aceitar as conseqüências quando errava. Mas fora Rose quem tornara Carlisle especial, quem transformara uma terra estranha, habitada por pessoas desconhecidas, em um lar aconchegante.

Como Gaston não fizesse qualquer comentário, Hubert voltou a falar:

— Estou grato a você por ter ficado em Carlisle. Sua presença aqui deixa minha mente tranqüila para resolver a questão dos rebeldes.

Tudo o que Gaston conseguiu fazer foi assentir. Não seria capaz de fitar o

irmão nos olhos. Hubert não se sentiria tão grato se soubesse como o irmão mais novo se sentia em relação à futura cunhada. Foi tomado por um intenso sentimento de culpa. Se fosse um homem honrado, se recusaria a continuar com aquela farsa. Mas como poderia contar a verdade ao irmão sem magoá-lo? Não. Não podia.

Foi então que Gaston decidiu o que fazer.

Assim que Hubert tivesse sua propriedade sob controle e livre dos ataques rebeldes, Gaston partiria imediatamente. Era a única atitude honrada a tomar.

Hubert recostou-se na cadeira, sem sequer imaginar a batalha interior travada pelo irmão.

— Fiquei muito satisfeito com a sua administração. Suas cartas mantiveram-me bem informado. Aprovei inteiramente a sua decisão de casar á jovem saxã com um de meus soldados. Os dois povos terão de aprender a viver em harmonia.

Sem disfarçar o orgulho, Gaston contou-lhe como Rose se esforçara para salvar a vida de Claude. Hubert sorriu.

— A mulherzinha só precisa de um braço forte para guiá-la. Quando lady Rose se unira mim no casamento, os laços entre nossos povos estarão selados.

Gaston cerrou os dentes. Não precisava ser lembrado de que Hubert e Rose, em breve, seriam marido e mulher.

Alheio às reações do irmão, Hubert esfregou as mãos, num gesto de ansiosa antecipação.

— Eu sabia que podia deixar minha noiva em suas mãos. Só espero que lady Rose seja tão talentosa na cama como é na arte da cura!

Gaston teve de esforçar-se para manter o controle.

— Você se refere à sua futura esposa como se falasse de uma égua.

— Ei, o que é isso? — Hubert o fitou surpreso. — Por que esse interesse súbito no meu modo de falar? Você, querido irmão, foi quem ficou famoso pela capacidade de seduzir as mulheres com uma boa conversa. E, nós sabemos, que este não é meu ponto forte.

Gaston desviou o olhar, sentindo um gosto amargo subir-lhe à garganta ao mentir:

— Só tive a intenção de lembrá-lo que ela é a senhora aqui e o povo

aceitará você com maior facilidade se a tratar com honra e dignidade.

— Sim, você tem razão, Gaston — Hubert concordou. — É bom que eu não me esqueça disso. Tem mais alguma novidade para me contar?

Gaston hesitou. Devia contar a Hubert sobre o encontro de Rose com outro homem na floresta? O irmão mais velho não receberia a notícia com calma e tranqüilidade. Em sua hesitação, Gaston perdeu a oportunidade, uma vez que o irmão interpretou seu silêncio como resposta.

Hubert começou a falar da carta que sir Gerard recebera do irmão que vivia na corte. De acordo com a mensagem, o rei William estava enfrentando problemas com um conde saxão, ao norte de Carlisle. Gaston ouviu apenas parte da conversa do irmão. Rose garantira que não voltaria a encontrar o amante. Se ele, Gaston, podia manter seu desejo por ela em segredo, então lady Rose também tinha direito a seus segredos.

Elspith cambaleou sob o peso da bandeja carregada de carnes. Ao vê-la, Rose apressou-se em chamar um criado e ordenar-lhe com aspereza que a ajudasse. Em seguida, instruiu a prima para servir vinho aos soldados. Agradecida, Elspith tratou de cumprir a tarefa com diligência.

Observando-a, Rose sentiu uma pontada de tristeza, vendo-se incapaz de dar à prima melhores condições de vida. Por outro lado, emocionava-a a facilidade com que Elspith fora aceita entre a criadagem que partilhava seu segredo.

Gaston dera pouca atenção à desconhecida que servia as mesas, enquanto Hubert mal conhecia os criados. Assim, o novo lorde de Carlisle nem sequer se deu conta de que havia uma nova serva trabalhando no salão.

Sabendo que Elspith encontrava-se em segurança sob seu teto, Rose tinha mais tempo para pensar nos outros problemas que a afligiam. Perguntava-se a todo momento se Gaston contaria a Hubert sobre seu encontro com Robert.

— Embora houvesse retomado a Carlisle no início da manhã, Hubert não a procurara ao longo do dia, o que era um sinal de que, ao menos até aquele momento, Gaston não lhe dissera nada. Rose estava certa de que, uma vez informado sobre os acontecimentos duvidosos daquela noite na floresta, Hubert não perderia tempo em confrontá-la e interrogá-la.

Determinada a evitar que o futuro marido se irritasse por qualquer

motivo, vestiu-se com cuidado maior que o habitual. Afinal, ele sempre insistia que ela se apresentasse como sua posição exigia, Além disso, mostrava-se contrariado quando ela não seguia sua orientação no tocante às regras normandas de convivência. O vestido salmão, coberto em parte pela túnica verde-claro, não oferecia insulto a ninguém. Trançou os longos cabelos, entremeando fitas das mesmas cores do traje sóbrio.

O fato de que Gaston a veria em sua melhor forma não representava a menor ameaça.

Ao aproximar-se da mesa, notou que Hubert tomara o assento ao lado do seu. Gaston sentava-se à esquerda do irmão. Ao perceber-lhe o olhar de admiração, sentiu-se lisonjeada. Lançou-lhe um olhar rápido e, ao deparar com o brilho intenso nos olhos cinzentos, sentiu os joelhos tremerem de pura emoção.

Sentou-se ao lado de Hubert. Mais uma vez, perguntou-se como Gaston podia perturbá-la tão intensamente, sem ao menos pronunciar uma palavra.

Seu futuro marido inclinou-se sobre a mesa, bloqueando-lhe a visão de Gaston.

— Lady, vejo que tornou-se ainda mais bonita durante minha ausência — Hubert elogiou.

O cumprimento não lhe despertou qualquer emoção e sua resposta; foi fria, embora ela tentasse sorrir:

— Obrigada, sir.

— Gaston informou-me que a senhorita se comportou de maneira exemplar enquanto estive fora.

Rose observou-lhe os olhos cinzentos, tão parecidos com os de Gaston e, ao mesmo tempo, tão diferentes. O brilho gentil e inteligente no olhar do mais novo era substituído pela frieza e astúcia no mais velho.

Hubert a observava com um misto de benevolência e desejo. Desviando o olhar, Rose questionou a decisão de vestir-se com tamanho cuidado. O futuro marido poderia muito bem interpretar suas intenções de maneira inteiramente errada. Dando-se conta de que ele ainda esperava por uma resposta, falou:

— Fiz o possível para cumprir com minhas obrigações, sir. Hubert tomou-lhe uma das mãos entre as suas.

— Estou satisfeito com sua atitude, minha lady, Espero ansioso pelo nosso casamento, que se torna mais próximo a cada dia que passa.

Rose não sabia o que dizer ou o que fazer. Com a maior delicadeza que pôde, retirou a mão das dele, sem se atrever a erguer os olhos.

Percebendo a rejeição, Hubert franziu o cenho numa carranca.

— Pelo que estou vendo, a senhorita ainda não aceitou o destino de ser minha esposa.

— Sinto muito, sir — ela murmurou.

— Não tente brincar comigo, lady Rose. Quando a vi entrar no salão, vestida como está, pensei que desejava me agradar.

— Tive apenas a intenção de honrar a sua posição, meu lorde.

— Não faz mais que a obrigação! — ele retorquiu com frieza e irritação.

Rose forçou-se a encará-lo. Não queria deixá-lo nervoso. O bem-estar de seu povo dependia da boa vontade daquele homem irascível.

Ele se levantou, apontando-lhe o dedo em riste, com expressão ameaçadora.

— Não vou insistir no assunto, por enquanto, lady. Mas trate de lembrar-se que seu destino está selado. Terei você, seja essa a sua vontade eu não! — Encerrou o discurso quase aos berros.

— Sim, sir. — Rose baixou os olhos para a mesa, reprimindo um estremecimento de repulsa. — Não tive a intenção de ofendê-lo, sir.

Ele lhe segurou o queixo com força, obrigando-a a fitá-lo.

— Pouco me importa quais são as suas intenções. Tenha certeza disso. Você é apenas uma mulher.

A medida que ele continuava a aumentar a pressão dos dedos cruéis em seus maxilares, Rose sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Engoliu seco, contendo a resposta que lhe subiu à garganta.

Aborrecido, Hubert resfolegou como um animal. Então, soltou-a e empurrou-a para longe. Em seguida, sentou-se de costas para ela.

Resistindo ao impulso de esfregar a mão onde Hubert a machucara, Rose tentou comer. Embora não conseguisse sentir o sabor da comida, comeu como se a refeição fosse uma fonte de prazer. Não se conformou com a humilhação de ser maltratada pelo noivo diante de tanta gente.

Gaston estava furioso com o irmão. Sua raiva era quase palpável. Não podia acreditar que Hubert fosse tão tolo. Será que seu irmão não percebia que jamais conquistaria a futura esposa com atitudes como aquela? Rose era do tipo de mulher que só poderia ser conquistada com carinho, ternura e respeito. Tratá-la com tamanha desconsideração, diante de seu povo, só serviria para afastá-la ainda mais. Quando falou, sua voz soou fria como gelo:

— Hubert, precisa se comportar desse jeito, diante dos vassalos de lady Rose?

Ao ouvir as palavras, Rose ficou horrorizada. O que Gaston esperava ganhar, desafiando o irmão daquela maneira? Hubert detinha o poder de decidir a vida e a morte, não só dela, mas de todo o seu povo.

Surpreso, Hubert demorou alguns segundos para responder. Assim que se recuperou do golpe de ser desafiado em público pelo próprio irmão, advertiu:

— Não creio que você tenha o direito de questionar minhas ações! Gaston deu-se conta de que deveria ter falado com maior cuidado.

Não fora uma atitude sábia lançar-se na defesa de Rose com tamanha veemência. Se pretendia ajudá-la, ao invés de piorar as coisas para ela, então teria de controlar os impulsos.

— Falo com o direito de irmão. Não está facilitando as coisas para si mesmo ao tratar sua noiva com crueldade.

Hubert examinou Gaston com olhos atentos por um longo instante, como se estivesse considerando as razões para tal comportamento.

Gaston forçou-se a sustentar-lhe o olhar. Pelo bem de Rose, não podia permitir que Hubert desconfiasse de seus verdadeiros sentimentos.

O mais velho ergueu uma sobrancelha e falou:

— Estou começando a achar que você protesta demais, meu irmão. Esta foi a segunda vez que me chamou a atenção, hoje. Lembre-se de que esta propriedade é minha, e você só cuida dela durante minha ausência porque eu confio em você.

Gaston fingiu um sorriso, decidido a desviar os pensamentos de Hubert para outro rumo.

— Jamais me esqueci disso, irmão. Não tenho a menor vontade de bancar o lorde. O que me prende aqui é minha lealdade para com você e ao rei

William. Quando tudo estiver resolvido, a fortaleza construída e suas terras livres de rebeldes assassinos, estarei livre para ir onde bem entender. Penso apenas no seu interesse, quando lhe peço que trate lady Rose com mais respeito.

Embora as palavras surtisses o efeito de acalmar a ira de Hubert, sua voz ainda carregava um nota de advertência.

— Talvez tenha razão mas, preste atenção: não me repreenda de novo.

— Está bem — Gaston assentiu e concordou.

Uma vez recuperado o bom humor, Hubert apanhou o copo de vinho e bebeu um longo gole. Limpando a boca com as costas da mão, olhou em volta.

— Quem sabe eu devesse buscar o que desejo em outras fontes!__declarou com indiferença.

Elspith estava servindo vinho aos soldados. A medida que ia se movimentando pelo salão, aproximava-se lentamente da mesa onde se sentavam os cavaleiros. Chegara o momento de enfrentar o escrutínio de Hubert.

Apesar de acreditar que um sujeito estúpido como ele não fosse capaz de perceber o que se passava bem debaixo de seu nariz, Rose experimentou um momento de apreensão quando a prima se aproximou de sua mesa.

Elspith inclinou-se sobre a mesa, a fim de verificar se o jarro colocado entre Hubert e Gaston precisava ser reabastecido. O movimento fez com que seus cabelos dourados caíssem por sobre seus ombros, formando uma cortina sedosa e ondulante. Ao erguer o braço para puxá-los para trás, o vestido esticou-se sobre os seios, ressaltando-lhe as curvas generosas.

Hubert pousou os olhos nos seios redondos e não fez o menor esforço para desviá-los. Ao contrário, saboreou a visão, passando a língua pelos lábios torcidos num sorriso vil.

Observando-o, Rose não pôde deixar de pensar em uma raposa faminta, prestes a atacar um coelho desprotegido e indefeso. Seu coração se apertou. Ao considerar as condições em que a prima viveria em Carlisle, não lhe passara pela cabeça a possibilidade de Hubert dedicar-lhe atenções indesejadas. Jamais lhe ocorreria que ele pudesse se sentir atraído pela graça e beleza sutis de Elspith.

A medida que a noite foi avançando, a apreensão de Rose não diminuiu. Hubert não tirava os olhos de Elspith, acompanhando-lhe todos os movimentos. Também não escondia o brilho de admiração e desejo que os iluminava. Então, depois de balançar a cabeça como se acabasse de tomar uma decisão, ele esvaziou seu copo e chamou a bela criada.

Amedrontada, Elspith aproximou-se com passos lentos. Inclinou-se ao lado de Hubert para servir-lhe mais vinho. Como suas cabeças ficassem muito próximas, ele virou e sussurrou-lhe algo, quase tocando-a com os lábios.

De onde estava, Rose não pôde ouvir o que fora dito. Pôde apenas observar a prima sobressaltar-se com expressão surpresa e assustada. Para piorar a situação, ao dar um passo para trás, Elspith esbarrou o cotovelo no ombro de Gaston, o que lhe provocou outro susto. O jarro que carregava escorregou de suas mãos, caiu sobre a mesa e quebrou-se, espalhando vinho para todos os lados.

Antes que ela alcançasse a mesa para limpá-la com o avental, o vinho correu pela borda, caindo sobre Hubert. Abaixando-se apressada, Elspith tentou conter a poça que escorria para baixo.

Para consternação de Rose e diversão dos outros homens sentados à mesa, Hubert segurou-lhe a mão de Elspith e puxou-a para o meio de suas pernas.

Elspith deu um pulo e afastou-se, como se tivesse sido queimada. As faces pálidas adquiriram uma tonalidade escarlate e ela saiu correndo do salão, o rosto banhado em lágrimas.

Hubert soltou uma gargalhada, sendo imitado pela maioria de seus homens.

Aflita, Rose decidiu que tinha de tomar alguma atitude para proteger a prima. Se Hubert resolvesse tê-la para sua diversão, não sossegaria enquanto seus desejos não fossem satisfeitos.

Reunindo toda a sua coragem, virou-se para o seu lorde e futuro marido:

— Sir de Thorne — chamou.

Hubert fitou-a com olhar indiferente, ainda sob os efeitos das gargalhadas.

— Sim, lady Rose?

— A moça é minha serva. Não está aqui para ser usada como objeto do seu prazer.

Rose surpreendeu-se com a firmeza de sua voz. Mesmo assim, Hubert estreitou os olhos e ergueu as sobrancelhas com desdém.

— Está enganada, madame. Nada aqui é seu. Tudo o que vê — fez um gesto largo com o braço —, é minha propriedade.

Ela sentiu o coração se apertar ao dar-se conta de que abusara em seu comentário. Foi somente o medo pela segurança da prima que lhe deu coragem para ir adiante. Ergueu o queixo com dignidade e o fitou com os olhos faiscando em desafio.

— O senhor decretou que nenhuma mulher deve ser tomada contra a sua vontade. Vai infringir sua própria lei, sir?— questionou e estendeu os lábios num sorriso cheio de confiança.

Para sua surpresa, Hubert também sorriu e, em seguida, soltou mais uma de suas gargalhadas. Então, inclinou-se para ela, baixando a voz até um tom de conspiração:

— Não tenha medo, lady Rose. Nem todas as mulheres me consideram tão repugnantes como você. Não precisarei usar a força para conseguir o que quero. Dentro de pouco tempo, a garota virá para os meus braços de livre e espontânea vontade. E vai compreender a honra que lhe presto.

Rose afastou-se indignada. Como ele podia ser ridículo a ponto de acreditar que Elspith podia desejá-lo? Era repulsivo!

Olhou para Gaston à procura da ajuda que ele lhe prestara pouco antes, quando Hubert a tratara com desrespeito e crueldade. Por que se mantinha calado, agora, quando a honra de Elspith estava em jogo?

Desta vez, não obteve qualquer auxílio. Os olhos dele estavam impenetráveis quando ele a fitou.

Rose forçou-se a raciocinar com calma. E se Elspith não julgasse Hubert tão repugnante quanto ela o considerava? Não era um homem feio e podia até ser agradável se quisesse — se acreditasse que assim atingiria seus objetivos.

Não, pensou, rejeitando a idéia. Elspith não se deixaria impressionar pelos galanteies rudes e grosseiros de um normando!

Mesmo assim, Rose não conseguiu afastar o receio provocado pelas

palavras arrogantes de Hubert.

Como a chuva continuasse a cair durante a semana inteira, Hubert teve sua oportunidade de concentrar a atenção na perseguição a Elspith.

E, por mais que negasse a possibilidade de a prima sucumbir ao assédio daquele bruto, Rose foi obrigada a admitir que a moça titubeava.

Foi então que decidiu conversar com Elspith. Chamou-a a seu quarto para ajudá-la num trabalho de costura. As duas trabalharam em silêncio por um longo tempo.

Quando se viu diante da moça, Rose deparou com uma súbita dificuldade em abordar o assunto que perturbava ambas. Depois de muito pensar, concluiu que não havia outra maneira, senão falar com franqueza e objetividade.— Elspith — chamou.

Como se pudesse ler seus pensamentos, a prima levantou-se e foi até a janela, dando-lhe as costas. Ficou assim, observando a chuva cair sem parar, esperando o que Rose tinha a dizer. Então, não podendo mais suportar o silêncio pesado, falou em voz baixa e trêmula:

— Não sei o que dizer. Desde o início, eu soube que você está prometida para ele.

Rose encheu os pulmões antes de se manifestar.

— Acha que me importo com isso? Ele não significa nada para mim. E por você que me preocupo. — Estreitando os olhos, foi direto ao ponto: — Ele não pode forçá-la.

— E nem tenta.

Elspith virou-se para ela, os olhos cheios de tristeza.

Rose por sua vez, sabia que a prima dizia a verdade. Embora levasse adiante a perseguição a Elspith com determinação inabalável, Hubert seguia as próprias leis com rigor.

Elspith continuou:

— Sempre que rejeito suas tentativas de aproximação, ele se limita a sorrir e a cobrir-me de elogios.

— E você deve continuar a rejeitá-lo — Rose declarou com firmeza. — Ele só quer usá-la. Hubert nem desconfia que você seja uma dama de origem privilegiada. Logo que conseguisse o que quer de você, a jogaria fora, como se

faz com uma sela velha.

— Pensa que eu já não disse tudo isso a mim mesma? — a outra falou com voz embargada e virou-se de novo para a janela. — Não significa nada para ele. Sou apenas uma diversão que ele deseja neste momento. Quando se cansar de mim, vai esquecer que eu existo.

Elspith parou de falar e caminhou até a lareira. Estendendo as mãos sobre o fogo, acrescentou:

— Mesmo assim, há algo nele que me atrai de maneira irresistível. Ele é tão forte, tão seguro de si e de tudo o que é seu. Eu gostaria muito de ter alguém que se interessasse por mim, alguém que seja tão confiante. — Voltando a encarar Rose, acrescentou: — Quem sabe, então, eu deixasse de ser a criancinha que sempre fui para minha família e meus amigos.

Sorriu diante da expressão atônita no rosto da prima, pois sabia que havia tocado em um ponto fraco.

Rose não sabia o que dizer. Era verdade que Elspith jamais fora tratada como uma mulher adulta. Mas isso não alterava o fato de Hubert ser o homem errado para ela.

— Ele só quer usar você — repetiu desesperada. Elspith retrucou com um suspiro:

— Sei disso.

— Deve continuar a rejeitá-lo.

— Sim — Elspith respondeu num fio de voz, baixando os olhos para as mãos.

Naquela noite, Elspith não retornou ao quarto de Rose.

CAPÍTULO VIII

Gaston apoiou os cotovelos na mesa, juntou as mãos e levou-as ao rosto. Então, inspirou profundamente, deixando o ar sair devagar dos pulmões.

À sua frente, Alfred remexia-se sem parar em sua cadeira.

Gaston conteve o impulso de dizer-lhe que ficasse quieto. Trabalhar junto ao conselheiro já era difícil demais. O seu medo dos normandos parecia não ter sequer diminuído, mesmo depois de tanto tempo convivendo com eles.

A consciência de que Alfred o via com hostilidade tinha pouco ou nada a ver com seu péssimo estado de humor. Hubert era o verdadeiro causador de seu desprazer e, nos últimos dias, o homem não demonstrava a menor disposição para conversas.

Hubert parecia totalmente alheio aos negócios. Há dias que não pensava em mais nada, senão na serva que se tornara sua amante. E, naquela noite, ele pedira a Gaston que se encontrasse com ele, para que pudessem examinar os registros das colheitas. Gaston ficara contente com a idéia de Hubert reassumir suas responsabilidades. Para saberem o que esperar do feudo, em termos de produtividade, teriam de estudar os livros que continham os registros dos últimos anos.

Mas Hubert não se dignara a aparecer.

E lá estava Gaston, sentado diante de Alfred, enquanto Hubert divertia-se com a amante.

Pela terceira vez, perguntou:

— Onde poderiam estar esses livros? — Por mais que se esforçasse para esconder a irritação, o tom de voz o traiu.

Alfred franziu o nariz repetidas vezes — um tique nervoso que possuía desde criança — e encolheu-se na cadeira, tentando aumentar a distância entre ele e Gaston ao máximo, sem precisar levantar-se.

— Não compreendo, sir. Tenho certeza de que estavam aqui. Lady Rose e eu... — interrompeu a frase e levou a mão à boca.

— Vamos lá, homem, o que ia dizer a respeito de lady Rose? — Gaston

inquiriu. Sentia que a noite passava e ele não fizera absolutamente nada de útil. Se não podia cumprir com seu dever, então iria para a cama, como todos os demais habitantes do feudo parecia ter feito há muito.

— Lady Rose e eu estávamos examinando os livros juntos, quando, recebi um chamado. Ela deve tê-los guardado em algum outro lugar — Olhou cm volta como se procurasse por uma pista do paradeiro dos livros.

— Nesse caso — Gaston ergueu a voz à medida que falava —., acho que devemos perguntar a ela onde estão os livros.

Mal acabou de falar, Gaston torceu os lábios num sorriso. Rose não ficaria contente por ser perturbada àquela hora. Desde a noite em que Hubert transformara a serva em sua amante, Rose mal dirigira a palavra a Gaston. E não era fácil entender o que se passava em sua cabeça. Percebera que ela desejava que ele falasse com o irmão e intercedesse cm favor da moça, mas não compreendera suas razões para isso. Rose não cultivava qualquer sentimento positivo com relação ao noivo. Se ele decidira satisfazer seus desejos com outra mulher, ela devia estar feliz.

Alfred levantou-se de pronto, mostrando-se aliviado.

— Verei o que posso fazer pela manhã — declarou, dando a reunião por encerrada.

— Hoje — Gaston corrigiu. — Quero o problema resolvido imediatamente.

Sabia que não devia convocá-la àquela hora. Sentia-se cansado e solitário, a noite estava fria e já era muito tarde. Ignorou a voz da razão que ecoava em sua mente. Ora, que mal haveria em conversar sobre os registros?

Queria apenas olhar para Rose, ouvir sua voz doce.

— Agora, sir? — Alfred fitou-o perplexo.

— Agora! — Gaston confirmou, sem perceber a fúria em sua voz, pois concentrara a atenção na tentativa de convencer-se de que não estava se comportando como um tolo.

Alfred virou-se para sair, então parou a meio caminho. Seus lábios moviam-se convulsiva mente, como se quisesse falar, mas a voz não o obedecesse.

— O que foi? — Gaston perguntou no mesmo tom de antes.

— E tarde, sir — o outro respondeu, torcendo as mãos.

— Sei disso, homem. Portanto, trate de se apressar. Alfred obedeceu sem esconder sua hesitação e reprovação. Gaston esperou pelo que lhe pareceu um longo intervalo até Rose entrar no aposento.

Ao vê-la atravessar o espaço que os separava, concluiu que realmente cometera um erro.

Lady Rose de Carlisle fora tirada de seu banho. Os cabelos castanho-avermelhados, recém lavados, aderiam ao pescoço molhado.

Gaston deliciou-se com a visão da massa de cabelos sedosos que descia sobre a pele que ela usava para cobrir o corpo. Quase não resistiu ao impulso de tocá-los. Baixou o olhar, vislumbrando a pele alva e macia de uma coxa, quando ela deu mais um passo em sua direção.

Racionalmente, sabia que não deveria esperar que ela permanecesse ali por muito tempo, vestida apenas com uma das peles que usava para cobrir a cama. Mas, em um recanto de seu coração, onde seus desejos mais secretos se escondiam, também sabia que não seria capaz de mandá-la embora. Não antes de se embriagar com aquela beleza única.

Mesmo que Rose estivesse tão furiosa como seus movimentos rígidos diziam estar, ele precisava de sua presença.

Gaston fechou os olhos e cerrou os dentes. A imaginação levou-o ao paraíso das maravilhas que a pele escondia.

Quando Rose parou diante dele, ele a sentiu, mesmo estando de olhos fechados. A ira que ela irradiava era quase palpável.

E foi essa fúria que o fez recuperar a compostura. Podia reagir à raiva que ela sentia, sem comprometer a honra de nenhum dos dois.

Quando abriu os olhos, a primeira coisa que viu foi o pequeno pé descalço que tamborilava o chão com insistência.

Gaston reprimiu um sorriso. Ela nem se dera ao trabalho de calçar um par de sapatos. Quando falou, foi com gentileza exagerada.

— Obrigado por ter vindo tão depressa. Rose não conseguiu disfarçar a indignação. Ele agia como se tirá-la do banho fosse algo que ele fizesse todos os dias.

— Ora, de nada — ela respondeu entre os dentes. — No que posso ajudá-lo?

Gaston indicou-lhe a cadeira onde Alfred estivera sentado.

— Sente-se, por favor. O que temos a conversar vai levar algum tempo.

Era petulância demais! Então ele achava que ela iria se sentar e discutir alguma questão trivial sobre a administração do feudo, vestindo nada além de uma pele para cobrir a cama? Rose perdeu o controle de uma vez.

— Como se atreve a tratar-me como se fosse uma serva para ser chamada quando lhe agrada? Não posso nem desfrutar da privacidade do meu banho, pois você manda alguém me chamar, mesmo a esta hora da noite!

Gaston empertigou-se. Ah, como era difícil manter as emoções sob controle. E ela tinha o dom de despertar-lhe todo tipo de sentimentos e emoções.

— Eu diria que não é assim tão tarde, lady.

— O senhor se importaria de deixar os rodeios e a conversa fiada para amanhã? — Rose começou a andar de um lado para o outro — O que é realmente importante, agora, é que fui destituída de minha dignidade, apenas para alentar seu ego!

Se o último comentário fosse feito em outras circunstâncias, Gaston não se furtaria a uma resposta mal-humorada. Mas, como não se encontravam nem perto de circunstâncias normais, ele deixou passar.

Mal conseguia raciocinar. Sua mente recusava-se a ocupar-se com qualquer coisa que não fosse o modo como Rose estava vestida, ou melhor, despida. Em sua irritação, ela não percebera que a manta escorregara alguns centímetros, revelando a curva dos ombros alvos e delicados. E isso fez com que a abertura, que antes revelava uma pequena parte da coxa, se alargasse e permitisse a Gaston a visão de uma perna longa e bem torneada.

Ele sentiu o sangue acelerar nas veias. A beleza embriagante o impedia de se concentrar no que ela dizia.

Sem perceber o que se passava com ele, Rose continuou:

— Vocês, normandos, são todos iguais. Fazem o que querem usam quem quer que atravesse o seu caminho para, depois, descartarem as pessoas como se fossem objetos sem valor.

A traição de Elspith abria uma ferida dolorosa em seu coração. Odiava Hubert e todos os seus camaradas, inclusive Gaston, que se recusara a ajudá-

la quando ela tentara proteger a prima.

Percebendo a dor verdadeira que lhe embargava a voz, Gaston forçou-se a prestar atenção a suas palavras.

— Espero que, a esta altura, você tenha mudado de opinião nosso respeito e descoberto que não somos assim tão ruins — ele falou com suavidade. — Não tive a intenção de desrespeitá-la, quando pedi que Alfred fosse chamá-la, lady. Tomei essa decisão levado pela necessidade. Se soubesse que estava ocupada, teria esperado por um momento mais apropriado. — Mesmo enquanto ainda pronunciava as palavras, Gaston dizia a si mesmo que não estava falando a verdade. Não teria deixado de vê-la naquela noite por razão alguma.

Rose havia interrompido sua caminhada inútil de um lado para outro. Encontrava-se parada diante de Gaston. A manta de pele escorregara ainda mais alguns centímetros, de maneira que ele podia ver-lhe a curva dos seios fartos e arredondados.

Irritada, Rose revirou os olhos e voltou a bater um dos pés no chão.

Foi então que Gaston percebeu a presença de Alfred, parado no canto, fora do alcance da luz das velas. O homenzinho esquelético devia ter voltado junto com sua senhora. Gaston estivera tão ocupado em olhar para Rose, que nem sequer o notara.

Endireitando os ombros, como se buscasse ganhar coragem com o gesto, Alfred aproximou-se e parou ao lado de Rose. Sua atenção concentrava-se na perna exposta pela abertura da pele.

A princípio, Gaston acreditou que o conselheiro também apreciava a visão. A idéia o encheu de ciúmes. Teve vontade de esmurrar o outro.

Então, quando Alfred sacudiu uma das mãos, com gestos cuidadosos, Gaston deu-se conta do que ele pretendia. Desajeitado como era, o homenzinho estava apenas tentando chamar a atenção de sua senhora. Queria avisá-la que estava se expondo ao normando.

Algo dentro de Alfred, talvez seu instinto de auto-preservação, alertou-o para a carranca de Gaston. Virou-se para ele e seus olhos se arregalaram de medo. Interrompeu o movimento da mão e baixou os olhos para ela, como se fosse algum objeto desconhecido.

A expressão no rosto de Gaston advertiu-o para somente voltar a abanar aquela mão, caso não se importasse em perdê-la.

Alfred deixou o braço cair ao longo do corpo e soltou um suspiro de alívio ao perceber o leve movimento da cabeça de Gaston, indicando aprovação.

A comunicação silenciosa entre os dois aconteceu tão depressa, que Rose nem percebeu.

— O que quer de mim? Já que vim até aqui, tentarei ajudá-lo no que puder.

Contrariando as esperanças de Gaston, ela puxou a pele, cobrindo os ombros. Apesar da decepção, ele respondeu com fingida tranquilidade:

— Preciso dos registros das colheitas dos últimos dois anos.

— Estão no meu quarto. Gaston virou-se para Alfred:

— Pode fazer o favor de apanhá-los, conselheiro?

Seguindo o olhar de Gaston, Rose deu-se conta da presença de Alfred a seu lado.

— Guardei-os no baú grande, junto com os medicamentos — explicou.

Alfred começou a se afastar, sem tirar os olhos de Gaston. Então saiu, deixando atrás de si os ecos da reprovação não pronunciada.

Gaston limitou-se a dar de ombros. Não permitiria que o ar de censura do conselheiro o perturbasse. Sabia que o povo de Carlisle valorizava Rose acima de tudo.

Rose observou, perplexa, a saída de Alfred. Porque ele se mostrara tão contrariado e agia de maneira tão estranha? Afinal, quem fora retirada do banho sem maiores explicações era ela! Às vezes o conselheiro conseguia ser uma tanto irritante! Voltou a encarar Gaston. Seu silêncio intenso expressava com exatidão maior que quaisquer palavras o ressentimento por ter sido chamada ali.

Gaston levantou-se e caminhou até onde ela eslava. Parou a poucos centímetros, forçando-a a erguer a cabeça para encará-lo. Embora a posição a fizesse sentir-se em desvantagem, não lhe permitiria pensar que sua altura a intimidava. Com um gemido de aborrecimento, puxou a pele sobre os ombros.

Gaston estendeu o braço e tocou-lhe as mãos.

— Não faça isso.

“Não faça o quê?”, ela se perguntou confusa. Então, ficou imóvel ao reconhecer a expressão já familiar nos olhos cinzentos.

Gaston a fitava com desejo e paixão, despertando em seu corpo reações involuntárias. A sensação da mão dele sobre a sua era quente e agradável. Rose foi tomada pela consciência súbita de sua nudez sob a pele. E deu-se conta de que não deveria estar ali, sozinha com ele.

Mas não pôde se mover. Uma força invisível imobilizou-a, mesmo quando o viu atravessar o curto espaço que os separava.

Gaston não a tocou, exceto pelo beijo casto que depositou em sua testa. Foi um contato leve e suave, quase um roçar de lábios. Ao sentir a barba crescida em sua face, Rose fechou os olhos e aspirou o odor másculo.

Era tão bom estar perto dele, tão natural. Seu coração cresceu dentro do peito, inflamado pela presença marcante desse homem.

Quando os braços fortes a envolveram, ela se deixou abraçar, embriagando-se com a sensação de força e proteção que eles transmitiam. Virou a cabeça, os lábios à procura dos dele.

Sempre que pensava nos beijos que haviam trocado, a lembrança era intensa. Agora, sentindo os lábios quentes e macios, descobriu que a memória jamais seria capaz de se igualar à maravilhosa realidade.

A medida que o beijo foi se tornando mais profundo, os lábios de Gaston mais exigentes, Rose foi tomada por um desejo crescente, aterrador. Sentiu o corpo amolecer de prazer, as pernas recusando-se a sustentar seu peso. Apoiou-se nele para não cair.

Gaston ergueu a cabeça para fitá-la. Ao deparar com a paixão que iluminava seu rosto, sentiu as entranhas se contorcerem.

— Ah, como você é linda, lady Rose... — murmurou, os lábios tocando de leve nos dela.

— Gaston... — ela pronunciou seu nome, deliciando-se ao ouvir a própria voz livra para chamar o homem que povoava seus sonhos e devaneios.

Em seguida, ergueu de novo o rosto, oferecendo os lábios.

Ele respondeu com paixão voraz, beijando-a com violenta intensidade.

Rose queria mais, queria sentir o corpo másculo colado ao seu, sem barreiras. Ao erguer os braços para envolvê-lo, esqueceu-se da única

vestimenta que usava, deixando-a escorregar para o chão.

Gaston sentiu a cabeça girar quando suas mãos encontraram a maciez de sua nudez. Deslizou-as por toda a extensão das costas de Rose, sentindo-lhe os cabelos ainda molhados aderirem a seus dedos, como se o incentivassem a prosseguir com a exploração lenta e detalhada do corpo frágil que estremecia ao seu toque.

Rose respondeu ao contato, arqueando as costas, moldando o corpo ao dele. Estremeceu mais uma vez ao ouvir a voz rouca dizer-lhe:

— Deixe-me ver você.

As faces de Rose arderam quando Gaston empurrou-a para poder admirar a maciez arredondada dos seios, o ventre liso e a curva generosa dos quadris.

Depois de estudá-la com olhos famintos, voltou a filá-la e puxou-a para si, desta vez ainda mais apaixonado.

— Gaston... — ela começou a falar, mas foi interrompida por um som vindo da porta.

Ainda envolta pelos braços de Gaston, virou-se e deparou com Alfred parado na porta entreaberta. Ele olhava fixamente para o casal, o queixo caído e os olhos arregalados, como se fossem saltar das órbitas. Um a um, os cadernos que trazia debaixo do braço escorregaram lentamente para o chão. Ele nem percebeu.

Rose teve a forte impressão de estar vivendo um pesadelo, do qual precisava despertar o mais depressa possível. Paralisada, ficou olhando para o chocado conselheiro, sem saber o que fazer ou dizer.

Não havia como salvar a situação. Fora tola o bastante para deixar que o desejo suplantasse o bom senso. Ela e Gaston haviam sido flagrados em uma situação em que nenhum dos dois poderia se encontrar. Rose, porque estava noiva de outro homem; Gaston, por que esse homem era seu irmão.

Seu medo não se limitava ao que Hubert podia fazer. Perguntou-se o que Alfred pensaria a respeito da cena a que assistira. Se ele comesse a duvidar de sua lealdade para com o povo de Carlisle... Tinha de convencê-lo de que nada mudara em sua postura com relação a seu povo. Se ele não guardasse segredo sobre o que vira, ela e Gaston teriam muito a perder.

Com movimentos apressados e desajeitados, Gaston abaixou-se para

apanhar a pele caída no chão. Em seguida, colocou-a sobre os ombros de Rose. Sem conseguir falar, deu um passo para trás e esfregou as mãos no rosto.

Rose chamou o conselheiro:

— Alfred.

Ele se adiantou devagar, os olhos baixos, sem revelar seus pensamentos.

Antes que Rose pudesse continuar, Gaston recuperou o autocontrole e falou com voz dura:

— O que viu aqui, esta noite, não deve ser contado a ninguém. Sua senhora sofreria nas mãos de meu irmão se ele descobrisse.

— Assim como o senhor, sir Gaston — Alfred retorquiu com coragem surpreendente.

Os olhos de Gaston faiscaram.

— Não cometa nenhum erro, Alfred. Não sou eu quem merece preocupação. Embora eu fosse capaz de tudo para não magoar meu irmão, não tenho medo dele ou de qualquer homem vivo.

Alfred estudou Gaston por um longo momento, antes de virar-se para Rose, com olhos cheios de tristeza.

— Guardarei o segredo, mas só o farei porque estou vendo que o senhor a ama.

Rose girou nos calcanhares para encarar Gaston cheia de surpresa.

Ele não disse nada, limitando-se a permanecer imóvel, os olhos fixos no conselheiro.

Com um pequeno grito, Rose correu para fora do aposento.

Não tinha quaisquer ilusões sobre os sentimentos de Gaston. O desejo não passava de uma reação física. Gaston não sentia por ela nada além do que Hubert sentia por Elspilh.

Seria loucura acreditar nas palavras de Alfred.

Gaston elevou a espada, bloqueando o golpe do oponente. Aproveitando o movimento para girar o corpo, tirou o equilíbrio do outro homem, que deixou sua arma cair para o chão.

A chuva cessara somente na véspera. Sua herança era visível na superfície lamacenta do campo de exercício de armas.

Gaston afastou-se do perdedor, ergueu o visor do cimo e esperou pelo próximo desafiante. Embora houvesse passado a maior parte da manhã no campo, ainda exibia uma expressão ansiosa, desejoso de lutar mais e mais. Acreditava que se gastasse bastante energia nas batalhas simuladas, conseguiria livrar-se da frustração que o sufocava.

Rose.

O nome se repetia como uma canção incessante em sua mente. Gaston começava a duvidar da possibilidade de, um dia, ver-se livre da dor provocada pelo desejo ardente que ela lhe despertava.

Lembrava-se a todo instante da noite em que Alfred descobrira seu amor por ela. Chegou a pensar que enlouqueceria de tanto imaginar o que teria acontecido se o conselheiro não houvesse retomado com os livros pedidos.

Rose, por sua vez, comportava-se como se nada houvesse se passado entre eles.

Um sorriso irônico iluminou o semblante de Gaston quando Hubert entrou no campo. O irmão mais velho desempenhava um papel de igual importância na inquietação caótica de sua mente.

Gaston percebera, pela maneira fria e formal que Rose o vinha tratando, que ela não o perdoara por falhar na proteção da honra de sua serva, Elspith. Em sua opinião, Rose estava redondamente enganada em suas preocupações. A frágil Elspith não fora forçada a coisa alguma. Ao contrário, qualquer um podia ver que seu relacionamento com Hubert era inteiramente do seu agrado. A moça estava sempre atenta a cada palavra pronunciada pelo amante e observava-o com verdadeira adoração.

O sorriso de Gaston transformou-se numa careta. Seu irmão poderia ser mais discreto. Pouco importava a Gaston quem Hubert levava para a cama, mas Rose parecia transtornada pela situação.

Depois de muito refletir, Gaston chegara à única conclusão que julgara plausível: Rose temia que Hubert a rebaixasse em favor de uma serva.

Hubert parecia não fazer idéia das possíveis conseqüências de suas atitudes. Se os vassalos de Rose achassem que sua senhora não estava sendo tratada como merecia, podiam se rebelar contra o novo senhor.

Chamando Rose de solteirona frígida, seu irmão declarara que, como teria

de se casar com ela muito em breve, não permitiria que ela interferisse em seus prazeres agora.

Gaston engoliu o comentário que lhe ocorreu. Afinal, sabia que Rose não tinha nada da solteirona frígida que Hubert mencionara. Quem era ele para questionar as decisões do irmão? Não fosse a interrupção do conselheiro, ele teria possuído Rose ali mesmo, no chão do aposento usado com escritório.

Por mais que tentasse, Gaston não conseguia pensar em uma solução honrosa para seus problemas.

Como estivesse prestes a explodir de frustração, fora para o campo de exercícios. Os soldados haviam se mostrado surpresos diante de sua declaração de que lutaria com todos os desafiantes. O espanto se transformara em admiração à medida que ele continuou lutando sem parar, vencendo cada um de seus oponentes.

Tendo recebido um polimento cuidadoso, a armadura de Hubert brilhava. Ao entrar no campo, ele escorregou e quase caiu na lama. Com esforço, recuperou o equilíbrio e endireitou o corpo para, em seguida, aproximar-se do irmão.

Todos os homens que haviam lutado estavam cobertos pela lama escura, da cabeça aos pés. Gaston não era exceção.

Hubert parou à sua frente, examinando-o de alto a baixo.

— Ouvi dizer que está aceitando qualquer desafio — disse.

— Exatamente.

— Então, prepare-se — Hubert advertiu e baixou o visor. Gaston imitou-lhe o gesto e colocou-se em postura de combate. E a luta começou.

Gaston assumiu a ofensiva. O som metálico de sua espada enchia o ar à medida que ele desferia golpes seguidos sobre o irmão, obrigando-o a recuar. Em cada ataque, ele despejava parte de sua angústia e ressentimento. Hubert tinha nas mãos tudo o que Gaston mais desejava. Mas Hubert não dava a menor importância. Para ele, Rose não passava de um instrumento necessário para atingir seus objetivos. Ela seria o documento que lhe garantia a posse de suas terras.

Alheio aos sentimentos do irmão, Hubert exultava, excitado pela energia do combate. Aquilo sim era um verdadeiro teste de suas habilidades. Animado,

passou ao ataque.

E a luta continuou. O som ininterrupto das espadas se chocando enchia o ar, enquanto os dois irmãos alternavam golpes e estratégias de defesa.

Finalmente, notando uma falha na defesa de Hubert, Gaston atacou com vigor, derrubando-o. Então, segurando a espada na posição característica de um golpe de misericórdia, imobilizou-se sobre o irmão caído.

Hubert soltou uma gargalhada de pura satisfação. — Isso é que é lutar! — falou quase sem fôlego. — Eu me rendo!

Ofegante, Gaston não guardou a espada. Limitou-se a erguer o visor.

Por um longo momento, os irmãos fitaram-se em silêncio.

A vergonha fez Gaston desviar o olhar. Estava errado ao culpar Hubert por sua infelicidade. Não podia esquecer que o irmão o aceitara de braços abertos quando fora expulso do mosteiro, o levara consigo em sua primeira batalha, protegera sua retaguarda em momentos de perigo e lhe oferecera um lugar a seu lado, tratando-o de igual para igual.

Gaston baixou a espada e estendeu a mão livre. Aceitando a ajuda com atitude franca, Hubert se levantou com um urro de alegria e satisfação.

No mesmo instante, ouviu-se um grito nos limites do campo, fazendo todos os presentes desviarem a atenção do confronto.

Carl, um dos soldados de Hubert, aproximava-se, arrastando consigo um menino que esperneava, tentando escapar. Gaston observou Carl levar o garoto até Hubert, que tirou o elmo e limpou a lama dos olhos.

— O que está acontecendo? — perguntou o chefe normando, avaliando com olhar frio a dupla à sua frente.

— Isto, sir Hubert — o soldado ergueu a mão na qual trazia uma fivela de prata, para que todos pudessem vê-la. — Encontrei esta fivela em poder do menino. É um ladrão.

— Não, por favor! — o acusado gritou com energia renovada. Os cabelos castanhos, lisos e longos, esvoaçavam conforme ele lutava para fugir. — Eu só queria olhar um pouco.

Gaston se aproximara do pequeno, assim que pusera os olhos na fivela. Examinando o garoto de perto, calculou que não teria mais que dez ou onze anos de idade. Embora suas roupas estivessem puídas por anos de uso,

Gaston notou que eram limpas e remendadas com capricho.

— Começamos a dar pela falta de uma porção de coisas, ao mesmo tempo que percebemos que este menino vivia rondando as barracas — Carl explicou.
— Como estava desconfiado, decidi segui-lo e encontrei a prova.

Vários soldados reunidos em torno do campo assentiram em concordância.

— O que esta fivela estava fazendo em suas mãos, garoto? — Hubert perguntou com frieza.

— Eu estava olhando como foi feita — o menino respondeu e, apontando para Carl, acrescentou: — Quando ele se aproximou, escondi na camisa, para que ele não visse.

— Está mentindo — Carl disse entre os dentes e sacudiu o menino. — Se alguém vasculhasse as coisas dele, tenho certeza de que encontraria vários objetos que desapareceram das barracas.

— Não! — o menino gritou entre soluços. Aparentando toda a calma do mundo, Hubert perguntou:

— Você é Wes, filho do servo Rob, não é? — Como a resposta ficasse evidente nos olhos apavorados da criança, ele se virou para um dos cavaleiros: — Sir Simon, faça o favor de encontrar Rob e, junto com ele, verifique os pertences de Wes.

Wes redobrou os esforços para livrar-se do domínio de Carl. Porém, nem a força bruta produzida pelo medo de uma criança fazia frente a um guerreiro experiente.

Vendo-se impotente, desatou a chorar copiosamente:

— Por favor, sir de Thorne. Estão enganados.

— Pare com a choradeira! — Hubert vociferou.

Wes obedeceu de pronto, abandonando os gritos e a luta. Estava apavorado.

Sem esconder a contrariedade, Gaston aguardou o retorno de sir Simon. Roubar era um crime muito sério. O fato de viverem sempre juntos tornava fácil a um homem conhecer os pertences dos outros. Um soldado precisava confiar em seus companheiros.

Se fosse provado que o garoto era culpado, a punição seria severa. O silêncio pareceu durar uma eternidade.

Todos suspiraram aliviados quando sir Simon retornou ao campo. Atrás dele, vinham Rob e sua esposa, Athelgard. Ambos estavam pálidos de medo pelo que aconteceria ao filho.

Sir Simon aproximou-se de Hubert e estendeu-lhe uma bolsinha confeccionada em lã.

Hubert apanhou-a e abriu-a. Depois de examinar seu conteúdo, virou os cantos dos lábios, exprimindo profundo desagrado. Em tom solene, retirou um broche de bronze e ergueu para que todos pudessem vê-lo.

Um dos soldados declarou-se dono do objeto. Hubert entregou-lhe o broche. Outros objetos foram retirados da bolsinha e reclamados por seus respectivos proprietários. Quando não restava mais nada na bolsinha, Hubert jogou-a no chão e encarou o ladrão, que continuava em silêncio.

Com deliberação, pronunciou a pena:

— Você é culpado por crime de roubo, garoto. Sua punição será de vinte chibatadas.

Athelgard desatou a soluçar e apoiou-se nos braços do marido.

Hubert acenou para dois soldados que se adiantaram e seguraram

Wes, levando-o na direção do tronco usado para amarrar animais a fim de marcá-los. Só então a platéia respirou.

Os soldados tiraram a camisa de Wes e amarraram-no no poste. Depois de tirar a armadura, auxiliado por dois de seus homens, Hubert posicionou-se atrás do garoto. Outro soldado se aproximou e entregou-lhe um chicote.

Athelgard escondeu o rosto no ombro de Rob, já manchado por suas lágrimas.

Gaston ficou imóvel, travando uma luta silenciosa com sua consciência. Embora reconhecesse que o garoto era culpado e que merecia ser punido, seu senso de justiça lhe dizia que vinte chibatadas eram demais. Uma criança jamais resistiria a uma pena tão severa. Ao mesmo tempo, Hubert tinha o dever de puni-lo. Como poderia esperar que seus homens vivessem de acordo com suas normas, se não submetesse os habitantes de suas terras às mesmas leis?

Gaston acreditava que o menino deveria receber uma pena mais leve, mas decidiu calar-se. Tinha de aceitar a decisão de Hubert. Afinal, era ele o

lorde de Carlisle.

O chicote zuniu ao cortar o ar e atingir as costas de Wes, que urrou de dor.

A palidez tomou conta do semblante de Hubert. Apesar de detestar a necessidade de aplicar ele mesmo a punição decidida, ergueu o braço de novo para o segundo golpe. O corpo do garoto sacudiu contra o poste e ele gritou novamente, desta vez em voz mais fraca.

Então, uma figura alta interpôs-se entre o chicote e o menino.

Gaston não saberia explicar por que decidira interferir. Sabia apenas o que devia fazer. Seu senso de responsabilidade não lhe permitiria ficar calado nem por mais um segundo. O que dissera a Rose no dia do incêndio era a pura verdade. O povo dela era seu povo, agora.

Hubert encarou o irmão com expressão irada.

— O que pensa que está fazendo?

— Ele já teve o bastante — Gaston respondeu, antes de virar-se para Rob.
— Corte as cordas.

O servo apressou-se em obedecer, libertando o filho. Gaston tomou o menino nos braços e virou-o para que o irmão pudesse ver os ferimentos em suas costas. Hubert aproximou-se com olhar acusador.

— Essa gente transformou você em um covarde — falou com repugnância.

— Trata-se de uma criança, Hubert. Será que não pode perdoá-lo por sua primeira falha, quando ainda nem conhecia a lei?

Por um momento, Hubert apenas fitou-o em silêncio, sentindo que todos o observavam. Gaston não deixou de notar que até mesmo os soldados mostraram alívio ao vê-lo interceder em favor de Wes. Aquela situação não agradava a ninguém ali. Uma coisa era testemunhar, ou até infligir a morte nos campos de batalha. Outra, era presenciar a violência contra uma criança.

Hubert finalmente deixou o chicote cair no chão.

— Levem-no — ordenou, virou-se e deixou o campo com passos duros.

Athelgard aproximou-se de Gaston, os olhos brilhando de gratidão.

— Obrigado, sir. Que Deus o abençoe.

Sem dizer palavra, Gaston entregou o menino ao pai. Observando a família afastar-se, refletiu sobre a afirmação de Hubert.

Teria mesmo se tornado covarde?

Não era possível. Sentia-se forte, mais forte do que nunca. E sabia de onde vinha essa força.

Rose.

A firmeza de caráter e o senso de justiça que ela possuía haviam contribuído para torná-lo um homem melhor. Em vez de punir aqueles que a prejudicaram, ela os recebera, curara suas feridas e os aceitara, cada um de acordo com seus próprios méritos.

Gaston não conhecia alguém mais forte que lady Rose de Carliste. Não havia lugar para a crueldade em seu coração.

Hubert não podia estar mais errado em suas conclusões.

CAPÍTULO IX

Desde a noite em que Gaston a tomara nua, em seus braços, Rose não voltara a ser a mesma.

Teria sido tão fácil entregar-se a ele... fácil demais. Embora se esforçasse para acreditar que teria encontrado forças para dizer não, não conseguia convencer-se.

Gaston a desejava, independente da inconstância desse desejo. Estava claro que Hubert não a queria, e Elspith dera as costas à amizade que as unira durante tantos anos, depois de tornar-se amante de Hubert.

Gaston provara merecer o seu amor mais do que qualquer outro homem. Os vassalos de Carlisle falavam dele com respeito e admiração desde o dia em que ele salvara o garoto Wes do açoite de Hubert. Tratava Rose com carinho, respeitando suas opiniões. Trabalhava com afinco nas melhorias de Carlisle, enquanto o irmão se divertia com sua prima.

Rose não sabia o que fazer.

Acreditando que o padre Liam pudesse ajudá-la com seus sábios conselhos, saiu para encontrá-lo.

Quando se encontrava a meio caminho da igreja, ouviu o som de cascos galopando, sobre a relva macia. Virando-se para trás, avistou três cavaleiros vindo em sua direção.

No mesmo instante, reconheceu o garanhão branco que liderava o pequeno grupo. Era Pégaso.

Rose retomou a caminhada, na esperança de que os cavaleiros passariam por ela, sem parar. Para sua decepção, não tardou a ouvir os cascos diminuindo sua marcha, à medida que se aproximavam.

Com gestos apressados, alisou a surrada saia lilás e ajeitou os cabelos.

Gaston parou a seu lado, sorrindo pelo puro prazer de vê-la. Ela usava os cabelos soltos e os raios de sol emprestavam-lhes a aparência de fogo. As faces alvas adquiriram uma tonalidade rosada quando ele a examinou com admiração.

Gaston era tão bonito! E seu sorriso provocava-lhe reações incompreensíveis. Rose sentiu o sangue correr mais depressa em sua veias.

— Para onde vai, lady? — ele perguntou.

Rose sentiu-se culpada por se permitir tanto prazer só por estar perto dele. Escondeu os verdadeiros sentimentos, falando com fingida irritação:

— Não me é permitido ir até a vila?

— Claro que é — Gaston respondeu, desapontado pelo tom duro que ela usou. — Apenas pensei que poderia levá-la onde quer que queira ir.

Rose baixou os olhos, envergonhada.

— Desculpe. Não devia ter lhe falado com aspereza.

— Então, aceita a minha oferta? — ele perguntou, inclinando-se na sela.

Lançando um olhar rápido na direção dos soldados que o acompanhavam, Rose notou que eles estavam impacientes para seguir caminho.

— Não quero desviá-lo de sua jornada.

— Para onde vai?

— Visitar o padre Liam.

Gaston sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Temos de passar por lá de qualquer maneira.

Os soldados assentiram em concordância. O sorriso tranquilo que ambos lhe lançaram assegurou-a de que a igreja não ficava fora de seu caminho.

Não faria sentido recusar a oferta. Aceitando a mão estendida, ela permitiu que Gaston a puxasse para cima de seu cavalo. Uma vez sentada diante dele, o chão lhe pareceu muito distante. Pégaso era uma montaria e tanto! A sela estreita obrigou-a a um contato próximo, quase íntimo com Gaston.

A um gesto quase imperceptível do cavaleiro, o garanhão deu início à cavalgada. Rose agarrou-se com força ao braço de Gaston.

Ele riu e murmurou ao seu ouvido:

— Não tenha medo. Não vou deixá-la cair. Apóie-se em mim. Rose não estava certa de que essa era uma boa idéia. Seu coração já batia depressa demais só por saber que o homem atrás de si era Gaston. Mas, quando Pégaso desviou de uma toca de coelhos, fazendo-a oscilar na sela, ela decidiu aceitar a sugestão.

O calor do corpo musculoso irradiava-se através do seu vestido e sua mente ocupou-se em criar imagens sedutoras quando seus olhos pousaram nas mãos fortes que seguravam as rédeas com firmeza. Ah, seria maravilhoso sentir aquelas mãos sobre a pele nua mais uma vez! Perguntou-se se seu corpo reagiria com a mesma cumplicidade da última vez.

Cerrou os olhos com um gemido baixo. Precisava fazer algo que desviasse seus pensamentos da fantasia pecaminosa.

Os dois soldados cavalgavam alguns metros atrás deles e não seriam de qualquer utilidade para distraí-la.

O tempo, ela pensou aliviada. Aí estava um assunto neutro o bastante para se considerar seguro.

— Lindo dia, não? — perguntou em tom casual.

— Sim, um lindo dia — a resposta de Gaston foi quente e suave. Rose pôde sentir-lhe o hálito contra a face afogueada. No mesmo instante, ele pousou a mão em seus quadris, num gesto possessivo.

Rose esqueceu-se da conversa sobre o tempo para pensar no quanto se sentia segura e protegida nos braços dele. Apesar de no raio, ele provava ser um homem de honra e valor.

— Queria que soubesse quanto lhe sou grata por haver libertado Wes — falou com sinceridade.

— Wes? — Gaston repetiu, sem saber a quem ela se referia. Então, lembrou-se: — Ah, sim, o pequeno ladrão. Como está ele?

— Os ferimentos estão cicatrizando. Mas você mudou de assunto. O fato de ter interrompido o castigo da criança significou muito para mim.

Gaston sorriu.

— Fiz apenas o que julguei correto. Hubert não ficou muito satisfeito com a minha intromissão. Acha que os saxões passarão a acreditar que não precisam obedecer suas leis.

— Isso não é verdade. Meus vassalos vão pensar duas vezes antes de tomarem qualquer atitude, no futuro. Agora sabem o quanto Hubert pode ser injusto.

Gaston franziu o cenho, sem desviar os olhos dos dela.

— Hubert não é injusto. Um homem deve ser forte para liderar um povo.

Rose lançou-lhe um olhar insolente e virou-se para a frente.

— A sensatez é sinal de força, e Hubert não é um homem sensato. Em certa medida, Gaston concordava com ela, mas não poderia confiar-lhe esse segredo. Não queria encorajar o lado rebelde de Rose. Hubert não aceitaria tais idéias em sua esposa e Gaston não suportaria vê-la punida.

Logo adiante, perto da estrada, avistaram a igreja. Era um edifício alto, construído de pedras, nos limites da vila. Naquele ponto, a estrada bifurcava, levando os viajantes para Brentwood, numa direção e para Mayhill, na outra. Logo atrás da igreja, encontrava-se a gleba da paróquia. O pai de Rose doara aquele terreno ao padre Liam, para que ele pudesse cultivar sua própria horta. Um galpão feito de madeira sólida e resistente abrigava uma vaca e algumas galinhas.

Gaston deu a volta em torno da igreja, pensando em deixar Rose na entrada da frente.

A cena com que depararam ao contornar o edifício, fez Gaston enrijecer na sela.

Um grupo de cavaleiros estava reunido em torno da figura alta e magra do padre. Mantinham-no no centro do círculo e suas maneiras pareciam ameaçadoras.

Tendo reconhecido Robert, os cabelos loiros destacando-o dos demais integrantes do grupo, Rose sabia que aqueles homens não representavam perigo real. Robert jamais faria qualquer coisa contra o velho padre.

Gaston viu o cenário de uma perspectiva diferente. Com uma exclamação irada, pôs Rose no chão e esporeou o cavalo na direção dos desconhecidos.

Sabendo que tinha de fazer algo para proteger o primo, Rose gritou, fingindo-se assustada. O grito alertou os forasteiros da aproximação de Gaston. Seguiu-se um momento de confusão, quando os cavaleiros se agitaram para partir. Inadvertidamente, o padre Liam caiu e, por pouco, escapou de ser pisoteado pelos cascos implacáveis.

Com o coração apertado, Rose observou Robert e seus homens saírem a galope, com Gaston no seu encalço. Sobressaltou-se quando os dois soldados normandos passaram por ela, também a galope, na mesma direção.

Tudo aconteceu tão depressa que ela permaneceu imóvel por alguns

segundos. Quando se recuperou do susto, saiu correndo para ajudar o padre. Mesmo enquanto lhe estendia a mão para que se levantasse, Rose não desviou os olhos dos cavaleiros que se embrenhavam na floresta.

Sentiu o medo mortal turvar-lhe os sentidos. Eles galopavam muito depressa e, àquela velocidade, um choque com um galho, ou um tropeço da montaria, podia ser fatal.

— Como pode ser tão tolo? — perguntou em voz alta, sem saber se referia a Robert ou a Gaston.

Acreditando que ela falava do primo, padre Liam comentou:

— Eu estava justamente dizendo a ele que não devia se arriscar, aparecendo por aqui em plena luz do dia. É perigoso demais.

— Em nome de Deus por que ele veio? — Rose perguntou consternada.

O padre assumiu uma expressão grave.

— Queria notícias de lady Elspith. — Estendeu as mãos demonstrando impotência, antes de continuar: — Eu não podia mentir, mas também não podia contar-lhe a verdade. É triste o caminho que a pobre moça foi forçada a seguir.

Rose desviou o olhar a fim de esconder a melancolia.

— Elspith escolheu o seu caminho, padre. Padre Liam cruzou as mãos sobre o peito.

— Às vezes, as circunstâncias nos forçam a tomar o caminho errado. Há muitas coisas difíceis de se compreender nesta vida.

Rose corou. Fora até lá para falar do dilema que a atormentava. Agora, algo a impedia de se abrir com o velho e querido padre. Talvez fosse a sabedoria e compreensão que brilhavam em seus olhos. Rose precisava de alguém que lhe dissesse o que fazer, como agir. Aquela conversa sobre a fragilidade humana não lhe dava a força necessária para desvendar as próprias emoções. Quando Gaston a tocava...

Gaston!

Rose segurou o braço do padre com força.

— O senhor não deve estar aqui quando sir Gaston retornar. Se não conseguir capturar Robert ou um de seus homens, vai querer interrogá-lo sobre a presença deles aqui.

— Compreendo — padre Liam assentiu em concordância. — Preciso de tempo para pensar no que vou dizer. Meu Deus não me permite mentir, mas também não posso trair sir Robert.

— Ficarei aqui, esperando por sir Gaston — Rose decidiu. — Se Robert for tolo o bastante para se deixar apanhar, creio que poderei fazer algo para ajudar.

O padre Liam estudou-a com atenção.

— Não vai se colocar em perigo, minha menina? Ela sorriu e assegurou:

— Não se preocupe. Não corro o menor perigo com sir Gaston.

Ao menos, pensou, não o tipo de perigo que o senhor imagina.

O padre Liam observou-a por mais alguns instantes. Pareceu prestes a dizer-lhe alguma coisa, mas manteve-se calado. Então, afagou-lhe o ombro com carinho e amizade, dizendo:

— Voltarei mais tarde por precaução. Fique com Deus, minha filha.

Observando-o tomar o caminho da vila, Rose teve a certeza de que ele adivinhara seus sentimentos por Gaston. Primeiro Alfred, agora padre Liam. Seu segredo estava se tornando mais público do que havia esperado.

Não teria tempo ou disposição para se preocupar com o assunto naquele momento. Havia coisas mais urgentes em que pensar.

Gaston poderia capturar ou matar seu primo.

Ou, pior, poderia ser ferido ou assassinado por Robert ou seus homens. Imagens de Gaston caído na floresta tomaram conta de sua mente, esmagando seu peito com a dor que causaram.

Buscando uma trégua dos pensamentos tumultuados, correu para o cemitério. Dirigiu-se ao túmulo da mãe e ajoelhou-se para rezar.

Rose mal completara catorze anos quando Wendolyn morreu, adulta o bastante para lembrar-se da mãe com clareza. Wendolyn fora boa mãe e esposa. Tão boa que o marido jamais voltara a casar-se, como fazia a maioria dos homens viúvos.

Neste dia, porém, Rose não encontrou conforto ali. A voz de sua mãe soava longínqua, perdida no passado. Levantou-se devagar, as pernas adormecidas pelo longo tempo que passara ajoelhada. Teria de buscar as repostas para suas perguntas no presente.

Olhou para a floresta densa e avistou um cavaleiro, montando um garanhão branco, galopando em sua direção. Gaston!

A alegria de vê-lo foi tão intensa, que ela esqueceu todos os obstáculos que os separavam. Só conseguia pensar que Gaston era o homem que amava, e que ele estava voltando para ela tão c salvo.

Quando o garanhão parou a seu lado, ela estendeu os braços.

— Você está salvo! — gritou, a voz embargada pela emoção. Ele tomou-lhe as mãos e puxou-a para a sela.

— Claro que estou, pequena.

Rose passou os braços em torno de seu pescoço e abraçou-o.

— Estava tão preocupada — murmurou de encontro ao seu ouvido. Ele retribuiu o abraço e afagou seus cabelos.

— Não há motivo para se preocupar. Mal pusemos os olhos neles depois que se embrenharam na floresta. Tenho certeza de que não voltarão.

— Eu não estava preocupada por mim — ela confessou, erguendo os olhos luminosos para Gaston. — Tive medo que os homens que estavam conversando com o padre Liam pudessem lhe fazer mal.

Gaston sobressaltou-se ao ouvir o nome do padre.

— Voltei para verificar se o padre está bem. Os soldados que me acompanhavam se dirigiram para o feudo, a fim de informar Hubert sobre o que aconteceu.

— Padre Liam está bem. Um dos habitantes da vila mandou chamá-lo — Rose mentiu.

— Ele disse o que os rebeldes queriam com ele?

— Disse apenas que não tentaram fazer-lhe nenhum mal.

— Então, por que está tremendo tanto?

Gaston abraçou-a com força, fazendo-a sentir-se melhor do que em toda a sua vida.

— Tive medo por você — ela falou com olhar apaixonado. — Quando o vi cavalgar atrás daqueles homens, dei-me conta de que, se você morresse, eu jamais o veria de novo. E isso eu não poderia suportar. — Segurando o rosto dele entre as mãos, prosseguiu: — Gaston, eu te...

— Psiu! — ele interrompeu, colocando um dedo em seus lábios.

— Não diga. Uma vez pronunciadas as palavras, não há caminho de volta. De minha parte, ouviria com prazer o que tem a me dizer, mas para você, as coisas são diferentes.

— Mas eu quero você. — Rose tomou-lhe a mão e beijou-a. — Quero você — repetiu confiante. Não mais se importava com o que pudesse acontecer. Sabia apenas que desejava Gaston desde o primeiro momento em que o vira. Ele era, e sempre seria, a sua outra metade.

Gaston não resistiu ao convite desprovido de malícia que reconheceu nos belos olhos verdes. Inclinou-se e beijou-a com suavidade.

O beijo inocente acendeu os fogos da paixão. Rose ofereceu-lhe sua alma, e ele aceitou. Seus lábios passaram a explorar os dela com violência, clamando seus direitos de senhor absoluto daqueles domínios.

Rose tentou colar o corpo ao dele e ergueu as mãos para acariciar-lhe a nuca. Seus dedos se enrascaram nos espessos cabelos negros e ela foi tomada de uma impaciência desconhecida. A sela era pequena demais para que ela pudesse estreitar mais o contato de seus corpos.

Sentindo a mesma necessidade desesperada de colar-se a ela, Gaston passou um braço sob seus joelhos, o outro por suas costas e desmontou.

Um pequeno bosque de macieiras situava-se a poucos metros de onde se encontravam. Suas flores impregnavam o ar com seu perfume adocicado. Gaston carregou Rose até o pomar e deitou-a na relva macia, salpicada pelas florzinhas brancas caídas das árvores.

Ajoelhado a seu lado, tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com devoção.

— Você é linda, Rose.

Ela segurou-lhe os ombros, devolvendo-lhe o beijo com intensidade, fazendo o sangue disparar em suas veias.

— Você é mais lindo — murmurou.

Rose sentia-se em chamas, o corpo lânguido de paixão, desejando algo que ela não sabia descrever.

Gaston tremia pelo esforço de conter o desejo violento que ameaçava explodir e consumi-lo.

— Tem certeza de que é isto mesmo o que quer? — perguntou. Ela o

beijou mais uma vez, antes de responder:

— Ah, sim. É o que eu quero. Não é o que você também quer? Rose não sabia de onde surgira aquela mulher arrojada, cheia de desejo, mas deu-lhe as boas-vindas e aceitou-a como parte de si.

— Não desejo outra coisa no mundo — ele respondeu e beijou-a. Deitou-se ao seu lado, puxando-a para si, moldando o corpo ao dela, deixando-a sentir sua masculinidade.

— Compreende a seriedade do que está dizendo? — insistiu. Rose fitou-o por um longo momento.

— Sei muito bem o que estou dizendo. Enquanto esperava por você, morrendo de medo de perdê-lo para sempre, percebi que não tinha nada para me fazer lembrar de você. — Pousou as mãos sobre o peito e continuou: — Se eu me der para você, isso, ao menos, ninguém poderá me tirar.

Gaston pousou a mão sobre as dela.

— Isso a tornaria minha?

— Neste momento, sim — ela respondeu e baixou as mãos, embora Gaston não movesse a sua.

Ele inclinou a cabeça devagar, saboreando-lhe os lábios, aceitando o que ela lhe oferecia. Sabia que não tinha o direito de pedir mais. O fato de desejá-lo não significava que Rose abriria mão de seu lar e de seu povo por ele.

Gaston acariciou-lhe os seios, fazendo-a suspirar pelo prazer inesperado.

— Gaston — ela murmurou com voz entrecortada. A felicidade que lhe enchia o coração era evidente no brilho de seus olhos.

Ao senti-lo escorregar os lábios para seu pescoço, Rose sentiu o coração bater com força, como se fosse explodir. Ele continuou descendo, ate seus lábios tocarem a curva superior dos seios, então ergueu-se, frustrado pela barreira do vestido. Com movimentos delicados, começou a despi-la.

Rose foi tomada por certa timidez ao lembrar-se de que estavam em meio a um jardim aberto e plenamente iluminado pelo sol. Gaston a veria como jamais outro homem a vira. Quando ele puxou o vestido por cima de sua cabeça, ela baixou os braços, tentando cobrir-se.

— Rose — ele se inclinou sobre ela e beijou-a com ternura —, não se esconda de mim.

Ela obedeceu e não fez nada para impedi-lo de tirar o restante de suas roupas. Limitou-se a baixar os olhos, envergonhada, perdendo a oportunidade de testemunhar o amor e admiração com que ele apreciava sua nudez. Após alguns instantes, Gaston segurou-lhe o queixo, forçando-a a encará-lo.

O calor nos olhos dele tocaram-na em algum ponto sensível de sua alma, intensificando o desejo. Rose estendeu os braços, rendendo-se à paixão.

Ele a envolveu num abraço, sentindo-a trêmula, o que só fez aumentar o desejo que o consumia.

— Você é mais maravilhosa do que quaisquer palavras possam descrever.

Desconfiada de que Gaston já tivera muitas mulheres em seus braços, Rose hesitou em acreditar na sinceridade de suas palavras, embora assim o desejasse.

— Não precisa usar de discursos bonitos comigo.

— E não estou usando.

Gaston voltou a baixar a cabeça, provocando-lhe ondas de arrepio e calor, enquanto seus lábios traçavam caminhos sobre seus seios.

— Linda... Adorável... — ele murmurava deliciado, sem descolar os lábios da pele macia.

Rose teve um choque quando ele tomou um dos mamilos entre os lábios. Não sabia que era capaz de sentir tanto prazer. Então, seus pensamentos turvaram, pois as mãos dele deslizavam sobre seu corpo, em carícias alucinantes.

Rose sentiu-se perdida, a cabeça girando em meio ao fogo que a consumia. Quando Gaston deslizou a mão até tocar-lhe a maciez de sua feminilidade, ela murmurou enlouquecida:

— Oh, Gaston, por favor, já não posso suportar...

— Seja paciente, meu amor.

Embora ele lhe pedisse paciência, ela reconheceu a urgência na voz rouca e entrecortada.

O corpo em chamas, a mente girando em espirais, Rose perdeu o controle sobre as próprias reações. Arqueando e serpenteando o corpo de encontro a Gaston, buscou a satisfação do desejo que a sufocava, sem nem saber ao certo o que buscava.

— Por favor... Ajude-me... — murmurou.

— Sim — ele sussurrou em seu ouvido.— Vou ajudar a nós dois.

Então, Gaston afastou-se por um breve instante e, quando voltou a abraçá-la, não havia mais nada que impedisse o contato direto de sua pele na dela.

Rose incentivou-o, segurando-lhe os ombros largos e puxando-o para si.

Gaston ajoelhou-se e afastou-lhe as pernas com delicadeza.

— Olhe para mim — pediu com ternura. — Quero ter a certeza de que é mesmo por mim que você arde de desejo.

Rose abriu os olhos e deparou com os dele, a fitá-la com intensidade e paixão. Mesmo que quisesse, ela não teria sido capaz de desviar o olhar.

Com lentidão cuidadosa, ele a penetrou. Sentiu alguma resistência ao quebrar a barreira da virgindade de Rose e percebeu que ela se encolhera. Foi preciso usar de toda a força de vontade para permanecer imóvel sobre ela por alguns instantes, até que a dor a abandonasse. Cada fibra de seu corpo clamava pela libertação do fogo reprimido.

Somente quando teve a certeza de que ela voltara a sentir-se bem, ele voltou a mover-se dentro dela, devagar, cuidadoso.

Rose fechou os olhos novamente e murmurou seu nome:

— Gaston... Gaston...

O prazer evidente no rosto de Rose fez Gaston sentir-se pleno como nunca antes sentira. Até aquele momento, não sabia o que era amar de verdade uma mulher, não só com o corpo, mas também com o coração.

Rose sentiu-se levada às alturas, mais e mais, à medida que ele, com carinho, ternura e experiência, a iniciava nas artes do amor. Começou a mover o corpo de encontro ao dele, acompanhando-lhe os movimentos, até perder a noção dos limites que os separavam. Gaston e ela eram um só ser.

Então, quando pensou que não havia prazer maior no universo, sua alma tocou o céu e explodiu em êxtase, mergulhando-a em luz.

Gaston não desviou os olhos de seu rosto quando ela atingiu o clímax, assistindo maravilhado às transformações produzidas pela entrega total e plena da mulher que amava a paixão. Uma vez convencido de que havia lhe proporcionado o máximo de prazer, rendeu-se à força selvagem do próprio

desejo.

No momento em que seu mundo, como o dela, se dissolveu em luz e cor, ele gritou seu nome:

— Rose!

Gaston permaneceu imóvel por alguns instantes, deliciando-se com a sensação do corpo nu de Rose sob o seu. Desejou ficar assim para sempre. Então, deu-se conta de que seu peso era demais para a criatura frágil que abraçava. Girou o corpo e deitou-se a seu lado.

Recusando-se a permitir que ele se afastasse, Rose agarrou-se a ele, mantendo seus corpos colados.

Foi então que ouviu uma voz chamá-la da direção da igreja:

— Lady Rose.

Ela não deu atenção. Nada mais tinha importância, exceto seu amor por Gaston. O que acabara de acontecer fora intenso demais para que a vida continuasse igual ao que era antes.

A voz tornou-se mais insistente:

— Lady Rose!

Rose abriu os olhos, apenas para descobrir que o céu continuava azul, em vez de haver se transformado em prata incandescente como ela imaginara. Tudo continuava a ser o que era e, ao mesmo tempo, nada era como antes.

— É o padre Liam — Gaston falou com urgência, afastando-se apressado e apanhando suas roupas.

Rose sobressaltou-se e, com mãos trêmulas, procurou pelo vestido.

— Oh, meu Deus! O que vamos fazer? — Desesperada, não conseguia vestir-se. — Ninguém deve saber o que aconteceu.

Gaston imobilizou-se por um instante, fitando-a com intensidade. Então, virou-se.

— Tem razão. Ninguém deve saber. Fique aqui. Irei até lá e direi a ele que você voltou para Carlisle.

Rose observou-o, magoadada pela transformação em seu semblante. O que havia dito de errado?

Apenas que ninguém devia saber sobre o que se passara entre eles. Por que ele a olhara como se a estivesse deixando para sempre?

A única conclusão que podia tirar era que Gaston se dera conta de que ambos haviam cometido um erro terrível. Que nenhum dos dois jamais permitiria que aquilo voltasse a acontecer.

Se o padre Liam os descobrisse, não haveria explicação para sua atitude.

Tremendo de maneira incontrolável, Rose vestiu-se e deu a volta no pomar. A caminho de Carlisle, tomou a decisão de afastar-se de Gaston. Agora que havia experimentado o prazer de estar em seus braços, a tarefa seria duplamente difícil.

Como pudera ser tola a ponto de imaginar que, depois de se entregar a ele uma vez, estaria livre dos sentimentos que a atormentavam? Tudo o que conseguira com aquele ato de amor, fora prender-se a ele ainda mais.

Dias depois, Rose deparou com Elspith trabalhando no pátio. Passara a maior parte do tempo, nos últimos dias, tentando esquecer o que acontecera entre ela e Gaston.

A dor intensa provocou-lhe o desejo de fazer a prima enxergar o que estava fazendo consigo mesma. A relação com Hubert só poderia terminar em uma tragédia na vida da moça.

Elsphith esfregava temperos aromáticos nas galinhas que colocara em um espeto. As mãos, que haviam sido tão finas e claras, mostravam-se escurecidas pelo trabalho.

— Elspith — Rose chamou em voz baixa.

A moça virou-se devagar, o rosto impassível. Sabia que Rose reprovava seu relacionamento com Hubert, mas amava esse homem e não renunciaria a ele, nem mesmo para agradar a prima, de quem tanto gostava.

Um soldado passou pelas duas e Elspith respondeu com deferência:

— No que posso ser útil, lady?

— Quero conversar com você — Rose declarou em tom neutro. — Pode me acompanhar a um lugar mais tranquilo?

Elsphith voltou a concentrar a atenção no trabalho.

— Não há nada o que conversar. Rose sentiu uma pontada de irritação.

— Há muito o que conversar. Por acaso, sabe que Robert quase foi apanhado porque veio perguntar ao padre Liam como você estava? O que acha que ele faria se o padre lhe contasse sobre o seu relacionamento com

Hubert de Thorne, o mesmo homem que planeja caçá-lo e matá-lo?

Elspith encolheu os ombros e imobilizou as mãos. Rose sentiu-se culpada por magoar a prima com a aspereza de suas palavras. Então, a moça largou o espeto e escondeu o rosto nas mãos.

— Pensa que não sei que Hubert deseja matar meu irmão? E, como posso esquecer que é você quem vai se casar com ele? Que cada noite que passamos juntos, pode ser a última? E, mesmo sabendo de tudo isso — virou-se para fitar Rose, os olhos iluminados por um fogo intenso —, só quero receber o que ele tem a me dar, até o dia em que não me queira mais.

— Deve contar a ele quem você é — Rose explodiu. — Ele não tem o direito de usar você!

A expressão de Elspith era pura desesperança.

— E contar-lhe sobre Robert? Como eu poderia explicar quem sou e o que estou fazendo aqui, sem delatar o segredo de meu irmão? Não foi justamente por isso que inventamos uma mentira para encobrir minha identidade? Hubert faria perguntas e não sossegaria enquanto não descobrisse toda a verdade. Não posso sacrificar meu próprio irmão, nem mesmo por Hubert.

Ao ver uma lágrima rolar pela face de Elspith, Rose deu uma risada amarga.

— No que me diz respeito, saiba que eu lhe daria Hubert de bom grado. Lamento que esteja sofrendo, mas não posso compreender as razões de sua devoção para com um homem como ele. A punição de Wes foi a última gota d'água para mim. Hubert não tem sentimentos. Não se importa com ninguém, a não ser consigo mesmo.

— Você não o conhece — Elspith afirmou com segurança. — Ele açoitou o garoto por acreditar que qualquer sinal de indulgência seria interpretado como fraqueza.

Embora lembrasse de ter ouvido Gaston dizer as mesmas palavras, Rose não se deixou convencer.

— Um homem forte de verdade, sabe quando curvar-se — declarou com absoluta confiança.

Elspith encarou a prima por um longo instante, antes de dizer desanimada:

— Ah, Rose, será que não percebe? Nem todos são capazes de enxergar o mundo com a mesma clareza que você o vê. Para muitos de nós, é muito difícil reconhecer o limite entre o certo e o errado. Isso não nos transforma em monstros. Somos apenas seres humanos, inclusive Hubert.

— Mesmo que você esteja certa no que está dizendo, eu jamais amaria um homem incapaz de reconhecer a diferença.

Gaston ajudara o garoto Wes, mesmo sabendo que seria considerado fraco por alguns.

Elspith levantou-se e afagou de leve o ombro de Rose.

— Me entristece saber que você será obrigada a submeter-se a um casamento sem amor. Especialmente porque eu nunca serei capaz de amar outro homem como amo Hubert de Thorne.

— Eu o odeio — Rose sibilou com veemência, segurando a mão de Elspith.
— Ele tirou tudo o que eu possuía, até você. Pensei que, juntas, enfrentaríamos melhor este inferno. Agora, nem esse conforto eu tenho.

Rose levantou-se, dirigindo o olhar para o pátio. Servos e soldados, todos ocupados em seus trabalhos, transformavam o lugar num formigueiro humano. De repente, prendeu a respiração e largou de súbito a mão de Elspith.

Gaston encontrava-se a poucos metros, observando-as com atenção.

Aflita, Rose não sabia o que fazer. Será que não podia mais dispor de um minuto longe de seus olhos? Ali estava mais um motivo para detestar Hubert pois, certamente, fora ele quem incumbira Gaston de espioná-la o tempo todo.

Ele parecia estar sempre por perto, onde quer que ela fosse. E, desde aquela tarde na igreja, havia um brilho diferente em seu olhar. Era perturbador e, ao mesmo tempo, irresistível.

O que Hubert faria se soubesse?

Elspith sobressaltou-se ao notar a expressão no rosto da prima.

— O quê...? — Virou-se para onde Rose olhava fixamente. — Oh, não! — exclamou, concentrando a atenção em Gaston. Baixando a voz para um sussurro, implorou: — Ele não pode desconfiar que sou algo mais que uma simples serva.

Rose respirou fundo, tentando controlar-se.

— Não se preocupe. Pensarei em algo para dizer a ele. Elspith assentiu e

curvou-se numa reverência profunda, antes de sentar-se no banco e voltar ao trabalho.

Rose pôs-se a atravessar o pátio, rezando para que Gaston a deixasse passar, sem qualquer comentário. Suas esperanças morreram ao vê-lo aproximar-se com passadas largas.

Com voz tranqüila e gentil, ele a cumprimentou:

— Lady Rose.

O tom distante produziu em Rose uma inesperada decepção. A voz de Gaston soara tão diferente quando fizeram amor... As palavras doces haviam exaltado seus sentidos, levando-a a...

Jamais compreenderia a facilidade com que ele escondia seus sentimentos. Talvez, ele não a desejasse como ela o desejava. Bastava olhar para ele e o desejo a aquecia como chamas vivas.

Surpreendeu-se ao ouvir a própria voz soar fria e distante:

— Sir Gaston.

Só foi capaz de disfarçar o conflito interior porque evitou o olhar de Gaston.

Quando ele voltou a falar, sua voz assumiu um tom de intimidade:

— Rose, não acha que está dando atenção exagerada a esta serva? — Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Rose corou, concluindo que Gaston interpretara de maneira errada as suas preocupações. Ele pensava que ela possuía mais compaixão do que na verdade sentia, e que tratava Elspith com indulgência, independente do fato da criada partilhar a cama de Hubert. Nem desconfiava do parentesco entre as duas. Rose sentiu-se envergonhada.

— Ela está infeliz.

— Ela é apenas um passatempo — Gaston afirmou na intenção de abrandar os receios que Rose pudesse estar alimentando quanto à sua posição em Carlisle.

Rose, porém, recebeu as palavras como um golpe. Baixou os olhos para o chão a fim de esconder os sentimentos tumultuados. Gaston estava redondamente enganado. Exceto pelo fato da mulher ser Elspith, Rose pouco se importava com quantas amantes Hubert tivesse. Ao contrário, era um

alento o fato de ele não lhe dar a menor atenção.

O que a feriu foi a escolha das palavras usadas por Gaston. Ele também não tinha a menor intenção de se casar com Rose. Nem sequer tentara aproximar-se dela de novo. Teria sido ela, também, nada mais que um “passatempo”?

Seus olhos faiscavam quando ela o fitou.

— Agradeço o seu interesse, sir Gaston — falou por entre os dentes —, mas não preciso de sua piedade. E, se me dá licença, tenho muito o que fazer. — Com um aceno de cabeça, afastou-se com passos duros.

Surpreso, Gaston ficou imóvel por alguns instantes. Não esperava uma reação como aquela. Decididamente, era impossível prever como a saxã se comportaria em qualquer situação. Tentara apenas dar-lhe um pouco de conforto e ela agira como se ele a houvesse insultado. Afinal, era Rose, não Gaston, quem demonstrava preocupação exagerada com a amante de Hubert!

Elspith mostrava-se satisfeita com a atenção que o amante lhe dispensava. Sua devoção só se tornara mais intensa com a passagem do tempo. Gaston continuava dormindo nas barracas, junto aos soldados.

Foi então que Gaston lembrou-se por que viera ao encontro de Rose.

— Lady Rose — chamou, ao mesmo tempo em que se dirigia para ela. Com suas passadas largas, não encontrou dificuldade em alcançá-la.

Furiosa, Rose nem se deu ao trabalho de diminuir o passo. Gaston segurou-lhe o braço e obrigou-a a parar.

— Não sei por que você se sentiu ofendida pelo que eu disse. Nem sou tolo o bastante para acreditar que vai me dizer, se eu perguntar. Infelizmente, teremos de esperar até que eu tenha tempo para usar métodos mais persuasivos na obtenção das informações que desejo.

Para sua surpresa, Rose estremeceu, excitada pela ameaça. Que tipo de métodos ele usaria para persuadi-la a confiar-lhe os segredos? Em lugar de assustá-la ou irritá-la, o tom de comando na voz dele só serviu para aumentar-lhe a excitação. Estava evidente no modo como ele a fitava, que ainda a desejava com a mesma intensidade. Aturdido, Gaston recebeu o sorriso dócil que ela lhe lançou, antes de perguntar:

— No que posso ajudá-lo?

Como já dissera a si mesmo, inúmeras vezes, ela era imprevisível. Embora fosse difícil coordenar os pensamentos com aquele par de olhos verdes brilhando para ele, num convite silencioso, ele respondeu:

— Hubert partirá hoje.

— O que aconteceu? — ela perguntou. Uma sombra cobriu seu rosto ao pensar em Robert.

— Nada com que precise se preocupar — Gaston assegurou. — Um cavaleiro chegou de Mayhül há pouco. Contou-nos que um grupo invadiu o acampamento esta manhã e ateou fogo às barracas. Sir Gerard está furioso, pois haviam terminado a construção ontem.

Rose agarrou seu braço com aflição.

— Alguém se feriu?

Quando ela o tocou, foi ainda mais difícil para Gaston responder:

— Nada grave. Apenas um homem sofreu queimaduras leves, quando tentava debelar o fogo.

Rose franziu o cenho, pensativa. Robert estava se tornando muito descuidado. Não era do seu feitio colocar camaradas saxões em perigo.

— Mandarei medicamentos — declarou com ar distante.

A voz de Gaston soou tensa, pois a mão de Rose em seu braço trouxe lembranças da sensação daquelas mesmas mãos acariciando-lhe a pele nua.

— Hubert vai precisar de provisões para ele e seus homens. Convencido de que Hubert desejaria permanecer no feudo em companhia da amante, Gaston o pressionara a deixá-lo ir a Brentwood em seu lugar. Apesar de se mostrar muito apegado à serva, Hubert recusara-se a negligenciar suas responsabilidades. Ficou inflexível na noção de que devia, ele mesmo, perseguir e capturar os rebeldes.

Além do mais, acreditava que a presença de Gaston era necessária em Carlisle, uma vez que se familiarizara inteiramente com a administração do feudo e era o único ali capaz de supervisionar a construção da muralha.

Admirando o sorriso cálido nos lábios de Rose, Gaston descobriu que não estava tão contrariado por ter de ficar em Carlisle.

CAPÍTULO X

Rose enfiou a mão na sacola de medicamentos, à procura do saquinho de meimendro, uma erva poderosa no tratamento de infecções. Quando, finalmente, encontrou o que procurava, torceu os lábios contrariada. O saquinho estava quase vazio. Detestou a idéia de colher mais da planta odiosa.

Atravessou o quarto e apanhou o recipiente de madeira que Ruth lhe estendeu. Colocando nele uma porção do pó, misturou-o a um pouco de água.

Virando-se para Ruth, explicou:

— Vou colocar esta mistura no ouvido de sua filha. Vai aliviar a dor e ajudá-la a dormir.

Ruth limitou a assentir em reposta, enquanto observava a criança revirar-se na cama. A garotinha era tão miúda e seus gritos tão dolorosos, que Rose teve de esforçar-se para não chorar.

Boa parte do líquido espalhou-se, molhando os cabelos da menina e a cama. Mesmo assim, Rose conseguiu introduzir uma dose do medicamento no ouvido da garota.

— Agora, mantenha-a deitada de lado, para que remédio faça efeito — orientou e afastou-se.

Apanhando outro saquinho de dentro da sacola, Rose depositou-o sobre a mesa.

— Vou deixar um pouco de peônia seca com você. Faça um chá com estas folhas e dê a ela quando tiver sede. Vai ajudar a curar a infecção. Se começar a chorar de dor novamente, use o que sobrou da mistura que acabamos de usar. Se precisar de mais, mande seu filho procurar-me.

Ruth encarou-a com olhos cheios de gratidão.

— Muito obrigada, lady Rose.

— Faço apenas o que posso, Ruth — Rose respondeu, reunindo seus pertences espalhados pelo chão de terra batida.

Havia pouca luz no aposento, embora a cortina estivesse afastada da porta. Ao sair, Rose respirou fundo, aspirando o ar puro e quente do verão.

A caminho de Carlisle, sentiu-se agitada pela necessidade de esquecer-se de todas as responsabilidades e ser livre para fazer o que desejasse. Para amar quem desejasse, assim como Elspith.

Hubert mandara um soldado a Carlisle para levar Elspith ao seu encontro, no acampamento. E ela partira, ansiosa por enfrentar as privações da floresta, só para estar ao lado do amante.

Ao passar por um bode amarrado ao pé da montanha, Rose deu-lhe um leve tapinha no flanco. Seria melhor manter os pensamentos fixos na realidade. Sonhar era um luxo permitido apenas aos outros.

Fizera um juramento. A idéia do que seu pai pensaria se o quebrasse era dolorosa demais.

O bode virou-se para ela, dirigindo-lhe um olhar lacrimoso. A barba movia-se para a frente e para trás conforme mastigava. Aborrecido pela interrupção, ele lhe deu as costas e inclinou a cabeça para abocanhar mais uma porção de grama verde e fresca.

Rose sentiu-se sufocada assim que atravessou os portões do feudo. O pátio estava apinhado. Havia gente por todos os lados, cada um ocupado com um tipo de trabalho diferente. A agitação era total. Além do burburinho de vozes, podia-se ouvir o retinir incessante de espadas no campo de exercício.

Para sua surpresa, Rose não foi interrogada pelo guarda da paliçada, ao deixar o feudo poucos minutos depois, carregando o saco de pano usado para recolher ervas e sementes.

Ao vê-la, o soldado limitou-se a sorrir e a acenar. Todos ali sabiam que ela dominava as artes da cura. Claude, que muitos haviam considerado morto, estava curado e já voltara ao trabalho, embora só lhe fossem delegadas tarefas leves.

Rose sorriu, o que era uma raridade nos últimos tempos. Estava livre, mesmo que apenas por poucas horas. A única pessoa que sabia para onde ia era Maida, que manteria segredo.

Na hora do almoço, Gaston esperou por Rose para juntar-se a ele e sir Gerard. Como ela não aparecesse, começaram a comer. Sem saborear a comida como deveria, Gaston não tirava os olhos da porta de entrada do salão, ansioso por sua chegada.

Tinha consciência de que era pura tolice submeter-se àquela agonia por uma mulher que jamais poderia ser sua. Apesar de Hubert mostrar-se menos interessado no casamento a cada dia que passava, Gaston não conseguia esquecer que, em breve, Rose seria a esposa do irmão. Até então, Hubert não mencionara a data de seu retorno a Carlisle. Escrevera apenas sobre os detalhes de sua caça persistente aos rebeldes.

Gaston concluía que o irmão não se encontrava mais perto de resolver o problema do que quando iniciara a perseguição. Suas cartas descreviam tentativas que terminavam com homens perdidos na floresta, cavalos roubados durante a noite e provisões estragadas. Hubert parecia cada dia mais insatisfeito com suas terras.

Ao receber a carta em que o irmão pedia que Elspith fosse levada ao seu encontro, Gaston tomara uma decisão. Se Hubert não amava Rose, então por que Gaston deveria privar-se de sua companhia? Não poderiam ficar juntos como homem e mulher sem comprometer a honra de ambos, mas ele podia experimentar o prazer de vê-la sorrir, de conversar com uma mulher tão inteligente e sagaz, a primeira que conseguia considerar de igual para igual.

Perguntou-se se ela ainda pensava no homem que fora encontrar em segredo, da outra vez que Hubert viajara. A intuição lhe dizia que sim. Toda vez que ela dirigia o olhar para a floresta, uma tristeza profunda turvava-lhe o semblante.

Gaston fechou os olhos, tentando controlar a náusea que o atacava quando imaginava Rose nos braços de outro homem.

Ao terminar a refeição, como ela não houvesse chegado, decidiu procurá-la para saber se havia algo errado.

Algum tempo depois, parou no meio do pátio, intrigado. Ela parecia ter evaporado. Não encontrara o menor sinal da senhora de Carlisle em todo o feudo.

Naquele momento, avistou Maida entrando na cozinha. A cozinheira devia conhecer o paradeiro de Rose.

Ao alcançar a cozinha, constatou que Maida se encontrava sozinha, de costas para a porta, entornando um copo na boca.

— Maida? — chamou.

Sobressaltada, a cozinheira derramou parte do vinho que bebia. Apressada, ergueu o avental e limpou o líquido escuro do queixo. Devolvendo o copo à mesa com cuidado estudado, ela virou para encará-lo.

— Pois não, sir.

O rosto redondo estava vermelho e os olhos brilhavam.

— Saberá me dizer... — Gaston interrompeu a pergunta e estudou-lhe as feições. — Está se sentindo bem? — perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Ah, sim... Estou bem, sir.

O sorriso de Maida tornou-se mais largo e ela oscilou sobre os pés pequeninos.

Gaston tomou-lhe o braço com delicadeza, levando-a até um banco e sorrindo com certa dose de malícia. Se não estava enganado, a cozinheira andara bebendo.

— Por que não descansa um pouco? — sugeriu. Maida fitou-o com a confiança de uma criança.

— Obrigada — agradeceu e aceitou a oferta entre soluços. Gaston colocou o dedo em riste e comentou com ar divertido:

— Você andou bebendo!

— Só um pouquinho — Maida garantiu, gesticulando com as mãos a fim de enfatizar suas palavras. Em seguida, outro acesso de soluços atacou-a.

Gaston olhou para a garrafa tombada sobre a mesa e sorriu.

— Está me parecendo que bebeu mais do que só um pouquinho!

— Sim, não foi só um pouquinho — ela admitiu. — A vida não tem sido fácil, e uma pobre mulher tem de beber um pouco de vez em quando, para afogar suas mágoas — justificou-se e secou uma lágrima com as costas da mão.

— Pedirei a uma das criadas que a ajude a deitar-se — Gaston declarou solícito. Era óbvio que ela não o ajudaria em nada nas condições em que se encontrava.

— Não, não, sir. Estarei bem em um minuto. Gaston aceitou a mão que ela lhe estendeu.

— Tem certeza de que não se sentiria melhor se fosse se deitar um pouco? — insistiu.

Ela sacudiu a cabeça.

— Sim, não precisa se preocupar comigo.

Com força surpreendente, Maida puxou-o para sentar-se no banco a seu lado.

Não ocorreu a Gaston como poderia escapar dali, sem ferir os sentimentos da pobre mulher. Planejava passar algum tempo junto de Rose, não da cozinheira! No entanto, sentou-se e estendeu as pernas diante do corpo, numa atitude bastante amigável.

Ela o fitou com evidente admiração.

— Se me permite dizer, o senhor é um homem muito elegante — declarou, examinando-o de alto a baixo. — Mesmo sendo normando... Eu mesma suspiraria pelo senhor, se fosse mais nova, claro.

— Eu... — Gaston começou a falar, embaraçado pelo rumo que conversa havia tomado.

— Não — ela insistiu com firmeza. — Não posso culpar minha senhora. Mas foi só depois que salvou o meu Wes que descobri que o senhor tem mais do que um rosto bonito. Eu devia saber que minha senhora não se apaixonaria por um homem que não merecesse o seu amor.

— Wes? — Gaston repetiu em voz alta, embora sua atenção se concentrasse nos outros comentários de Maida. A cozinheira só podia estar muito bêbada para imaginar que Rose estivesse apaixonada por ele. Ela o desejava, isso sim, mas qualquer homem experiente lhe despertaria o mesmo que ele.

— Ah, sim, o meu Wes — Maida continuou. — Foi o meu primeiro neto. Tive mais cinco depois dele, mas o primeiro é sempre especial. Tive vontade de beijá-lo quando o vi interpor-se entre meu menino e aquele monstro.

Finalmente, Gaston compreendeu o que a cozinheira dizia. O garoto açoitado era neto de Maida. O monstro a quem se referia só podia ser Hubert. Ao que tudo indicava, ao salvar o menino do castigo, Gaston conquistara a lealdade daquela mulher.

— Aquele maldito demônio! — Maida praguejou com veemência. — Tirou-nos a nossa menina para usá-la como se fosse um objeto.

Gaston sentiu uma pontada de dor, Maida falava como se Rose e Hubert

já estivessem casados.

A lembrança de Rose trouxe de volta o desejo de encontrá-la.

— Sabe onde está a sua senhora?

— Disse que precisava passar algum tempo sozinha. Aqui, há sempre tanta gente em volta dela que não consegue pensar com clareza. Me fez prometer que não diria a ninguém.

— Do que está falando, afinal? — alarmado, Gaston intensificou o interrogatório.

— Ela saiu a fim de recolher plantas para seus remédios. Ela e suas plantas...—Maida soltou uma risadinha.

Dizendo a si mesmo que não havia motivo para preocupação, Gaston falou com voz controlada:

— Pode me dizer onde ela apanha suas plantas?

Rose conhecia a floresta como ninguém mas, por que não voltara para o almoço? Pensou em Nigel e seus familiares, torturados e mortos, antes que sua casa fosse incendiada.

Com um gesto incerto da mão, Maida respondeu:

— Ela foi para o oeste.

Levantando-se sem mais uma palavra, Gaston saiu. Estava furioso com Rose. Como ela saía por aí, sem sequer pensar no perigo?

Poucos minutos depois, Pégaso atravessava os portões do feudo a galope, levando o cavaleiro irado no dorso.

O imenso garanhão branco cavalgava em alta velocidade, desviando dos obstáculos no caminho e deixando Gaston livre para esquadrihar a região à procura de algum sinal de Rose. Era como se a ansiedade do cavaleiro se transmitisse à montaria, pois Pégaso exercia pressão sobre os arreios, desejando correr mais e mais. Percebendo a ânsia do animal, Gaston afagou-lhe o pescoço, forçando-o a diminuir a velocidade, mas apenas um pouco, apesar do perigo oferecido pela floresta densa.

Então, o som de um grito encheu o ar, ecoando por entre as árvores, mergulhando a floresta em um clima de terror. O coração de Gaston disparou, agitado pelo pânico.

Puxou as rédeas, forçando Pégaso a interromper o galope de súbito e

tentou reconhecer a direção de onde viera o grito.

Então, o som se repetiu, vindo da direita. Esporeou o garanhão sem dó. Reconhecendo a aflição do dono, Pégaso partiu em disparada. Nem cavalo nem cavaleiro deram atenção aos galhos que rasgavam a roupa de um e arrancavam tufo de pelo do outro. Ambos confiaram em Deus para salvá-los das tocas de coelhos ou qualquer outro obstáculo fatal.

Ao saírem para uma clareira, o sangue de Gaston gelou em suas veias. Rose estava estendida no chão. Um homem vestido em farrapos segurava-lhe os braços, enquanto outro ajoelhava-se a seu lado. O segundo homem tentava imobilizá-la, impedindo-a de continuar lutando e esperneando.

Havia ainda um outro, aos pés dela, ocupado em desamarrar as próprias roupas.

Os três estavam tão concentrados no que faziam, que não perceberam a aproximação dos cascos ameaçadores. Os gritos de Rose ajudavam a abafar os ruídos produzidos por Pégaso.

O homem a seus pés soltou um urro de dor quando ela o atingiu no queixo com um chute.

— Será que não é capaz de segurá-la? — esbravejou para o companheiro que prendia os braços de Rose.

Este a sacudiu com força, arrancando-lhe um gemido.

— Fique quieta, sua cadela. Tudo vai acabar antes do que imagina. — Sua risada pôs à mostra uma fileira de dentes amarelados.

Gaston observou tudo isso na fração de segundo que levou para desmontar. Cego pela fúria, tirou a espada da bainha.

Um raio de sol, infiltrado por entre as árvores, atingiu a lâmina, lançando reflexos reluzentes por toda a clareira. E foi isso o que chamou a atenção dos assaltantes. Olharam para o rosto lívido de Gaston e viram a morte a encará-los. Dois deles puseram-se de pé, implorando misericórdia.

Gaston não ouviu. A fúria o levava a um estado do qual não havia retorno.

Percebendo que os pedidos dos companheiros não haviam surtido o menor efeito no cavaleiro, o terceiro homem retirou uma faca da túnica. Agachou-se, preparando-se para se defender. Num pensamento distante, a mente de Gaston registrou que o bandido tinha algum conhecimento de luta.

Mas o pensamento fugiu no mesmo instante. Gaston não tinha consciência de nada, senão da sede de sangue que o invadira.

Ergueu o braço e baixou-o. A lâmina da espada cortou o ar com um zunido baixo-e o primeiro-homem caiu. O pulsar latejante do sangue em suas veias continuou a ensurdecê-lo. Passou por cima do corpo sem vida e adiantou-se para o segundo assaltante. Voltou a erguer a espada e matou-o com a mesma presteza com que matara o primeiro.

Então, virou-se para o último integrante do grupo. Embora suas roupas não estivessem tão rotas como as dos outros, ele parecia ainda mais sujo. Os cabelos oleosos pendiam em tufo desiguais, como se houvessem sido cortados a faca. Uma cicatriz medonha atravessava-lhe a face esquerda. O patife partiu para cima de Gaston de faca em punho, mas Gaston tirou-lhe a arma da mão, golpeando-o com o cabo da espada. Não permitiria que aquele verme morresse lutando. Seria abatido como o verdadeiro animal que era. Com um só golpe, derrubou-o.

Gaston tremia pela intensidade da raiva que o inflamara. Lamentou apenas o fato de estarem todos mortos. Queria fazê-los sofrer por haverem tocado Rose com suas mãos imundas.

Percebeu um movimento e virou-se.

Rose rastejara até uma árvore e estava encolhida contra seu tronco. Tinha os braços apertados em torno do corpo e os olhos arregalados de medo.

Gaston respirou fundo e deixou a espada cair no chão. Cobriu o rosto com as mãos, tentando livrar-se do tremor e recuperar a clareza de raciocínio.

Nunca antes, nem mesmo em batalha, perdera o controle sobre as próprias ações. Mas aqueles homens levaram-no aos limites da loucura. Não pôde suportar a visão dos maus-tratos que infligiam à mulher que amava.

E como a amava! Ela fazia parte de seu ser. Com passos lentos, aproximou-se e ajoelhou-se a seu lado. Quando falou, sua voz não era mais que um murmúrio:

— Rose... eu não quis assustar você, mas... quando vi... — A voz falhou e ele estendeu-lhe a mão.

Rose fitou-o e o amor que brilhava nos olhos dele enterneceu seu coração. Aceitou a mão estendida e inclinou-se para ele. Abraçaram-se, buscando

conforto nos braços um do outro.

Quando aqueles homens a atacaram enquanto colhia meimendo.

Rose pensara que não conseguiria escapar. Seus pedidos desesperados por piedade foram respondidos com gargalhadas tão medonhas e assustadoras que ela teve a certeza de que as ouviria em pesadelos enquanto vivesse. O homem da cicatriz sorria com maldade ao descrever as coisas hediondas que fariam com ela.

Em seu desespero, sua mente transformara aqueles homens sujos e mal vestidos em símbolos de tudo o que se abatera sobre ela nos últimos meses: a morte dos familiares, a perda da liberdade, o iminente casamento com Hubert, além dos incidentes incontáveis que a faziam sentir como se houvesse perdido o controle sobre o próprio destino. Embora lutasse até a última gota de energia presente em seu espírito, eles a haviam dominado.

Rose jamais saberia que fora a sua luta o que dera a Gaston o tempo necessário para encontrá-la, antes que seus agressores atingissem seus objetivos.

Sentindo os tremores convulsivos que sacudiam o corpo forte de seu amado, Rose abraçou-o com força.

— Perdoe-me — ele murmurou, o rosto escondido em seus cabelos.

— Não há nada para perdoar — ela assegurou, antes de encará-lo. — Você me salvou de um destino terrível. O que mais posso sentir, senão imensa gratidão?

— Mas eles imploraram misericórdia.

— O que não mereciam — ela afirmou segura, recusando-se a olhar para os corpos estendidos no chão. — Não fiz mal algum a esses homens e, mesmo assim, eles estavam prontos para me ferir.

Gaston pressionou-a contra si.

— Eu os mataria de novo, com prazer. — Então, segurando-lhe o rosto entre as mãos, acrescentou: — Mesmo tendo ouvido você dizer que não me culpa pelo que aconteceu, não pude deixar de ver o medo em seus olhos.

Ela o encarou com firmeza.

— Não vou negar que sua fúria me assustou. Você é um guerreiro feroz.

Gaston desviou o olhar.

— Você me assistiu matando saxões. Agora, mais do que nunca, vai se ressentir de mim por eu ser um normando.

— Aqueles homens não faziam parte de meus povo. Não passavam de um bando de selvagens. Eram covardes à procura de alguém mais fraco do que eles para atacarem. — Rose fechou os olhos, tentando livrar-se da lembrança das mãos sujas sobre seu corpo.

Gaston puxou-a para si, recostando-a em seu peito. Seria capaz de matar dez vezes aqueles homens, só para impedi-los de tocar os cabelos avermelhados que tanto amava. Roçou a face nas ondas macias e aspirou o perfume de flores silvestres. Ela era sua, somente sua.

Levantou-se, carregando Rose nos braços. Caminhou até onde Pégaso mastigava tranqüilamente as folhas de um galho de árvore e colocou sua amada sobre a sela. Apanhou a espada, limpou a lâmina e enfiou-a na bainha. Então, montou, posicionando-se atrás de Rose. Segurando as rédeas com firmeza, instigou o garanhão a tomar o caminho de volta. Desta vez, não havia pressa.

Rose apoiou-se em seu peito. Ali, sentia-se protegida e plena. Até mesmo com sua família, sentira-se um ser à parte. Estava junto deles e, ao mesmo tempo separada. Agora, parecia-lhe que o coração de Gaston batia por ela também. Enquanto ele fosse forte, ela seria também.

Deixando-se afundar nos braços de Gaston, Rose inspirou o aroma da floresta, carregado de vida, do cheiro da terra que se renovava constantemente. Gaston inclinou-se e beijou-lhe a testa sem nada dizer, pois pressentira sua necessidade de silêncio.

Seria lutar contra tudo o que considerava certo e sagrado, casar-se com Hubert, agora. O amor que sentia por Gaston, tão intenso e real, pulsava dentro dela, mais forte que as batidas de seu coração.

Foi somente quando alcançaram a paliçada de Carlisle que Rose recuperou a consciência.

Hubert e seus homens haviam acabado de chegar com seus cavalos exaustos. Os soldados a pé, caminhavam rumo a suas barracas.

A realidade da presença de Hubert penetrou a letargia paradisíaca que a envolvera. Rose sentou-se ereta na sela, consciente de que seu ombro ainda

tocava o peito de Gaston.

Como se permitira sonhar que ela e Gaston podiam ser felizes juntos? Era Hubert o homem com quem iria se casar. Estava comprometida pelo juramento que fizera a seu povo.

Virou-se na sela a fim de olhar para Gaston. O rosto viril apresentava-se impassível, suas emoções indecifráveis. Aquele abandono deixou um vazio no peito de Rose. A dor era insuportável. Era como se a última hora jamais houvesse existido.

Rose voltou a olhar para Hubert, lembrando-se de que Gaston, nem por uma vez, dissera que a amava. Agora, duvidava que ele alimentasse quaisquer sentimentos por ela. Sentiu-se incapaz de suscitar o olhar de Hubert. A dor era grande mais para escapar aos olhos perspicazes do predador.

Hubert desmontou encaminhou-se para o irmão e a noiva. Foi então que Rose notou a presença de Elspith, montada em uma bela égua castanha, logo atrás do cavalo de Hubert. A expressão no rosto da prima era de profundo embaraço quando seus olhos encontraram os de Rose. Um dos cavaleiros adiantou-se para ajudá-la a desmontar. Lançando um último e rápido olhar para a prima, correu para dentro do feudo.

Reprovando-se por sentir-se traída, Rose cruzou as mãos sobre o ventre. O fato de saber do relacionamento de Elspith e Hubert não tornava mais fácil ser confrontada tão diretamente com a situação.

Não notou o embaraço nas feições dos cavaleiros, que desviavam os olhos de Rose para Elspith, sem saber que atitude tomar. Rose fechou os olhos e oscilou sobre a sela, apoiando-se contra Gaston. Não importava se ele não a queria. Tudo o que sabia, era que ele fora o primeiro a oferecer-lhe proteção desde que seu pai e seu irmão haviam morrido.

Gaston segurou-a em seus braços quando ela desmaiou, os movimentos ágeis impedindo que ela caísse.

Hubert correu até ele.

— O que aconteceu? Ela está doente. Gaston respondeu sem fitar o irmão:

— Rose foi atacada por rufiões.

— Os mesmos que estamos tentando capturar?

— Pela aparência deles, acho que sim.

— Onde estão eles? — Hubert vociferou.

— Mortos. Gaston virou-se na sela preparando-se para desmontar. Hubert estendeu os braços para apanhar Rose.

— Deixe-me...

Mas Gaston não ouviu. Escorregou de cima do cavalo, segurando Rose com firmeza em seus braços. Dirigiu-se para o quarto dela, seguido de perto por Hubert.

— Como conseguiu encontrá-la? — o mais velho perguntou.

— Quando me dei conta de que ela não havia voltado para o almoço, fiquei preocupado. Lembrei-me de como a família do fazendeiro foi torturada. Conversando com a cozinheira, descobri onde lady Rose estava. Depois disso, foi apenas uma questão de chegar até lá.

Gaston continuou a história, explicando ao irmão o que acontecera. Omitiu apenas a loucura que se apossara dele, dizendo que os rebeldes haviam morrido lutando.

Hubert sacudiu a cabeça contrariado.

— Esta mulherzinha só tem provocado problemas.

Sob o pretexto de acomodar Rose melhor em seus braços, Gaston aconchegou-lhe a cabeça contra o ombro.

Hubert bateu com as luvas na perna.

— Assim que os criminosos forem apanhados e minha propriedade estiver sob controle, esse casamento deve ser celebrado. Vou ensinar a essa mulher como ficar longe de encrencas.

Gaston sentiu uma pontada de dor, como se uma espada atravessasse seu estômago.

CAPÍTULO XI

Rose despertou em sua cama, tendo Maida sentada a seu lado. Por um momento, sentiu-se desorientada. A última coisa de que se lembrava, era de estar montada em Pégaso, com Hubert à sua frente.

Esfregou a testa, confusa.

— Como vim parar aqui?

Maida cruzou as mãos sobre o estômago saliente.

— Quando desmaiou, sir Gaston carregou-a até aqui. Ele se recusou a entregá-la aos cuidados de sir Hubert.

Rose corou e não foi capaz de encarar a cozinheira.

— Devia estar preocupado com meu estado. Fui atacada por bandidos na floresta e ele me salvou.

O semblante de Maida estava carregado de preocupação. Estendeu o braço para afastar algumas mechas de cabelo do rosto de Rose.

— Sir Gaston contou-nos o que aconteceu. Tem certeza de que está bem?

Rose sentou-se e começou a remexer as cobertas. Não queria que Maida percebesse o seu sofrimento.

— Ga... Sir Gaston chegou antes que pudessem me fazer qualquer mal. — Deu uma risada nervosa e passou a mão pelos cabelos. — Sinto-me tola por ter desmaiado. Acho que o incidente me perturbou mais do que imaginei.

Maida baixou os olhos para as mãos antes de perguntar:

— Sir Gaston contou-lhe que estivemos conversando?

— Não — Rose respondeu, franzindo o cenho. — Por que contaria? Tenho certeza de que conversam, vez por outra.

Maida encolheu-se na cadeira.

— Mas esta foi uma conversa diferente. Ao menos, a parte de que consigo lembrar-me.

Rose ficou ainda mais confusa, tentando compreender onde Maida pretendia chegar.

— Por que você...? — De repente, percebeu com clareza. — Você andou

bebendo! — concluiu em tom acusador.

— Só um pouquinho — Maida defendeu-se sem jeito. Rose cobriu o rosto com as mãos.

— O que disse a ele?

— Nada demais. Acho que falei qualquer coisa a respeito de lady Elspith, mas tenho certeza de que ele não compreendeu o que eu estava dizendo.

— Como sabe que ele não compreendeu? — Rose inquiriu, os olhos faiscando, fixos na cozinheira.

— Por acaso sir Hubert entrou por esta porta, aos berros, exigindo uma explicação? — Maida justificou-se. — Ele não perderia um minuto se descobrisse a verdadeira identidade de Elspith.

— Tem razão — Rose concordou e inclinou-se para a frente, massageando o pescoço dolorido. — Mas você deve ser mais cuidadosa com o que diz.

Maida assumiu um ar de seriedade.

— Sei disso, lady Rose, mas sir Gaston é um homem tão bondoso, que chego a esquecer de que é um normando como os outros. Tenho certeza de que até mesmo seu pai e seu irmão gostariam dele.

Rose engoliu o nó que se formou em sua garganta. Sendo honesta, era forçada a admitir a verdade daquelas palavras. Ambos teriam gostado de Gaston, pois era mesmo um homem bondoso e de grande valor. Por outro lado, estava certa de que eles não se esqueceriam de que se tratava de um normando. Como também não desejariam que ela esquecesse.

Virando-se para encarar Maida, imprimiu uma nota de determinação na voz ao dizer:

— Por isso mesmo devemos ser duplamente cuidadosas com o que falamos. A lealdade de Gaston é para com Hubert, em primeiro lugar.

Maida não teria argumentos para negar a afirmação de sua senhora, embora duvidasse que Gaston fosse capaz de contar a Hubert qualquer coisa que pudesse prejudicar Rose.

A cozinheira sabia do que acontecera na noite em que Gaston mandara chamar Rose, tirando-a do banho. O conselheiro lhe confiara o segredo, depois de obrigá-la a jurar que não diria uma palavra a ninguém. O homenzinho estava infeliz por causa do casamento iminente de sua senhora com sir Hubert,

pois acreditava que Rose e Gaston estavam apaixonados. Embora Maida concordasse inteiramente com ele, não havia nada que ela ou Alfred pudessem fazer. Rose mostrava-se determinada a prosseguir com aquele casamento.

Inclinada a colocar sir Gaston em posição de destaque, Maida comentou:

— Ele ficou tão preocupado, quando a senhora não voltou para o almoço. Sir Gaston teve medo de que a senhora fosse atacada pelos mesmos bandidos que sir Hubert está perseguindo. Rose virou-se para a cozinheira, consternada.

— Você sabe tanto quanto eu que Robert jamais me faria qualquer mal.

— Ah, sim, eu sei. — Impaciente, Maida levou as mãos à cintura. — Queria que eu dissesse isso a sir Gaston? — Pestanejando, Maida falou com voz afetada: — Ah, sir Gaston, não se preocupe com minha senhora. O primo dela é o líder dos rebeldes e cuidará de protegê-la.

Rose quase riu da cena cômica representada pela cozinheira. Porém decidiu que faria melhor se contivesse o riso. Tinha de convencer Maida de que a situação era grave.

— Acho que já falou demais.

Maida ia responder, quando a porta se abriu e Elspith entrou hesitante no quarto.

Rose fitou a prima por um longo momento, então virou o rosto para o lado, o queixo erguido.

Elspith ficou parada junto à porta, as faces pálidas. Levou uma das mãos à boca, a fim de abafar o grito de dor que lhe subiu à garganta. Os olhos encheram-se de lágrimas e ela saiu correndo, batendo a porta atrás de si.

— Lady Rose! — Maida virou-se para sua senhora, chocada. — Como pode tratá-la desse jeito?

Rose enfureceu-se.

— Como posso? Tentei avisá-la sobre o tipo de homem que é Hubert, mas ela não quis me ouvir. — Virou-se de lado na cama, encarando a parede e lutando para conter as lágrimas. — Pensei que se tivéssemos uma à outra... que juntas poderíamos... Por favor, me deixe sozinha. Estou muito cansada.

Ouviu Maida encaminhar-se para a porta e dominou as emoções até ouvi-la fechar-se. Então o controle se desfez e as lágrimas correram soltas por suas faces. Gaston, Maida, Robert e Elspith. Todos esperava demais dela. Queriam

que fosse forte e compreensiva. Mas ela se sentia tão cansada, tão sozinha.

Elspith teria, ao menos, recordações de seu amante: palavras sussurradas na calada da noite, abraços ternos.

O relacionamento entre as duas primas fora muito mais caloroso antes que Elspith se entregasse para Hubert. O que era mais doloroso para Rose, era comparar-se à prima que, mesmo que por pouco tempo, tivera o seu amor.

Para Rose, haveria apenas uma tarde de glória, deitada sob o céu azul, salpicado de flores de maçã.

No dia seguinte, o ataque a Rose ainda ocupava a atenção geral de saxões e normandos.

Enquanto esperavam que o jantar fosse servido, Hubert comentou:

— Você poderia ter trazido um deles com vida. Os patifes foram os únicos de que conseguimos sequer nos aproximar.

Gaston assentiu em concordância. Os três homens que atacaram Rose só podiam fazer parte do bando que estava criando tantos problemas para Hubert.

— Apenas lamento que não os tenha matado com minhas próprias mãos. Rose é minha e do que é meu, eu cuido.

Gaston encolerizou-se. Hubert falava como se Rose não fosse mais importante que uma tapeçaria ou um cavalo. Pensando melhor, concluiu que o irmão valorizava mais o seu cavalo. Sua expressão era dura quando respondeu:

— Pois eu garanto que não abriria mão do prazer de matar aqueles três. Nem mesmo por você, meu irmão.

Hubert bateu com o copo na mesa, derramando parte do vinho.

— Malditos! Se ao menos conseguíssemos descobrir como eles estão sempre um passo à nossa frente. É fantástica a maneira como eles sabem de cada movimento que planejamos, antes que o ponhamos em prática.

— Quanto prejuízo real eles causaram até agora?

— É muito estranho... — Hubert respondeu devagar. — Atacam todos os celeiros em seu caminho, e atearam fogo a diversas construções, inclusive nosso acampamento em Mayhill. Embora tenhamos saído atrás deles a toda velocidade, não encontramos nem sinal dos agressores. O povo vem a mim

com queixas de roubo de gado e galinhas. Não conseguimos achar a menor pista, nem dos animais nem dos ladrões. — Hubert fez uma pausa e deu de ombros. — A falta de evidências torna difícil a avaliação dos prejuízos que causaram.

Gaston compreendia por que Hubert não conseguia capturar os criminosos. Teria sido melhor trazer um dos homens que atacara Rose com vida para Carlisle. Ainda assim, Gaston não sentia o menor arrependimento por ter acabado com os três. Não se permitia imaginar o que teria acontecido, se não houvesse chegado a tempo para salvá-la.

Aqueles bandidos atacavam como cobras venenosas e, então, desapareciam na floresta.

A expressão de Hubert era sombria.

— Na semana passada, um grupo de homens invadiu a vila, em Mayhill, e matou uma jovem que lhes recusou seus favores. Mais tarde, no mesmo dia, atacaram um celeiro perto de Brentwood. Roubaram o touro do fazendeiro e uma porção de galinhas.

— Mas isso é impossível — Gaston interrompeu, confuso. — Brentwood fica a um dia e meio de viagem de Mayhill.

— Sei disso melhor que ninguém — disse Hubert. — Passei a maior parte dos últimos três meses fazendo o mesmo trajeto inúmeras vezes. — Parou de falar e apertou o copo entre as mãos, como se fosse o pescoço de um de seus inimigos.

Após alguns instantes de reflexão, Gaston perguntou:

— Acredita que tenham homens bastantes para confundi-lo, dividindo suas tropas?

— Já me fiz a mesma pergunta diversas vezes. Não encontrei a resposta. A única maneira de descobrir seria localizando o acampamento deles, o que já se provou ser a tarefa mais difícil. Não fosse pelos danos causados ao povo por esse bando, eu diria que estão protegendo alguém. Cheguei a acreditar nisso. Mas, depois que a garota foi assassinada em Mayhill, os aldeões têm prestado toda ajuda que podem a meus homens. — Hubert parou de falar e esfregou a mão na testa. — Minha cabeça chega a doer de tanto tentar desvendar esse mistério. Quando puser as mãos neles, esses homens vão morrer devagar, por

minhas próprias mãos.

Com um suspiro, Hubert ergueu os olhos e sorriu, os olhos cheios de amor.

Gaston seguiu-lhe o olhar e deparou com Elspith. Não sabia desde quando ela estava ali e notou que ela parecia mais pálida que o habitual. Pareceu oscilar.

Hubert levantou-se de um pulo, tomando-a nos braços.

— Você está bem, minha querida?

Segurando-lhe o rosto com uma das mãos, ergueu-lhe o queixo, forçando-a a filá-lo.

Enquanto Hubert e Gaston conversavam, o salão encheu-se de gente, uma vez que todos se reuniam ali para o jantar. A atenção dos presentes encontrava-se fixa no casal próximo à mesa principal. Então, como se liderados por uma consciência comum, todos os olhos se voltaram para a porta de entrada.

Gaston não precisou olhar para a porta para saber que Rose havia chegado. Virou-se devagar. Com a mesma graça natural que o impressionara no primeiro dia em que a vira, ela caminhava em direção à mesa. De cabeça erguida, movia-se com a dignidade de uma rainha.

Gaston teve vontade de gritar seu amor por ela para que todos o ouvissem.

Hubert, por sua vez, ignorou por completo a presença de Rose. Com ternura e carinho, acomodou Elspith na cadeira a seu lado.

Rose hesitou, embora apenas Gaston percebesse a incerteza em seu olhar.

Obedecendo apenas aos instintos, ele se levantou e foi postar-se a seu lado. Ofereceu-lhe o braço num gesto cavalheiresco.

Erguendo os olhos para fitá-lo, Rose soube que, com Gaston a seu lado, seria capaz de enfrentar qualquer dificuldade. Com um ligeiro aceno de cabeça, aceitou o braço oferecido e pôs-se a caminhar com ele.

Ao vê-los atravessar o salão, as pessoas reunidas ali não deixaram de notar o belo par que formavam. Lady Rose estava linda num vestido azul escuro e uma túnica azul claro, os cabelos cor de fogo contrastando com o

traje. Sir Gaston, alto e imponente, não perdia em elegância, com sua camisa escarlate e túnica preta. Pareciam brilhar através do salão, até alcançarem a mesa central onde Gaston acomodou-a em seu próprio lugar, à direita de Hubert, e sentou-se a seu lado.

Rose lançou um olhar para a platéia atenta e seus olhos flamejaram, dizendo-lhes que ela era a senhora, e não devia ser observada com curiosidade maliciosa.

A maioria dos observadores corou. Constrangidos, puseram-se a comer. De tempos em tempos, olhares furtivos dardejavam na direção da mesa, para logo se desviarem com discrição.

Pelo canto dos olhos, Rose notou que Hubert parecia incomodado com alguma coisa. Seu coração acelerou as batidas, pois temeu que a cortesia de Gaston houvesse delatado os sentimentos que alimentavam um pelo outro.

Porém não tinha com o que se preocupar. Hubert percebera a atitude de Gaston, que se adiantou para acompanhá-la, e reagiu com imenso alívio. Ficou satisfeito que o irmão o ajudasse em um momento difícil.

Quando decidira levar Elspith para a sua cama, Hubert só pensara em satisfazer suas necessidades físicas. Pretendia divertir-se com ela e, quando se cansasse, providenciaria que se casasse com um de seus soldados.

Em algum ponto no tempo, à medida que o relacionamento ia adiante, seus planos perderam o sentido. Quanto mais conhecia Elspith, mais Hubert a desejava. As noites passadas longe do amor sincero e delicado que ela lhe dedicava eram longas e vazias. Seus sentimentos por ela suplantavam seu senso prático. Mulheres em acampamentos só criavam problemas. Mesmo sabendo disso, mandara buscá-la, pois não suportara a distância.

Hubert não queria um confronto com Rose por causa de Elspith. Pelo que Gaston lhe contara, Rose reprovava sua relação aberta com a serva. Gaston achava normal que Rose se sentisse assim. Hubert, porém, não conseguia compreender, pois ela deixara claro que não o queria.

Rose teria de aprender onde era o seu lugar. Hubert chegara à conclusão de que não seria capaz de renunciar a Elspith. Seria obrigado a fazer filhos em Rose, a fim de perpetuar seu nome e garantir sua propriedade, mas Elspith seria sua verdadeira esposa no coração.

Observando o casal, Gaston sentiu profundo desprezo pelo irmão. Que ele se divertisse com a amante entre quatro paredes... mas expor seu relacionamento diante de quase todos os habitantes do feudo era aviltante.

Na opinião de Gaston, Hubert deveria estar empenhado no esforço de conquistar, ao menos, a simpatia de Rose. Afinal, tratava-se de mulher de valor inigualável, que Gaston daria tudo para ter. Hubert não merecia uma esposa de caráter tão notável como Rose.

Na primeira oportunidade, Gaston faria tudo para tê-la para si. Não só no presente, mas para todo o sempre. Se Rose concordasse, poderiam ir embora dali, juntos, para algum lugar onde pudessem se amar em paz. Embora soubesse que a decisão implicaria em renunciar a Carlisle, Gaston não se preocupou com isso. Servira o rei com lealdade e dedicação, e estava certo de que William não hesitaria em recompensá-lo, presenteando-o com terras onde pudesse se estabelecer junto da mulher amada.

Alheia às intenções de Gaston, Rose observava Hubert brincar distraído com os caracóis dourados de Elspith. A prima lhe pareceu nervosa e infeliz.

Ao sentir a mão de Gaston em seu braço, virou-se sobressaltada. Com um olhar, ele tentou mostrar-lhe quanto o seu sofrimento o afetava.

— Você não sofreu qualquer consequência da experiência horrível que teve ontem? — A voz profunda soou como uma carícia.

Rose fitou-o de relance, pois temeu não poder esconder a emoção que o brilho cinzento de seus olhos lhe despertava.

— Eu... Quase já esqueci o incidente — respondeu. Num gesto automático, serviu-se de um pedaço de carne. Gaston roçou de leve os dedos nos seus, provocando-lhe um arrepio.

— Fico contente em ouvir isso — ele murmurou. — Não sei do que seria capaz se algo de ruim lhe acontecesse. — Inclinando-se mais para perto, acrescentou: — Não deixe as atitudes de meu irmão perturbá-la. Ele não sabe o que perdeu.

— Obrigada por se preocupar comigo — Rose agradeceu, imaginando qual seria o verdadeiro significado daquelas palavras. O que ele queria dizer com “ele não sabe o que perdeu”. A frase ecoou em sua mente pelo resto da refeição.

— Rose... — Gaston começou a falar, mas foi interrompido pelo som da risada suave de Elspith.

Rose virou-se e deparou com Hubert inclinado sobre sua prima, suas bocas quase se tocando.

Empalideceu ao notar que todos os presentes prestavam atenção ao casal. Sentiu-se magoada pelo modo como a prima exibia sua traição tão abertamente. O fato dos dois estarem tão envolvidos um com o outro, a ponto de não se darem conta dos olhares curiosos e constrangidos ao redor, não tornava a situação menos embaraçosa.

Então, uma movimentação na porta de entrada desviou a atenção de todos. Um homem entrou, vestindo as cores do rei William. Atravessou o salão compassos decididos, indo postar-se diante de Hubert.

Foi só então que Hubert e Elspith lembraram-se do mundo que os cercava.

Hubert levantou-se com um sorriso de prazer.

— Sir Walter, seja bem-vindo!

Gaston também sorriu, embora com menor entusiasmo, e levantou-se para cumprimentar o recém-chegado.

— Sir Walter, como vai?

— Sente-se e jante conosco — Hubert convidou e acenou para um servo, indicando-lhe que trouxesse uma cadeira.

O servo obedeceu de pronto, colocando uma cadeira do outro lado da mesa, de maneira que o visitante se acomodasse de frente para os dois irmãos.

Em vez de pedir que alguém o fizesse, Hubert serviu ele mesmo um copo de vinho e estendeu-o a sir Walter. Com fingida paciência, esperou que o cavaleiro bebesse um longo gole para então perguntar:

— Traz notícias de Sua Majestade?

A tensão pairou no ar, enchendo o salão com sua intensidade. Tanto normandos quanto saxões não podiam evitar o interesse pelos negócios de um rei.

Sir Walter limpou os lábios na manga da camisa, antes de responder:

— Sim. — Em lugar de continuar, estendeu o copo para que Hubert

voltasse a enchê-lo. — Este vinho é ótimo e cai ainda melhor depois de uma longa cavalgada por estradas poeirentas!

Houve uma pausa na conversa. Um prato servido com generosidade foi colocado diante de sir Walter, que comeu o pão fresco e a carne assada com evidente prazer. Rose estudou-o com interesse. Embora fosse um homem de certa idade, era elegante e atraente. Os cabelos eram grisalhos e fartos. A barba da mesma cor fora aparada com cuidado, assim como o bigode. Os olhos inteligentes e sagazes eram de um castanho profundo e luminoso.

— O rei partiu poucas horas depois de mim — ele finalmente informou. — Deve chegar amanhã.

Um burburinho excitado elevou-se no salão.

— William está a caminho de Carlisle? — Hubert perguntou. Sir Walter engoliu a carne antes de responder:

— Sua Majestade está a caminho do norte. Durante a viagem, vai visitar seus súditos e pedir-lhes cooperação. — Enquanto ainda falava, sir Walter desviou o olhar para Elspith, sentada ao lado de Hubert, de mãos dadas com ele.

Hubert serviu mais vinho.

— Ficaremos honrados com a visita.

Com um sorriso afável, o visitante inquiriu:

— Não vai me apresentar à sua lady?

Um silêncio tenso desceu sobre o salão, durante o qual até mesmo Hubert teve a decência de corar. Solto a mão de Elspith e corrigiu:

— Não, sir Walter, esta é a minha lady.— Virou-se para Rose. — Espero que Sua Majestade possa comparecer ao nosso casamento. Ainda não marcamos a data, mas não deve demorar.

Após um momento de silêncio, sir Walter conseguiu finalmente tirar os olhos das duas belas mulheres à sua frente e dirigiu-os a Hubert.

— Não creio que seja possível, pois o rei ainda tem muitos obstáculos para superar, antes que seu reino esteja em paz.

O momento embaraçoso passara sem perguntas complicadas por parte do cavaleiro do rei. Hubert respirou aliviado. William era conhecido por honrar e respeitar a esposa, Mathilda de Flandres. Ao deixar a Normandia, a nomeara,

juntamente com Rodger de Beaumont, como regente sobre o filho e herdeiro, o duque Robert.

O olhar astuto de sir Walter saltava de Hubert e Elspith para Gaston e Rose.

Rose esforçou-se ao máximo para não tocar ou falar com o homem a seu lado, sem saber que foi justamente esta atitude que a delatou.

Em que tipo de confusão aqueles dois haviam se metido, sir Walter especulou. Fosse o que fosse, teriam de resolver a questão entre eles mesmos. O rei tinha problemas mais urgentes para resolver. Nem todos os saxões estavam dispostos a aceitar suas leis. Pensando nisso, sir Walter lembrou-se do verdadeiro motivo de sua visita.

— Devo informá-lo, Hubert, que Sua Majestade vem para chamá-lo ao seu dever de cavaleiro. Estamos nos dirigindo para o norte, a fim de dominar um conde que se encontra amotinado em seu castelo. Trata-se de uma fortaleza e tanto, construída pelos romanos. O assédio pode ser longo e cansativo. — Recostou-se na cadeira, avaliando a reação de Hubert, que lhe pareceu embaraçado.

— Ficarei honrado em ceder ao rei alguns de meus cavaleiros e soldados. Mas não creio que possa abandonar Carlisle agora. Temos enfrentado uma série de problemas aqui, com um bando de saxões renegados.

Sir Walter franziu o cenho, as sobrancelhas espessas encontrando-se sobre o nariz.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde que chegamos — Gaston respondeu.

— E vocês ainda não conseguiram apanhá-los? Hubert corou.

— Gaston e eu acreditamos que esses homens já foram soldados, em tempos de guerra. Operam com mais habilidade e astúcia do que imaginávamos possível.

Depois de refletir sobre o que ouvira, sir Walter manifestou-se:

— Creio que William desejará ajudá-lo, assim que resolva o caso do conde nortista. Mas, é claro, não posso falar pelo rei. — Ergueu as mãos e sacudiu-as com impaciência. — Esses focos de rebelião devem ser erradicados, antes que estimulem outros a se levantarem contra nós.

—Eu ficaria agradecido por qualquer ajuda que Sua Majestade me oferecesse— Hubert respondeu com um sorriso frio. — Tenho certeza de que se contássemos com mais tropas, os malditos não demorariam a cometer um erro e cair em uma das armadilhas que lhes preparei.

Elspith prendeu a respiração.

Os sentimentos de Rose ecoaram os da prima. Uma vez fortalecido pelas tropas de William, Hubert não teria dificuldade em capturar Robert. Porém, havia algo mais a perturbar Rose. Hubert pareceu-lhe muito confiante. De que armadilhas estava falando?

Esforçou-se pára prestar atenção às palavras de sir Walter.

— Não obstante, mencionarei o caso à Sua Majestade. É bom que ele saiba de tudo o que se passa em seu reino.

Terminando de falar, o cavaleiro não se furtou a pousar um olhar demorado sobre Elspith, fazendo-a corar. No mesmo instante, Hubert passou um braço possessivo em torno dos ombros dela. Então, em tom mais que solícito, anunciou:

— Já é tarde.

Espiando além da porta do salão, Rose verificou que ele dizia a verdade. O céu eslava escuro como breu, pontilhado de milhares de estrelas. Aproveitando a sugestão sutil de Hubert, os presentes começaram a se retirar.

Ela se levantou a fim de se dirigir ao quarto. Precisava pensar em um plano para avisar Robert das ameaças veladas de Hubert. E, mais importante, ele devia saber que o “Bastardo”, em pessoa, estava prestes a levantar armas contra seu bando. Robert tinha de conhecer a gravidade da situação.

Ouviu, atrás de si, Hubert conversando com o hóspede. Sua voz era baixa e sugestiva:

— Tenho certeza de que poderemos acomodá-lo com conforto. Há uma mulher na vila que... — baixou a voz ainda mais, impedindo que Rose ouvisse o resto.

Ela sentiu o rosto cm chamas. Sir Walter soltou uma gargalhada.

— E verdade, Gaston? — perguntou.

Antes que Gaston pudesse responder, Hubert intercedeu:

— Não pergunte a ele. Acho que meu irmão não se sente atraído pelas

saxãs. Pelo que sei, não estive com mulher alguma, desde que chegamos aqui.

Sir Walter ergueu as sobrancelhas, fingindo espanto.

— Não gosta de saxãs? — perguntou em tom sugestivo.

Pelo canto do olho, Rose avistou o cavaleiro que cocava a barba e a fitava com olhar divertido.

CAPÍTULO XII

A chegada de William, o Conquistador, era esperada com ansiedade e tensão. Nervosos, os servos erguiam os olhos do trabalho a todo instante, especulando o que a visita do rei lhes traria de novo. Rumores de sua inteligência sagaz e força inigualável como guerreiro corriam por todo o país.

Nem mesmo os normandos estavam imunes à inquietação que impregnava o ambiente. Todos pareciam irritadiços. Rose notou que um número de homens, maior que o habitual, dirigia-se ao campo de exercícios, a fim de dar vazão à energia represada.

O pátio fervilhava de atividade, uma vez que uma grande festa estava sendo preparada para William e seu séquito. Bois, carneiros, porcos e galinhas haviam sido sacrificados para o banquete. O aroma picante de cravo e canela, vindo das carnes que assavam e dos pratos saborosos que eram preparados na cozinha, enchia o ar.

Precisariam de uma enorme quantidade de comida para alimentar o exército de William. Rose ressentiu-se da sobrecarga de trabalho para seus vassalos, embora não fizesse qualquer comentário a respeito. Hubert sempre fazia o que queria.

Foi Gaston quem sugeriu uma caçada. Se o rei e seus cavaleiros passassem a maior parte do tempo divertindo-se na floresta, os saxões trabalhariam menos. Ah, como tudo seria diferente se Gaston fosse o senhor de Carlisle!

Depois de verificar que o café da manhã fora servido, Rose dirigiu-se para o pátio, onde alguns servos preparam uma fogueira para assar mais carnes.

Não vira nem sinal de Elspith desde que levantara, ao amanhecer. Rose perguntou-se se Hubert instruíra a amante a manter-se escondida. Rezou para que ele não a humilhasse diante de seu rei, como fizera na véspera, durante a visita de sir Walter.

Lembrou-se da maneira como o cavaleiro a fitara na noite anterior. A expressão em seus olhos lhe disse que ele notara a atração existente entre ela

e Gaston. Sua única esperança era que ele não comentasse nada do que lhe passara pela cabeça, uma vez que não possuía provas de nada.

Certificou-se de que a fogueira estava pronta e que um boi assava no espeto e, então, foi à procura de Maida. Encontrou-a ocupada na preparação dos pães. Sobre a mesa da cozinha, inúmeras tortas de maçã ainda quentes deixaram Rose com água na boca.

Olhando em volta, deparou com Elspith sentada num banco, isolada das outras mulheres que tagarelavam alegremente. O aspecto abatido e apático da moça fez com que Rose a observasse com olhos atentos, atitude que evitava há semanas. Seu rosto estava pálido e encovado. Elspith sempre fora magra mas, agora, seus braços estavam tão finos, que ela parecia ainda mais frágil.

Rose sufocou uma onda de ternura e simpatia pela prima. Elspith não queria sua interferência. E, afinal, ela conseguira o que queria: Hubert.

Depois de dar as orientações finais para Maida, Rose virou-se para sair da cozinha.

Ao sentir um toque no braço, parou. Elspith encontrava-se a seu lado, a expressão constrangida como se pedisse perdão. Embora a prima houvesse dado o primeiro passo no sentido de uma reconciliação, Rose não sabia o que dizer.

Interpretando o silêncio da outra como condenação, Elspith corou e baixou os olhos para o chão.

Os olhos de Rose encheram-se de lágrimas, provocadas por um intenso pesar. Quando falou, sua voz foi apenas um sussurro:

— Sinto muito, Elspith, mas não posso fingir que nada mudou entre nós.

Com esforço supremo, Elspith conteve as lágrimas e tentou fazer a voz soar animadora ao dizer:

— Não se culpe por isso. Sei que fiz você sofrer. Minha tristeza é produto dos meus próprios atos. Você, pelo menos, não me trata mal. As outras mulheres são muito piores.

Rose enfureceu-se.

— Como elas se atrevem a destratá-la? Você ainda é minha prima, além de ser uma dama. Elas não têm o direito!

As mulheres que trabalhavam na cozinha viraram-se ao ouvir sua senhora

erguer a voz. Mas, quando se deram conta de suas palavras, apressaram-se em voltar a seus afazeres. Nenhuma delas pretendia despertar a ira de lady Rose.

Elspith segurou o braço de Rose com força.

— Não as censure. Para elas, não tenho valor algum depois de haver dado as costas a você.

— Isso não é desculpa...

— Por favor, Rose, pare com isso. Não se esqueça de que tenho de trabalhar com elas. Agora que tomaram conhecimento da sua reprovação, não vão insistir em me atormentar. Minha intenção não era irritá-la.

Rose aproximou-se da prima.

— Elspith, eu...

Elspith ergueu uma das mãos, impedindo-a de continuar.

— Devo-lhe uma explicação sobre ontem à noite. Imagino o quanto foi difícil para você. Eu não pretendia tomar o seu lugar à mesa. Quando entrei no salão, ouvi Hubert dizer a Gaston o que faria com Robert quando o apanhasse. Fiquei tão assustada, que comecei a ter vertigens. — Com lágrimas silenciosas, continuou: — Robert é meu irmão e, ainda assim, continuo apaixonada pelo homem que deseja matá-lo.

— Elspith... — Rose começou a falar, mas interrompeu-se ao ver a prima perder os sentidos.

Embora estendesse os braços para ampará-la, não conseguiu impedir que Elspith caísse. Estendida a seus pés, a moça estava tão pálida que mais parecia morta.

— Um bebê! — Elspith repetiu incrédula, os olhos brilhando de surpresa. Parecia tão jovem, deitada na enorme cama de Rose.

— Sim, um bebê — Rose confirmou com voz totalmente desprovida de emoção. Aquilo já era demais. Como Hubert pudera fazer aquela maldade com sua prima?

Elspith cobriu a barriga com as mãos. Sua expressão era de pura felicidade.

— Para quando?

Sem compreender o motivo de tamanha alegria, Rose informou:

— Deverá nascer no inverno, por volta do Natal. Seu amante não perdeu tempo!

— *Moára nect*—Elspith murmurou com um sorriso, referindo-se aos velhos ritos da religião banida muito antes de os saxões habitarem aquelas terras.

Rose franziu o cenho.

— Não devia falar de coisas como essa! A velha religião deve ser esquecida de uma vez.

— Embora nunca tenha seguido os preceitos antigos, cresci ouvindo histórias e lendas sobre os deuses que habitavam estas terras antes de nossos antepassados se estabelecerem aqui. — Abraçou a barriga com ternura antes de acrescentar: — Quem sabe nosso filho venha ao mundo na Noite da Grande Mãe, quando o velho sol morre para dar lugar ao sol novo.

— Não repita isso na frente de mais ninguém! — Rose advertiu, afastando-se da cama. — Que tolice a minha preocupar-me com a maneira que fala, quando está com um filho no ventre, sem ao menos ter um marido!

Elspilh corou e torceu as mãos com nervosismo.

— Eu sinto muito, Rose. Será que não pode me perdoar? Afinal, vai se casar com o homem que eu amo. Com o bebê, terei ao menos uma lembrança viva de Hubert para guardar junto ao meu coração.

Uma voz surgida das profundezas de seu ser soou na mente de Rose: “E o que eu terei comigo para lembrar o meu amor”? Seus ombros vergaram e ela voltou para junto da prima.

— Perdoar você? — repetiu e inclinou-se para abraçar a outra.

— Você não tem culpa se Hubert consegue tudo o que quer. Sou eu quem deve pedir perdão. Estou me deixando consumir pelos ciúmes que tenho de você.

Elspilh fitou-a confusa.

— Ciúmes?

— Sim. A inveja está me consumindo. Você terá um filho para conservar viva a lembrança de seu amor. Eu não terei nada que possa me servir de alento.

— Quem...? — Elspilh parou de falar, como se só então se desse conta da verdade. — Você o ama! Eu já havia percebido a maneira como ele se

preocupa com você, mas...

Rose empertigou-se.

— Do que está falando?

— Ora, que você se apaixonou por sir Gaston. — Notando a expressão de desalento no rosto da prima, Elspith acrescentou: — Não sei por que não percebi antes. Olhando para você, vejo com clareza que também se importa com ele.

— Acha que ele realmente se importa comigo? — Rose perguntou, apoiando a cabeça nas mãos. Não faria sentido explicar à prima que o que ela interpretara como amor, não passava de uma forte atração.

— Hubert sabe?

— Não, tenho certeza que não. O meu querido amor não é do tipo de homem capaz de perceber a dor alheia.

Elspith pronunciou as palavras com tamanha adoração que Rose perguntou-se como era possível que ela continuasse a amar aquele homem, mesmo depois de conhecer-lhe as maiores fraquezas.

Então, Rose foi tomada pela determinação. Hubert jamais poderia saber de seu amor por Gaston, ou desistiria de casar-se com ela, impedindo-a de cumprir o precioso juramento que fizera a seu povo. Suspirou desanimada.

— Que confusão fizemos com nossas vidas! — concluiu.

— Não fomos nós que fizemos a confusão — Elspith corrigiu com surpreendente força e lucidez. — Foi o destino. Você estava fadada a amar Gaston, assim como eu eslava destinada a amar Hubert. É tolice lutar contra o destino. Devemos esperar para ver o que mais ele nos reserva.

— Mas não há esperança de felicidade para nenhuma de nós duas! — Rose exclamou, chocada pelo tom resignado da prima.

— Sempre há esperança. Só nos resta rezar e esperar.

A tarde já chegava ao fim, quando o guarda dos portões gritou um chamado para todos os habitantes do feudo.

Precedido por um cavaleiro, que empunhava o estandarte do rei, o exército emergiu da floresta. E continuaram seu caminho, subindo a montanha num fluxo interminável, assemelhando-se a um imenso exercito de assustadoras formigas gigantescas. A superfície lisa e polida de seus cimos só

fazia aumentar a semelhança.

De cima da paliçada, Rose observava os visitantes se aproximarem com o coração aos saltos. Havia centenas deles e ela foi tomada por uma fascinação mórbida. Ao deparar com a realidade da força do exército de William, sua decisão de aceitar as leis normandas tornou-se ainda mais firme. Carlisle jamais teria meios de resistir a uma investida de tropas como aquelas.

Ao imaginar todos aqueles soldados à disposição de Hubert, o medo pela segurança de Robert intensificou-se e ela estremeceu.

Hubert e Gaston haviam esperado ansiosos por aquele momento. Seus cavalos haviam sido preparados fazia tempo. Nesse momento os irmãos cavalgavam montanha abaixo, indo ao encontro de seu soberano.

Sem se dar conta do sorriso possessivo que iluminou seus lábios, Rose observou Pégaso tomar a dianteira com facilidade, deixando a montaria de Hubert para trás. O garanhão branco quase voava sobre a relva verde e macia.

Mais agitada do que gostaria de admitir, Rose preocupou-se em ajeitar os cabelos, prendendo as mechas finas que haviam se soltado da trança elaborada. Não se esqueceu de verificar se o laço de fita verde continuava firme em seu lugar. Constrangida, alisou a túnica branca que usava sobre o vestido verde-escuro. Finalmente, respirou fundo a fim de acalmar o nervos à flor da pele.

Maida e Elspith haviam insistido em que ela se arrumasse com capricho para chegada de William, como se ele não fosse o usurpador ganancioso que todos ali achavam que era.

Depois da conversa que haviam tido pela manhã, a maior parte da tensão entre as primas se dissipara. Eram apenas duas mulheres presas nas armadilhas do destino.

Rose ficara surpresa quando Elspith declarou que Rose e Maida seriam as únicas a saberem de sua gravidez. Embora estivesse certa de estar esperando um menino, decidiu não contar nada a Hubert, pois seus herdeiros seriam os filhos gerados por Rose.

Rose argumentou que Hubert logo descobriria sobre a criança.

Elspith ficou inflexível. Respondeu que, quando ele descobrisse que lhe fizera um filho, a prima já teria conquistado um lugar em seu coração. Rose

poderia ter dito à prima que não esperava e nem ao menos desejava, conquistar um lugar no coração de Hubert. Era Elspith a dona daquele coração duro. Mais e mais, Rose se convencia de que o normando não agira como agira por desprezo a ela, mas sim, por amor à sua prima.

Um grupo de cinco homens, incluindo Gaston e Hubert, destacou-se da comitiva e subiu a montanha a galope. Um deles parecia ser sir Walter, que partira ao amanhecer a fim de encontrar-se com o rei e acompanhá-lo até Carlisle. Os outros dois eram desconhecidos. Rose perguntou-se se um deles seria o rei William.

Desceu a escada da paliçada. Sentiu os joelhos trêmulos ao atravessar o pátio, dirigindo-se para onde os cavaleiros desmontavam.

Cruzou as mãos para impedir que tremessem. William, o Conquistador podia não passar de um selvagem sanguinário, mas ninguém poderia desmerecê-lo pelo fato de haver liderado seus homens e conquistado um país inteiro, superando toda resistência que lhe era imposta.

Erguendo a cabeça com altivez, ela se empertigou quando os homens se viraram para observá-la. Não os deixaria adivinhar suas apreensões.

Hubert fez as apresentações:

— Sua Majestade, esta é lady Rose de Carlisle.

Dirigiu-se a um homem alto e robusto, usando armadura e elmo. O metal cobria-lhe quase todo o rosto, deixando à vista apenas os lábios duros e determinados. Dando-se conta de que se encontrava diante de uma dama, ele tirou o elmo, revelando um rosto bem-feito, de traços até bonitos, emoldurado por cabelos negros como a noite. Os olhos escuros estudaram Rose e sua propriedade com intensidade solene, enquanto avaliavam o prêmio que ele havia doado a seu leal cavaleiro.

Rose sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Naquele momento, compreendeu como aquele homem cruzara o oceano para conquistar um reino. Nada nem ninguém poderia impedi-lo de cumprir o seu destino.

William virou-se para Hubert.

— Vejo que se deu muito bem por aqui — declarou.

Rose percebeu que Gaston recuou tenso ao lado de Hubert. Sem se dar conta do que fazia, ela deu um passo para afastar-se do futuro marido. Não

lhe fazia bem ser considerada um prêmio de guerra.

— Sim, majestade — Hubert concordou, embora não escondesse o desprazer ao fitá-la de relance. — Estou muito grato ao meu rei.

William ergueu a mão para impedir o cavaleiro de continuar.

— Bobagem. Você mereceu tudo isto — assegurou e, então, virou-se para Gaston. — E você, Gaston, o que acha destas terras? Se bem me lembro, você não parecia nem um pouco ansioso para pôr um fim aos seus dias de luta.

O sorriso de Gaston foi forçado.

— Hubert tem se ausentado de Carlisle com frequência, na perseguição de um bando de renegados saxões, de maneira que acabei me acostumando às responsabilidades da administração do feudo.

William atirou a cabeça para trás, com uma gargalhada.

— Compreendo o seu problema. Hubert não é do tipo que abre mão de uma boa luta com facilidade. Mas, conhecendo você, Gaston, fico surpreso em saber que aceitou ficar — O rei ergueu uma sobrancelha com malícia. — Ou, talvez não devesse estar surpreso...

William não deixou de notar o olhar rápido na direção de lady Rose. Estava diante de seus olhos a prova de que sir Walter bem que poderia estar certo em refletir sobre a situação e decidiu que, desde que não lutassem entre si, tanto fazia quem ficasse com a moça, ou mesmo com a propriedade.

Observara Hubert com atenção desde a sua chegada. Sentira nele uma certa inquietação. Se Hubert estivesse insatisfeito com as responsabilidades da vida doméstica como demonstrava, receberia de braços abertos uma desculpa para livrar-se delas.

Examinando Gaston com olhos de lince, o rei passou o braço em torno dos ombros de Hubert.

— Lamento, meu amigo, não poder estar aqui na cerimônia do seu casamento, mas ainda vai demorar para que esta terra esteja inteiramente sob o meu domínio. Devo conter cada revolta — com a maior rapidez.

Ao perceber Gaston tornar-se tenso à simples menção do casamento, William sorriu e deixou que Hubert o levasse para o salão.

Apesar do rei não ter se dirigido diretamente a ela, Rose sentiu-se aliviada ao vê-lo afastar-se. Seus joelhos tremiam, a ponto de ela reconhecer a

necessidade de sentar-se. William era um homem muito observador. Quando satisfeito, não economizava generosidade. Mas, se fosse contrariado, poderia jurar que ele se tornaria impiedoso.

Na noite seguinte, Rose foi ali a paliçada, observar o acampamento na encosta da montanha. As fogueiras brilhavam na escuridão. Ocasionalmente, fagulhas se erguiam no ar, rodopiando ao vento. O mesmo vento que lhe despenteava os cabelos.

Olhou para baixo e viu um homem e uma mulher, caminhando de mãos dadas. Quando se aproximaram, Rose reconheceu Evclyn e seu marido normando, Jacques. Os dois pararam e beijaram-se, as silhuetas delineadas contra a luz das fogueiras.

Rose suspirou e desviou os olhos do casal.

Aqueles dois haviam encontrado a felicidade. O casamento transcorria como Gaston havia esperado. Embora os pais de Evclyn ainda mostrassem alguma reserva em relação a Jacques, já começavam a aceitá-lo.

Como era inevitável, a agradável noite de verão lhe trouxe lembranças de Gaston. Ah, como ela desejava poder experimentar mais da vida ao lado dele. Mas não havia esperança. Rose estava quase resignada à ideia de casar-se com Hubert.

Era apenas à noite, somada à solidão provocada pela visão de pessoas que não precisavam esconder seus sentimentos, que a deixavam tão triste.

Passou as mãos pela madeira áspera da paliçada, sentindo-lhe a solidez que protegia a ela e a seu povo de qualquer mal.

Rose decidiu que teria de ser tão sólida quanto à fortaleza e agir como protetora de seus vassalos.

Virou-se e encaminhou-se para a escada que descia para o pátio. De nada adiantava sonhar, disse a si mesma enquanto descia os degraus irregulares, sem prestar atenção às farpas de madeira que se agarravam ao seu vestido e prendiam seus cabelos. Vestira trajes envelhecidos: um vestido que fora azul e que agora exibia um cinza pálido e desbotado.

Como a noite estivesse quente, ela não se preocupara em vestir uma túnica. Não havia ninguém por perto para testemunhar o seu descuido. Dali, ouvia com clareza as vozes de Hubert e seus convidados, que conversavam

com animação no salão principal.

Mal dera dois passos, depois de descer o último degrau, quando parou e gritou, levando a mão aos cabelos. Virou-se para trás e descobriu que uma espessa mecha de cabelo ficara presa à junção entre duas toras.

Tentou desenroscar os cabelos, franzindo o cenho ao sentir o couro cabeludo arder pelos puxões.

— Posso ajudar? — perguntou a voz grave e profunda que sempre lhe provocava arrepios

Rose revirou os olhos aborrecida. Não o queria perto naquele momento, quando sua resistência se encontrava enfraquecida pela solidão e pela beleza da noite. Sentia-se muito vulnerável.

— Não... — ela começou a falar, mas desistiu ao vê-lo aproximar-se.

Com gestos cuidadosos, ele lhe soltou os cabelos ao poucos.

Enquanto isso, Rose batia o pé de leve no chão, os braços cruzados sobre o peito, em profunda agitação. A intuição lhe dizia que a ira era sua melhor defesa. Se conseguisse manter alguma distância entre eles, teria uma chance de não cair nos braços fortes e protetores, de não lhe dizer o quanto odiava o que se via forçada a fazer. Talvez pudesse conter o desejo de confessar que daria tudo o que possuía para ter de casar-se com ele, em vez de Hubert.

— Por que tem de estar sempre me espionando? — perguntou exasperada.

Gaston arqueou as sobrancelhas e fitou-a surpreso.

— Espionando?

— Sim, espionando — ela reafirmou, tentando tirar o cabelo das mãos dele.

Ele respondeu devagar, ainda empenhado em desenroscar a mecha da junção das toras.

— Não estou espionando você. Como pode pensar que eu seria capaz?

— Como? Acha que sou tola? Sei muito bem que Hubert lhe deu ordens para me espionar o tempo todo.

Gaston ficou confuso ao ouvir suas palavras.

— Hubert?

Nesse instante, a mecha de cabelo soltou-se da madeira e ele deu um

sorriso satisfeito, embora não largasse os cabelos, agora presos entre seus dedos. Ficou ali parado, olhando para Rose com expressão de genuína surpresa.

Quando ela voltou a falar, sua voz já não soava tão firme. Mesmo assim, decidiu continuar:

— Não é por isso que vive seguindo cada um de meus passos? Não posso sequer respirar e, quando ergo os olhos, lá está você.

O desejo contido transformava-se em aborrecimento com facilidade, ajudando-a a cumprir com seus objetivos.

Sem responder, Gaston levou a mecha de cabelos que segurava entre os dedos até o rosto. Sentiu-se intoxicado pelo aroma de flores silvestres que já aprendera a reconhecer sempre que ela se aproximava.

Numa fração de segundo, Rose esqueceu a irritação e sentiu o corpo relaxar, invadido por uma onda de calor. O gesto sensual de Gaston exerceu sobre ela o mesmo efeito do vinho: embriagante. Ela desviou o olhar, tentando recuperar o autocontrole. Por que as coisas tinham de ser como eram? Bastava que olhassem um para o outro e o fogo ardia incontrolável, consumindo-os de desejo. Por que Deus lhe permitira conhecer um amor assim, se ela jamais poderia tê-lo?

— Não sigo você porque Hubert me pediu para fazê-lo — ele esclareceu com voz rouca e profunda. — Faço isso porque não consigo evitar. Estou preso a você por uma força inexplicável, que me foge inteiramente ao controle. Sinto-me como a lua: presa à terra, mas incapaz de aproximar-se.

Rose viu-se impedida de falar ou de mover-se. Os olhos cinzentos exerciam um efeito hipnótico sobre os seus.

— Pensa que não repito a toda hora que você não é minha? — ele continuou. — Que, mesmo não a merecendo, e Hubert quem vai se casar com você? Cada vez que o vejo pegar na sua mão, sinto uma dor no coração que me traz o desejo de matá-lo, meu próprio irmão.

— Gaston... — Rose murmurou.

— Você é como uma febre em meu sangue, e eu não quero me curar. Minha alma arde de desejo por você, e eu trairia meu irmão de bom grado, se pudesse tê-la novamente, mesmo que fosse apenas por mais uma vez. Mas eu

sei que, se tiver você em meus braços, vou querer mais e mais...

Rose ergueu as mãos em súplica.

— Será que não percebe que comigo acontece o mesmo? Sonho com você o tempo todo. Quando olho para você, nada mais existe, só nos dois. Meu coração bate tão forte por você, que chego a pensar que vou morrer de felicidade cada vez que me toma em seus braços, — Tirou o cabelos de suas mãos e virou-se de costas. — Mas o que sentimos está errado. Estou presa a Hubert.

Rose voltou para perto do alto muro de madeira, espalmando as mãos nas toras. Poucos minutos antes, dissera a si mesma que deveria ser forte como a paliçada. Para isso, não podia esquecer que o dever para com seu povo vinha antes de qualquer outra coisa em sua vida.

Sentindo o calor do corpo de Gaston quando ele se aproximou de suas costas, Rose teve de sufocar um grito de desespero. Estavam isolados junto à paliçada, lendo apenas a escuridão da noite por testemunha do seu amor. Ela sentiu a resistência sendo drenada pela proximidade de Gaston. As toras da muralha não eram fortes o bastante para competir com o fascínio do homem que amava.

Ele deslizou as mãos ao longo de seus cabelos, que iam até os quadris. Rose não usava nada sob o vestido, possibilitando-lhe explorar os contornos de seu corpo quase sem barreiras.

Então, Gaston colou o corpo ao dela, enterrando o rosto nos cabelos sedosos, sentido-lhe a maciez das curvas e aspirando-lhe o perfume. Adorava o odor que ela exalava: uma mistura perfeita de flores silvestres, campos ao sol e o inconfundível aroma de uma mulher pronta para o amor.

Gaston sonhara tantas vezes com esse momento, que a sensação de seus corpos unidos fez sua cabeça girar, o desejo assumindo o comando de suas ações.

Rose, por sua vez, sentiu o coração disparar ao sentir o hálito quente junto à face.

— Por favor — murmurou com voz fraca, sem saber ao certo o que esperava: que ele parasse e se afastasse, ou que continuasse. Não conseguia pensar com clareza quando ele se encontrava tão próximo.

Em resposta, Gaston sussurrou com ternura, uma nota de paixão embargando-lhe a voz:

— Por favor, o quê? — Levou as mãos até a cintura delgada, pressionando-a com delicadeza. — É isto o que quer? — Acariciou-lhe a barriga lisa, fazendo-a prender a respiração. — O desejo que sinto por você é tão intenso que poderia me sufocar.

O toque de Gaston era um chamado irresistível, reclamando a posse do que era somente seu. E Rose não desejava escapar ao seu domínio.

Quando ele segurou seus quadris, puxando-a mais para si, Rose sentiu o mundo girar e o chão fugir de sob seus pés. Sim, ela pertencia a Gaston e não faria o menor movimento para provar o contrário. Jamais fora tão feliz, tão mulher. Seu lugar era ali, em meio aos braços fortes e protetores, junto ao corpo quente a másculo. Seria capaz de dar tudo o que possuía em troca de passar o resto de sua vida assim.

Gaston deu início a uma série de carícias, deslizando as mãos sobre o corpo jovem, porém maduro. Afagou-lhe as curvas dos quadris, a barriga, os seios, sentindo-lhe a respiração entrecortada, o que só fez aumentar ainda mais seu desejo.

— Quero você mais do que qualquer outra coisa no mundo — ele murmurou. — Você me enfeitiçou, até que nenhuma outra mulher pudesse despertar o meu desejo.

A menção de outra mulher, Rose empertigou-se e tentou afastar-se. Em vão, pois ele a prendeu com firmeza contra si. Com uma risada baixa, acrescentou:

— Não tenha medo, minha saxã adorável. Jamais encontrarei conforto nos braços de outra mulher. Você tomou conta de meu coração e de minha alma. Sou todo e apenas seu.

— Gaston... — ela pronunciou seu nome em tom de súplica. Embora não soubesse ao certo o que desejava, tinha certeza de que ele a compreenderia. Virou-se para encará-lo com olhos ardentes de desejo.

Com um suspiro profundo, Gaston tomou-lhe os lábios nos seus. Foi um beijo intenso, possessivo, exigente. Incapaz de resistir, Rose abriu-se para ele, como um botão de flor para o sol.

Quando Gaston afastou os lábios dos seus, foi apenas para distribuir beijos, ao mesmo tempo famintos e ternos, sobre suas faces, seus olhos, seu pescoço.

— Rose — ele murmurou, inebriado pela paixão que os envolvia.

— Gaston — ela sussurrou em resposta, totalmente entregue ao fascínio que ele exercia sobre todos os seus sentidos.

Abriu os olhos e admirou-lhe o rosto belo e decidido, que tantas vezes ela desejara tocar e reprimira o impulso. Ergueu os braços e enroscou os dedos nos cabelos negros.

Suas mãos tremiam. O clima que os envolvia era maravilhoso demais, perfeito demais, mágico.

—Você é real? — perguntou num fio de voz. — Ou vou acordar e descobrir que estou sonhando de novo?

Ele riu, deliciando-se com a nota de inocência que coloriu a pergunta. Sem deixar de cobri-la de beijos, respondeu:

— Sou mais que real.

Rose estreitou ainda mais o abraço, moldando o corpo ao dele e oferecendo-lhe a boca para mais um beijo apaixonado. A paixão com que ele a recebeu não deixava dúvidas de que viviam um momento verdadeiro, embora tão maravilhoso que mais parecesse um sonho.

— Não compreendo como o sentimento que partilhamos pode ser errado — ela confessou. — A tarde que passamos juntos no pomar da igreja não me sai da cabeça nem por um instante.

Gaston tomou-a nos braços e deitou-a na relva macia.

Rose nem tentou protestar, aceitando a realidade de seu amor como algo inevitável. A noite quente de verão chamava os amantes para a paixão. Não podia ser um erro duas pessoas que se amavam tanto fazerem amor sob as estrelas.

Desta vez, quando Gaston tirou o seu vestido, Rose não foi atacada pela timidez. Que mal poderia haver em deitar-se nua, diante daquele par de olhos cinzentos que a acariciavam com o respeito que só o mais verdadeiro e puro amor poderia despertar?

E o fogo que a consumia era a prova de que o amava com a mesma

intensidade.

Envolvendo-o nos braços, Rose puxou-o para si. Ao vê-lo baixar a cabeça para beijar-lhe os seios, ela chegou a pensar que não resistiria à onda de prazer que a invadiu. Arqueou o corpo, diminuindo a distância entre eles e reprimiu um pequeno grito de deleite.

Ao mesmo tempo em que Gaston deslizava os lábios sobre a pele clara e perfeita, usava as mãos experientes para explorar cada recanto do corpo de Rose, desejoso de dar-lhe todo o prazer que ela pudesse sentir. Acariciando-lhe o ventre, murmurou:

— Ah, você ficaria linda, esperando um filho meu!

Rose abriu os olhos sobressaltada, mas os pensamentos logo fugiram, pois as mãos de Gaston desceram até tocá-la entre as pernas. Ela arqueou o corpo contra a mão que a acariciava. Suas pernas se abriram em um convite ardente.

Gaston não resistiu ao apelo e deitou-se sobre ela. Como se houvessem sido feitos um para o outro, seus corpos se completavam com perfeição. Um instante depois, Rose erguia os quadris para recebê-lo, envolvendo-o na maciez de sua feminilidade.

Perdidos um no outro, trilharam juntos os caminhos da paixão e do desejo, até alcançarem o êxtase.

Abalados pela intensidade do que haviam experimentado, permaneceram um nos braços do outro, imóveis, saboreando a sensação de união total que os envolvia. Então, fitaram-se e sorriram, felizes e plenos de amor.

Rose estudou o rosto do homem que amava, encantando-se com sua beleza. Jamais se sentira tão realizada em toda sua vida.

Gaston segurou-lhe o rosto entre as mãos e a beijou com ternura.

— Você é linda.

Imitando-lhe o gesto, ela murmurou:

— Assim como você.

— Eu te adoro, Rose. Nunca em minha vida imaginei que pudesse sentir o que sinto por você.

Rolou para o lado, deitando-se na relva macia e puxou-a para si, aconchegando-a em seus braços.

— Quando estivermos casados, vou amá-la como acabei de fazer, todas as noites de nossas vidas — falou, fitando as estrelas.

Como ainda se sentisse lânguida pela satisfação que acabara de experimentar, Rose demorou alguns instantes para compreender o significado das palavras dele. Então, seus músculos se retesaram, quebrando o encanto da noite de amor, e ela se afastou.

Fitou-o com olhos angustiados, implorando compreensão.

— Não posso me casar com você.

— Não diga bobagens. — Gaston tentou puxá-la de volta para seu abraço. Como não conseguisse atingir seu intento, sentou-se e segurou-lhe as mãos. — Você me quer, tanto quanto quero você. Com o tempo, Hubert nos perdoará. Ele não ama você.

Rose sentiu-se incapaz de encará-lo.

— Não é com Hubert que me preocupo — esclareceu. — Não posso deixar Carlisle.

Gaston levantou-se, o corpo magnífico refletindo a luz do luar.

— É porque sou um cavaleiro sem terras, que não pode me acompanhar? — Embora ele fizesse uma pergunta, o tom de sua voz disse a Rose que ele conhecia a resposta.

Rose também se levantou e parou diante dele, sem se importar com a nudez.

— Sabe que não é essa a razão. Fiz um juramento solene ao meu povo. Devo viver para cumpri-lo, não importa quanto sofrimento tenha de enfrentar para isso. — Interrompeu-se, tentando sufocar as lágrimas.

— É sua palavra final? — ele perguntou com frieza. — Vai se entregar ao meu irmão, mesmo sabendo o quanto eu a quero? Que eu seria capaz de trair meu próprio irmão pelo amor que tenho por você?

Ela virou de costas, a fim de esconder a dor.

— Não tenho escolha.

Abaixou-se e apanhou o vestido caído sobre a grama. Não pôde conter um arrepio ao lembrar-se de como aquele mesmo vestido fora tirado de seu corpo há poucos instantes.

— Nesse caso, devo deixar Carlisle — Gaston declarou com expressão

sombria. — Você não me deixa outra alternativa. Se ficar, acabarei matando Hubert para impedi-lo de tocá-la.

— Mas Hubert precisa de você! — Rose argumentou, agarrando-se à primeira desculpa que lhe veio à cabeça. Não podia partir com ele... Mas não suportava a idéia de não voltar a vê-lo.

Enquanto se vestia, ele acrescentou com amargura:

— Ficarei até que os rebeldes sejam capturados.

Com estas palavras, virou-se e afastou-se, desaparecendo na escuridão.

Rose levou as mãos ao rosto e sentiu as lágrimas quentes rolarem de seus olhos. Sentiu-se miserável. Com passos lentos e pesados, retornou à solidão de seu quarto.

A perspectiva de uma vida sem Gaston era tão angustiante, que sentiu o peito doer de pesar. E ele ainda nem sequer havia partido.

CAPÍTULO XIII

William e seu exercito deixaram Carlisle com o mesmo alarido de sua chegada. Os homens desceram a montanha com a mesma rapidez da subida, seguindo seu amado líder.

Hubert destinara cinco de seus cavaleiros e mais dez soldados para acompanhá-los. Embora não o agradasse dispor de homens quando precisava deles para defender suas terras dos rebeldes, não teve escolha, uma vez que tinha uma dívida para com seu rei. Poderia utilizar ouro para saldar seu débito, mas suas reservas encontravam-se dilapidadas.

Contando com um número menor de soldados, seria ainda mais difícil consolidar a propriedade de suas terras. Mesmo assim, Hubert teria de resolver seus problemas com os recursos que haviam restado. Por outro lado, William oferecera toda a assistência, caso os rebeldes não fossem capturados até o seu retorno.

Rose perguntou-se a que tipo de assistência o rei se referia. Tinha de pensar num jeito de ajudar Robert, antes que William voltasse.

Sentiu o coração apertar ao lembrar-se de que Gaston iria embora, independente do que viesse a acontecer. Era possível que ele decidisse juntar-se às tropas de William. A idéia provocou-lhe uma tristeza dolorosa demais.

Então lembrou-se da intensidade de sua reação aos carinhos dele e sentiu as faces corarem. O que Gaston pensaria a seu respeito? Ela o aceitara de corpo e alma, apenas para rejeitá-lo em seguida.

Embora Gaston não houvesse lhe dirigido a palavra desde sua despedida amarga junto à paliçada, deixara claro e evidente os seus sentimentos, cada vez que seus olhares se encontravam. O calor que faiscava nos olhos dele faziam-na arder de desejo. Rose não podia entender como pudera, a princípio, acreditar que aqueles mesmos olhos eram frios e desprovidos de emoção.

O fato de ter sido ela a responsável pelo afastamento de Gaston só piorava seu estado de espírito. Era amargo o destino que escolhera. Tentou lembrar-se das palavras de Elspith, sobre cada um aceitar sua sina. Mas, nem

mesmo a coragem da prima lhe servia de conforto agora.

Como se os pensamentos sobre Elspith a houvessem chamado, Rose ouviu sua voz suave atrás de si:

— Rose?

Rose virou-se para fitá-la. Elspith tinha os cabelos desgrenhados e os olhos inchados e vermelhos, como se houvesse chorado.

— Bom dia — Rose cumprimentou, mantendo a atitude reservada. Depois da briga com Gaston, não tinha a menor disposição para ouvir as confidências da prima. Se Elspith e Hubert haviam discutido, não era problema seu.

Com olhar furtivo, Elspith observou o pátio ao seu redor.

— Preciso falar com você — informou num sussurro.

— Não precisa se preocupar com a possibilidade de Hubert nos ouvir. Ele e Gaston saíram para escoltar o rei até os limites das terras de Carlisle.

— Sei disso. — Elspith aproximou mais. — O que tenho a dizer é muito importante.

Examinando as feições cansadas e amarguradas da prima, Rose envergonhou-se da própria falta de compaixão.

— Você parece cansada. Conversaremos depois que descansar um pouco.

Elspith rejeitou o braço oferecido para ampará-la e falou com firmeza surpreendente:

— Não. Você deve me ouvir agora.

Alertada pela insistência de Elspith, Rose sentiu uma pontada de inquietação.

— Vamos até o meu quarto. Estava me dirigindo para lá quando me chamou.

Depois de entrarem no quarto e trancar a porta com segurança, Rose fitou a prima com ar preocupado.

— O que tem para me dizer?

— Ontem à noite, depois que Hubert e eu... — Elspith corou e baixou os olhos para o chão.

Rose também corou, pois a timidez da prima trouxe-lhe lembranças de Gaston. Compreendia como a outra se sentia. O que parecia tão certo e natural no calor da paixão, tornava-se muito diferente quando visto à luz fria da razão.

Afastando os pensamentos da mente, Rose focalizou a atenção na prima.

— Sim? — inquiriu, instigando Elspith a continuar.

— Bem, Hubert começou a conversar comigo e acabou tocando no assunto de sua perseguição aos saxões rebeldes. Contou com detalhes como os puniria quando os apanhasse. — Torceu as mãos com nervosismo e fitou Rose com olhos cheios de agonia. — Ah, Rose, senti o sangue gelar ao ouvir o que ele pretende fazer! Todo esse tempo venho dizendo a mim mesma que Robert é esperto demais para se deixar apanhar, que está a salvo na floresta que conhece como a palma da mão. — Fez uma pausa, dominando o tremor que a sacudia. — Mas, ontem à noite, Hubert contou-me sobre seu plano. Ele conheceu um rapaz de Mayhill, que odiava seu antigo senhor, o ganancioso lorde Athel. Você sabe tão bem quanto eu, como Athel fez fortuna, tirando tudo o que podia de suas terras e de seu povo. Antes da guerra começar, cheguei a ouvir rumores de que seus vassalos pretendiam enviar uma delegação, para pedir ao conde que o removesse de sua posição.

— Sim, eu me lembro — Rose comentou impaciente. — Sendo vizinhos próximos, ouvíamos falar das barbaridades cometidas por Athel com frequência.

— Parece que Hubert conheceu um jovem que foi... atacado por Athel. — Elspilh voltou a corar. — A experiência transformou-o em um rapaz amargurado e revoltado. Odeia a tudo e a todos e está disposto a fazer qualquer coisa para vingar a própria honra.

— Sim, continue — Rose não agüentava mais o suspense da narrativa.

— O rapaz disse a Hubert que vai localizar os rebeldes e infiltrar-se em seu acampamento. Hubert vai pagar-lhe uma grande soma em dinheiro.

Rose prendeu a respiração. Era difícil acreditar que um saxão fosse capaz de trair seu próprio povo. Mesmo tendo sido usado de maneira revoltante por seu antigo senhor não se justificava tal atitude para com sua gente.

— Tem certeza do que está dizendo? — perguntou ainda incrédula. — Acha que viria contar-lhe uma história dessas, se não tivesse certeza?

Rose refletiu por um momento, então sacudiu a cabeça.

— Sendo de Mayhill, o rapaz não saberá quem é Robert. Conseqüentemente, não saberá onde encontrá-lo.

— Mas trata-se exatamente o tipo de aliado que Robert está procurando. É jovem, forte e partilha seu ódio pelos normandos. Tudo o que tem de fazer é declarar suas convicções para os moradores de Brentwood e logo Robert o procurará. Sabendo que é um saxão — Elspith estremeceu — Robert acreditará que suas intenções são sinceras.

Sentindo os joelhos enfraquecerem, Rose deixou-se cair sobre a cama. Elspith tinha razão. A noção de Robert de que os saxões representavam o bem, enquanto os normandos eram a encarnação do mal, o levariam à traição mais amarga de sua vida. Talvez a última.

Elspith cruzou as mãos sobre o ventre.

— O que vamos fazer? — perguntou com voz trêmula. Houve um longo silêncio, enquanto Rose tentava colocar alguma ordem em seus pensamentos caóticos. Tinha de se acalmar, a fim de encontrar uma solução. De repente, Rose levantou-se.

— Precisamos avisá-lo. — Bateu um punho fechado contra a mão espalmada, enfatizando a determinação de suas palavras.

— Como alcançaremos Robert a tempo? — Elspith questionou, desolada. — Uma mensagem levaria dias para chegar às mãos dele. Então, ele teria de mandar outro mensageiro de volta, informando-nos quando e onde poderíamos encontrá-lo. Não há tempo. O rapaz pode já ter se infiltrado nas tropas de meu irmão.

Rose encarou a prima com olhar firme e determinado.

— Iremos até ele. Você conhece a localização do acampamento. Os olhos de Elspith encheram-se de esperança.

— Sim! — concordou entusiasmada. — Podemos ir até lá. Rose considerou as condições da prima e pensou no filho que carregava no ventre. Então, sacudiu a cabeça com negativa.

— Não, nós não podemos ir. Você deve ficar. Deve pensar no seu bebê.

— Mas...

— Não há o que discutir — Rose insistiu. — Eu não me perdoaria se algo de mau acontecesse a você ou a seu filho. Seu estado de saúde não tem sido dos melhores. Precisa se cuidar.

Elspith baixou os olhos para as mãos. Por mais que desejasse ver o irmão,

não possuía argumentos contra a lógica de Rose.

— Irei sozinha — Rose decidiu, trazendo de volta a esperança ao peito de Elspith.

Porém, ela logo desanimou.

— Dariam pela sua falta. Não pode passar dias longe de Carlisle sem que ninguém perceba.

— Pensaremos em alguma doença que me obrigasse a ficar acamada. — Depois de pensar um pouco, Rose acrescentou: — Não irei ao salão para as refeições de hoje. Você se encarregará de espalhar o boato de que não estou passando bem. Deixe-me pensar... Não podemos alegar uma doença muito séria, mas tem de ser algo que desencoraje visitas.

— O que vamos dizer? — Elspith perguntou, aflita.

— Dê-me algum tempo e tenho certeza de que encontrarei uma boa desculpa — Rose pediu e começou a se afastar. Então, parou.

— Há uma pessoa com quem você dever ser especialmente cuidadosa. Não poderá fazer nada para despertar suas suspeitas.

— Está se referindo a sir Gaston?

— Sim, sir Gaston. Ele representa a maior ameaça ao nosso plano. É observador e esperto demais para o meu gosto.

Elspith encarou a prima com determinação.

— Se todos os outros podem ser enganados, então ele também pode.

— Você não o conhece como eu. — Deixando o olhar perder-se em algum ponto distante, acrescentou: — Ele sempre sabe o que faço, antes mesmo que eu o faça.

Guardou os pensamentos seguintes para si. Na noite anterior, Gaston fora capaz de adivinhar-lhe todos os desejos, levando-a às portas do paraíso.

Gaston estava no estábulo, cuidando de Pégaso. O exército do rei viajava em marcha lenta e o fato de ter sido obrigado a acompanhá-lo tornou o garanhão irrequieto. No caminho de volta, Gaston permitira-lhe o galope veloz de costume. Agora, notando que a cavalgada o cansara, acariciou-lhe a crina espessa. O cavalo aceitou o afago, agradecendo-lhe com um roçar do focinho no ombro do dono.

Gaston desejou que uma certa dama saxã respondesse aos seus carinhos

com a mesma aceitação. Na noite anterior, ela se mostrara tão receptiva às carícias e ao amor que ele lhe oferecia...

Amaldiçoou a prontidão com que seu corpo reagiu à lembrança, uma vez que não lhe era permitido dar vazão ao desejo quase doloroso que o invadia sempre que pensava em Rose. Somente com ela era capaz de aliviar o fogo que o consumia. Somente na doçura de seu corpo encontrava paz.

Mas não era o que teria pela frente. Rose o rejeitara, a ele e ao seu amor. E tudo por um exacerbado senso de dever.

Gaston tratou de mudar o rumo dos pensamentos. Sabia que amava Rose por tudo o que ela era. Se lhe tirasse o senso de honra, ela não seria a mesma mulher. E fora justamente essa honra que o atraía desde o princípio.

Deu algumas palmadinhas no longo pescoço de Pégaso e soltou uma risada amarga. O fato de saber que a amava pelo que ela era não diminuía a solidão que lhe sufocava o peito.

Claude entrou no estábulo, levando um susto ao deparar com Gaston. Um sorriso tenso modificou-lhe as feições.

— Sir Gaston — cumprimentou para, em seguida, desviar o olhar.

— Olá, Claude — Gaston devolveu o cumprimento. Embora aliviado pela interrupção dos pensamentos que se tornavam mais e mais melancólicos, decepcionou-se com a recepção do soldado. — Como vai seu braço? — perguntou, tentando iniciar uma conversa amena.

Claude depositou no chão o balde que carregava com a mão saudável e flexionou repetidas vezes o braço ferido.

— Ainda está muito duro. — Então seu rosto iluminou-se num sorriso de adoração. — Mas graças à lady Rose, voltarei a usar uma espada dentro de pouco tempo.

Gaston deu-lhe as costas, fingindo preocupar-se com algum detalhe no pêlo de Pégaso. Não queria que Claude percebesse o desejo que o inflamava à simples menção do nome dela.

— Ela é uma excelente curandeira.

— Ah, sim — Claude concordou com entusiasmo. — Devo-lhe minha vida. De que serve um soldado que não pode empunhar a espada?

— Tem razão — Gaston assentiu. Um soldado com um braço só era de

pouco valor para seu senhor.

Claude abaixou-se e apanhou o balde. Levou-o até uma baia, onde se via a cabeça de uma delicada potranca castanha. Hera relinchou ao reconhecer o homem que a alimentava todos os dias, antes de mergulhar a cabeça no balde.

Claude dirigiu-se a ela como se fosse uma criança:

— Agora, beleza, tenha mais um pouquinho de paciência.

A égua resfolegou e sacudiu a crina. Claude sorriu e despejou a ração dentro da baia.

— Imagino que seu apetite tenha dobrado, agora que tem de se alimentar por dois — ele comentou e riu ao vê-la abaixar-se imediatamente para o amontoado de comida.

— Devo entender que Pégaso não perdeu tempo, quando escapou de sua baia, algumas semanas atrás? — Gaston perguntou, enquanto dirigia ao garanhão um sorriso quase paternal.

— Sim, sir Gaston — Claude concordou com ar satisfeito. — Dentro de pouco tempo, teremos um potro de pêlos brancos como o pai.

Gaston riu com gosto ao ver seu cavalo fitá-lo com um olhar que parecia lhe dizer: “É claro!”

Assistindo à comunicação entre cavalo e cavaleiro, Claude não resistiu e caiu na risada. Os sons produzidos pelos três chamou a atenção dos demais animais guardados no estábulo. Um a um, colocaram as cabeças para fora das baias, espiando o movimento inesperado.

Poucos minutos depois, Gaston preparou-se para sair. Havia outros trabalhos à sua espera. Pretendia continuar a construção da muralha de pedras. William fora muito claro ao expressar seus desejos de que a fortaleza fosse concluída o mais breve possível.

Quebrando o silêncio agradável que se criara entre ele e Claude, Gaston tocou no assunto que ocupava sua mente sem trégua:

— Você viu lady Rose, hoje?

Claude sobressaltou-se e lançou-lhe um olhar nervoso.

Gaston observou-lhe a reação, sem compreender o que se passava. Franziu o cenho ao imaginar que motivos teria o soldado para agir de forma tão estranha.

Claude limpou a garganta e fingiu ocupar-se com os cavalos, antes de perguntar sem encarar o cavaleiro:

— Por que pergunta, sir?

Gaston esforçou-se para soar casual.

— Como não a vi em parte alguma durante o dia todo, preocupei-me em saber se ela não decidiu fazer mais um de seus passeios arriscados, sem companhia.

Os ombros de Claude relaxaram e ele não conteve um suspiro de alívio.

— Sim, sir, vi lady Rose pela manhã. Ela disse que não estava se sentindo bem e que ia deitar-se.

Ansioso, Gaston aproximou-se.

— Por que não fui avisado de que ela está doente? Eu teria ido visitá-la, saber se precisa de alguma coisa — acrescentou, concluindo que Claude mostrava-se estranho por estar preocupado com Rose. Todos conheciam a devoção que o soldado lhe dedicava, desde que ela salvara sua vida.

Claude ergueu a mão, demonstrando agitação.

— Não, não, sir. Quero dizer... Bem, acho que não se trata de nada sério.

— Corou, hesitando em continuar: — É que... Pelo que pude perceber, são apenas os problemas femininos corriqueiros.

Gaston respirou aliviado.

— Compreendo.

Não havia muito o que dizer sobre o assunto. Sua irmã, Marguerite, passara muitos dias de sua vida recolhida no quarto, com a mesma queixa. Embora os detalhes do mal-estar fossem vagos, os homens da família jamais questionavam seu estado. Satisfeito, virou-se para deixar o estábulo.

Não deixava de ser surpreendente o fato de Rose estar doente.

Desde sua chegada a Carliste, ela não se mostrara indisposta nem por um dia. Parou e virou-se para Claude novamente.

— Você vai...?

Claude estava retirando um cavalo castrado de sua baia.

— O que está fazendo? — Gaston inquiriu, curioso. Claude imobilizou-se, sem virar-se para o cavaleiro.

— Pensei em levar um dos cavalos para fora e amarrá-los no pé da

montanha para comerem um pouco de grama fresca.

— Boa idéia — Gaston aprovou antes de passar à pergunta que o fizera voltar. — Tem certeza de que lady Rose não tem nada serio?

— Sim, senhor. Ouvi a cozinheira, Maida, falando a respeito com as outras servas. Como ela não parecesse nem um pouco preocupada, fiquei tranqüilo. O senhor sabe como ela se sente com relação a lady Rose. — Na tentativa de parecer natural, Claude revirou os olhos, a fim de enfatizar o último comentário.

Gaston saiu rindo do estábulo, sabendo que Claude se referia à atitude super protetora de Maida com relação a sua senhora. Parecia uma galinha, mantendo os pintinhos sempre debaixo de suas asas.

Por outro lado, algo no comportamento de Claude o perturbava. Como não pudesse definir o que o incomodava, decidiu deixar o problema de lado, ao menos por ora. Tinha muito o que fazer.

Já era tarde da noite e todos os habitantes do feudo haviam se retirado para suas camas quando Claude bateu de leve na porta do quarto de Rose. Ela abriu no mesmo instante e acenou para que ele entrasse.

Fitou-o com olhos ansiosos, torcendo as mãos com nervosismo.

— Fez tudo conforme combinamos? — perguntou sem esconder a agitação.

— Sim, está tudo pronto — Claude confirmou e abriu a boca para falar mais alguma coisa, mas fechou-a, desistindo.

— O que foi? — Rose perguntou, vestindo a longa capa de viagem para não perder mais tempo.

— Precisa mesmo fazer isso?

— Sim. Não há ninguém em quem posso confiar para levar minha mensagem.

— Mas as estradas são muito perigosas, com aqueles rebeldes à solta — ele insistiu, mostrando uma aflição genuína.

— Não estarei correndo perigo — ela assegurou, sentindo-se um pouco tola ao fazê-lo. Não podia dizer-lhe que Robert jamais lhe faria qualquer mal.

Claude suspirou frustrado.

— Ao menos, leve-me com a senhora.

Rose pousou a mão em seu braço para acalmá-lo.

— Não posso fazer isso, Claude. Meus amigos não saberiam que você é um homem digno de confiança. Afinal, você é um normando.

— Mas...

Ela ergueu a mão, impedindo-o de continuar.

— Já lhe disse que não quero nenhum mal ao seu senhor. Deve acreditar em mim. Vou apenas para salvar a vida de alguém que me é muito querido.

Claude respondeu com orgulho e firmeza:

— Normando ou não, serei seu vassalo de confiança até o fim da minha vida, lady Rose.

Embora o presenteasse com um sorriso afável, Rose falou em tom inflexível:

— É um bom homem, Claude, agradeço sua lealdade. Mas, quanto menos souber, melhor. Se eu for descoberta, você poderá alegar que nada sabia a respeito de minhas ações.

— Mas, sir Gaston...

Rose interrompeu, sobressaltada:

— O que tem sir Gaston?

Claude assustou-se com tamanha veemência.

— Ele esteve me fazendo perguntas sobre a senhora.

— Você não lhe contou nada, não é?

— Não, lady. Disse apenas que a senhora não estava passando muito bem.

Rose relaxou com um suspiro aliviado. Não permitiria que Gaston atrapalhasse seus planos.

— Muito bem. — Levou Claude até a porta. — Agora, vá. Devo partir em poucos minutos.

— Tenha cuidado, lady Rose — ele advertiu antes de sair e deixá-la sozinha.

Rose repassou seu plano com cuidado. Precisaria de mais que sorte para guiá-la através da noite em segurança. Elspith explicara com detalhes a localização do acampamento de Robert na floresta. Estremeceu ao pensar nos perigos apresentados pela viagem até lá.

O solo era pontilhado de buracos capazes de devorar um viajante desavisado. Quando crianças, Rose, Elspith, Robert e Edmund costumavam brincar na floresta. Uma vez, foram surpreendidos pelo pai de Elspith, Hugh. Ele lhes explicara que uma vertente subterrânea havia corroído o solo em diversos pontos. As árvores, numerosas na região, escondiam os buracos, pois retinham a terra da superfície em torno de suas raízes.

Mesmo depois do aviso, as crianças continuaram a brincar por lá, sempre que encontravam uma chance de saírem despercebidos. O perigo os atraía.

Robert fora esperto em fixar acampamento ali. Até os moradores locais se esquivavam daquela parte da floresta.

Poucos minutos depois, Rose emergia de seu quarto. Observou o pátio com atenção. Era uma noite calma e não ouviu qualquer som, além do leve assobio da brisa. Andando devagar, pôs-se a atravessar o pátio, puxando o capuz da capa azul-marinho sobre a cabeça.

Como o som dos próprios passos soassem altos demais aos seus ouvidos, encaminhou-se para a grama, onde o ruído seria abafado. Não podia correr qualquer risco.

Ao se dirigir para o túnel, avistou o guarda sobre a paliçada, sua silhueta delineada pela luz do luar. Por um longo momento, ficou imóvel, a respiração suspensa, observando-o interromper o vai e volta interminável de sua ronda a fim de olhar com atenção para onde ela se encontrava. Rose esperou, petrificada pelo medo, que ele a chamasse. Mas, como o guarda nada dissesse e voltasse em seguida à ronda costumeira, ela concluiu que ele não notara a sua presença.

O medo deu lugar ao entusiasmo provocado por aquele primeiro sucesso. Agora, nada poderia detê-la.

A ansiedade voltou a manifestar-se quando Rose lembrou-se de que teria de fechar a porta do túnel atrás de si. Não voltaria nos próximos dois dias. A entrada não podia ficar aberta ou levantaria suspeitas perigosas.

Assim que a porta se fechou, bloqueando a luz do luar e das estrelas, Rose respirou fundo e engasgou com a umidade do ar. Virou-se e correu, usando as mãos para tocar as duas paredes laterais e guiar o seu caminho. Recusou-se a prestar atenção aos sons dos ratos à sua frente, sabendo que já

passara por ali e que conseguiria fazê-lo de novo.

Quando finalmente alcançou a saída do túnel, não perdeu tempo para festejar a liberdade. Tinha de chegar até Robert. Enquanto corria montanha abaixo, deu-se conta de que sua decisão de avisar Robert sobre o possível traidor não se devia apenas à sua preocupação com o primo. Rose precisava de ação. Havia muito tempo que vinha permitindo a outros que controlassem o que ela dizia ou fazia. Sair à procura de Robert a libertara, tornando-a responsável pelo próprio destino.

Quando se viu diretamente abaixo da bandeira que tremulava com as cores de Hubert, o vermelho e o preto, correu direto para as árvores. Segundo a orientação de Claude, ela deveria encontrar o cavalo ali.

E ele cumprira sua palavra. Rose dera poucos passos entre as árvores, quando ouviu o relincho de um cavalo.

Encaminhou-se para ele, procurando não fazer qualquer barulho que pudesse assustar o animal. Ainda precisava certificar-se de que a montaria não fora descoberta. Podia estar caminhando para uma armadilha.

Sorriu de puro alívio ao avistar o cavalo amarrado a uma árvore, mordiscando a folhagem com tranquilidade.

— Olá, camarada — Rose falou, aproximando-se do animal com a mão estendida, como Claude lhe ensinara. Como Rose não fosse uma amazona experiente, Claude assegurou-lhe que havia escolhido o cavalo mais manso entre todos de que dispunham.

Confirmando suas esperanças, o animal virou-se para ela e esfregou o focinho em sua mão. Ora, que dificuldade poderia encontrar com unia montaria como aquela?

Infelizmente, Claude não pudera trazer o cavalo preparado para a viagem. Ele e Rose haviam concordado que um animal pastando com uma sela no dorso chamaria atenção de qualquer um que passasse por perto.

A tarefa de montar tornou-se mais difícil, pois ela teria de fazê-lo apenas com a ajuda das rédeas.

Pela primeira vez, Rose arrependeu-se de haver passado tanto tempo de sua juventude dedicando-se aos livros. Devia ter aprendido com Edmund a montar um cavalo em quaisquer circunstâncias. Bem, de nada adiantaria agora

lamentar-se pelo que não fizera. Seria melhor encontrar um meio de montar e seguir viagem.

Olhou em volta e avistou uma pedra a alguns metros de distância. Se conseguisse subir nela sem soltar as rédeas, poderia montar sem maiores dificuldades.

Desamarrou o cavalo, que a seguiu com obediência e docilidade até a pedra. Concentrada na tarefa, puxou o cavalo para perto.

Ao erguer a perna, descobriu que a saia havia se torcido quando ela puxara o animal. Quando conseguiu ajeitar a saia, o cavalo se afastara.

Depois de repetir cada passo, Rose conseguiu, finalmente, montar sobre o dorso do dócil animal.

Embora as costas logo comesçassem a doer pela falta de uma sela confortável, Rose não parou. Não podia se dar a esse luxo. Tinha de avisar Robert antes que fosse tarde demais.

CAPÍTULO XIV

Silencioso como uma sombra, Gaston mantinha-se imóvel sobre o dorso do garanhão branco. Embora seus músculos protestassem contra permanecer na posição por tanto tempo, ele ignorou o desconforto. A larga experiência em batalha o havia preparado para situações como a dessa noite, ensinando-lhe a ser paciente e persistente.

Espiando por entre as copas das árvores, Gaston avistou a lua alta no céu, banhando a Natureza com seu brilho prateado.

Como já fizera diversas vezes desde o anoitecer, Gaston perguntou-se se a presença do cavalo nos limites da floresta se devia a um mero esquecimento de Claude. No entanto, decidiu esperar uma vez que a intuição aguçada lhe dizia que suas suspeitas não eram infundadas.

Mais uma vez relembrou a conversa que tivera com Claude à tarde e a maneira estranha com que ele se comportara à menção do nome de Rose. O soldado lhe parecera muito nervoso e agitado.

Mais tarde, quando voltou ao estábulo para levar uma maçã a Pégaso, Gaston notou que o cavalo negro não se encontrava em sua baia quando todos os outros haviam sido recolhidos para passar a noite. Pensando em garantir que nenhum cavalo fosse deixado para fora, servindo de chamariz a possíveis ladrões, Gaston foi à procura de Claude para dizer-lhe que a baia se encontrava vazia. O modo como o soldado reagira à informação e o tom em que assegurara que o cavalo seria logo recolhido, aumentaram as suspeitas do cavaleiro.

As respostas evasivas sobre Rose, somadas à atitude imprevista com relação ao cavalo, levaram Gaston a refletir sobre os fatos.

O que estava se passando?

Sentindo-se incapaz de definir a sensação de incômodo que o atormentava, Gaston decidiu aguardar.

Após o jantar, voltou ao estábulo e descobriu que a baia ainda estava vazia.

Uma busca rápida pela floresta o levava ao cavalo desaparecido. Depois dessa descoberta, só lhe restava esperar para saber o que Rose tinha em mente. De uma coisa ele estava certo: Rose estava por trás das atitudes incompreensíveis de seu soldado.

Foi então que viu o cavalo mover-se com impaciência.

Um instante depois, Gaston ouviu o ruído que alertara o animal. Alguém se aproximava, esforçando-se para não fazer barulho e parando a todo momento.

Gaston pressionou os joelhos contra Pégaso, que recuou silenciosamente para trás de um grupo de árvores.

Uma figura vestindo uma capa longa e com capuz apareceu na outra extremidade da clareira. A criatura parou, examinou os arredores com cuidado e, então, dirigiu-se diretamente para o cavalo amarrado a uma árvore.

Gaston quase sorriu ao ouvir a voz de Rose murmurar palavras desconexas para o cavalo e estender-lhe a mão. Mesmo a distância, notou-lhe a incerteza ao vê-la olhar em torno da clareira. Depois de desamarar o animal, levou-o até uma pedra alta. Após algumas tentativas frustradas com muito esforço, ela finalmente conseguiu montar.

Gaston esperou alguns minutos para, então, segui-la.

Para Rose, as horas seguintes transformaram-se em um pesadelo. Sentia-se dolorida, cansada e faminta. O entusiasmo com que deixara Carlisle desvanecera como a névoa das manhãs de primavera.

Não lhe ocorrera o quanto seria difícil fazer a viagem, depois de passar um dia inteiro se preparando para isso. Mas estava determinada a alcançar a floresta de Brentwood antes de parar para descansar.

Como utilizasse as trilhas que conhecia por entre as árvores, sem ter de tomar as estradas principais, não percebeu que o céu, antes de um azul escuro e profundo, se tornara cinzento. Nem se deu conta de que a brisa se tornara mais fria e úmida.

Foi somente quando os primeiros pingos de chuva caíram que Rose se deu conta do erro que cometera, não prestando atenção às condições do tempo.

Ainda assim, sua determinação não se abalou. Nem mesmo a chuva poderia detê-la. Tinha de chegar ao acampamento antes do amanhecer.

Obstinada, continuou a viagem. Minutos mais tarde, estava encharcada até os ossos.

Finalmente, quando pensou que fosse cair de cima do cavalo de tão cansada, avistou a floresta de Brentwood. Embora não existisse qualquer sinal para demarcar os limites entre uma floresta e outra, Rose sabia onde uma terminava e a outra começava. Assim como conhecia os perigos dali por diante.

Relutante, foi obrigada a admitir que teria de encontrar um abrigo onde pudesse ficar até o amanhecer. Sob a chuva torrencial que caía, até mesmo Rose, que conhecia a região, podia cair em um dos buracos que infestavam o solo.

Quando crianças, ela, Elspith, Robert e Edmund haviam descoberto um chalé abandonado, que se tornara seu quartel-general secreto. Costumavam guardar ali lenha para uma fogueira, um cobertor e provisões suficientes para o preparo de uma refeição simples.

Certamente, a comida estragara depois de tanto tempo de abandono. Mas, se tivesse sorte, encontraria lenha para aquecer-se.

O chalé fora quase inteiramente escondido por amoreiras e Rose quase passou por ele sem notar. Sentiu imenso alívio quando o avistou e parou o cavalo diante da entrada.

Desmontou com dificuldade, uma vez que todos os músculos estavam rijos e doloridos. Em seguida, amarrou o cavalo debaixo de uma árvore frondosa, onde ele teria algum abrigo contra a chuva.

Dentro do chalé, encontrou tudo o que precisava para acender uma fogueira. Quando já se sentia um pouco aquecida, olhou em volta e verificou que a comida realmente se fora. Ao que parecia, o chalé fora habitado por criaturas vivas e peludas durante algum tempo. O odor era inconfundível, embora felizmente, não houvesse qualquer outro sinal dos habitantes indesejados.

Então, com um grito de alegria, Rose encontrou um cobertor: Apesar de velho e malcheiroso, não deixava de ser uma coberta seca.

Ajoelhou-se diante do fogo e desfez a trança que lhe prendia os cabelos para que secassem mais depressa. Em poucas horas, seria dia outra vez. A

essa altura, suas roupas estariam secas e ela poderia retomar a jornada até o acampamento de Robert. Conseguiria avisar o primo em tempo.

À medida que as horas foram passando, Gaston foi se ficando mais e mais perturbado.

O que podia ser tão importante, a ponto de Rose insistir em continuar com a cavalgada noturna em meio à chuva e ao perigo?

De súbito, a verdade se fizera clara para ele.

Rose ia ao encontro do amante. O mesmo homem que fora encontrar na floresta na noite em que ele a seguira. Aquele que ela era incapaz de esquecer.

Gaston foi atacado por um sentimento de ciúmes tão intenso que a dor foi insuportável. Seria capaz de qualquer coisa para fazê-la esquecer a antiga paixão.

Ficou confuso ao vê-la parar diante de uma louceira de amoreiras.

Demorou alguns segundos para compreender que havia um chalé ali. Seria aquele o local designado para o encontro?

Escondido atrás de algumas árvores, Gaston esperou que ela entrasse. Precisou de toda a força de vontade que possuía para ficar ali sentado, enquanto Rose podia estar nos braços de outro homem.

Chegou o momento em que ele não pôde mais suportar a agonia.

Depois de amarrar Pégaso ao lado da montaria de Rose, Gaston esgueirou-se até o chalé.

O silêncio lá dentro aumentou ainda mais a sua ansiedade. Talvez fosse até pior do que ouvir os sussurros apaixonados dos dois amantes. Sua imaginação produziu imagens revoltantes em sua mente.

Determinado a descobrir a verdade, entrou no chalé.

Naquele instante, Rose ouviu um ruído do lado de fora do chalé. Virou-se para a entrada no momento em que Gaston aparecia.

Sobressaltada, ficou paralisada ao vê-lo entrar.

E não tardou a notar uma mudança nele. Em seus olhos havia um brilho selvagem e agressivo. Ali estava um Gaston que ela não conhecia.

Levantou-se devagar, sem desviar os olhos dos dele.

Depois de observá-lo atentamente, falou com voz controlada:

— Por que veio? Por que não me deixa em paz?

Apesar de aliviado por encontrá-la sozinha, Gaston não relaxou. A chegada do amante devia ser iminente. Do contrário, por que Rose viajaria até aquele lugar? Deixou que a mágoa e os ciúmes agissem como escudo.

Há tempos amava e desejava a mulher parada à sua frente. Sempre que tentava dar-lhe todo o amor que ardia em seu peito, ela o rejeitava, embora se mostrasse disposta a aceitar sua paixão. Gaston queria, precisava ter mais daquela mulher. Queria dormir todas as noites com ela em seus braços, acordar todas as manhãs a seu lado. Longe dela, jamais encontraria paz para o seu tormento.

Admirou-lhe o rosto pálido, o brilho avermelhado do fogo brincando sobre seus ombros e os cabelos soltos. Lembrou-se das vezes em que haviam feito amor. Ela recebera com paixão as carícias mais íntimas e gritara alto o seu prazer.

Agora, parecia uma criatura remota, como se aqueles momentos houvessem se apagado de sua memória. Gaston não fez o menor esforço para esconder a raiva e a frustração.

— Jamais haverá paz para nenhum de nós dois.

Rose empertigou-se, assumindo a postura orgulhosa que fazia parte do seu jeito de ser.

— Não fugirei às minhas responsabilidades. Não porei em risco o bem-estar de meu povo, nem mesmo por você.

Ele explodiu numa torrente de palavras amargas:

— Mesmo assim, arrisca tudo por outro! Cavalga pela metade da noite, sem se importar com a chuva ou com os perigos da floresta, só para encontrar seu amante neste casebre!

Gaston levou as mãos à cabeça, num gesto desolado. Se, ao menos, pudesse arrancá-la de sua mente, de seu coração. Mas não podia. Rose estava dentro dele, corria em seu sangue e habitava as profundezas de sua alma.

Aturdida, Rose fitou-o incrédula. Encontrar o amante! Como ele podia pensar uma coisa dessas, depois de tudo o que se passara entre eles?

Não podia permitir que a memória lhe dissesse que fora ela quem o encorajara a acreditar num caso de amor que jamais existira.

Foi invadida pela raiva. Como ele se atrevia? E ainda a acusara de ser egoísta! Fora o pior insulto que ela podia ouvir. Enfurecida, atacou:

— Está me acusando de vir até aqui só pelo meu próprio prazer? O que sabe de mim, do que gosto e do que tem valor para mim? Todo o tempo me esforço para fazer o que é certo. Renunciei à minha felicidade pensando apenas no bem-estar dos outros. — Ergueu um punho fechado e sacudiu-o diante do rosto de Gaston. — Até a morte de meu pai e de meu irmão, eu nada sabia da administração do feudo. Fiz tudo o que podia para cuidar de meus vassalos. Fiz um juramento solene de que os protegeria. Apesar do senso de honra me dizer que devíamos lutar, temi por suas vidas e pelo futuro de Carlisle. Pedi que aceitassem a dominação e eles me ouviram. Quando não sabia o que fazer, não havia ninguém para me dar às respostas. Só me restava rezar ter tomado a decisão acertada. Até concordei em casar-me com Hubert, aquele monstro repulsivo, apesar de detestá-lo com todas as minhas forças. Pensa que nunca questioneei minha escolha? Que nunca pensei em mudar de idéia?

Gaston manteve a expressão dura e inabalável.

— Então, por que não mudou? Seus vassalos sobreviveriam. Hubert não é o melhor dos líderes, mas também não é deliberadamente cruel. Se tudo o que diz é verdade, por que continua se obrigando a carregar esse fardo sobre os ombros? Como o seu povo pode esperar que você, uma mulher, mantenha um juramento absurdo como esse?

Rose esmurrou-lhe o peito.

— Não é isso o que eles pensam. É o que eu penso. Você não compreende. Meu pai e meu irmão eram homens de bem, como você jamais conhecerá iguais. Sempre tentei viver segundo o exemplo deles, e estou sempre em falta.

— Mas você é apenas uma mulher! Ninguém pode esperar de você o mesmo que esperaria deles.

— Como se atreve a dizer uma coisa dessas? Sou mais que uma mulher. Sou tudo o que restou de minha família. Sou Carlisle. Será que não entende? — As lágrimas corriam soltas pelas faces de Rose. — Não me importa o que os outros pensam, mas sim o que eu sinto. Preciso acreditar que agi de maneira

honrada. — Com um soluço, concluiu: — Mas não consigo.

— Não consegue? — Gaston repetiu, incrédulo. — Você é a pessoa mais honrada, o caráter mais firme que já conheci. Não existe homem ou mulher que ultrapasse o seu senso de honra e de justiça.

As palavras teriam um significado maior se Rose não estivesse tão furiosa, e se Gaston não a houvesse seguido até ali. Se ele acreditava no que estava dizendo, então como podia acreditar que ela fora até ali para encontrar-se com o amante? Como era capaz de não perceber que ela jamais poria em risco sua posição de protetora de seu povo por um motivo tão egoísta?

Deu as costas para ele.

Suas atitudes contradizem suas palavras.

Gaston cerrou os punhos, contendo o impulso de obrigá-la a encará-lo. Falou em voz baixa e controlada:

— Então diga-me o que eu deveria pensar? Por que, afinal, veio até aqui?

A mudança no tom de Gaston levou Rose a pensar que, talvez, ele estivesse disposto a aceitá-la como realmente era.

— Não posso dizer.

Ele voltou a erguer a voz:

— O que você espera, afinal? Que eu monte em meu cavalo e volte para Carlisle, deixando você aqui, sem qualquer explicação? Como vou saber que não está correndo perigo?

Desesperada, Rose tentou pensar em um meio de fazê-lo confiar nela. Mas não havia nenhum. Frustrada, voltou-se para encará-lo.

— Você acha que não passo de uma criança que precisa dos seus cuidados o tempo todo? Não pode aceitar o fato de que sou uma mulher adulta, capaz de cuidar de seus próprios interesses?

Gaston cruzou os braços sobre o peito, lutando contra o desejo de sacudi-la.

— Se me dissesse o que está planejando fazer, talvez eu me sentisse mais inclinado a deixá-la seguir o seu caminho, sem interferir na sua vida.

Rose cerrou os dentes e revirou os olhos. O tom condescendente irritou-a e ela teve de esforçar-se para não gritar de raiva. Tentou fazê-lo entender suas razões.

— Acredite no que estou lhe dizendo: não corro o menor perigo aqui. Conheço a floresta e não preciso de sua ajuda. Assim que parar de chover, retomarei minha viagem.

Um alarme soou na mente de Gaston.

— Então, este chalé não é o seu destino final?

— Não.

— Vai encontrar-se com alguém?

Rose cruzou os braços, imitando o gesto de Gaston.

— Recuso-me a responder.

— Nesse caso, eu estava certo — Gaston afirmou com tom ameaçador. — Aquele homem está envolvido em sua viagem secreta, não está?

Rose recuou um passo. Por um instante, sentiu medo da intensidade com que ele a fitava. Então, lembrou-se que se encontrava diante de Gaston. Por mais furioso que estivesse, jamais lhe faria mal algum.

— Que homem? — perguntou, esquecida da história do amante, na qual permitira que ele acreditasse para proteger Robert.

— Ora, deixe de joguinhos! Sabe muito bem de quem estou falando. O homem com quem se encontrou na floresta, na noite em que a segui pelo túnel. O mesmo homem que persegui, no dia em que a levei até a igreja de padre Liam.

Rose fechou os olhos. Meu Deus, ele sabe, pensou aflita. Forçou-se a se acalmar, dominando as ondas de pânico que ameaçavam sufocá-la. Ele então tinha como saber que Robert era seu primo. Até aquele momento, ele os acusara de serem amantes. Ergueu os olhos para ele, em atitude de desafio. Não responderia quaisquer perguntas.

— Tudo o que posso lhe dizer é que não farei mal a você ou a qualquer um de seus homens. Estou aqui para proteger alguém a quem amo.

Gaston empalideceu, sentindo-se como se um forte soco no peito o houvesse atingido. Embora soubesse que ela amava aquele homem misterioso, ouvi-la pronunciar as palavras, provocou-lhe uma dor insuportável. Foi sua vez de dar-lhe as costas.

— Então, admite que esse homem é importante para você.

Por que Gaston insistia com aquilo? Por mais que ela tentasse fazê-lo

entender que jamais o trairia, ele continuava a acusá-la, acreditando que ela amava outro homem. Talvez, se lhe dissesse a verdade, então ele acreditasse.

— Sim, eu o amo, mas não da modo que você está imaginando. Mas Gaston não ouviu. As batidas ferozes de seu coração latejavam em seus ouvidos, ensurdecedoras. Seus olhos turvaram pela dor e o sofrimento.

— Eu lhe ofereci a minha vida e a minha honra, quando pedi que se cassasse comigo. Você não aceitou o meu amor. — Respirou fundo, antes de continuar: — Mas está disposta a arriscar tudo por esse homem. Há poucos minutos você disse que ficou em Carlisle para honrar a memória de seu pai e seu irmão. Seu dever para com seu povo e seu feudo é mais importante que tudo mais em sua vida. Mesmo assim, veio até aqui, sabendo que Hubert poderia descobrir tudo. Como fica a sua responsabilidade para com Carlisle, então?

Rose ergueu o queixo, obstinada. Fora honesta c ele se recusara a acreditar. Nada a convenceria a tentar de novo. A menos que revelasse, a identidade de Robert, não teria qualquer explicação a dar.

Se pudesse ver a expressão no rosto de Gaston, que continuava a dar-lhe as costas, Rose haveria se preparado para o que veio a seguir.

A rejeição de Rose doeu em Gaston como a lâmina de uma espada. Em sua dor, ele só sabia que amava aquela mulher além de todas as medidas e que ela o rejeitara como se seu amor não possuísse valor algum.

Com um gemido de angústia, Gaston virou-se e tomou-a nos braços, beijando-a com violência.

Como sempre acontecia quando ele a tocava, Rose não foi capaz de resistir. O desejo tomou o lugar da ira com intensidade assustadora. Ela ergueu os braços para enlaçá-lo, reagindo à paixão de Gaston com a sua.

As mãos dele deslizavam por seu corpo. O contato do cobertor áspero contra sua pele só fez aumentar a sensação de abandono que a invadiu. Rose não tinha mais o menor controle sobre o próprio corpo. E não queria tê-lo.

Estava cansada de agir contra seus desejos e necessidades. Naquele instante, decidiu entregar-se ao prazer que tanto desejava. Nem sequer pensou nas possíveis conseqüências.

— Quero você — murmurou sem descolar os lábios dos de Gaston.

Afastou-se dele, as mãos trabalhando apressadas para desfazer o nó que prendia o cobertor em torno de seu corpo.

Percebendo-lhe as intenções, Gaston adiantou-se e rasgou o tecido frágil com um único gesto. Talvez, no encontro de seus corpos, ele pudesse provar-lhe o quanto a amava. Nascera para amá-la.

Um instante depois, ela estava de volta em seus braços, a cabeça jogada para trás, as mãos explorando o corpo másculo que se escondia sob a túnica. À medida que Gaston a cobria de beijos, Rose foi sentindo o desejo crescer, avolumar-se dentro de seu peito. Queria mais, queria colar-se a ele, unir-se a ele.

— Ajude-me — pediu com voz rouca enquanto tentava tirar-lhe as roupas.

— Deixe que eu faça isso — disse Gaston, puxando a túnica por sobre a cabeça. Então foi a vez da camisa.

Impaciente para vê-lo, para admirar o corpo de seu amado, Rose ajoelhou-se para tirar-lhe a calça.

Gaston gemeu de prazer ao sentir as mãos ávida tocarem os pontos mais sensíveis de seu corpo. Olhou para baixo e viu que ela o fitava com olhos luminosos e apaixonados, por entre as ondas castanho-avermelhadas dos cabelos revoltos. Estendeu a mão e afastou as mechas caídas sobre seu rosto.

— Rose... — murmurou como se o simples fato de pronunciar-lhe o nome a tornasse sua.

Depositando beijos quentes e ousados nas coxas musculosas, Rose confessou:

— Eu te amo, Gaston.

Ele tentou puxá-la para si. Queria beijá-la, abraçá-la, sentir toda a extensão do corpo frágil e delicado colar-se ao seu. Mas ela resistiu. Com um risinho rouco e sensual, ela pediu em tom sedutor.

— Deixe-me sentir você.

Desta vez, não lhe bastaria render-se às carícias e entregar-se. Queria lembrar-se desta noite com Gaston, em todos os seus detalhes. Fecharia os olhos e sentiria o seu odor, o seu sabor.

Seus beijos foram se tornando mais ousados, até alcançarem o ponto mais sensível de sua masculinidade.

Gaston viu o chalé girar diante de seus olhos e, quando os fechou, sentiu-se flutuar num universo sem limites, enquanto ela o levava à beira da loucura.

Ao perceber que não seria capaz de controlar-se mais, ele ajoelhou para tomá-la nos braços. Rose respondeu ao seu beijo com entusiasmo incontido. Estava destinada a ser sua mulher, desde o início dos tempos.

Seu amor por ele pulsava em suas veias com a força de um rio de corre para o mar, seu destino inevitável. Aquele momento em que ela se entregava para ele sem barreiras fora predestinado.

Gaston arfava, o peito largo subindo e descendo, refletindo o brilho do fogo. Colocando as mãos em seus ombros, Rose empurrou-o com gentileza, obrigando-o a deitar-se.

Ainda ajoelhada, ela se inclinou para beijá-lo, cobrindo seu rosto na cortina formada por seus cabelos. Gaston enroscou os dedos entre as ondas sedosas, sem poder conter os gemidos de prazer que os lábios de Rose lhe arrancavam.

— Rose... minha querida Rose... — ele murmurou ofegante. Rose exultou ao descobrir que podia proporcionar a Gaston o mesmo tipo de prazer mágico que ele era capaz de lhe dar.

O sentimento de poder sobre aquele homem tão forte excitou-a ainda mais. Ah, como o amava! Amava Gaston mais que tudo na vida.

Ergueu os olhos para fitá-lo. Ao deparar com o desejo selvagem e faminto que brilhava nos olhos cinzentos, sentiu-se atravessar por uma pontada de desejo quase dolorosa. Sem conseguir falar, ele a puxou para si, enterrando o rosto em seus cabelos e pôs-se a morder-lhe o pescoço e os ombros. Com voz abafada, murmurou:

— Quero você, minha feiticeira. Você me incendeia quando me toca.

— Então, deixe-me amar você... mais.

Rose ergueu os braços, segurou-lhe o rosto e puxou-o para perto do seu. Beijou-o com ardor, explorou cada recanto de sua boca.

Então, abandonou-lhe os lábios para traçar um caminho de fogo pelo peito arfante, o estômago, a barriga.

Gaston gemeu e arqueou o corpo, sem mais poder controlar-se.

— Chega — ordenou embora sua voz soasse fraca e incerta. Puxou-a para

si, fazendo-a deitar-se sobre ele, sentido-lhe o corpo todo de encontro ao seu.
— Não vou deixar que me negue o prazer de amar você.

Prendendo-a com força entre os braços, rolou de lado e apoiou-se sobre um cotovelo. Então, foi a sua vez de cobri-la de beijos, de incendiar-lhe a pele sensível com os lábios quentes e apaixonados.

Rose contorceu-se de agonia ao sentir a boca deslizar sobre os seios, o ventre liso, até encontrar seu sexo. Jamais em sua vida sequer imaginara existir sensação como a que se apoderou dela naquele instante. Queria gritar, chorar... Não sabia o que queria, exceto que queria Gaston.

— Gaston, por favor... Não posso mais suportar... Certificando-se de que ela estava pronta para recebê-lo, Gaston colocou-se sobre ela. Mas, desta vez, Rose não aceitaria o papel passivo que desempenhara das outras vezes em que se entregara a ele. Queria mostrar a ele o quanto o amava.

Com gestos insistentes e impacientes, Rose forçou-o a deitar-se de costas novamente. A respiração irregular, o corpo trêmulo, ela se colocou sobre ele. Então, imobilizou-se por um breve instante. Queria que ele olhasse para ela, que a fitasse nos olhos.

— Eu te amo — declarou.

E, naquele momento, Gaston soube que não importava o que viera antes nem o que viria depois, pois ela o amava.

Com um único movimento dos quadris, Rose o envolveu na maciez quente e úmida de seu desejo. Gaston suspirou, movendo-se para acompanhá-la. Pousou as mãos em seus quadris, puxando-a para si, diminuindo ainda mais a distância entre seus corpos.

Rose não falou. Apenas sentiu, dando mais de si a cada movimento da cavalgada delirante.

E o fogo cresceu, queimando-lhe as entranhas, até ela pensar que fosse explodir em ondas de prazer.

No mesmo instante, Gaston falou com voz estrangulada:

— Eu te amo, Rose. Você é minha.

Então Rose sentiu-o estremecer, alcançando as alturas junto dela. Abraçou-o com força, recusando-se a voltar à realidade.

Nada fora resolvido entre eles. Gaston ainda acreditava que ela fora até

ali para salvar o amante. Rose não podia confiar nele a ponto de contar-lhe a verdade.

Mas, ao menos naquele momento de entrega, ela podia pertencer a ele como jamais pertenceria a outro homem.

CAPÍTULO XV

Um leve farfalhar despertou Rose, mas ela não abriu os olhos, limitando-se a se aconchegar mais contra Gaston.

Então, lembrou-se: Robert! Tinha de avisar o primo sobre o traidor! Abriu os olhos sobressaltada.

Parado diante dela, filando-a do alto, estava Robert.

Suas feições apresentavam-se distorcidas pelo ódio e, quando percebeu que ela estava acordada, riu com crueldade.

Rose virou-se para Gaston. Era evidente que ele fora despertado antes dela, pois um dos homens de Robert empunhava a própria espada de Gaston próxima de seu pescoço.

— Levante-se — Robert disse, dando-lhe as costas.

— Mas...

Recusando-se a ouvi-la, virou-se para um de seus homens:

— Tirem-na das minhas vistas.

Dois homens se aproximaram para levá-la. Rose mal teve tempo de enrolar-se no cobertor antes que eles a segurassem pelos braços e comesçassem a arrastá-la para fora do chalé.

Ela voltou a olhar para Gaston, que também se levantara e fitava Robert com olhos cheios de desprezo. O cavaleiro normando não fez qualquer tentativa para cobrir-se e sua expressão era de calma e tranqüilidade. No passado, era assim que os guerreiros saxões iam para a guerra: sem roupas ou armaduras para protegê-los contra o poder dos deuses. Rose ergueu a cabeça, orgulhosa por ser a mulher de um homem tão valente.

Uma nota de advertência traiu a postura casual de Gaston quando ele se dirigiu a Robert:

— O que vai fazer com ela?

Robert virou-se para encará-lo, o ódio transformando ainda mais as suas feições.

— Acho que vou deixar você curioso, imaginando o destino de sua

prostituta.

Gaston lançou-lhe um sorriso sem humor.

— Sei muito bem que esta mulher não é uma estranha para você.

Vi vocês dois juntos e não acredito que vá lhe fazer qualquer mal, porque você a ama.

— O que sinto por Rose não é da sua conta. — Robert aproximou-se de Gaston. — Normando! — Cuspiu a palavra, como se fosse um grande insulto.

Então recuou um passo, desgostoso por ser observado de cima por um cavaleiro que lhe parecia imbatível, mesmo com uma espada encostada ao pescoço. Robert baixou a voz, antes de continuar:

— Não devia ter tocado esta mulher. Vou fazê-lo pagar por isso.

— Eu a amo — Gaston declarou com simplicidade, sem sequer pensar em explicar-se ou desculpar-se.

— O que estavam fazendo aqui? — Robert perguntou, recusando-se a ouvir as declarações de amor do normando.

Gaston deu de ombros.

— Aí está uma resposta que só ela poderá lhe dar. Eu apenas a segui, temendo por sua segurança.

Não pretendia provocar o saxão que, segundo acreditava, fora amante de Rose tempos atrás. A idéia já não lhe provocava dor, como acontecia no passado. Agora, com a certeza de que Rose o amava, Gaston chegava a sentir pena do inimigo.

Sabia que ela cavalgara até ali para encontrar-se com aquele homem. O saxão, porém, parecia ignorar o fato, ou teria se comportado de maneira diferente. O que teria levado Rose até lá? Como ela houvesse sido levada para fora, não havia meios de descobrir. Ao menos, por enquanto,

Quando despertara, sentindo a ponta da própria espada contra o pescoço, Gaston hesitara em lutar, temendo pela segurança de Rose.

A maneira como o saxão, Robert, olhara para Rose, ainda adormecida, fizera o sangue de Gaston gelar nas veias. Mesmo que tivesse oportunidade, não poderia fugir sem ela. Deixaria que os rebeldes o levassem, sem impor a menor resistência. Então descobriria um meio de levar Rose consigo, quando escapasse.

O saxão estudou Gaston com ódio mal disfarçado.

Arrancarei de você as respostas para minhas perguntas, de um jeito ou de outro. — Dirigindo-se aos homens que haviam permanecido no chalé, ordenou com um gesto violento:— Levem-no para o acampamento,

Gaston deixou-se levar para fora. Não havia sinal de Pégaso. Seus captores, três rapazes muito jovens, amarraram suas mãos atrás das costas. Pareciam assustados com o cavaleiro enorme que lhes fora confiado e Gaston sabia que seria fácil libertar-se.

Ao sentir a chuva fina e fria sobre a pele nua, lembrou-se de que devia chegar ao acampamento e encontrar Rose. Teria de esperar pelo momento oportuno para fugir.

Rose foi levada ao acampamento por um dos homens de Robert, sentada à frente dele sobre um cavalo de trote irregular. Sentiu-se aliviada por poder deslizar para o chão firme, pois seus dentes começavam a doer de tanto baterem uns contra os outros durante o trajeto acidentado. O captor, que ela reconheceu como sendo um antigo morador de Brentwood, virou o cavalo e incitou-o para longe. Não mostrou qualquer receio de que ela tentasse fugir.

Olhando e volta, Rose reconheceu vários dos homens que se encontravam no acampamento. A sua direita, avistou Edgar, antigo capitão da guarda de Brentwood, que conversava com um grupo de homens. Entre eles, alguns rostos jovens também lhe eram familiares.

Rose sacudiu a cabeça em reprovação. A maioria constituía-se de rapazes que não eram mais que garotos. Perguntou-se como eles podiam acreditar que seriam capazes de expulsar os normandos da Inglaterra.

Mas esta não era a sua principal preocupação no momento. Tinha de encontrar alguma roupa para vestir. Ainda protegida apenas pelo cobertor púido, sentia-se não só enregelada, mas também vulnerável demais em meio a tantos homens.

Depois, precisava conversar com Robert. Pela maneira como ele a tratara no chalé, Rose concluiu que a tarefa não seria fácil.

Olhou em volta, perguntando-se como conseguiria encontrar roupas. O acampamento consistia de uma porção de tendas e duas construções de madeira. Algumas fogueiras ardiam, produzindo uma fumaça escura, uma vez

que a lenha ainda eslava úmida da chuva da noite. Os homens reunidos em torno do fogo, assim como outros que se dedicavam a algum tipo de trabalho, tinham expressões sombrias.

Rose estremeceu. Não era por menos que Elspith ficara tão contente em se ver longe daquele lugar. Era sujo, úmido e miserável.

Constatando que ninguém lhe prestava a menor atenção, pôs-se a procurar as roupas de que precisava. Dando a volta nas tendas, encontrou um varal, repleto de peças de roupas em mau estado.

Encontrou uma túnica cinza que, apesar de ainda não estar seca, teria de servir. Havia também uma camisa que um dia fora branca, embora agora estivesse tão cinza quanto a túnica.

Escondendo-se atrás de um arbusto, Rose vestiu-se apressada. A lã grosseira arranhou-lhe a pele. Quando viu que metade de suas pernas ficavam expostas pela túnica masculina, Rose apanhou o cobertor e amarrou-o em torno da cintura.

205

Saiu detrás do arbusto, determinada a encontrar Robert e falar-lhe. Por mais difícil que fosse, não podia deixar de avisá-lo sobre o traidor infiltrado em seu grupo.

Então, tentaria conseguir do primo a sua libertação, assim como a de Gaston.

Como se seus pensamentos fossem capazes de conjurar a presença de seu amado, Gaston chegou ao acampamento, trazido por três garotos. Tinha as mãos amarradas atrás das costas e continuava nu. Porém, mantinha os ombros eretos e caminhava com a costumeira segurança que a fazia sentir-se tão protegida.

Rose começou a correr para ele, mas foi impedida por uma mão forte em seu ombro. A expressão no rosto de Edgar dizia mais que quaisquer palavras, que ela não devia dar nem mais um passo.

Era óbvio que pretendiam mantê-la separada de Gaston. Não ganharia nada com uma discussão àquela altura. Primeiro, falaria com o primo. Tinha certeza de que Robert os libertaria depois de saber por que ela fora ao seu encontro. Virou-se para Edgar e falou, tentando imprimir um tom de comando

à voz:

— Preciso falar com Robert.

O homem alto e magro nem sequer se dignou a fitá-la.

— Ele não quer vê-la — respondeu com frieza, sem tirar os olhos de Gaston. Então, gritou uma ordem para os três garotos que o acompanhavam: — Levem-no para o galpão e tranquem a porta.

Olhando para Gaston, Rose reconheceu em seu rosto a preocupação que ele sentia por ela. Sacudiu a cabeça em resposta à pergunta silenciosa. Ele ainda acreditava que ela corria perigo. Com Edgar a seu lado, determinado a mantê-los separados, Rose não poderia explicar, mesmo que quisesse, os motivos pelos quais estava segura no acampamento.

Continuava a acalentar a esperança de que ela e Gaston pudessem fugir dali, sem que ele descobrisse a verdadeira identidade de Robert.

Os três rapazes empurraram Gaston, que se deixou levar sem resistência para uma das construções de madeira.

Se um dos edifícios era usado para confinar prisioneiros, provavelmente ela encontraria Robert no outro.

Afastou-se de Edgar devagar, esperando que ele não a notasse.

Mas Edgar virou-se para ela no mesmo instante.

— Onde pensa que vai?

Rose imobilizou-se por um momento, consternada. Então, reuniu coragem e ergueu o queixo.

— Vou ao encontro de Robert. Preciso falar-lhe sobre uma questão de vital importância para ele e todos vocês.

— Qual é o problema? — Edgar inquiriu, erguendo as sobrancelhas.

Rose olhou em volta. Não poderia contar-lhe o que sabia ali, onde qualquer um que passasse ouviria a conversa. Não havia meios de saber se o espião era um dos homens que os cercavam.

Obstinada, insistiu:

— Não posso contar a ninguém, senão a Robert. Edgar aproximou-se, fitando-a com desdém.

— Robert não está disposto a receber uma traidora.

— Não sou uma traidora, Edgar de Brentwood.

Furiosa, Rose recusou-se a aceitar o julgamento do homem. Havia muito mais a se discutir sobre certo e errado do que a simples diferença entre saxões e normandos. Embora sentisse alguma simpatia pela motivação de Edgar, aquele não era o momento ou o lugar para tentar convencê-lo de que estava errado. Empertigando-se, continuou:

— Como se atreve a falar assim comigo? Não sabe nada a meu respeito, portanto não tem o direito de julgar meus atos.

Edgar recuou um passo, incapaz de fitá-la. Lady Rose sempre fora conhecida por ser uma boa mulher e uma boa senhora para seus vassalos. Talvez, eles houvessem cometido um grande erro ao julgá-la de maneira tão apressada.

Então suas feições endureceram. Nada mudava o fato de ela ter sido encontrada nua nos braços de um normando, com uma expressão de extrema satisfação brilhando em seu rosto.

Apesar de não poder perdoar o que testemunhara poucas horas antes, Edgar foi mais respeitoso quando voltou a lhe dirigir a palavra.

— Lorde Robert deu ordens expressas para mantê-la longe dele. — Seus olhos dardejaram na direção da construção maior.

Rose experimentou um momento de satisfação. Estava certa! Agora que sabia com certeza onde Robert estava, seria apenas uma questão de conseguir entrar.

Fingindo submissão, afastou-se de Edgar.

— Vou esperar. Diga a Robert o que eu lhe contei. Se ele dá valor à própria vida e às vidas de seus homens, vai me receber.

Edgar hesitou, estudando-a com atenção, então assentiu em concordância.

— Farei o que me pede — disse e caminhou em direção à grande construção de madeira. Foi convidado a entrar assim que bateu na porta.

Correndo os olhos pelo acampamento, Rose notou que, embora Edgar não houvesse dado qualquer ordem para que fosse vigiada, ela ocupava o centro das atenções de todos ali. Era óbvio que os comentários de seu envolvimento com Gaston já haviam se espalhado. De nada adiantaria ir até a porta de Robert, pedindo para entrar. Seria impedida antes mesmo de chegar lá. Apesar

do grupo de Robert se constituir, em sua maioria, de garotos mal vestidos, eram todos leais a seu líder.

Mantendo a cabeça erguida, Rose encaminhou-se para um tronco de árvore caído e sentou-se.

Ao perceberem que ela parecia inclinada a comportar-se conforme o desejo de Robert, os homens relaxaram a vigilância, voltando a dedicar-se a suas ocupações. .

Após algum tempo, ela se levantou. Um dos rapazes que se encontravam reunidos em torno da fogueira mais próxima também levantou. Rose deu-lhe as costas e encaminhou-se para as árvores, depois de lançar-lhe um olhar, proibindo-o de segui-la.

Poucos minutos depois, ela voltou e o rapaz sentou-se, retomando a conversa com os camaradas. Ninguém precisaria dizer-lhe o que ela fora fazer atrás das árvores.

Agora, Rose tinha um plano. Embora não fizesse sentido ausentar-se novamente nos próximos instantes, decidiu que da próxima vez que o fizesse, demoraria um pouco mais para voltar. Os observadores relaxariam ainda mais a guarda. Quando, finalmente, fizesse o que tinha em mente, nenhum deles estaria esperando.

Rose passou o resto da tarde no acampamento. A cada período aproximado de uma hora, levantava-se e escondia-se entre as árvores por algum tempo. Os homens deixaram de prestar-lhe atenção, mal erguendo os olhos para ela quando passava.

Quando começou a escurecer, ela se levantou e se espreguiçou. Ninguém sequer olhou para ela quando passou em direção às árvores. Rose mal podia conter a ansiedade. Desta vez, contornaria o acampamento por entre as árvores, até alcançar os fundos da construção onde se encontrava Robert. Se agisse com rapidez, atingiria seu objetivo antes que alguém desse por sua falta.

Em poucos instantes, aproximou-se do edifício. Esgueirando-se pela parede de madeira, Rose deu a volta até a entrada da frente, atenta a qualquer movimento no acampamento.

Ao alcançar a parede da frente, respirou fundo e saiu correndo em direção

à porta. Quando estendeu a mão para o trinco de madeira, ouviu um grito atrás de si.

Atirando-se contra a porta, Rose quase caiu quando esta se abriu. Jogou-se para dentro ao mesmo tempo que mãos fortes a seguravam por trás. Apesar de ter sido apanhada, recusou-se a dar-se por vencida. — Robert! — gritou a plenos pulmões.

Seu primo estava sentado a uma mesa de madeira, tendo Edgar e outros dois homens à sua frente. Os quatro pararam de falar ao verem Rose.

Robert nem sequer olhou para ela. Limitou-se a levantar da cadeira e dirigir-se ao homem que a segurava:

— Ela devia ser mantida longe daqui.

O rapazinho sardento corou e segurou-a com maior firmeza.

— Pensamos que ela ia apenas aliviar-se atrás das árvores, senhor. Começou a puxá-la para fora, ao mesmo tempo em que fazia sinais para outro homem, indicando-lhe que viesse ajudá-lo.

Mesmo arrastada por dois homens, Rose não desistiu. Robert encontrava-se a poucos passos de distância, e ela não podia perder a oportunidade de falar-lhe.

Cravou os dentes na mão do rapaz sardento e desferiu um chute violento no outro que a segurava. Certificou-se de haver acertado o ponto mais fraco do pobre coitado, pois ele se dobrou sobre si mesmo, soltando um urro de dor.

— Robert, por favor, me ouça — implorou e correu na sua direção ao perceber que os captores pretendiam apanhá-la de novo.

Embora a fitasse com frieza, ao menos o primo olhava para ela pela primeira vez.

— Não tenho nada a tratar com você — foi à única resposta.

— Se não se importa com o que pode acontecer a você, então escute o que tenho a dizer, pelo bem de seus homens.

Ele a observou com olhar distante, como se não a conhecesse.

— O que você poderia ter a dizer para salvar a vida de meus homens, prostituta de normandos?

Apesar de sentir o coração apertado dentro do peito, ela se forçou a sustentar-lhe o olhar. Respondeu sem hesitar:

— O que tenho a lhe dizer não deve ser ouvido por mais ninguém. Olhou para os homens reunidos diante da mesa. Um deles poderia ser justamente o espião que ela viera delatar.

Robert cruzou os braços sobre o peito e fitou-a com olhar frio.

— Confio em meus homens para ouvirem o que quer que tenha para me dizer.

Desesperada, Rose aproximou-se, lançando-lhe um olhar de súplica.

— Por favor, Robert. Viajei de Carlisle até aqui. Será que não pode, ao menos, me dar a chance de ajudá-lo? A resposta foi fria:

— Quando interroguei o seu amante, ele não tinha respostas para as minhas perguntas. Por que, de repente, você deseja tanto me falar?

Ela respondeu com honestidade, sem nem tentar negar que Gaston fosse seu amante.

— Ele me seguiu até aqui. Não sabia qual era o meu destino, muito menos os motivos que me fizeram deixar Carlisle em segredo. E eu não podia lhe dizer na frente dele.

Robert pareceu hesitar quando olhou diretamente nos profundos olhos verdes de Rose.

Percebendo a mudança, Rose insistiu:

— Depois de ouvir o que tenho para lhe contar, então poderá julgar por si mesmo se minhas palavras são importantes ou não.

Como se ainda estivesse incerto quanto ao que fazer, Robert balançou a cabeça devagar. Virou-se e ordenou aos rapazes que haviam tentado levá-la embora para saírem. Os homens em torno da mesa começaram a se levantar também. Robert os impediu com um aceno de mão.

Ao ver Rose franzir o cenho diante de sua última atitude, falou:

— Confio nestes homens a ponto de entregar-lhes minha vida. Seja o que for que tenha a dizer, estará tão segura com eles, quanto comigo sozinho.

Baixando os olhos para o chão, Rose assentiu.

Robert sentou-se e os quatro homens concentraram em Rose toda a sua atenção.

Por sentir-se tão aliviada pela aceitação de Robert em ouvi-la, Rose demorou alguns instantes para pôr os pensamentos em ordem.

Robert limpou a garganta e ela ergueu os olhos para ele, apressada. Sem mais demora, contou a sua história, começando pela oferta do rei William para ajudar Hubert em sua caçada aos rebeldes, terminando no espião que os delataria a Hubert.

Quando Rose parou de falar, Robert permaneceu sentado por alguns instantes, pensativo. Então, foi atacado pelo choque causado pela acusação feita de que um saxão trairia sua própria gente.

Finalmente, falou:

— Como posso saber que sua história é verdadeira? Esquece que eu mesmo a vi nos braços do inimigo ainda esta manhã?

Rose suspirou impaciente.

— Já lhe disse que Gaston me seguiu. Ele me viu deixar Carlisle, mas não sabia que eu me dirigia para cá, nem que eu vinha para avisá-lo da armadilha. O que preciso fazer para que acredite em mim?

— Pode começar dizendo onde obteve essa informação.

Rose cobriu o rosto com as mãos. Em momento algum lhe passara pela cabeça que Robert perguntaria como soubera do espião. E era uma pergunta bastante lógica. O problema era que ela não sabia como responder. Em hipótese alguma poderia contar-lhe que Elspilh tomara conhecimento do plano, enquanto partilhava da cama de Hubert.

Como não podia contar a história verdadeira, Rose decidiu blefar:

— Que diferença isso faz? — Abaixou as mãos e fitou-o de cabeça erguida.
— Deve apenas levar em conta se estou dizendo a verdade ou não.

Robert estreitou os olhos.

— Se eu não a houvesse encontrado nos braços daquele maldito normando esta manhã, talvez estivesse mais inclinado a acreditar no que diz.

— Ora, seu cabeça dura...

Edgar levantou-se e os dois primos viraram-se para ele. No calor da discussão, ambos haviam se esquecido da presença dos outros. Edgar falou devagar:

— Creio que devemos ter certeza de que as palavras de lady Rose são falsas, antes de condená-la. Considerarei a questão enquanto ela falava, e não consegui descobrir como a informação que ela nos deu poderia beneficiar os

normandos.

Com um último olhar de desprezo para Rose, Robert sentou-se. As palavras de Edgar faziam sentido. Não havia nada que pudesse fazer-lhes mal no que ela dissera. Estaria permitindo que a decepção com Rose atrapalhasse seu raciocínio?

Rose teve ímpetos de abraçar o soldado.

— Robert, por favor, ouça o que Edgar está dizendo. Só quero ajudá-lo.

— Há um garoto que se juntou a nós recentemente — Edgar continuou. — Disse que era de Mayhill e nós o aceitamos sem mais perguntas.

Por longos minutos, Robert permaneceu em silêncio, pensando. A certa altura, sua expressão mudou. Seus olhos tornaram-se frios e calculistas.

— Encontrem-no e tragam-no aqui — ordenou.

Rose estremeceu. Uma vez convencida que o primo estava salvo, sentiu uma pontada de piedade pelo garoto. Afinal, ele estava apenas se vingando de um mundo que fora demasiado cruel com ele.

— O que vai fazer com o traidor? — perguntou, torcendo as mãos.

Robert ergueu as sobrancelhas, como se estivesse surpreso com a pergunta.

— Isso não é da sua conta. Se ficar provado que você disse a verdade, ele será tratado como merece. — Desviou os olhos de Rose, dispensando-a com um aceno de mão: — Agora, gostaria que saísse.

Os ombros de Rose vergaram e ela suspirou desolada. Não havia mais nada que pudesse fazer. Robert ouvira o que tinha a dizer e, mesmo assim, a odiava. Não haveria mais palavras de amizade entre eles dali por diante.

Ao vê-lo movimentar-se pela sala, seguiu-o com o olhar e observou-o apanhar uma espada de cima da mesa. O cabo da arma possuía um grande rubi.

A espada de Gaston!

Prendendo a respiração, ela ergueu os olhos para fitar Robert.

Dando-se conta de que ela o observava, Robert sorriu com ironia.

— Seu amante não vai mais precisar disto. Homens mortos não tem qualquer motivo para lutar.

CAPÍTULO XVI

Edgar não demorou a encontrar o traidor. O garoto nem desconfiava que fora descoberto. Conversava tranqüilamente com o mais velho, à medida que se aproximavam. Era óbvio que Edgar não o informara das acusações que pesavam sobre ele.

Era jovem, loiro e possuía pele clara. Era fácil compreender como se tornara objeto do desejo de um homem desequilibrado.

Rose não se afastara da construção onde Robert se alojava, depois que fora expulsa de lá. Observou, com sentimentos conflitantes, o garoto entrar acompanhado por Edgar.

Poucos minutos depois, ouviu gritos zangados vindos do quartel-general do primo. A porta se abriu e o garoto saiu correndo. Desesperado, olhou em volta à procura de uma rota de fuga.

Da porta, Robert gritou:

— Peguem-no!

Como se visse imediatamente cercado, o garoto não teve escolha senão entregar-se. Levou a mão à cintura, esquecendo-se de que nem sequer carregava uma arma.

Robert desceu os degraus devagar. Apoiou as mãos nos quadris e encarou o traidor que, a essa altura, tinha dois ex-companheiros a segurá-lo.

— Ora, ora, o que vamos fazer com você?

Estudou o rapaz como se observasse um leproso, sua expressão um misto de admiração e repulsa.

Um dos homens perguntou em voz alta:

— O que está acontecendo? Robert virou-se para o grupo reunido.

— Vou lhes dizer o que está acontecendo. Todos aqui conhecem Oren. — Apontou para o garoto. — Chegou há alguns dias, pedindo que o aceitássemos no grupo. Disse que estava cansado da tirania dos normandos e queria colaborar na nossa luta contra eles.

Várias cabeças balançaram, confirmando as palavras de Robert. Satisfeito,

ele continuou:

— Tomei conhecimento de que Oren não foi inteiramente honesto. — Como um murmúrio zangado se erguesse no ar, Robert ergueu as mãos, num pedido de silêncio. — Ao que parece, Oren nos traiu, seu próprio povo, trabalhando como espião para os normandos.

Os homens se mostraram verdadeiramente furiosos, alguns erguendo punhos cerrados e gritando em condenação.

Mais uma vez, Robert ergueu as mãos e o silêncio voltou a reinar.

— Interroguei o rapaz e ele não tem respostas para minhas perguntas.

Em meio à pequena multidão reunida, alguém se manifestou:

— Dê-lhe uma chance de se defender!

— Não apresentarei desculpas a um bando de bastardos como vocês! — Oren declarou aos berros, antes de saltar com agilidade sobre Robert e retirar-lhe a faca do cinto. — Se vou mesmo morrer, morrerei lutando.

Porém, rápido como um raio, Robert ergueu uma das pernas e chutou a faca para longe. Numa fração de segundo, Oren encontrava-se no chão, tendo quatro homens a imobilizá-lo, seu rosto pressionado contra a terra.

Robert voltou a dirigir-se à assembléia improvisada:

— O que devemos fazer com ele?

Rose cobriu o rosto com as mãos. As sugestões variaram desde aleijar o garoto, até esfolá-lo vivo. Seu primo ouvia com um sorriso nos lábios. Aquele não era o Robert que conhecera, mas um estranho que habitava seu corpo. Seu primo jamais receberia aquela manifestação de selvageria com benevolência, como se o divertisse a idéia de torturar um prisioneiro, mesmo sendo ele culpado de traição.

Oren conseguiu erguer a cabeça do chão para gritar:

— Pouco me importa o que farão comigo. Estarei morto e livre da vergonha que carrego comigo. Vocês dizem que os normandos são selvagens, mas não são melhores do que eles. Pelo menos, quando um homem trata com normandos, sabe em que terreno está pisando. Eles não fingem ser amigos.

Robert e os outros riram alto, enquanto um dos homens que seguravam Oren pressionou sua cabeça de volta à terra.

Rose não podia suportar tamanha crueldade. Caminhou até Robert e

ergueu os braços, pedindo atenção. O acampamento mergulhou no silêncio no momento em que os homens notaram sua presença.

— Vocês tem o direito de punir este homem. Ele traiu sua gente, passando para o lado do inimigo. Mas não podem tratá-lo como gostariam de ser tratados, caso fossem capturados?

— Não dêem ouvidos a ela! — alguém gritou. — Estava nua, nos braços de um normando quando a encontramos!

Rose sentiu as faces arderem, mas não se deixou intimidar.

— Mas vim até aqui, apenas para alertá-los sobre a presença do traidor em seu acampamento. — Virando-se para Robert, perguntou: — Não é verdade?

Embora a fitasse com ódio, Robert foi forçado, por qualquer resquício de bondade e honestidade que ainda guardava, a balançar a cabeça, confirmando as palavras da prima.

— Por favor, ouçam a história de Oren e, talvez, encontrem alguma piedade em seus corações.

Os homens permaneceram em silêncio enquanto Rose lhes contava com detalhes como Oren fora abusado pelo antigo senhor de Mayhill.

Ela notou como alguns deles mexiam-se com desconforto, repugnados pelo que acontecera ao garoto.

— Se o que lady Rose acabou de contar é verdade — Robert falou quando ela terminou —, então devemos ao traidor um pouco de misericórdia. Isto quer dizer que ele deve ter uma morte rápida, em lugar de sofrer antes de ser executado.

Após ouvir os gritos de aprovação unânime, os homens que seguravam Oren levantaram-no do chão e Robert fez um sinal para que o seguissem para a floresta. Todos obedeceram.

Rose ficou onde estava. Ao menos, evitara que o garoto fosse cruelmente torturado. Mesmo sendo um traidor, ele não merecia uma morte lenta e dolorosa. Afinal, Rose conseguira avisar Robert a tempo e impedir que Oren lhes causasse algum mal.

De onde eslava, podia ouvir os gritos dos homens. Pelo som de suas vozes, concluiu que haviam levado o rapaz para longe do acampamento.

Esquadrinhou cuidadosamente o local. Não havia mais ninguém por ali. Os rebeldes haviam ficado tão ansiosos para punir o traidor sem demora que haviam se esquecido dos prisioneiros.

Agitada, Rose virou-se para onde Gaston fora confinado. Até mesmo o guarda que passara o dia todo diante da porta se fora.

Ela correu até lá.

— Gaston, Gaston! — chamou ofegante quando alcançou a porta. Seu coração batia, excitado. Aquela poderia ser sua única chance de fuga. Tinham de agir rápido, antes que alguém se lembrasse que ela não merecia confiança.

Ouviu a voz dele do lado de dentro.

— Rose?

— Você ouviu o que aconteceu há pouco?

— Sim.

— Todos se foram!

— Tem certeza?

Rose olhou em volta mais uma vez, a fim de certificar-se.

— Sim, tenho certeza — respondeu. — Se houvesse alguém no acampamento, não me deixariam falar com você.

— Preciso da minha espada — ele falou com determinação. — Tem idéia de onde pode estar?

— Sim. Eu a vi quando conversava com Ro... Sei onde está.

— Então, vá buscá-la. Depressa!

Rose correu até a construção de madeira e não teve dificuldade em encontrar a espada, uma vez que continuava sobre a mesa, onde ela a vira quando estivera lá.

Surpreendeu-se com o peso da arma e teve de usar de toda a força para apanhá-la e carregá-la. Mas o desespero forneceu-lhe energia extra, e ela conseguiu atravessar o acampamento até a prisão de Gaston.

— Está aqui — informou assim que se aproximou da porta.

— Acha que pode erguê-la e passá-la por entre as grades? — O tom confiante de Gaston a encorajou. — Sei que é pesada, querida, mas você pode fazê-lo.

Rose retirou a espada da bainha. As grades eram estreitas, permitindo

apenas a passagem de água e comida para os prisioneiros. Uma vez fora da bainha, a espada passaria por uma das frestas. O problema era que as grades haviam sido instaladas na altura do queixo de Rose. Ela mordeu o lábio, lutando para suspender a arma àquela altura.

Embora lhe custasse um esforço doloroso. Rose finalmente conseguiu entregar a espada a Gaston.

— Boa menina! — ele elogiou. — Agora, afaste-se da porta. Ela recuou alguns passos, estremecendo a cada golpe da pesada arma contra a porta de madeira.

O suor frio e pegajoso escorria de sua testa. Não parava de olhar para a floresta, com medo que os rebeldes voltassem.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, Gaston atravessou a porta danificada.

Por um momento, Rose pôde apenas olhar para ele fixamente. Em seguida, começou a rir. Gaston parecia um de seus ancestrais, parado com a espada na mão e sem uma peça de roupa para encobrir a nudez.

Ele franziu o cenho numa carranca assustadora e perguntou mal-humorado:

— Do que está rindo?

— Desculpe — Rose tentou parar de rir. — É que você parece pronto a assassinar uma centena de soldados e... não está vestindo nada.

Ao vê-la corar, Gaston sorriu. Então, puxou-a para si e beijou-a apressado.

— Na primeira oportunidade, vou ensiná-la que não é com humor que você deve reagir ao me ver assim.

O rubor nas faces de Rose tornou-se mais intenso. Ela se afastou para tirar a túnica que usava.

Gaston aceitou a vestimenta que ela lhe estendeu. Prendeu a bainha à cintura e devolveu a espada ao seu lugar.

— Onde eles guardam os cavalos?

Rose apontou para um local atrás do quartel-general de Robert.

— Todos os homens que vi chegarem montados se dirigiram para lá.

— Já lhe disse que, para uma mulher, você é muito esperta e inteligente?

— Gaston provocou e, tomando-lhe a mão, levou-a na direção indicada.

Apesar da provocação, Rose exultou pelo elogio. Mas não havia tempo para refletir sobre nada que não fosse à fuga. Tinham de correr. O cobertor amarrado em torno da cintura só servia para atrasá-la, enroscando-se em suas pernas. Com a mão livre, Rose desamarrou-o e deixou-o cair no chão.

Chegaram a um galpão de madeira. Havia uma porção de cavalos ali, mas nem sinal de Pégaso.

— Ah, meu Deus! — Gaston praguejou. — Não podemos partir sem Pégaso. Com ele conseguiremos deixá-los para trás. — Largou a mão de Rose e falou: — Fique aqui.

Ao vê-lo desaparecer atrás das árvores, Rose foi tomada de aflição. Mesmo assim, forçou-se a ficar onde estava, como ele recomendara. Não seria nada bom se Gaston voltasse e não a encontrasse. Não tinham tempo a perder.

Sua paciência foi recompensada pela visão do Gaston, poucos instantes depois, trazendo Pégaso consigo. Ele montou e puxou-a para cima da sela, colocando-a à sua frente.

Com um sinal quase imperceptível, incitou o garanhão a sair a galope. Como o animal arrancasse a toda velocidade, Rose foi atirada para trás, o corpo pressionado contra o de Gaston.

Haviam cavalgado uma distância pequena quando ouviram um grito vindo do acampamento. Em seguida, várias vozes se ergueram. Apavorada, Rose agarrou o braço de Gaston.

— Vão nos apanhar.

— Está escurecendo — Gaston comentou enquanto esporeava o cavalo. — Mesmo os rebeldes terão dificuldades em nos encontrar à noite na floresta cerrada.

Continuaram a fugir, sem pronunciar uma palavra. Às vezes, Rose tinha a certeza de ter ouvido o som de cascos a pouca distância, mas não avistaram ninguém. Concentrou a atenção no ritmo de Pégaso, sem pensar em mais nada, senão em sair da floresta sem cair em um dos perigosos buracos.

A lua crescente despontou no céu salpicado de estrelas. Cavalgando em meio às árvores, os fugitivos estavam protegidos contra a luminosidade

prateada e delatora.

Quando Pégaso tropeçou, escapando por pouco do que parecia um enorme buraco, Rose falou:

— Gaston, é melhor pararmos agora e esperarmos pelo amanhecer. Então, poderei indicar-lhe o caminho para sairmos da floresta. Nesta escuridão, sinto-me perdida, como se nunca houvesse estado aqui antes.

— Devo levá-la em segurança até Carliste.

Rose engoliu seco, pensando que daria qualquer coisa por um pouco de água fresca. Mas, devia superar o desconforto e pensar com clareza. Tinha de fazer Gaston ouvir a voz da razão.

— Pense em Pégaso. Mesmo que não se importe em perdê-lo, o que sei que não é verdade, pense que seríamos um alvo fácil, viajando a pé.

Gaston inclinou-se a fim de encará-la, ao mesmo tempo em que puxava as rédeas, forçando Pégaso a interromper o galope.

— Você me garantiu que aqueles homens jamais lhe fariam mal.

— Ajudei você a fugir — ela falou num fio de voz. — Você ouviu o que fizeram a Oren. Aqueles homens não admitem traição.

— E você está protegendo o líder deles.

Gaston desmontou. Rose acompanhou-o com os olhos. Ele continuou:

— Não compreendo, mesmo sabendo que ele foi seu amante. Ontem à noite, descobri que você não sente mais nada por ele. Mulher alguma poderia fazer amor como você fez comigo se ainda pensasse em outro.

— Ah, Gaston, há tanto tempo venho tentando dizer-lhe que em meu coração só há lugar para você, para mais ninguém.

Rose desejou poder ver-lhe o rosto, ler em seus olhos o que se passava em sua mente. Ela não queria continuar com aquela farsa. Por outro lado, não podia revelar a identidade de Robert.

— Como pode me acusar? — perguntou indignada. — O que o faz pensar que tenho qualquer ligação com um deles?

Então, a decepção soou clara na voz de Gaston. Decepção com ela.

— Ele a ameaçou, manteve-a prisioneira contra a sua vontade e, ainda assim, você o protege.

Rose engoliu o nó que lhe subiu à garganta e baixou os olhos para as

mãos.

— Não sei do que você está falando.

A dor de Gaston transformou-se em raiva.

— O líder dos rebeldes e seu ex-amante são a mesma pessoa — ele falou entre os dentes. — Não adianta negar. Os cabelos loiros e os traços refinados o distinguem dos demais. E, também, o seu modo de falar indica que se trata de um homem que recebeu a educação negada aos vassalos. Quando pus os olhos nele esta manhã no chalé, percebi tudo.

— Gaston... — Rose começou a falar e parou em seguida, pois não sabia o que dizer. Não teria a coragem de contar-lhe a verdade. Tinha de pensar em Elspith. Gaston certamente contaria tudo a Hubert, se descobrisse o parentesco de seus primos. E, então, Hubert usaria Elspith para atrair Robert a uma armadilha. Hubert não se deferia diante de nada para capturar o homem que o atormentara durante todos aqueles meses.

Gaston fitou-a com um olhar de súplica.

— Conte-me a verdade.

Rose sacudiu a cabeça. Então, deu-se conta do que a incomodava desde que haviam deixado o acampamento. Agora, Gaston sabia onde encontrar Robert.

— Você não pode levar Hubert até lá — falou sem pensar. Gaston afastou-se e seu rosto foi iluminado pelo luar.

— Eu preciso.

Rose procurou por um sinal de compaixão em seus olhos.

— Mas seria errado. Só descobriu onde encontrá-los porque me seguiu. Disse que veio apenas para me proteger.

— Como posso voltar a Carlisle, sabendo onde os demônios se escondem, e não dizer nada? Isto seria uma traição ao meu irmão. Além do mais, ele perpetraram crimes horrendos não só contra normandos, mas contra saxões também.

— Rob... Ele não fez todas aquelas coisas. É verdade que fez o possível para irritar e atrapalhar Hubert, mas não é um homem cruel. Não é o seu bando que está matando e roubando.

Gaston percebeu que Rose ainda tomava o cuidado de não pronunciar o

nome do homem.

— Foi ele quem lhe disse isso?

Rose hesitou.

— Não.

— Então, como sabe? Eu não acreditaria em uma palavra, se ele negasse o que fez. Quer que eu me deixe convencer de que o sujeito é incapaz de cometer crueldades e atrocidades, quando ouvi o que ele e seus homens pretendiam fazer com o espião contratado por Hubert. Foi você quem os convenceu a agir com misericórdia.

O que ela poderia dizer? Rose também não conseguia entender com clareza o que estava acontecendo. E Robert não lhe dera a menor chance de interrogá-lo. Estava furioso demais com ela.

— Não tenho uma explicação para lhe dar — falou devagar. — Apenas tenho certeza de que não foi ele o responsável pelos crimes bárbaros ocorridos nos últimos meses. Por favor, não conte a ninguém a localização do acampamento.

— Sinto muito, Rose. Há poucas coisas que eu seria capaz de negar-lhe. Daria a minha vida para proteger a sua, mas não posso fazer o que me pede.

— Mas...

— Não — Gaston declarou com firmeza. — Você me diz que tem de proteger sua gente, quando lhe peço que se case e fuja comigo. Agora, sou eu quem lhe diz que devo proteger sua gente. Esse homem espalha morte e destruição por onde passa. Isso tem de terminar. — Ergueu os olhos para Rose, que continuava sentada sobre o dorso do garanhão.

Ela abriu a boca para argumentar e ele a advertiu, mal controlando a ira em sua voz:

— Não diga mais nada. Acho que permitiu que seus antigos sentimentos por aquele homem a cegassem.

Rose sentiu a fúria crescer em seu peito. Como Gaston se atrevia a acusá-la de colocar sua gente em perigo para proteger Robert?

Não fazia diferença o fato de ela o haver encorajado em suas suspeitas desde o início. O que importava agora era o fato de Gaston acreditar que ela sacrificaria seu povo por um homem.

— Ora, seu... normando! — praguejou indignada, usando a palavra como a maior das ofensas. — Como se atreve a me acusar? Ainda não sabe nada de mim, mesmo depois de ontem à noite? Entreguei-lhe meu coração e minha alma, e ainda vou me casar com aquele seu irmão repulsivo. E você fica aí parado, como se fosse, o mais correto dos homens, dizendo que eu seria capaz de qualquer coisa para proteger um homem? Eu me dei inteira para o povo de Carlisle.

Gaston cerrou os punhos.

— Não foi isso o que eu disse.

Rose tremia de indignação.

— E agora vai dizer que não compreendo as palavras que pronunciadas aos meus ouvidos?

De repente, Rose sentiu-se invadida por um desejo intenso de colocar alguma distância entre ela e Gaston. Antes que ele pudesse tomar fôlego para responder, ela girou o corpo, passou as pernas por sobre Pégaso e começou a deslizar pelo outro lado do garanhão. O que Rose não sabia, era que Pégaso fora treinado para escoicear qualquer um que o abordasse do lado errado. A estratégia salvara a vida de Gaston inúmeras vezes, em batalha, quando inimigos desavisados caíam vítimas dos cascos poderosos. O mesmo treinamento tornava Pégaso perigoso para aqueles que não o conheciam bem.

Conforme Rose escorregou para o chão, o garanhão reagiu automaticamente à presença a seu lado.

Sem pensar, Gaston saltou e agarrou as rédeas, pensando em afastar o cavalo de Rose. Embora Gaston fosse forte, não podia superar o vigor de Pégaso. Foi por sorte que conseguiu afastar o animal o suficiente, para que seus cascos perdessem Rose por uma questão de milímetros.

Guiada pelo instinto de auto preservação, Rose atirou-se no chão, quando Pégaso a atingiu com o flanco, no momento em que empinou no ar.

Ficou deitada, tentando recuperar-se do tombo e do susto. Tantas coisas haviam acontecido nos últimos dias e, um susto como aquele, logo após a acalorada discussão com Gaston, foi o bastante para deixá-la em estado de choque.

Assim que conseguiu dominar o cavalo, Gaston correu para ela. Ao

deparar com a criatura imóvel, de olhar perdido, temeu haver se enganado quando pensara que ela não fora atingida.

Tomou-a nos braços, a voz trêmula de horror.

— Rose, meu amor.

O abraço apertado, despertou-a do estado de transe em que se encontrava. Cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar. Os soluços sacudiam seu corpo enquanto ela pronunciava palavras desconexas, quase incompreensíveis:

— Tão assustada... Estava tão assustada. Estou com medo de tudo... Queria tanto ser forte, mas..., acho que não consigo...

Gaston sentou-se, colocou-a no colo e ninou-a como a uma criança.

— Você é a mulher mais forte que já conheci. Mostrou mais coragem no curto período que vivi perto de você do que a maioria dos homens consegue em uma vida inteira.

— Ah, Gaston, como eu queria que isso fosse verdade — ela voltou a soluçar.

— E é verdade. Foi um dos motivos pelos quais me apaixonei por você. Pensa que, só porque sente medo, é covarde. Está enganada. A marca da verdadeira coragem é a capacidade de superar o medo e ir adiante com o que deve ser feito. Quando diz que vai se casar com Hubert mesmo detestando-o, mostra um tipo raro de bravura.

— Mas você me acusou de proteger Robert às custas do bem-estar de meu povo. — Rose enterrou o rosto no ombro forte, que lhe transmitia toda a segurança de que precisava para viver. — Me acusou de ser fraca.

— Não foi o que eu disse, meu amor. Quis dizer que você pode estar deixando seus antigos sentimentos por ele interferirem em seu julgamento. Ele pode ter mudado desde que o conheceu.

Rose parará de soluçar e parecia mais calma em seus braços, pensando no que ele acabara de dizer. Seria possível que estivesse pensando cem Robert como ele fora um dia, e não como era agora? Ele parecera tão diferente quando a fitara horas antes. Seus olhos eram frios como gelo.

Sacudiu a cabeça, suspirando. Gaston podia acreditar no que quisesse, mas ela sabia que Robert não seria capaz de roubar e matar inocentes. Havia

mais alguém praticando aqueles crimes hediondos.

Gaston segurou-lhe o queixo e virou seu rosto para fitá-la. Falou com voz baixa e atormentada:

— Se dei a impressão de estar culpando e recriminando você, foi porque tenho dúvidas a respeito de mim mesmo.

Rose fitou-o confusa.

— Não compreendo.

— Estou tão consumido pelos ciúmes que quero apagar da sua memória a existência de qualquer outro homem. O simples fato de imaginar você nos braços dele me causa uma dor insuportável.

— Gaston — ela falou com seriedade, abraçando-o. — Nunca tenha medo que eu me apaixone por qualquer outro homem. Você é o meu amor, e será por toda a eternidade. Não posso deixar de amar você, da mesma forma que não posso impedir que o sol nasça todas as manhãs. E nem mesmo desejo deixar de amá-lo. Aconteça o que acontecer, deve acreditar nisso mais do que em qualquer outra coisa.

— Rose...

Ele a puxou para si e beijou-a com paixão. Deitou-a sobre a relva espessa e macia. Em questão de segundos, a camisa que ela usava era atirada para o lado e ela estava nua diante de seus olhos famintos.

Rose oferecia-se para ele sem reservas, provando que era sua e que sempre seria.

Com mãos ansiosas, soltou a bainha que prendia a túnica ao corpo de Gaston. Queria vê-lo como o vira horas antes: o corpo másculo e musculoso exposto a seus olhos. Quando a túnica caiu na grama, Rose só lamentou o fato de não ser dia para que pudesse regalar-se com a beleza do homem que amava.

Mas deixou que seus dedos explorassem o que os olhos não podiam ver. Deslizou as mãos por toda a extensão do corpo de Gaston, arrancando-lhe gemidos de prazer.

— Quero você, mulher.

— Venha, meu amor. Sou toda sua.

Aquela podia ser a última vez em que ficavam um nos braços do outro.

CAPÍTULO XVII

Assim que Rose e Gaston chegaram a Carlisle no dia seguinte, uma multidão se reuniu ao seu redor.

Rose deu-se conta de que deviam formar um par bastante estranho: ela vestindo uma camisa que mal lhe cobria os joelhos e Gaston com um túnica que não fechava sobre o peito largo.

Nem haviam desmontado, quando avistaram Hubert correndo em sua direção, as feições distorcidas pela fúria.

Observando o brilho alucinado em seus olhos, Rose concluiu que o desaparecimento do irmão e da noiva ao mesmo tempo o haviam levado a conclusões erradas. Ninguém poderia culpá-lo por acreditar que Rose e Gaston haviam fugido juntos. O que mais poderia pensar, ao descobrir que ambos haviam deixado Carlisle sem uma explicação?

Ele caminhou diretamente para Gaston, que estava deslizando de cima do garanhão.

— Onde você esteve? — perguntou irado, agarrando o irmão., pela túnica.

Gaston colocou as mãos sobre as de Hubert, fitando-o nos olhos.

— Estive no acampamento dos rebeldes.

Hubert largou o irmão e recuou um passo, sem esconder a surpresa. Então, assumiu uma expressão beligerante, dirigindo o olhar para Rose, avaliando sua aparência.

— Por que lady Rose está com você?

— Falaremos sobre isso mais tarde. Agora, devemos retornar ao esconderijo dos bandidos. Eles sabem que fugimos e podem estar se mudando para outro local neste exato momento.

Hubert lançou mais um longo olhar para Rose, então virou-se para Gaston, que passava a mão pelo cabelo, demonstrando cansaço e nervosismo.

— Temos muito o que conversar — disse o mais novo. — Mas creio que será mais fácil, depois de resolvermos a questão dos rebeldes.

Hubert não respondeu de pronto. Pela expressão em seu rosto, parecia

travar uma batalha dura com sua consciência. Após alguns instantes, ele finalmente respondeu:

— Partirei agora mesmo. — Dirigindo-se para os soldados reunidos ao redor, ordenou: — Digam a todos os homens que se preparem para partir agora. Vamos resolver esse problema de uma vez por todas.

Rose desmontou enquanto os dois irmãos conversavam, sem que nenhum deles percebesse. Dirigiu-se ao seu quarto, pois precisava ao menos vestir-se antes de confrontar Elspith. Não seria nada fácil contar à prima o que acontecera.

Uma vez fechada no quarto, Rose chamou Mary, uma das servas que a atendia. Queria tomar um banho antes de vestir-se. À noite no chalé e um dia inteiro no acampamento de Robert deixaram-na gelada e suja.

Quando se recostou na banheira de madeira, respirou fundo e deixou o ar sair devagar. Seus cabelos haviam sido lavados e Mary ocupava-se em ajeitá-los do lado de fora da banheira, para que não demorassem a secar.

— Obrigada — Rose agradeceu. — Pode ir agora. Acabarei de me arrumar sozinha.

Mary assentiu e deixou o quarto.

Só então Rose pôde relaxar e pensar com clareza. Levou a mão à boca, reprimindo um bocejo. Ela e Gaston haviam dormido apenas umas poucas horas. Ambos ficaram gelados dormindo no chão sem nada para cobri-los. Embora estivessem no verão, as noites podiam ser bem frias. Seus olhos ardiam de sono e cansaço, contudo seria impossível descansar e dormir um pouco. Se Robert fosse capturado, seria por sua culpa.

Ela e Gaston haviam trocado apenas umas poucas palavras depois de acordarem. Era como se nem houvessem feito amor antes de adormecerem um nos braços do outro.

A barreira que se erguera entre eles parecia intransponível. Gaston sentia-se obrigado a delatar o esconderijo de Robert para Hubert, e Rose não conseguia perdoá-lo por isso.

O que iria dizer a Elspith?

A porta se abriu de repente, sobressaltando-a. Num pulo, cruzou os braços sobre os seios nus. Ao deparar com Elspith, deixou escapar um suspiro

de alívio. Em seguida, o alívio deu lugar ao desânimo. De imediato reconheceu a expressão furiosa da outra.

Elspith atravessou o quarto e parou junto à banheira.

— O que foi que você fez?

— Não fiz nada — Rose defendeu-se.

Levantou-se e apanhou uma toalha de linho fino, que Mary deixara estendida no banco ao lado da banheira. Saiu da água e enrolou-se na toalha.

Os olhos dourados de Elspith faiscaram.

— Por que Hubert e Gaston estão de partida para a floresta de Brentwood?

Rose fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos. Por mais que desejasse tranquilizar a prima, não podia. A situação era realmente desalentadora. Ergueu a cabeça, recusando-se a assumir a culpa pelo que acontecera. Viajara até o acampamento de Robert com a melhor das intenções.

Com voz fria, convidou:

— Sente-se, por favor.

Atravessou o quarto e serviu dois copos do vinho que Mary trouxera antes. Ao estender um deles para Elspith, falou:

— Ouça tudo o que tenho a dizer para depois fazer perguntas. Ficou em silêncio, esperando pela reação da prima. Depois de Elspith assentir em concordância, ela continuou. Contou tudo o que acontecera, desde a noite em que deixara Carlisle. Embora aflita para interromper a narrativa, Elspith ouviu em silêncio. O único detalhe que Rose omitiu foi o fato de Gaston e ela terem feito amor.

Quando finalmente terminou, Rose sentou-se e esperou que Elspith falasse.

— O que vamos fazer? — a prima perguntou após alguns instantes. — Gaston levará Hubert até o acampamento de Robert. Como pôde permitir que isso acontecesse?

Rose ergueu as mãos espalmadas, num gesto de impotência.

— Como pude permitir? Fui até lá apenas para avisar Robert do plano de Hubert. Como ia saber que Gaston me seguiria? Tomei todas as precauções

para manter minha partida em segredo. Foi Robert quem nos capturou. Eu jamais levaria Gaston até o acampamento.

— Como conseguiria avisar meu irmão, sem que sir Gaston soubesse? — Elspith perguntou.

Rose corou.

— Eu teria convencido Gaston a me deixar prosseguir sozinha.

Embora notasse o rubor nas faces da prima, Elspith não fez qualquer comentário. O que se passava entre Rose e Gaston não era da sua conta.

Mas não conseguia controlar a preocupação pelo irmão.

— Se você não tivesse ajudado Gaston a fugir, ele não poderia voltar e contar a Hubert onde encontrar Robert.

Rose levantou-se num gesto abrupto e começou a andar pelo quarto.

— Eu simplesmente não podia deixar que o matassem. Você não imagina as coisas horríveis que eles queriam fazer com Oren, antes que eu os convencesse de que o garoto merecia compaixão. O que os impediria de levar adiante seus planos cruéis com Gaston? Para eles, Gaston não é nada além de um normando. Pense no homem que você ama. Seria capaz de vê-lo morrer sem fazer nada para impedir?

Elspith baixou a cabeça.

— Perdoe-me. Não posso culpá-la pelo que aconteceu. — Ergueu os olhos marejados de lágrimas para Rose. — É que estou apavorada de pensar no que pode acontecer a Robert.

A resposta de Rose foi otimista, embora contida:

— Só nos resta esperar para saber o que vai acontecer. Minha esperança é Robert dar-se conta de que Hubert irá atrás dele, e mudar o acampamento de lugar antes de ser encontrado. Como os normandos não conhecem a área como ele, ainda existe a possibilidade de atrapalhar seus planos de captura.

Elspith recuperou um pouco de esperança.

— Acha mesmo que isso é possível?

— Só posso rezar para que seja. — Rose cruzou as mãos numa prece.

Elspith desanimou de novo.

— O que vai acontecer a Robert se for apanhado?

— Acho que devemos conversar sobre isso. — Rose inclinou-se,

aproximando-se da prima. — Estive pensando e cheguei à conclusão de que poderemos fazer por Robert o que fiz por Gaston.

— Acha que conseguiríamos? — Elspith duvidou, embora seus olhos voltassem a brilhar.

— Devemos tentar — Rose falou com determinação.

— Mas Hubert... Se formos descobertas...

— Nos preocuparemos com isso quando e se acontecer. Rose sentou ao lado de Elspith e, juntas, elaboraram seu plano. No dia seguinte, a tarde já chegava ao fim quando Hubert e Gaston cavalgaram montanha acima, dirigindo-se ao feudo.

Caminhando atrás do cavalo de Hubert, as mãos amarradas diante do corpo, vinha Robert. Era puxado por uma corda longa, amarrada à sela da montaria. Suas roupas estavam sujas e rasgadas. A camisa ostentava uma mancha escura de sangue. Ele tropeçou e caiu.

Hubert não diminuiu o ritmo de seu cavalo. Continuou a marcha constante que mantivera até então.

Elspith levou uma das mãos aos lábios, calando um grito de agonia.

Rose agarrou-lhe o braço e apertou-o com força, sussurrando uma advertência:

— Controle-se. Só vai conseguir piorar as coisas para ele se demonstrar qualquer reação ao seu sofrimento.

Robert foi arrastado por vários metros, ate que conseguiu erguer-se e acompanhar o ritmo do cavalo.

— Tem razão — Elspith concordou com voz estrangulada. — Terei mais cuidado.

Rose largou o braço da prima e encarou os cavaleiros que se aproximavam. Ela e Elspith haviam corrido para o topo da paliçada, assim que foram informadas de que Hubert estava chegando a Carlisle.

Reprimiu todo o desespero que sentia. Restava-lhe cuidar para que seu plano funcionasse.

Ao olhar para Gaston, Rose sentiu o coração saltar dentro do peito à visão de sua beleza e imponência, montado sobre o grande garanhão branco.

Com passos hesitantes, as duas mulheres se adiantaram quando os

homens atravessaram os portões.

Servos se aproximaram para apanhar os cavalos quando Hubert e Gaston desmontaram. Hubert apanhou a corda que prendia os punhos de Robert à sela de seu cavalo, sem sequer pensar em andar devagar. Pouco se importava com o pobre homem que, exausto, caminhara desde Brentwood até Carlisle.

Robert tropeçou, oscilou no ar e quase caiu novamente.

Elspith teve um sobressalto. Conteve-se ao deparar com o olhar severo da prima. Não emitiu qualquer som quando Hubert se aproximou, puxando a corda e rindo alto.

Rose observou que Gaston tinha olheiras escuras e profundas em torno dos olhos cinzentos. Ele dormira pouco nas noites que haviam passado juntos e, provavelmente, não dormira mais desde então.

Era tolice de sua parte preocupar-se tanto com ele. Afinal, Gaston traía sua confiança ao levar Hubert ao acampamento de Robert. Deixara claro a quem dedicava sua lealdade quando escolhera contar tudo ao irmão.

Naquele exato momento ele se virou para ela. Rose reconheceu o poder da paixão e do desejo em seus olhos, sentindo que era chamada, exigida ao lado dele.

Ela reagiu com um estremecimento. Algo lhe dizia que Gaston não estava preparado para renunciar a ela. Uma felicidade intensa a invadiu, provocada pela idéia de pertencer àquele homem, seu único amor. Ao mesmo tempo, tentou reprimir os sentimentos de alegria.

Enquanto Hubert governasse Carlisle, seria ele o seu marido e senhor.

Foi só com grande esforço que Rose conseguiu afastar Gaston do pensamento. Aquele não era o momento adequado para lamentar o seu destino. Tinha de concentrar toda a atenção no plano para libertar Robert.

Curiosa, Rose notou que apenas alguns poucos soldados haviam retornado com Hubert. Com grande parte de suas tropas espalhadas pelos campos, mais homens destinados a acompanhar o rei William, Carlisle parecia muito vulnerável. Por que Hubert voltaria com tão poucos soldados?

Quase riu alto do que lhe passou pela cabeça. Antes de Hubert apoderar-se de suas terras, ela jamais se preocupara como o número de soldados presentes no feudo. Ele a contaminara com a seu medo!

Várias das pessoas que haviam se reunido no pátio apontavam para Robert e sussurravam entre si. Rose sabia que muitos o reconheceriam apesar de estar mais magro e sujo do que o haviam visto antes.

Robert não olhou para nenhum deles. Manteve os olhos fixos no chão, tentando não cair à medida que Hubert continuava a puxá-lo pelo pátio.

Rose torceu os lábios num meio sorriso, mas não foi de divertimento. Observou o futuro marido com desprezo. Quando seu olhar encontrou o de Gaston, sua expressão advertiu-a para ter cuidado.

Hubert parou no centro do pátio e assumiu uma postura pedante ao apontar para Robert.

— Estão vendo este homem? É o líder dos rebeldes e eu o capturei, como disse que faria.

Nenhum som se fez ouvir.

Hubert deu um puxão na corda e Robert caiu de joelhos.

Rose cerrou os dentes, furiosa. Por que Hubert tinha de ser tão cruel? Não lhe bastava haver capturado Robert e trazê-lo prisioneiro, como havia jurado que faria?

Não, não era o suficiente. Hubert sempre teria a necessidade de provar sua hombridade diante de todos.

Após alguns instantes, cansou-se do jogo. Tinha diante de si um prisioneiro completamente abatido e derrotado, o que tirava a maior parte do prazer de sua vitória. Somente Rose pôde ver o brilho de desdém nos olhos de Robert quando ele os ergueu para seu captor.

Finalmente, Hubert chamou unidos poucos soldados que integrava a multidão de observadores.

— Leve este homem e prenda-o. Decidirei o que fazer com ele mais tarde. Preciso de tempo para considerar a sua punição com cuidado.

O soldado obedeceu no mesmo instante. Ninguém ousaria testar a paciência do senhor de Carlisle quando ele demonstrava aquele estado de ânimo ameaçador. Apanhou a corda e levou Robert.

Ao ser arrastado para o cárcere, Robert passou diretamente na frente de Rose. Ela teve vontade de virar-se, pois não queria encará-lo. Não tinha dúvidas de que ele a responsabilizava por sua captura.

Mas permaneceu onde estava. Além de não poder chamar a atenção de Hubert para sua relação com Robert, tinha esperanças de conseguir fazer o primo perceber sua intenção de ajudá-lo.

Robert fitou-a diretamente nos olhos. O ódio que brilhou em seus olhos fez Rose estremecer. Ela se sentiu ferida pela animosidade do primo, que a atingiu como uma lâmina afiada. Guiada pela intuição, ela recuou e passou os braços em torno do corpo.

Robert estava tão determinado a mostrar a Rose o quanto a detestava pelo que ela havia feito, que nem notou a presença da irmã, parada alguns centímetros atrás dela.

Apenas Rose ouviu o murmúrio de dor que a prima deixou escapar.

Numa fração de segundo, Robert já se fora. Mas sua passagem deixou Rose com a sensação de ter sido pisoteada por milhares de pés.

Voltando a atenção novamente para Hubert, notou que ele a observava. Respirou fundo para manter a compostura. Não o deixaria perceber o quanto aquele encontro a perturbara. Erguendo a cabeça com majestade, sustentou-lhe o olhar com firmeza.

Hubert franziu as sobrancelhas e ergueu o queixo. Fitou-a por mais alguns instantes, determinado a fazê-la aceitar o fato de que ele era mais forte.

Rose não desviou o olhar.

Ele girou nos calcanhares e encaminhou-se para o salão principal.

Dirigindo o olhar para Gaston, Rose notou que ele também franzira o cenho, em aberta reprovação de sua atitude. Então, ele também encaminhou-se para o salão.

Irritada, Rose os seguiu. Tinha de descobrir o que acontecera no acampamento de Robert e o que Hubert pretendia fazer com ele.

Quando entrou no salão, Hubert já dera ordens para que o vinho fosse servido.

Gaston estava se acomodando ao lado do irmão.

Endireitando os ombros, Rose atravessou o salão e parou diante dos dois.

— O que aconteceu? Por que voltou com tão poucos soldados?

Foram mortos, tentando capturar os rebeldes?

Por um momento, Hubert pareceu prestes a explodir. Endureceu o queixo

e seus olhos faiscaram. Então, sorriu e estudou-a com indiferença calculada. Apanhou a taça e bebeu um longo gole de vinho antes de responder:

— Não tenho motivos para esconder a verdade, lady. Para ser franco, agrada-me muito poder dizer-lhe com que facilidade esmagamos esses insetos insuportáveis. — Bateu com o punho na mesa, fazendo-a pular de susto.

Rose recuperou-se depressa, encarando-o de maneira desafiante. Algo lhe dizia que a captura não fora tão fácil quanto Hubert declarara. Robert e seus homens conheciam a floresta bem demais. Hubert continuou, com um sorriso malévolo: — O líder se entregou para mim em troca da liberdade de dois de seus homens. Aliás, não passavam de garotos. Um ato tolo, pois meus soldados não tardarão a recapturá-los. — Terminou e recostou-se na cadeira, observando a reação de Rose.

Ela vestiu uma couraça de indiferença, não lhe permitindo adivinhar-lhe os pensamentos. Agora tudo estava claro. Hubert trapaceara para capturar seu primo. Os homens de Robert continuavam soltos, na sua maioria. Erguendo as sobrancelhas, ela perguntou:

— Se está dizendo a verdade, onde estão seus soldados?

— Estão apenas algumas horas atrás de nós. Havia ainda alguns rebeldes a serem capturados na floresta. Além disso, o acampamento deve ser encontrado e queimado.

— Onde estão os rebeldes capturados? — Rose insistiu, sem disfarçar o fato de que não acreditava em uma palavra do que ele estava dizendo.

Gaston lançou-lhe um olhar de advertência, mas ela o ignorou, determinada a fazer Hubert mostrar-se como o tolo que realmente era.

Hubert continuou como se precisasse reassegurar-se: — Os soldados os trarão em tempo. Não quis arriscar uma fuga do líder. Sem ele, os outros são como ovelhas: estão perdidos. — Com um olhar aborrecido para o irmão, acrescentou: — Gaston voltou comigo porque não tem estômago para caçadas.

Rose olhou rapidamente para Gaston, então virou-se. Não podia arriscar o controle tênue que mantinha sobre as emoções que a sacudiam. Por que ele não desejara ajudar? Afinal, mostrara-se convencido de que os homens de Robert haviam sido os responsáveis pela destruição que assolara os campos nos últimos tempos.

Mas, no momento, Rose tinha coisas mais importantes para preocupar-se. A incompetência de Hubert representava um sério golpe para seus planos. Com Robert separado de seus homens, talvez ela tivesse de adiar a fuga que planejara para eles. Teria de esperar até que os outros fosse trazidos a Carlisle. Seu primo jamais os deixaria a mercê de Hubert. Enquanto isso, teria de pensar num meio de manter Hubert afastado de Robert.

Por um longo momento, Rose temeu que o cuidadoso plano que desenvolvera junto a Elspith não fosse funcionar. Hubert esperara demais para vingar-se do inimigo. Desesperada, decidiu apelar para a tendência dramática de Hubert. Cruzou os braços e falou em tom de conspiração:

— Acho que, para que a lição seja aprendida por seus vassalos, você devia punir todos os rebeldes juntos.

Hubert soltou uma gargalhada. Ergueu as mãos, chamando a atenção de todos os presentes sobre si.

— Ouviram isso? Uma mulher tentando me ensinar como punir meus inimigos! — Outra gargalhada se seguiu.

Rose cerrou os punhos, lutando para conter-se. Ah, como odiava aquele homem! Por mais doloroso que fosse, forçou-se a falar com calma:

— O senhor me ensinou a importância de mostrar a força, sir Hubert. Esses rebeldes criaram problemas demais nos últimos meses. Estou pensando apenas na segurança de meus vassalos.

Hubert voltou a recostar-se na cadeira.

— Fico contente que tenha aprendido a lição tão bem, lady Rose, mas não há motivo para preocupar-se. — Seus olhos tornaram-se frios como gelo antes que ele prosseguisse: — Aquele homem conseguiu me atormentar como nenhum outro antes. Meus soldados pouco fizeram senão persegui-lo, desde que chegamos aqui. Vi minhas reservas de ouro secarem. — Lançou um olhar duro para Gaston. — Deixei minhas terras aos cuidados de outro. O rebelde será punido de maneira que outros dissidentes pensem duas vezes ao escolher o mesmo caminho.

Rose sentiu o estômago revirar-se de raiva e agonia. Mesmo comportando-se como ele queria, Hubert evitava respondê-lo de forma direta. Desta vez, não perderia a oportunidade.

— Quando e como pretende puni-lo? — perguntou à queima-roupa.

Hubert olhou em volta, aborrecido com o interrogatório.

— Isso não é da sua conta, mulher. Mas garanto que, sem um líder, aqueles cães vadios se sentirão menos dispostos a me incomodar. — Levou a taça de vinho aos lábios, dispensando-a.

— O que vai fazer com ele? — ela insistiu, apoiando as mãos sobre a mesa e inclinando-se sobre ele.

— É melhor sair daqui, mulher — Hubert declarou com tom ameaçador, sem erguer os olhos para ela.

A voz de Rose ergueu-se, exigente:

— Você tem de me dizer! Para o diabo com as maneiras. Estava cansada da tirania de Hubert.

Sendo ela a senhora de Carlisle, não tinha o direito de ser informada sobre todas as decisões tomadas com relação a sua gente e suas terras?

Sem que ela esperasse, o punho fechado de Hubert atravessou o ar.

Rose viu o que estava acontecendo, mas não teve tempo de reagir.

Ele foi muito rápido. Limitando-se a fechar os olhos, ela esperou pelo golpe.

Então, reabriu os olhos. Demorou apenas uma fração de segundo para se dar conta de que, por alguma razão, Hubert não levara a cabo seu intento.

Logo descobriu por quê. O punho de Hubert encontrava-se preso pela mão forte de Gaston.

Os irmãos fitaram-se, imóveis por um longo momento. Nenhum dos dois se mostrava disposto a ceder. No final, foi Hubert quem recuou. — Mais uma vez você se meteu no que não é da sua conta — falou entre os dentes.

Gaston não se deixou intimidar. Com voz controlada, porém firme, declarou:

— Chegou a hora de termos uma conversa. Hubert levantou-se, sem tirar os olhos furiosos do irmão.

— Eu me recuso a discutir essa questão com você.

Gaston continuou firme.

— Seja agora ou em outro momento, nós vamos discutir a questão. Há certas coisas que você terá de ouvir, queira ou não.

Hubert advertiu:

— Pense bem antes de falar, irmão. Algumas coisas não podem ser alteradas, uma vez pronunciadas as palavras.

Virou-se e deixou o salão, chamando Elspith para acompanhá-lo. Rose sentiu-se incapaz de olhar para Gaston. Seu coração batia descompassado e o suor frio escorria de sua testa. Quando falou, a voz soou trêmula e incerta:

— O que fizemos?

Não houve o menor sinal de hesitação na voz de Gaston.

— Não vou desistir de você.

Rose foi envolvida pelo calor da paixão quando ele se aproximou. Ela ergueu os olhos cheios de lágrimas.

— Não deve fazer isso. Por favor. Fiz um juramento. Não posso quebrá-lo. Se me ama como diz, então não pode contar a Hubert que nos tornamos amantes.

— Eu me casaria com você.

Rose deu vazão às lágrimas, permitindo que ele visse a verdadeira extensão de sua dor.

— Que diferença faria? Eu não me casaria com você. Se confiasse em mim, se realmente acreditasse nas próprias palavras quando diz que sou honesta e corajosa, então teria acreditado em minha afirmação de que Robert não representa o menor perigo para qualquer um de nós.

Estudou-lhe as feições à procura de algum sinal de remorso, mas não encontrou nada. Então, enterrou o rosto nas mãos. O que faria agora?

Gaston estendeu a mão para tocá-la.

— Rose?

Ela recuou. Não podia permitir que ele a tocasse. Apressada, virou-se e saiu correndo do salão.

CAPÍTULO XVIII

Rose encolheu-se junto à parede externa do salão. Nenhum ruído quebrava o silêncio da noite. Sobressaltou-se ao sentir que alguém tocava seu braço. Virou-se depressa e suspirou aliviada ao deparar com Elspith.

— Há algo errado? — Elspith perguntou.

— Não, nada. — Erguendo os olhos para o céu, deu graças a Deus pelas nuvens que encobriam a lua. Precisariam de toda a proteção possível contra olhos curiosos.

— Está tudo pronto? — Elspith inquiriu, sem esconder o nervosismo e a excitação.

— Mandei Mary até lá, levando vinho misturado com ervas soníferas. Ela beberá com o guarda para que ele não desconfie. Certifiquei-me de que nenhum dos dois recebam uma dose perigosa da droga.

Elspith apertou-lhe o braço com ansiedade.

— Então, só nos resta esperar.

As duas observaram e esperaram. A pequena construção onde Robert se encontrava preso ficava a poucos metros de onde estavam.

Depois da conversa desastrosa com Hubert poucas horas antes, Rose decidiu que Robert precisava fugir naquela mesma noite.

Hubert estava transformando Robert no bode expiatório para sua amargura. Se pudesse fazer o rebelde sofrer, teria uma compensação por tudo o que lhe acontecera: o noivado com Rose, sua insatisfação com Carlisle, a crescente desconfiança em Gaston.

No final da tarde, Elspith saiu do quarto de Hubert. Tinha os lábios inchados, os olhos pesados e lânguidos, depois de horas na cama do amante.

Embora não fizesse qualquer comentário, Rose deixou evidente o seu desconforto. Não podia compreender como a prima era capaz de entregar-se tão facilmente para o homem que pretendia matar seu irmão.

Quando Rose lhe contara a conversa com Hubert, Elspith concordara que ambas deviam executar o plano para a fuga de Robert imediatamente.

Robert não aceitaria a idéia de partir sem os seus homens, mas sua vida dependia da capacidade das duas mulheres em convencê-lo.

Ao sentir câimbras nas pernas, Rose começou a movimentar-se, inquieta.

Elspith murmurou:

— Acha que já podemos ir? — A tensão contida em sua voz deixava claro que não agüentava mais esperar.

Apesar de não querer envolver a prima naquela trama perigosa, cujo risco era grande demais, Rose viu-se forçada a fazê-la participar. Temia que Robert se recusasse a confiar nela, se a irmã não estivesse presente.

— E então? — Elspith insistiu.

— Vamos esperar só mais um pouco, para que tenhamos certeza de que estão dormindo.

Embora Elspith não dissesse mais nada, Rose podia sentir seus movimentos impacientes. Passados alguns minutos, a prima perguntou:

— Tem certeza de que sir Gaston não desconfiou de nada?

— Por que pergunta? — Rose inquiriu com aspereza.

Elspith deu de ombros.

— Ele parece interessado demais em tudo o que você faz.

Rose respondeu com irritação:

— Sir Gaston está preocupado com outros problemas, esta noite. Não queria pensar em Gaston ou no que ele sabia. A determinação dele em confrontar Hubert com seu amor por Rose punha em risco tudo pelo que ela vinha lutando há tempos. Como ele podia esperar tanto dela, quando tinha tão pouco a oferecer? Se ao menos acreditasse nela...

Rose sacudiu a cabeça, obrigando-se a concentrar toda a atenção na tarefa que tinha pela frente. Quando Robert estivesse longe e em segurança, então teria tempo de sobra para pensar em Gaston. Mais alguns minutos transcorreram, antes que ela voltasse a falar:— Acho que já esperamos o bastante.

O tempo que passara era mais que suficiente, mas Rose queria evitar qualquer problema inesperado. Certamente não teriam uma segunda oportunidade para libertar o primo. No dia seguinte, Robert poderia estar morto.

Com um suspiro nervoso, Elspith a seguiu. Com passos rápidos e silenciosos, as duas se dirigiram para o cárcere. Nenhuma delas reparou no homem de cabelos negros que se esgueirava junto à paliçada.

Parando nos fundos da prisão, Rose apurou os ouvidos. Não ouviu som algum vindo de lá de dentro, nem mesmo de Robert. Seu coração batia tão forte, que imaginou se o latejar em seus ouvidos estaria abafando os outros ruídos da noite.

Então, respirando fundo a fim de reunir coragem, deu a volta ao pequeno edifício, sentindo a presença reconfortante de Elspith junto às suas costas.

Nas pontas dos pés, encaminharam-se para o banco colocado próximo à porta. Um soldado encontrava-se apoiado à parede, profundamente adormecido. A seu lado, estava Mary, a cabeça jogada para trás, a boca aberta.

O soldado roncou alto, assustando Rose.

Elspith soltou um risinho nervoso quando ele roncou de novo, desta vez mais alto. A demonstração de alívio provava que ela também se assustara.

Até ali, tudo corria conforme o planejado.

Rose retirou a tranca que mantinha a porta fechada. Tratava-se de uma pesada barra de ferro, que Hubert mandara instalar assim que se dedicara à perseguição aos rebeldes. Com alguma dificuldade, ela finalmente conseguiu retirá-la e apoiá-la contra a parede.

Elspith, que observava tudo, quase aplaudiu quando viu a porta se abrir, Rose foi a primeira a entrar, abaixando-se para passar pela entrada pequena, e perguntando-se todo o tempo por que Robert não se adiantara ao ver a porta aberta.

A pergunta silenciosa foi respondida assim que o viu. Ele estava de pé, junto a um poste de madeira. As mãos haviam sido amarradas acima de sua cabeça e os pés, também amarrados, encontravam-se distanciados. Ele ergueu a cabeça e fitou-a com olhos brilhantes de ódio.

Sorriu com frieza.

— Veio regozijar-se com a minha desgraça? Rose encolheu-se contra a maldade em sua voz.

— Eu...

Um ruído suave se ouvir atrás dela. Robert desviou o olhar em sua direção e um sorriso transformou-lhe as feições.

— Elspith — murmurou.

Rose surpreendeu-se pela mudança brusca: de inimigo mortal para irmão protetor. Sentiu a dor da perda ao pensar no amor fraternal que os unia antes.

Elspith adiantou-se para beijar o rosto magro do irmão.

— Robbie!

Sem dizer nada, Rose aproximou-se e começou a desamarrar os nós que o prendiam. Percebendo que não conseguiria cumprir seu intento usando apenas os dedos, apanhou a faca que usava para as refeições de dentro da bolsinha presa à cintura.

Em questão de segundos, a lâmina afiada rompeu as cordas e as mãos de Robert penderam livres.

— Ai! — ele gemeu ao sentir a dor latejante provocada pela volta da circulação aos braços, que haviam ficado presos acima de sua cabeça durante horas.

Elspith começou a massagear-lhe um dos membros amortecidos. Mesmo notando que a massagem intensificou a dor, ela não parou. Rose abaixou-se para cortar as cordas que lhe prendiam os pés. Assim que terminou, levantou-se para massagear o outro braço de Robert. O tempo corria, transformando-se em seu pior inimigo. Tinham de tirar Robert de Carlisle antes que fossem descobertas. Ele se recusava a olhar para Rose. Assim que recuperou os movimentos dos braços, retirou bruscamente um deles das mãos da prima. Rose não comentou o gesto. Ele a culpava por sua captura. Elspith, por sua vez, percebendo o que acontecia diante de seus olhos, não podia permitir que o irmão tratasse a prima com tanta crueldade.

— Não faça isso, Robbie — suplicou. — Não deve culpá-la. Ela só quis ajudá-lo.

— Mas eu a vi— ele disse apontando para Rose, ainda sem olhar para ela. — Estava dormindo com aquele normando.

Elspith empalideceu.

Rose não teve certeza se a palidez se devia à surpresa de saber que ela dormira com Gaston, ou ao fato dela mesma ter ido para a cama com um dos

odiados normandos.

— Agora não é hora de esclarecermos coisa alguma — Rose falou com firmeza. — Temos de tirá-lo daqui.

Elspith agitou-se ao lembrar do perigo que corriam. — Tem razão. Eu só estava tentando explicar a ele...

Rose interrompeu:

— Se conseguirmos levar Robert para longe de Carlisle em segurança, haverá momentos melhores para explicações. Se não conseguirmos, as explicações não serão necessárias.

— Venham — Rose gesticulou para que os dois a seguissem. Foi até a porta e espiou para fora

Sobressaltada, recuou dois passos.

— O que... — Elspith começou a falar, então um gemido escapou de seus lábios.

Dois soldados de Hubert encontravam-se parados diante da porta do cárcere. Um deles era alto e forte e possuía mãos enormes. O outro era mais baixo e gorducho. Ambos empunhavam suas espadas. O mais baixo riu alto.

— Eu logo vi que algo estava errado quando dei com Blodel dormindo em seu posto. — Fez um gesto, apontando para o soldado adormecido ao lado da serva Mary. — É um bom homem, o Blodel. Em todos os anos que trabalhamos juntos, ele nunca dormiu em serviço. — Estreitou os olhos ao fitar os três dentro do cárcere, como se eles houvessem conspirado contra o recorde batido pelo amigo. — Então vi a porta aberta e fui chamar você, Ren — falou para o companheiro.

O mais alto assentiu e adiantou-se.

Rose recuou, colocando-se diante de Elspith e Robert. Tinha certeza de que, a despeito da aparência desajeitada, o soldado devia ser um bom espadachim. A facilidade com que empunhava a arma comprovava suas suspeitas.

Devagar, os dois soldados continuaram a avançar. — Lorde Hubert não vai ficar muito satisfeito ao saber disso. — O mais baixo olhou de Rose para Elspith.

Rose deu mais um passo para trás e sentiu o corpo de Robert junto ao

seu. Sem que ela esperasse o movimento, ele a puxou contra si. Com gestos sorrateiros, enfiou uma das mãos na bolsinha presa à sua cintura e retirou dali a faca de refeições. Então, empurrou-a para longe e colou as costas à parede. Empunhou a arma com habilidade, pronto a defender-se.

Ren riu calmamente, provocando um calafrio em Rose. Estivera certa ao calcular que ele seria um bom lutador. Ele se aproximou de Robert, testando o peso da espada em sua mão com grande destreza.

Elspith avançou para o irmão.

— Robert!

— Fique longe de mim! — ele gritou sem desviar a atenção dos dois soldados que se dirigiam para ele.

O mais baixo atirou-se sobre Robert, gritando:

— Ele dever ser capturado com vida.

O chamado do companheiro imobilizou Ren por um instante, dando a Robert a chance de atacá-lo com a faca. Um fio vermelho formou-se em seu braço e ele praguejou, furioso.

Enquanto isso, o mais baixo aproximou-se de Robert pelas costas e golpeou-lhe a cabeça com o cabo da espada.

Rose gritou para avisá-lo, mas era tarde demais. Com pesar, viu o primo desabar no chão, inconsciente.

239

— Robert! — Elspith correu para ele.

Ren segurou-a pelo braço e, com violência, arrastou-a para longe do irmão. Ao mesmo tempo o outro soldado desferiu um chute cruel nas costelas de Robert.

Rose atravessou o aposento para afastar o homem de seu primo.

— Deixem-no em paz. Já não chega o que fizeram? O soldado respondeu:

— Veremos o que chega quando lorde Hubert tomar conhecimento do que se passou por aqui. — Virando-se para Rose, falou com sinceridade: — Gostaria que não estivesse envolvida nesta confusão, lady Rose. Claude é meu primo. Todos sabem que ele estaria morto, não fosse pela senhora. Por que veio ajudar este rebelde a fugir, depois de toda a maldade que ele fez ao seu povo?

— Mas... — Elspith contorceu-se, tentando escapar das mãos enormes de Ren.

Rose sacudiu a cabeça com tristeza.

— Não adianta tentar convencê-los de que Robert é inocente, Elspith. Eles se recusam a nos dar ouvidos. Robert foi condenado sem ao menos ter direito a um julgamento.

Ren fez um gesto impaciente.

— Chega de conversa. Leve-a, Hugh — ordenou ao outro, apontando para Elspith. — Vamos ver o que lorde Hubert dirá sobre seu envolvimento nisto.

Então, inclinou-se e apanhou Robert do chão, jogando-o sobre o ombro.

Hugh, que segurava o braço de Elspith como lhe fora ordenado, seguiu-o de perto, sem dar atenção às súplicas da moça para que a soltasse.

Embora não fosse forçada de maneira alguma, Rose acompanhou-os, perguntando-se por que nenhum dos dois fizera menção de prendê-la também. Lembrando-se do que Hugh dissera sobre Claude ser seu primo, achou que aquela podia ser uma explicação possível.

Ren foi direto para o salão principal. Rose sentiu um aperto no peito mas forçou-se a segui-lo. Pouco poderia fazer para ajudar os primos. Mesmo assim, linha de tentar.

Não havia como prever a reação de Hubert quando soubesse que ela e Elspith haviam tentado ajudar Robert a fugir.

Hubert e Gaston estavam sentados à mesa central.

Quando entraram, Hubert ergueu os olhos e sua expressão exibiu uma mistura de surpresa e confusão diante do estranho grupo reunido à sua frente. Levantou-se no mesmo instante e deu a volta na mesa.

Gaston reagiu com lentidão maior. Pôs-se de pé, as sobrancelhas unindo-se sobre o nariz. Se Rose não soubesse como ele se sentia a respeito dela e de Robert, teria dito que sua expressão era de simpatia.

Não lhe ocorreu que poderia estar enganada.

Apressou-se em erguer a cabeça. Não o deixaria intimidá-la. Fizera apenas o que tinha de fazer.

— O que está acontecendo? — Hubert perguntou a Ren que, sem cerimônias, depositou o inconsciente Robert no chão. Virando-se para o irmão,

inquiriu: — Você passou pelo pátio há poucos minutos. Não viu nada?

Gaston lançou um olhar para Rose.

— Não. Não vi nada.

Naquele momento, ela adivinhou a verdade. Gaston sabia que ela e Elspith estavam ajudando Robert a fugir e não dissera nada para protegê-la. Seu coração inflamou-se de amor, um amor que brilhou em seus olhos quando ela o fitou.

Hugh empurrou Elspith adiante.

— Apanhamos as duas tentando ajudar o prisioneiro a fugir, sir Hubert.

Hubert baixou os olhos para o homem estendido no chão. Então olhou para Elspith com expressão surpresa e magoada.

Por um momento, Rose sentiu pena de Hubert, mas o sentimento evaporou assim que ele começou a falar.

— O que você fez? — adiantou-se, segurando Elspith pelos ombros e sacudindo-a. Segurando-lhe o queixo com violência, forçou-a a fitá-lo.

— Eu... ele... — Elspith gaguejou.

A decepção de Hubert emergiu como ira.

— Fale, mulher!

— Hubert, por favor — ela murmurou, as lágrimas correndo por suas faces.

— Eu confiei em você — ele gritou. — Conte-lhe todos os meus planos!

A dor em sua voz era tão profunda, que Rose sentiu-se impelida a desviar os olhos do casal. Observando os outros homens, verificou que sentiam o mesmo. Até mesmo Gaston tinha os olhos fixos no chão.

Foi quando Rose percebeu que Robert recuperara a consciência. Sua atenção se concentrava em Hubert e Elspith. Havia um brilho selvagem de ódio em seu olhar. Rose pensou em um animal encurralado, capaz de qualquer coisa para salvar a própria vida.

A única diferença era que ele não pensava na própria proteção, mas na da irmã.

Rose deu-se conta de que, aos olhos de Robert, Hubert eslava prestes a maltratar Elspith. A expressão furiosa em seu rosto e a ameaça no tom de sua voz, exprimiam uma violência assustadora.

Rose não acreditava que Hubert fosse capaz de fazer qualquer mal a Elspith. Ele a amava demais. Ao mesmo tempo em que abriu a boca para avisar sobre Robert, Hubert gritou:

— Fale!

Robert saltou, afastou a irmã de seu caminho e atirou-se sobre Hubert.

Os dois tombaram para o chão, enquanto lutavam. Hubert passou os braços em torno do peito de Robert e apertou com força.

Ren e Hugh correram para ajudar o seu senhor. As mãos de Robert soltaram o pescoço de Hubert, quando ele não conseguiu mais respirar.

— Ele é meu — Hubert rosnou, apertando os braços ainda mais. Robert não era páreo para o guerreiro normando. A vida cheia de privações que vivera na floresta havia drenado sua energia e habilidade, transformando-o em mera sombra do que fora um dia.

Rose começou a se dirigir para os dois, a fim de ajudar Robert, mas foi impedida por mãos fortes em seus ombros. Os esforços para libertar-se foram inúteis contra a força de Gaston.

Ergueu os olhos para ele, numa súplica desesperada.

— Hubert vai matá-lo!

Gaston não respondeu, assim como não houve qualquer mudança em sua expressão dura.

Petrificada, Elspith assistia à cena cheia de horror.

Sem afrouxar o aperto sobre o peito de Robert, Hubert levantou-se. Músculos e tendões saltavam em seu pescoço pelo esforço para acabar de vez com o inimigo.

Ao menos era isso que ele parecia desejar. Os braços de Robert pendiam frouxos ao longo do corpo e seu rosto adquirira uma tonalidade arroxeada.

— Por favor! — Elspith implorou, correndo para Hubert. — Você vai matá-lo!

Ren segurou-a.

Com um urro exasperado, Hubert ergueu Robert do chão e atirou-o para longe.

Soluçando histérica mente, Elspith libertou-se de Ren e correu para o irmão. Ajoelhou-se a seu lado e envolveu-o nos braços.

Mais confuso ainda, Hubert aproximou-se.

— Elspith?

Ela ergueu os olhos cheios de lágrimas.

— Ele é meu irmão! — gritou por entre soluços. — É meu irmão! Rose sentiu os dedos de Gaston cravarem-se em seus ombros.

— Seu irmão? — Hubert repetiu incrédulo.

— O que está acontecendo, afinal? — Gaston girou Rose, forçando-a a encará-lo. A confissão de Elspith tirara a todos da inércia que os havia atacado. — Como foi que a irmã de seu ex-amante se tornou uma serva em Carlisle? Está na hora de explicar tudo, Rose.

Rose fitou-o, consciente de que ele tinha razão: chegara o momento das explicações. Seu amor por Gaston lhe dera forças, agora que sabia que ele decidira confiar nela.

Falou sem hesitar:

— Robert é o antigo senhor de Brentwood.

— Senhor de Brentwood? — Hubert interrompeu. Então, virou-se para Elspith. — Quer dizer que você é a senhora de Brentwood!

Ela abaixou a cabeça.

— Sim.

Robert contorceu-se nos braços da irmã. Abriu os olhos e tentou sentar-se, ao mesmo tempo em que seus olhos procuravam por Hubert.

— Onde está ele?

Elspith segurou-lhe os ombros, tentando forçá-lo a deitar-se.

— Fique quieto. Só consegue piorar as coisas com a sua atitude. Robert resistiu à tentativa de Elspith acalmá-lo.

— Eu vou matá-lo!

Apesar da determinação firme em sua voz, todos ali sabiam que ele jamais derrotaria Hubert.

Elspith empurrou-o para o chão com insistência e falou com voz suave:

— Não deve fazer isso. Ele é o pai do filho que carrego em meu ventre.

Por um longo momento, o salão ficou mergulhado em um silêncio mortal.

Hubert foi o primeiro a reagir. Caminhou até Elspith e ergueu-a do chão.

— Está esperando um filho meu?

— Sim, estou — ela respondeu devagar.

— Seu maldito cão ordinário! — Robert bradou, levantando-se de um pulo.

Hubert colocou-se na frente de Elspith, a fim de protegê-la contra o ódio do irmão.

Robert atirou-se sobre Hubert, que bloqueou-lhe o golpe e derrubou-o com um único soco.

Hugh adiantou-se para segurar Robert, mas descobriu que a ira lhe fornecera energia extra. Somente quando Ren decidiu ajudá-lo, os dois homens conseguiram dominar o prisioneiro.

Hubert virou-se para Rose. Ouvira o que Gaston lhe dissera momentos antes.

— Que história é essa sobre o homem ser seu amante? — Ele parecia muito confuso, como se os eventos estivessem se sucedendo depressa demais para que ele os pudesse compreender. — E por que não me disse nada sobre isso, Gaston? Afinal, ela é minha noiva.

Passando o braço em torno dos ombros de Rose, Gaston puxou-a para si.

— Lady Rose jamais será sua esposa, Hubert. Naquele exato momento, o caos explodiu no pátio.

— Fogo! — alguém gritou. — Estamos sendo atacados! Gaston foi o primeiro a reagir, correndo para a entrada do salão e retirando a espada da bainha.

Ren e Hugh entreolharam-se, então olharam de Robert para Hubert, aguardando instruções.

Hubert recuperou-se do choque com rapidez. Caminhou até Robert e esbofeteou-o.

— Seus homens estão atacando o feudo, embora eu não compreenda como escaparam aos meus soldados. — Levou a mão à espada. — Diga-lhes que suspendam o ataque ou eu o mato agora mesmo!

Deixando a proteção de Robert aos cuidados de Elspith, Rose correu atrás de Gaston. Carlisle era a sua primeira preocupação.

O que estava acontecendo não fazia o menor sentido. Os homens de Robert não teriam a coragem nem a ousadia de atacar o feudo. Uma vez no pátio, Rose não perdeu tempo e já começou a dar ordens a todos que

pudessem ouvi-la. Como todas as estruturas e construções fossem de madeira, havia vários focos de incêndio que deviam ser debelados com rapidez.

Momentos depois, quando Hubert arrastou Robert para fora do salão, Rose tentava apagar o fogo em um monte de feno, provocado por uma flecha incendiária. Hubert levou seu primo para o alto da paliçada e usou-o como escudo.

Protegendo-se atrás de Robert, gritou:

— Se não suspenderam este ataque imediatamente, seu líder terá uma morte lenta e dolorosa bem diante de seus olhos! — Esperou por uma resposta.

Para sua surpresa, uma chuva de aros e acessos de gargalhada foram dirigidos para ele. Irritado, sacudiu Robert com violência.

— O que está acontecendo aqui?

Horrorizada, Rose correu para a paliçada e parou ao lado de Hubert. A ira tornou sua voz tremula. ,

— Aqueles homens lá fora não são os homens de Robert. Como eles poderiam escapar de seus soldados? Dispõem de poucas armas e estão enfraquecidos pela subnutrição. Desde o início, eu desconfiava que algo estava errado nesta história. Robert jamais permitiria que seus homens torturassem, estupassem ou matassem saxões.

Hubert sacudiu Robert mais uma vez.

— Ela está dizendo a verdade?

— Não lhe direi nada, normando — Robert cuspiu as palavras. Hubert ergueu o punho cerrado, pensando em golpear Robert no queixo. Interrompeu o movimento quando Elspith se interpôs entre eles. Por um momento, Hubert foi tomado pela surpresa de vê-la ali. Então, franziu o cenho e ordenou com impaciência: — Saia já daqui e esconda-se em algum lugar seguro.

Com surpreendente demonstração de força, ela sacudiu a cabeça.

— Não. Robert não é o responsável por ataques a saxões. Se me ama de verdade — sua voz falhou, mas ela não deixou que as lágrimas a vencessem — , então, deixe-o em paz.

Hubert já não podia compreender mais nada.

— Quem são esses homens, afinal?

Gaston aproximou-se em tempo de ouvir a última pergunta.

— Não importaria quem sejam. Importa saber que conseguiram derrubar o lado oeste da paliçada. Não contamos com homens suficientes para combatê-los.

Rose fitou-o profundamente aliviada por vê-lo são e salvo. Ao mesmo tempo, sabia que essa felicidade podia durar pouco. A menos que conseguissem conter o ataque, as vidas de todos eles corriam perigo.

Gaston parecia ser o único ali capaz de reconhecer o perigo imediato que os ameaçava. Dirigiu-se a ele:

— Não seremos de muita ajuda para você. A menos que os homens da vila vejam a fumaça, não virão nos ajudar. Devem estar todos dormindo a esta hora.

Ouviram um grito no pátio e inclinaram-se para ver o que acontecia. Um grupo de saxões acabara de entrar no feudo. Eram um bando de sujeitos mal vestidos, usando armas de todos os tipos. Entretanto, nenhum deles possuía uma espada.

Lançando um último olhar para Robert, Hubert empurrou-o para o lado e dirigiu-se para o pátio de espada em punho.

Rose virou-se para Gaston, os olhos cheios de súplica para que tivesse cuidado. Ele a puxou para si e depositou-lhe um beijo rápido nos lábios.

— Tenho de me juntar aos outros na luta — disse e afastou-se, gritando por sobre o ombro: — Fique onde está. Voltarei para buscá-la.

Rose decidiu seguir suas instruções. No pátio, normandos e saxões lutavam lado a lado a fim de expulsar os agressores. Não seria seguro descer da paliçada.

Elspith correu para o irmão.

— Você precisa nos ajudar. Robert cruzou os braços sobre o peito e admirou a cena de traição com um sorriso nos lábios.

— Por que eu ajudaria? Tudo aqui pertence aos normandos. Não me desagrada vê-lo perder tudo o que tem, como aconteceu comigo.

Uma onda de raiva varreu o corpo de Rose. Tratava-se de um sentimento que jamais experimentara antes. Sem pensar, aproximou-se de Robert e desferiu-lhe um tapa no rosto.

O sorriso desapareceu dos lábios dele e ele levou a mão à face avermelhada. Então, seus olhos brilharam com ódio renovado.

— Por que me bateu?

— Seu tolo! Será que não vê quantos saxões morrerão aqui? Em vez de ficar aqui parado, desejando o mal de Hubert, devia estar lá em baixo, ajudando na luta contra os invasores. Se não estou enganada, foram eles os responsáveis por todo o sofrimento da sua gente e da minha nos últimos meses. Pouco me importa Hubert. E nosso povo que temos a obrigação de proteger.

Robert virou-se para Elspith, que cruzou os braços sobre o peito e fitou-o com ar exasperado.

— Não espere que eu lhe dê apoio — ela disse. — Rose está certa. Você, assim como todos nós, deve aceitar os normandos e continuar a viver.

Robert tinha uma expressão enigmática quando voltou a encarar Rose.

— Eles jamais confiariam em mim com uma arma na mão. O que posso fazer?

— Alguém tem de ir até a vila e trazer ajuda. É a nossa única esperança.

Após alguns segundos de silêncio, ele respondeu:

— É somente por vocês duas que farei o que me pedem. Mas, antes, vou levá-las a um lugar seguro.

— Não há lugar seguro agora — Rose declarou. Naquele instante, um dos assaltantes atingiu o topo da escada da paliçada e começou a correr na direção deles com uma enorme faca na mão.

Com a habilidade de um soldado treinado, Robert esquivou-se, agarrou a faca e jogou o peso do corpo contra o atacante, derrubando-o de cima da paliçada.

— Venham — ele grilou para as duas mulheres. Protegeu-as de todos os atacantes até chegarem ao salão principal. — Entrem — comandou. — Lá dentro terão alguma proteção.

Por sobre o ombro de Robert, Rose avistou Gaston empenhado no combate. Prendeu a respiração ao ver o oponente atacar, mas Gaston foi mais rápido. Com um único golpe da espada, derrubou o homem. Como se pressentisse sua proximidade, olhou em volta e, quando a viu, gesticulou para

que entrasse no salão.

Como ela não obedecesse, ele correu em meio à confusão, derrubando adversários pelo caminho. Só parou quando se viu a seu lado.

— Por que deixou a paliçada?

— Estava sendo tomada. Robert nos trouxe para o salão.

— Maida está lá dentro com algumas das servas — Gaston informou. — Por enquanto é seguro, mas não sei por quanto tempo mais. Se não fosse construído de madeira, não estaríamos tão vulneráveis ao fogo. — Lançou um olhar desesperado ao redor. — Eles são muitos. Com tantos soldados longe daqui, não temos grandes chances. Pelo modo como lutam, eu diria que esses homens são desertores dos exércitos do rei Haroldo.

Gaston aproximou-se, fitando-a nos olhos. Retirou uma faca da bainha e entregou-lhe.

— Se algo me acontecer, deve ter coragem para usar isto. Esses homens são cães desalmados. As coisas que fizeram com as mulheres da região são assustadoras. Eu não suportaria se algum deles a atacasse.

Engolindo seco, Rose apanhou a faca.

— Nada de mal vai acontecer a você, meu amor. Eu não suportaria viver sem você.

Ele a abraçou e beijou-a.

— Lutarei enquanto houver um sopro de vida em meu corpo.

Rose apontou para Robert.

— Talvez tenhamos ajuda. Robert irá até a vila para chamar os homens.

Gaston lançou mais um olhar rápido para Robert.

— Por que ele nos ajudaria?

— Por que as vidas de muitos saxões estão em jogo — Rose respondeu com simplicidade.

Nesse instante, um homem atirou-se sobre Gaston, atacando-o pelas costas. Rose gritou em advertência:

— Gaston! Gaston virou-se, brandindo a espada no ar. O homem caiu segundo depois. Gaston gritou:

— Entre! Agora! Como a porta estivesse trancada, ele começou a bater com o cabo da espada, anunciando: — Abram, sou Gaston! -Então Rose ouviu

Elspith chamar seu nome. Virou-se e deparou com outro homem vindo para cima de Gaston, a espada erguida, pronta para o golpe. Antes que conseguisse alcançar o alvo, o homem caiu, a faca de Robert enterrada em suas costas.

Embora não dissesse nada, Gaston fitou Robert com olhar menos frio.

Voltando a bater na porta, Gaston gritou para que alguém a abrisse. Depois de ouvirem o som da tranca sendo retirada, entraram no salão.

Maida se adiantou e envolveu Rose nos braços. Afastou-se sorrindo e olhou para Elspith.

— Só Deus sabe quanto estou agradecida por ver vocês duas a salvo.

Então, seus olhos pousaram sobre Robert e ela se sobressaltou ao ver que Gaston estava bem a seu lado.

Rose quase riu. Muita coisa acontecera nas últimas horas. Todas as precauções que haviam tomado para esconder a verdadeira identidade de Elspith pareciam ridículas agora.

— Ele sabe de tudo — Rose tranqüilizou a cozinheira.

— Sabe? — Maida repetiu incrédula. Rose virou-se para Gaston. Ele parecia ansioso para voltar à luta. E, embora uma parte dela desejasse que ele ficasse ali, em relativa segurança, ela sabia que ele não poderia. O dever o chamava. Estendeu a mão e tocou-o na face. Não faria sentido esconder seus sentimentos agora. Gaston praticamente confessara a Hubert seu relacionamento com Rose. O que tivesse de ser, seria. Não havia mais qualquer motivo para fingir.

— Não precisa ficar aqui e se preocupar conosco, meu amor. Sei que precisam de você lá fora, para proteger Carlisle.

Ele tomou sua mão e a beijou. Com olhos cheios de ternura, falou:

— Lembre-se do que eu disse: não deixe que eles ataquem nenhuma das mulheres.

— Fique tranqüilo. — Abraçou-o e beijou-o com todo o amor que preenchia seu peito. Ao vê-lo afastar-se, murmurou: — Vá com Deus, meu amor.

Quando a porta se fechou atrás de Gaston, Rose notou que Robert partira. Devia ter saído antes do cavaleiro normando. Rose rezou para que ele conseguisse trazer ajuda da vila.

Elspith estava sozinha, os olhos arregalados no rosto pálido. Estava muito assustada. Rose aproximou-se e acomodou-a em uma cadeira. Não podia se preocupar com a fragilidade da prima naquele momento. Tinha de ajudar as mulheres a preparar remédios e bandagens. Maida tivera a presença de espírito de apanhar a sacola de medicamentos de Rose antes de se dirigir para o salão. No caso da batalha terminar com a derrota dos invasores, haveria muitos feridos. Se não... Rose recusou-se a permitir que seus pensamentos seguissem aquele rumo.

Algum tempo depois, um grito apavorado interrompeu o burburinho de vozes femininas.

Uma mulher berrava, histérica:

— Fogo! Fogo!

Na outra extremidade do salão, a parede ardia em chamas. Alguém ateara o fogo do lado de fora, mas o incêndio se propagava com rapidez.

Erguendo a voz acima dos gritos desesperados, Rose comandou:

— Tragam baldes de água.

As mulheres usaram toda a água disponível no salão e, mesmo assim, não conseguiram conter as chamas que consumiam as paredes de madeira velha e ressequida. A fumaça já fazia seus olhos lacrimejarem e suas gargantas arderem.

Não tinham escolha, senão abrir a porta e sair para o pátio. Rose correu para a saída e retirou a tranca de madeira.

— Venham por aqui — chamou.

Encostou-se à parede enquanto as mulheres corriam para fora. Quando a última saiu, Rose a seguiu. Então deu-se conta de que estar lá fora não era melhor do que ficar dentro do salão em chamas.

Havia focos de incêndio em diversos pontos da paliçada, nas construções externas. Até seu quarto estava em chamas. Seu coração contraiu-se diante da devastadora realidade de que tudo o que representara a sua vida já não existia. Reprimiu as lágrimas, obrigando-se a afastar mais esse pesar por enquanto. Olhando em volta, Rose notou que os homens lutavam em torno da entrada do salão, num esforço de proteger as mulheres.

Foi obrigada a passar por cima de cadáveres para se afastar da porta,

embora não soubesse para onde poderia ir. Parecia não haver mais nenhum local seguro no feudo.

Rose sentiu alguém envolver-lhe a cintura com os braços e puxá-la de encontro a seu corpo. Tentou virar-se, mas ele a segurava com vigor.

Com um grito de pura raiva, chutou as canelas do homem, que riu alto.

Foi meio carregada, meio arrastada através do pátio, para um ponto em que a luta era menos intensa. Ali, foi atirada no chão.

Quando pousou os olhos no rosto do atacante, Rose gritou, horrorizada. Jamais esqueceria aquele rosto enquanto vivesse. A cicatriz medonha sobre a face direita tornava fácil a sua identificação. Ela podia lembrar-lhe a expressão quando ele se inclinara sobre ele, naquele dia em que fora à floresta, apanhar ervas.

— Como pode estar aqui? — perguntou, ao mesmo tempo em que tentava afastar-se enquanto ele se ajoelhava diante dela. — Vi Gaston matá-lo com meus próprios olhos.

— Está enganada— ele respondeu com ar de troça, baixando as mãos para erguer a túnica em farrapos. — Foi meu irmão quem você viu, embora ainda não estivesse morto quando você o deixou. Ele conseguiu se arrastar até o acampamento, antes de morrer em meus braços.

Rose desviou os olhos para a cicatriz que lhe entortava a boca.

— Mas eu vi...

Ele a esbofeteou, fazendo a cabeça dela girar, e levou um dedo à cicatriz.

— Éramos gêmeos e fomos criados por um tio, depois que nossos pais morreram. Éramos idênticos, até eu cair de um cavalo e ganhar esta cicatriz. Nosso tio achou que não fazia sentido sermos diferentes, depois de tantos anos sendo idênticos. Uma noite, quando estava muito bêbado, agarrou Thom e usou sua faca para fazer-lhe uma cicatriz igual à minha. Assim, ninguém poderia distinguir um do outro.

Ele a fitou com olhos cruéis e enlouquecidos.

— Quando a espada atravessou o corpo dele, eu também senti a dor. Meus homens têm ordens de capturar o seu amante com vida.

— Quero que ele assista enquanto eu estiver usando você, para depois morrer lentamente.

— Não! — Rose gritou quando ele segurou seus joelhos com as mãos imundas.

— Vou ter você agora. Depois, quando seu amante puder nos assistir, terei de novo. Acho que vou querer você muitas vezes antes de me cansar. — Ele deslizou as mãos por suas pernas, onde levantara seu vestido. — A batalha está quase no fim e estamos vencendo. Portanto, tenho muito tempo. Meus homens darão conta dos poucos que restam.

Rose esquivou-se e começou a falar, tentando distraí-lo:

— Você é o líder?

— É claro— ele respondeu confiante.- Estendendo o braço, agarrou-lhe os cabelos, impedindo-a de afastar-se mais.

— Quero ter o que você deu de boa vontade ao normando perto da igreja.

As faces de Rose arderam quando ela se deu conta de que aquele selvagem testemunhara sua intimidade com Gaston.

— O que estava fazendo lá? — perguntou, sem ao menos saber o motivo da pergunta.

Ele respondeu com insolência:

— Estava seguindo o bando do lordezinho. É sempre bom acompanhar os passos dos concorrentes. Foi divertido vê-los fugir quando você e seu amigo chegaram à igreja. Depois disso, passei um bom tempo imaginando se valia a pena matar o padre para ter você. O velhote tomou uma decisão sábia ao ir embora. Mas o normando voltou, e eu tive de renunciar ao prazer de desfrutar deste corpinho. — O olhar com que ele avaliou o corpo de Rose foi obsceno. Então ele deu de ombros e sorriu um sorriso amarelado. — Por outro lado, não havia razão para que não me divertisse um pouco assistindo e ouvindo os seus gemidos.

— Ora, seu animal imundo! — A raiva cegou-a e ela pôs-se a chutá-lo, atingindo-o no peito.

Com um gemido de dor o homem caiu para trás, mas logo estava no seu encalço de novo. Atirou-se sobre ela, determinado a cumprir suas ameaças. Segurando-a com uma das mãos, ergueu-lhe o vestido com a outra, enquanto lhe forçava as pernas para os lados com os joelhos.

Rose lutou contra ele com todas as forças, mas a loucura provocada pela

morte do irmão havia dado ao homem a força de três. Ao sentir que as pernas não mais resistiam aos joelhos dele, gritou desesperada:

— Não! Socorro!

Ele riu, o rosto afogueado pelo desejo sórdido e pela noção de que a batalha estava ganha.

— Pare!

Rose olhou por sobre o ombro do atacante e viu Gaston correndo em sua direção. As lágrimas rolaram soltas por suas faces, trazidas pelo alívio e pelo esforço de lutar contra o homem muito mais forte que ela.

— Graças a Deus — murmurou entre soluços.

Virando-se para verificar a razão da expressão de felicidade no rosto de Rose, o atacante soltou um grunhido furioso. Pôs-se de pé e apanhou a espada que abandonara na luta com Rose. Sorriu com frieza ao empunhar a arma.

— Não se iluda: isto só vai adiar o seu prazer — garantiu-lhe antes de correr para Gaston como um louco.

Gaston, por sua vez, ficara cego ao deparar com Rose sendo atacada. Correu em direção ao homem, a espada erguida sobre a cabeça, um grito de guerra provocando arrepios em todos que o ouviram.

Rose sentiu o corpo ser sacudido por tremores. Horrorizada, assistiu à luta dos dois homens.

Eles se golpeavam como animais selvagens. O choque de suas espadas produziam um ruído ensurdecido, abafando os sons da batalha que continuava a ser travada ao seu redor. Atacavam e defendiam-se, ambos partilhando um único objetivo: a morte do oponente.

Finalmente, com uma manobra hábil, Gaston derrubou a arma da mão do adversário.

Sem hesitar, o bandido pegou Rose pelo braço e colocou-a diante de si como um escudo.

— Largue a espada — ordenou.

Gaston olhou para Rose, que sacudiu a cabeça em negativa, apenas para sentir a mão forte do assaltante cravar-se em seu ombro, provocando-lhe uma dor lancinante.

Relutante, Gaston deixou a espada escorregar para o chão. O brilho

avermelhado do fogo refletiu-se em sua lâmina.

O homem riu alto.

— Ah, como esperei por este dia. Cheguei a rezar para que chegasse logo.

— Não creio que Deus o tenha trazido até aqui — Gaston falou. — O demônio, sim.

Suas palavras só serviram para fazer o sujeito rir ainda mais alto. Então, parou, a mão deslizando sobre os seios de Rose.

— Tanto faz quem me trouxe aqui, desde que eu consiga o que quero.

Gaston deu um passo à frente, mas parou quando o louco apertou um dos seios de Rose com violência, arrancando-lhe um grito de dor.

— Não a machuque mais — Gaston pediu. — Farei o que quiser. O desvairado soltou uma gargalhada divertida.

— Não me importo com o que vai fazer, desde que me assista fazendo amor com a sua mulher. Depois disso, vai pagar com a vida o que me fez.

— Não compreendo. O que eu fiz a você? — Gaston perguntou desesperado.

— O que você fez? — o homem repetiu com voz estridente, segurando Rose pelos cabelos e sacudindo-a diante de si. — Você matou meu irmão... meu irmão gêmeo. E eu jurei vingá-lo.

Ele empurrou Rose para o lado, apanhou a espada de Gaston caída no chão e correu para o inimigo.

Rose perdeu o equilíbrio e, na tentativa de evitar o tombo, sentiu a faca que Gaston lhe dera e estava escondida na bota. Sem pensar, pegou-a e correu atrás do homem enlouquecido.

No momento em que ele erguia a espada para atingir Gaston na cabeça, Rose saltou sobre ele e enterrou a faca em sua nuca. Por um longo momento, ele ficou parado, a espada ainda erguida sobre a cabeça de Gaston. Então tombou imóvel no chão.

Gaston abriu os braços e Rose correu para ele, sabendo que não existia no mundo outro lugar em que desejasse estar.

Ao sentir o quanto ela tremia, ele a abraçou com mais força. — Está tudo bem, meu amor. Ele não pode mais nos fazer nenhum mal.

Foi então que ouviram um grito do lado de fora da paliçada. Robert entrou

no pátio correndo. Atrás dele, vinham os homens da vila. Embora estivessem armados apenas de implementos agrícolas, suas expressões era decididas.

Mal atravessaram os portões, já estavam engajados na luta.

Depois de deixar Rose na segurança da adega, onde as outras mulheres haviam se reunido, Gaston voltou a juntar-se à luta.

Pareceu uma eternidade até que Gaston voltasse para encontrá-la. Rose pôs-se de pé e atirou-se em seus braços, cobrindo de beijos o rosto coberto de fuligem.

— Abrace-me, abrace-me — ela pediu com voz embargada.

Gaston obedeceu de boa vontade. Envolveu-a num abraço tão apertado, que ela pensou que ia sufocar. Mas era a glória estar naqueles braços.

Rose parou de beijá-lo por um instante para perguntar:

— Carlisle está em segurança?

Gaston fitou-a com olhar triste e um sorriso amargo.

— O que sobrou de Carlisle está seguro, embora muitos tenham perecido na luta.

Os olhos de Rose encheram-se lágrimas diante da destruição de seu lar. Agarrou-se a Gaston. Não teria superado o momento mais difícil de sua vida se não o tivesse a seu lado.

— Graças a Deus, você foi poupado. Gaston estreitou-a mais uma vez nos braços.

Por sobre seu ombro, Rose notou a presença de Hubert. Ele os observava com expressão indecifrável.

— Ah, meu Deus — ela murmurou, afastando-se de Gaston. Gaston virou-se para seguir-lhe o olhar. Ao deparar com o irmão, puxou Rose para perto de si novamente.

— Não — falou com firmeza, quando ela tentou resistir. — Estou cansado de fingir. Você é minha e, se for preciso, lutarei com Hubert para tê-la a meu lado.

— Gaston, ele é seu irmão.

— E você é o meu amor.

Gaston encarou Hubert, que se aproximava com passos lentos. Ele parou diante do irmão, fazendo o coração de Rose parar. Durante o calor da batalha,

Rose pensara que se resignara à idéia de confrontar Hubert com seu amor por Gaston. Mas, olhando para ele agora, concluiu que seria mais difícil do que havia imaginado. Ele detinha o poder sobre suas terras e sobre sua gente.

Hubert observou-os por um longo momento, antes de desviar o olhar para o feudo arruinado.

Foi então que Rose deu-se conta da multidão que se reunira ao seu redor. Todos tinham os olhos fixos em Hubert de Thorne, esperando por sua reação. Não foi surpresa para o povo de Carlisle que sir Gaston amava a sua senhora. Todos haviam reconhecido a verdade há muito tempo.

Mas Hubert era conhecido por ser um homem duro, e todos aguardavam com ansiedade o desfecho daquele impasse.

Rose pousou os olhos em Elspith, parada à frente dos demais. Tinha as mãos cruzadas sobre o ventre e os olhos fixos no chão.

Hubert ergueu as mãos num pedido de silêncio desnecessário, uma vez que nem um som era ouvido.

— Povo de Carlisle — começou. — Muitos acontecimentos imprevistos nos surpreenderam hoje. Um deles, é que descobri que vou ser pai.

Todos os olhos se voltaram para Elspith e ela endireitou os ombros, embora ainda se recusasse a erguer os olhos.

— Como todos sabem — Hubert continuou —, fui perseguido por problemas desde o dia em que pus os pés em Carlisle. Esses problemas drenaram minhas reservas de ouro, até não restar quase nada. E agora — olhou para a pilha de destroços —, encontro-me diante da tarefa de reconstruir o que foi destruído. Aí está uma responsabilidade que eu entregaria a outro de bom grado.

Um murmúrio ergueu-se da multidão.

— Meu problema agora — Hubert ergueu a voz a fim de silenciar a assistência —, é encontrar um homem desejoso de assumir tal responsabilidade e que tenha a bênção do rei William. E, ainda, tem de ser um homem em quem confio, uma vez que esta propriedade encontra-se situada entre as minhas outras: Mayhill e Brentwood.

Virou-se para Rose e Gaston que esperavam ansiosos por suas próximas palavras.

— Ofereço esta propriedade ao meu irmão, Gaston de Thorne, juntamente com a responsabilidade de reconstruir o feudo. Ele se tornará o senhor de Carlisle, se aceitar minha oferta, sob uma condição. A condição é que continue a construção da fortaleza ordenada pelo rei William.

Gaston adiantou-se com expressão solene.

— Aceito sua oferta com prazer. Provarei que sou merecedor da honra que me presta com este ato.

Um aplauso ensurdecador ergueu-se da multidão. Se tinham de ser governados por um normando, Gaston era sem dúvida a melhor escolha. Ele provara ser justo e honrado.

Rose permaneceu imóvel enquanto os irmãos se abraçavam. Tinha medo de acreditar que o que mais desejara havia se tornado realidade.

Hubert voltou a erguer os braços e o silêncio se fez.

— Estou comprometido com uma mulher, enquanto outra espera um filho meu. Com todo o respeito e decência, peço a esta senhora — apontou para Rose —, que me libere de meu compromisso para que eu possa casar com a mãe de meu filho, a mulher a quem amo.

Elspith finalmente ergueu os olhos dourados, repletos de surpresa e felicidade.

— Eu o libero de seu compromisso, sir Hubert de Thorne! — Rose quase gritou de tanta alegria. Correu para Gaston e atirou-se em seus braços. Ele a suspendeu e girou-a no ar, ao som de aplausos ainda mais animados.

Gaston colocou-a de volta no chão e Rose corou ao ver os rostos sorridentes que a fitavam. Seu segredo não fora tão bem guardado como ela e Gaston haviam imaginado.

Rose virou-se para Elspith e descobriu que Robert havia se interposto entre ela e Hubert. Ele disse alguma coisa à irmã, que o fitou em silêncio por um longo instante, antes de passar por ele e colocar-se ao lado de Hubert.

Robert fitou o casal com desdém quando Hubert tomou Elspith nos braços e a beijou com ternura.

Rose teve pena de Robert, sabendo que sua nova vida seria muito difícil, a menos que ele a aceitasse. E isso, só tempo diria.

Gaston inclinou-se e murmurou com preocupação:

— Algo errado, querida?

Rose ergueu os olhos para ele, esquecendo de tudo mais, exceto que dali por diante estariam sempre juntos. — Foi apenas uma nuvem sobre o sol.

Contemplaram o horizonte, onde a aurora já pintava suas cores mágicas.



REBELDE PARA SEMPRE

Erin Yorke

NO MISTERIOSO CENÁRIO DO EGITO, UM HOMEM
E UMA MULHER ENFRENTAM MIL PERIGOS,
EM NOME DE SEU IMENSURÁVEL AMOR.

Rebelando-se contra todos e ofendendo a memória do próprio pai, Marptret entregou seu coração a Grant Richardson, um oficial expulso do orgulhoso e rígido Exército britânico.

Ao casar-se com ele, Margaret partilharia seu destino, sendo desprezada e humilhada por aqueles que haviam sido seus amigos! A única possibilidade de Grant se redimir seria aceitar uma missão secreta no Egito. Tinha de arriscar-se, mesmo enfrentando o perigo de ser morto pelos guerrilheiros. Margaret seria forte o bastante para confiar no amor de Grant, quando todas as evidências o apontavam como traidor e infiel?